

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**LITERATURA DE CORDEL, EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

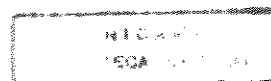
JOSÉ CLÁUDIO MOTA PORFIRO
Orientador: Prof. Dr. José Claudinei Lombardi

COMISSÃO JULGADORA

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida por
José Cláudio Mota Porfiro
e aprovada pela Comissão Julgadora
Data 31/03/99
Assinatura: [assinatura]
Orientador(a)

[assinatura]
[assinatura]
[assinatura]

CAMPINAS - 1999



9914688

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	P825L
V.	Ex.
TOMBO BC/	37772
PROC.	229/99
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	08/06/99
N.º CPD	

CM-00123896-3

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

P825L Porfiro, José Cláudio Mota.
Literatura de cordel, educação e formação da consciência crítica / José Cláudio Mota Porfiro. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador : José Claudinei Lombardi.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura de cordel. 2. Educação. 3. *Consciência crítica. I. Lombardi, José Claudinei. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

*Ao meu dileto filho Andrei Oliveira Mota
Porfiro, rebento que há de glorificar-me...*

*Aos meus antepassados nordestinos que
ajudaram a construir a honra dos acreanos pela via
do Cordel...*

*Ao povo do Acre, seringueiros, índios e
ribeirinhos vivos ou mortos, de ontem e de hoje...*

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Raimundo Porfiro Soares, *desaparecido* no fulgor desta batalha. À minha mãe, Francisca Mota Porfiro, sempre esperançosa no futuro dos seus.

Aos meus irmãos Manoel, Marcos, Mota, Jorgeney (*in memorian*), Socorro e Elton, pelo apoio na hora devida.

À minha esposa Simone, que tão bem soube *cuidar de mim*.

Ao meu parceiro e amigo Prof. Dr. José Claudinei Lombardi, orientador e *padrinho* epistemológico, que comigo conviveu o dia-a-dia, da fecundação ao partear desta obra.

Aos amigos da Universidade Federal do Acre - UFAC: Adilson Moura de Oliveira, Afra Maria Silva e Souza, Áuton Peres de Farias, Carlos Alberto Alves de Souza, Carlos Eduardo Montezuma Brito, Dagoberto Albuquerque, Francisco Assis Bezerra, Francisco Carlos da Silveira Cavalcante, Gérson Rodrigues de Albuquerque, Gilberto Dalmolin, Gislene Salvatierra, Jorge Camargo de Souza, José Ribamar Gomes dos Santos, Lauro Julião de Souza Sobrinho, Leopoldina Cruz Leitão, Manoel Severo de Farias, Maria Bety da Conceição Ribeiro Barbosa, Maria de Fátima Andrade e Silva, Maria do Perpétuo Socorro Noronha Mendonça, Reginaldo Fernando Ferreira de Castela, Rivanda Nogueira Gomes, Vilma Maria Bessa Lopes.

Aos professores e/ou amigos da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP: Silvio Ancizar Sanchez Gamboa, Olinda Maria Noronha, Maria Tereza Penteado Cartolano, Maria Elizabeth Sampaio Prado Xavier, Ediógenes Aragão Santos, Olga Rodrigues de Moraes von Simson, Nadir A. Gomes Camacho, Marina H. P. Fernandes, Wanda Fátima dos Santos Silva, Margareth Brandini Park, Valdir Pichelli.

A todos os amigos de Mogi Guaçu (SP) e, especialmente, a Evandro Ávila e Alexandre Marconcini Alves, por tanta obsequiosidade.

Agradecimentos especiais às pessoas entrevistadas que tão gentilmente ajudaram a tornar possível esta empreitada: Antonio Stélio Araújo de Castro, Arnaldo Enes Braga, Carlos Alberto Alves de Souza, Francisco Ferreira Gomes, Gislene Salvatierra da Silva, Gleidson da Silva Andrade, Henrique Silvestre Soares, João Bosco de Souza, José da Silva, José Tito Pereira, Lucas Soares da Silva, Manoel Estébio Cavalcante da Cunha, Manoel Rodrigues de Lima, Marcos Fernando Silva, Maria Adízia M. Araújo, Maria Madalena Dutra de Souza, Mônica Silvestri Maciel, Paulo Roberto de Oliveira Muniz, Pedro Dutra de Oliveira, Raimunda Euri Gomes de Figueiredo, Raimundo Lacerda da Silva, Raimundo Nonato da Rocha, Raimundo Teixeira de Souza, Reginaldo Fernando Ferreira de Castela, Rivanda dos Santos Nogueira, Robimar Vicente de Barros, Sebastião Rodrigues da Silva I, Sebastião Rodrigues da Silva II, Vicente Cruz Cerqueira.

SUMÁRIO

Introdução	1
Cap. I – A Literatura de Cordel enquanto fonte para a História da Educação	7
1.1. A Literatura de Cordel enquanto fonte histórica	10
1.2. O uso científico de depoimentos orais	17
1.3. A teoria como expressão da verdade	21
1.4. O materialismo dialético-histórico e a História Social	26
Cap. II – Para uma análise das mediações inter-contextuais	34
2.1. O Acre no contexto do capital-monopolista internacional	37
2.2. A <i>performance</i> cultural brasileira e sua articulação com a realidade acreana	42
2.3. A miscigenação cultural acreana no <i>corpus</i> da cultura brasileira	49
Cap. III – A Literatura de Cordel em análise	58
3.1. A Literatura de Cordel enquanto manifestação cultural no Acre	61
3.2. A cultura nordestina transplantada para a Amazônia	69
3.3. O nordeste brasileiro na linguagem da poesia popular	77
3.4. A Península Ibérica e os reflexos da medievalidade	103
3.5. Origens remotas: A França de Carlos Magno e a <i>A tavola</i> do Rei Artur	107
Cap. IV – Cultura popular, Literatura de Cordel e Educação no Acre	111
4.1. O teor crítico-educativo e os aspectos didático-pedagógicos do Cordel	111
4.2. Acerca de um <i>cordel político-social</i> no Acre	118
4.3. Cultura e educação	128
4.3.1. A cultura popular e a realidade acreana	131
4.3.2. Sobre um Acre culturalmente periférico	138
4.3.3. Cultura e educação popular	142
4.3.4. Cultura popular e cultura de elite	148
4.3.5. Cultura popular e ideologia	153
4.4. Aspectos educacionais do Acre e o Projeto Seringueiro	158
4.5. Inserção justificadora das teorias pedagógicas emergentes	168
Conclusão	180
Bibliografia	186
Anexos	197

RESUMO

A Literatura de Cordel em versos tem seus antecedentes na remota França medieval de Carlos Magno. Daí, os cavaleiros andantes levaram-na a Portugal. Sua chegada ao Brasil ocorreu entre os séculos XVI e XVII. Depois de um certo período de estágio no Rio de Janeiro, outros cavaleiros levaram-na para o nordeste do Brasil onde se faz pujante até hoje. Deste ponto foi que o Cordel, pelas mãos de sertanejos nordestinos tangidos pelas estiagens, adentrou o meio amazônico e aí também reverberou.

Este é, sim, o registro histórico de uma espécie literária que, no Brasil, se prestou a utilidades político-sociais extremamente importantes.

No nordeste brasileiro o Cordel foi bem mais romântico e bem menos panfletário. Foi muito mais entretenimento. Na Amazônia dos primeiros tempos da colonização, adotou-se a mesma conotação, no mais das vezes um tanto lírica, aos temas explorados. Já no Acre, mais especificamente a partir dos anos 1970, a Literatura de Cordel se tingiu de uma tonalidade político-social, eixo temático este que aborda os problemas vividos por seringueiros, índios e ribeirinhos na sua luta por sobrevivência em tempos e lugares onde o capital continua a subjugar.

Ocorre, no entanto, que este Cordel que se fez crítico da realidade do homem do campo, expropriado física e intelectualmente pelo avanço da fronteira capitalista rumo ao extremo oeste brasileiro, também teve uma outra nova conotação: serviu como suporte e até alfabetizou filhos de seringueiros desde a chegada destes últimos, a partir de meados do século XIX.

O que se pretende, então, é, além da elaboração historiográfica, um adensamento desse criticismo imanente ao Cordel praticado pelos seringueiros, de forma a que eles não apenas sejam escolarizados, mas também se façam reformadores sociais com a exata noção do seu papel de forjadores das consciências críticas das gerações que virão.

ABSTRACT

The Literature of Cordel, in poetry, has its start on Carlos Magno's medieval old France. Knights-errantry took it away to Portugal. Its arrival in Brasil took place between XVI and XVII centuries. After certain time limited to Rio de Janeiro, it spread to the northeast of Brazil, where it has performed itself very exuberantly until our days. From that point, Cordel, through the northeasterners' hands, pressed by the dry weather, arrived in the Amazonia and there made itself very popular.

This literary species played, in Brazil, a very important role in many socio-political issues.

In the northeast of Brazil, the Literature of Cordel was much more romantic and less pamphletic; it rather aimed at entertainment. In the Amazonia, from the first colonization times, Cordel exhibited the same romantic connotation in the exploitation of various topics. In Acre, however, since the years of 1870, the Literature of Cordel was colored with political and social connotations; the themes are mainly problems faced by the rubber-tappers (*seringueiros*), indians and riversiders on their struggle for survival in times and locals where capitalism continues to submit the citizens to its almost always unhumane standards.

From that perspective, Cordel became a means of appraisal of the reality of countrymen, physically and intelectually expropriated by the advancement of the capitalistic frontier toward to the westernmost part of Brazil; it also acquired a new connotation: it worked as teaching resources to the *seringueiros*' children, ever since the middle of XIX century.

This study presents a historiographical ellaboration on the criticism made by the Cordel texts produced by the rubber-tappers, seeking to identify the strategies they used to make Cordel a tool not only for schooling but also for the development of citizens conscious of their role as social reformers and builders of a critical consciousness for future generations.

INTRODUÇÃO

Eis um trabalho que se pretende de análise e de crítica acerca de um retrato *corrigido* da vida real. A propósito do ponto de vista teórico-metodológico que orienta o presente estudo, é imprescindível acentuar, já de início, a necessidade de se tomar como fator básico uma explicação da gênese primeira do objeto de estudo - a Literatura de Cordel - para que, seguindo por este caminho, se possa ter uma idéia dos rumos que tomou a evolução desse fato histórico, imanente ao *modus vivendi* cultural dos norte-nordestinos do Brasil.

Da época de Carlos Magno e os doze pares de França, a expressão cultural depois denominada Literatura de Cordel chegou à Península Ibérica pelas mãos de cavaleiros andantes e seus pajens. Em Portugal dos séculos XVI, XVII e XVIII, especialmente, houve uma divulgação em grande escala, se considerarmos as circunstâncias portuguesas em que, à época, muito mais de dois terços da população era formada por pessoas sem escolaridade alguma. Dos ancoradouros portugueses partiu o Cordel rumo a Salvador e ao Rio de Janeiro, onde conseguiu alguma reverberação à época do vice-reino e do primeiro reinado. Foi, contudo, seguindo rumo norte que esta *espécie* literária se fez bem mais pujante, de maneira a se incorporar, hoje, ao modo de ser descontraído das gentes do Norte e do Nordeste brasileiros. Das paragens nordestinas, a partir de meados do século passado, a Literatura de Cordel palmilhou veredas mata adentro e foi conhecer a Amazônia, onde teve grande repercussão, principalmente nas praças de Belém e Manaus. Como à época o extrativismo do látex da seringueira necessitava de grande mão-de-obra, foram recrutar sertanejos nordestinos para a rudeza do trabalho

amazônico. Em seus alforjes e bornéis, a pé ou em lombo de burro, de navio, de gaiola ou de canoa, por terra, pelo mar, através dos grandes rios ou singrando por sombrios igarapés, levou o homem do nordeste a Literatura de Cordel até o longínquo Acre, a última fronteira brasileira mais a oeste a que o empreendimento capitalista houve por bem explorar, não se importando com a vida ou com a morte de quem para lá rumou, em busca dos eternamente almejados e raramente alcançados melhores dias. O Cordel se fez presente na aurora mais remota da formação cultural da *acrianidade*. Chegou falando de valentia, de amor e de coisas tristes ou engraçadíssimas, tipicamente nordestinas. E todos o apreciavam deveras. Entretanto, os anos foram sumindo na poeira do tempo, as gerações foram se sucedendo, e o Cordel tomou uma tonalidade engajada com as lutas populares. Esta Literatura de Cordel politizadora, finalmente, chegou às poucas escolas seringueiras mantidas pelos esforços ingentes de entidades não-governamentais, a exemplo do Projeto Seringueiro, mantido e coordenado pelo Centro dos Trabalhadores da Amazônia. Trilhando pela concepção materialista e dialética da história, quer-se demonstrar, aqui, então, as possibilidades crítico-educativas da manifestação cultural denominada Literatura de Cordel.

Mas é necessário registrar as razões da escolha do tema aqui tratado. É preciso explicitar porque o tema *literatura de cordel - alfabetização crítica* foi escolhido.

Esta é a minha época e tenho a perfeita consciência de que posso e devo agir, principalmente, em vista de laços afetivos com o tema. É-me particular uma grande afinidade para com as questões, posto que sou caboclo amazônico, sou do meio. Partindo de um interesse político-ideológico, vejo, no entanto, a necessidade de melhor conhecer, ao nível teórico, para melhor ensinar e, assim, poder prestar alguma contribuição à melhoria da qualidade do ensino onde ele já se faz presente, nas cidades, e poder enfrentar os obstáculos interpostos para a implantação de escolas nos seringais, onde elas sequer existem, a não ser pelo esforço de pessoas situadas longe do poder, exatamente porque almejam algo de melhor para aqueles que já não mais acreditam sequer nas suas próprias possibilidades de progresso.

Com relação à delimitação do tema, ou para melhor precisar o objeto, convém que se considere um contexto amazônico eivado de singularidades principalmente ao nível sócio-político. Busco, então, por intermédio destes estudos, uma história da ocorrência do fenômeno educacional via Literatura de Cordel, como surgiu e como evoluiu ao longo do curso da história; averiguo a função dos agentes históricos amazônicos nele envolvidos. Ciente das

limitações e dos desdobramentos que as fontes secundárias podem acarretar ao processo de produção do conhecimento histórico, tento historicizar, numa perspectiva dialética, procurando acompanhar o desenvolvimento contraditório do fenômeno investigado, os movimentos sociais pró-alfabetização crítica das populações esquecidas das mais remotas paragens da ocidental-Amazônia, onde as injunções político-administrativas largaram uma herança de milhares de seringueiros paupérrimos, à espera dos benefícios que pensavam ter direito, que ficaram de vir, mas nunca aos seringais chegaram. (BARREIRA, 1994: 88ss.)

Com relação aos procedimentos adotados na pesquisa, há de se levar em consideração, de início, que ainda na fase de elaboração do projeto - antes da sua aprovação - fiz uma viagem para averiguações, com relação à consistência do tema, às comunidades do interior do Acre; ainda pude ver um pouco da realidade e da atualidade do objeto de estudos aqui tratado. Depois, então, durante dois anos, estive na busca dos pressupostos teóricos que orientam o trabalho. Passado este momento, veio a elaboração do questionário, que nada mais é que um roteiro de entrevistas a serem gravadas junto aos poetas e professores. Numa primeira viagem ao Estado do Acre, estive em localidades equidistantes onde foram encontrados e entrevistados vários versejadores do Cordel. Numa segunda viagem, os entrevistados foram alguns professores alfabetizadores e professores universitários que lidam com as questões da alfabetização e da literatura em si, além de alguns formadores de opinião da imprensa e que têm alguma familiaridade com a temática. O próximo passo consistiu no tratamento das entrevistas confrontadas umas com as outras, com o intuito de uma maior aproximação para com as premissas levantadas. De posse de todo este material, houve-se por bem adequar os estudos teóricos anteriormente feitos à realidade das entrevistas colhidas. Em seguida, partiu-se para o esgotamento do objeto Literatura de Cordel com base em uma ampla bibliografia indicada ou sugerida por especialistas da teoria literária. Daí, então, buscou-se a elaboração do trabalho propriamente dito.

Foram feitas ao todo vinte e nove entrevistas, das quais dezesseis com poetas de Cordel, três com articulistas de imprensa ligados à temática e dez com professores universitários ligados à Educação (alfabetização), à Literatura e à História.

As entrevistas levadas a efeito com os poetas, em vista da simplicidade própria dessas pessoas, foram feitas de forma a deixá-las muito à vontade, principalmente com os devidos cuidados com relação à questão da linguagem que deve nivelar-se ao padrão coloquial

(simples) com o qual elas estão habituadas. Muitas das perguntas, em algumas ocasiões, se fizeram mais extensas que as próprias respostas. Neste caso, optou-se por seguir um roteiro de entrevista em que eram permeados detalhes esclarecedores dos enfoques tidos pelos entrevistados como um pouco mais obscuros. Quando se efetivaram as entrevistas com o segundo grupo - articulistas de imprensa e professores - a forma diferiu um pouco, em vista do grau de instrução das pessoas. O roteiro foi basicamente o mesmo. Todavia, repetiram-se algumas perguntas feitas aos poetas, mas outras diferiram, posto que já se queria saber sobre como os entrevistados viam a Literatura de Cordel em suas relações sócio-culturais com a escola, com a universidade brasileira e com os meios de comunicação de massa.

Com base no que foi exposto anteriormente, há de se evidenciar que, objetivamente, em vista da não escolarização dos poetas de Cordel e em vista de outros fatores secundários, aqui, foi feita História Oral, enquanto uma das formas mais verossímeis para se chegar o mais próximo possível da veracidade dos fatos tratados, apesar dos limites que a (sempre muito cuidada) subjetividade dos entrevistados tende a impor.

Como não existe o que denomino completude científica, e a nenhuma teoria é dado o direito de ser a última das verdades, Marx e Engels tinham a noção precisa de que seria necessário muito mais que o período de uma simples vida para levar a cabo o empreendimento científico a que eles se propuseram, principalmente, em vista das dificuldades de ordem material por que passou o primeiro. Com efeito, em se tratando das fontes utilizadas para dar conta do objeto, na perspectiva histórica da *longa duração*, foi-me imprescindível a leitura de historiadores e teóricos clássicos da história, a exemplo de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Ilich Lenin, Antonio Gramsci, Albert Soboul, dentre outros. Entrevistas com poetas de Cordel já bem idosos, também foram levadas a efeito, além dos estudos acurados feitos sobre os escritos científicos brasileiros em Literatura de Cordel. Desta forma, alguns retornos são feitos em direção a passados distantes, apenas com a intenção de melhor situar este trabalho numa dimensão da *história global* que aqui se pretende. Ademais, é indispensável que se tente fazer ver como em um século a Literatura de Cordel chegou e se fixou no Acre, admitindo o eixo temático da crítica social. Esta Literatura de Cordel levada a efeito no Acre tem uma história de cem anos, sim, segundo se busca abordar neste trabalho. Assim, para que possamos tratar daqueles que alfabetizaram por intermédio dos versos cordelistas, necessário se fazem alguns retornos a épocas não tão recentes.

Não é uma questão de optar entre diversas fontes teóricas de pesquisa. Há muito poucos estudos científicos que tratam sobre o Cordel; mas os há. Assim, as fontes, apesar de escassas, foram buscadas e estudadas com a acuidade que o trabalho requer.

Há algumas referências a um certo *trabalhador amazônico*, ou *trabalhador acreano*, que são feitas não para atribuir especificidades a este em detrimento dos trabalhadores das demais regiões brasileiras, mas para o destacar, no contexto nacional, em vista das suas peculiaridades especificamente caboclas e da forma diferenciada com que o empreendimento capitalista tratou e trata o trabalhador seringueiro ou índio amazônicos que, em muitos casos, não conhece dinheiro em cédulas, nunca viu luz elétrica e jamais foi apresentado a um professor ou a um médico, haja visto o testemunho de Clodovis BOFF (1984: 18). O que se busca, então, é tentar uma análise acurada do pensamento - na expressão oral - dos intelectuais orgânicos (poetas de Cordel e/ou professores) entrevistados em suas comunidades e em vista das suas perspectivas.

Cumpre, aqui, dizer do método de exposição e dos critérios adotados para se exporem os resultados da investigação.

A parte inicial destes estudos tenta fazer um aporte dos aspectos teórico-metodológicos que serviram de base na composição desta obra, partindo de uma abordagem sobre a Literatura de Cordel enquanto fonte histórica, passando por uma abordagem com relação ao uso científico de depoimentos orais, seguindo por um caminho que busca demonstrar a teoria como expressão da verdade e, por fim, indo ter em postulados que afirmam a concepção materialista e dialética da história como caminho que nos leva à atualidade e plausibilidade dos pressupostos da história social.

O capítulo a seguir quer fazer uma inserção da Amazônia e, mais especificamente, do Acre no contexto do capitalismo monopolista internacional. Objetiva-se, então, demonstrar a existência de uma permanente articulação entre os métodos que exploram os menos favorecidos no norte-nordeste ou no sul-sudeste do Brasil. Ademais, focaliza-se a miscigenação cultural e étnica de indivíduos que vieram das mais remotas paragens, da Síria ou do Líbano, de Portugal ou da Bolívia, a fim de que hoje estivesse composto o que aqui é denominado *acreanidade*.

O terceiro capítulo busca analisar a Literatura de Cordel desde as suas origens medievo-européias - da França para Portugal - à chegada ao Brasil, transplantando-se para o Nordeste e

chegando, finalmente, à Amazônia e, mais especificamente, ao Acre, onde hoje cumpre um papel político-social de grande relevância.

O quarto e último capítulo pretende tratar de cultura popular, Literatura de Cordel e educação no Acre. Busca-se um rápido exame acerca do teor crítico-educativo e dos aspectos didático-pedagógicos do Cordel. Aborda-se a existência de um *cordel político-social* no Acre. Visa-se, por outro lado, tratar de aspectos da cultura popular e suas nuances próprias, comparando-a à cultura das elites, simbolizada na atualidade pelo *mass media* internacional, onde preponderam as mensagens ideológicas emanadas do capital. Ademais, é feito também um tratamento sintetizado acerca dos caminhos tortuosos percorridos e levados a efeito pelos que se dizem educadores (tecno-burocratas) no Estado do Acre, relacionando tais *modelos* aos programas oficiais de educação, a nível nacional. Enfim é feita uma abordagem resumida com relação à inserção das teorias educacionais emergentes no quadro das teses pedagógicas levantadas através destes estudos.

Em suma, há que asseverar: há denúncia, sim. Pretende-se aqui o perfurar das máscaras, o desvendar das verdades por mais obscuras que possam parecer.

CAPÍTULO I

A LITERATURA DE CORDEL ENQUANTO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A Literatura de Cordel começa a ser vista, hoje, como uma fonte que expressa uma concepção de mundo (ideológica), embora fragmentada, dos estratos sociais mais baixos.

A produção dos poetas populares, sempre plena de simplicidade, na linguagem e nos arranjos estilísticos, retrata, nos dias atuais, as relações do homem preso à floresta e ao sistema que o subjuga e o condena a condições sub-humanas de vida. Eis o traço ideológico característico da produção cordelista atual. É claro que não existe a organicidade que a crítica literária oficial certamente exige. Não há uma escola, como não há um estilo literário que dê abrigo ou empreste ares acadêmicos à Literatura de Cordel que é, em si, apenas uma manifestação político-ideológica das classes subalternas que findaram por descobrir um meio através do qual seus anseios por liberdade plena possam, de alguma maneira, mesmo fragmentária, chegar ao conhecimento dos que detêm o poder. Desta forma, em síntese, eis porque a Literatura de Cordel constitui fonte para os estudos da História da Educação.

Todavia, há de se levar em consideração que há muito pouco de concreto que possa testemunhar os modos a partir dos quais os componentes da miscigenação étnica, que deu origem ao elemento cultural acreano, pensavam a questão Educação. Há, no entanto, vestígios

que apontam rumo à ideologia capitalista hegemônica, ao nível do Ocidente, que vincula o pensamento das elites dos primeiros anos da *acrianidade* ao pensamento burguês dominante. Ou seja: do mesmo modo que os oligarcas do Centro-Sul seguiram os modelos herdados aos positivistas europeus e americanos do último final-início de século, as lideranças, no Acre, houveram por bem estabelecer as mesmas relações de produção, como não poderia ser diferente, afinal de contas acabávamos de adotar o Brasil das oligarquias preponderantes como pátria legítima.

Assim sendo, a elite acreana, pouco numerosa, formada pelos primeiros patrões-seringalistas e exportadores de borracha, queria para os filhos seus uma Educação esmerada e enviavam-lhes a estudar, em geral, na cidade de Belém. Sempre foi objetivo do capital a preservação do *status quo* por parte dos seus e, por isto, alguns anos mais tarde, os estudantes volviam à terra natal e passavam a dirigir os negócios da família e do então Território Federal. (GINELLI, 1988: p. 12ss.)

As hordas de seringueiros escondidas na imensidão amazônica, desde as suas origens nordestinas, desconheciam valores como a instrução e a possibilidade de progresso, o que as impedia ver que seus filhos poderiam auferir benefícios pela via de uma Educação a que também eles tinham direito. Em realidade, o tempo passou e a consciência seringueira foi sendo gradativamente aviltada até que, nos dias que correm, eles sequer acreditam que o sucesso e a prosperidade podem ocorrer, também, em suas vidas. Pode-se constatar que a expropriação - agora não apenas física, mas, sobretudo, psicológica - é uma constante na vida dessas gentes. Se nas cidades as escolas são de nível precário, nos seringais elas sequer existem. Se há alguns anos atrás, abnegados patrões construíam escolas para os que moravam nas imediações das suas abastadas vivendas (os demais - a maioria - ficava sem), hoje não há nem uma coisa nem outra. Não há escolas nos seringais. Os governos não as querem porque não as acham necessárias, acham-nas, sim, *perigosas*, em vista das possibilidades de elevação das consciências críticas dos seringueiros. (PORFIRO, 1993: 123).

GRAMSCI (1989: 5) postula que “*cada grupo social cria os intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência*”. O que se pretende, aqui, é forjar uma intelectualidade pensante nascida do próprio movimento seringueiro que hoje, mais do que nunca, precisa elaborar, e já elabora, seus próprios *intelectuais orgânicos*. Ademais, enquanto historiador forjado em meio às lides sociais, cumpre-me o objetivo de analisar, entender e dar explicações acerca dos

motivos que findaram por nos levar ao caótico estado atual de coisas, e como tais causas e conseqüências, objetivamente, se relacionam entre si. É claro que a mim não cabe julgar; cabe-me, certamente, compreender e buscar levar à compreensão. (HOBBSAWM, 1995: 13-4).

É todavia necessário, de início, que sejam aqui tratados os parâmetros teórico-metodológicos que norteiam o presente trabalho.

1.1. A Literatura de Cordel enquanto Fonte Histórica

Se os depoimentos orais constituem técnica legítima para a utilização científica da literatura de Cordel pelo historiador, mais verdadeiro ainda é que não se pode deixar de ater-se a precauções extremas, para não se cair no perigo das informações falseadas e, sobretudo, para buscar apreender o real em suas nuances mais específicas.

Edward THOMPSON (1981: 189 ss.) postula que

“A ‘experiência’ foi em última instância gerada na ‘vida material’, foi estruturada em termos de classe e, conseqüentemente, o ‘ser social’ determinou a consciência social...”

(...)

As pessoas não experimentam sua própria existência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e seus procedimentos, ou como instinto proletário, etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas.

(...)

Os valores não são pensados, são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas idéias. São as normas, regras, expectativas, etc. necessárias e aprendidas, em primeiro lugar na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria.”

O poeta de Cordel experiencia aquilo que a sua realidade lhe põe à frente e, enquanto engajado nas lutas de classe, é um ser social com uma consciência social a ser difundida por meio de seu trabalho poético. A manifestação cultural do cordelista, no caso dos atuais poetas do Acre, não vem apenas da idéia, mas de uma prática política real da qual ele é fruto nascido em meio à refrega reivindicante. Seus valores, como suas idéias, nascem de uma realidade concreta amazônica, da qual eles talvez sejam um dos únicos porta-vozes munidos de provas como as aqui apresentadas. É preciso, assim, responder aos problemas postos por essas

situações reais. Ao poeta, *intelectual orgânico* da floresta, cabem as buscas no sentido da transformação da sua realidade. Convém, então, ao pesquisador, tratar o sujeito, também, em sua concretude, como ele realmente é (GOLDMANN, 1973: 78 ss.).

Todavia, conforme assinalado anteriormente, a Literatura de Cordel é tida como panfletária, e não-artística, porque não atende aos fins *superiores* propostos pelos acadêmicos burgueses encastelados nas universidades. Consoante HORKHEIMER (*apud* ANDERSON, 1987: 13-16), a literatura burguesa não busca chegar a “*acelerar um desenvolvimento que levaria a uma sociedade sem exploração*”. A literatura acadêmica é um tanto irreal. Os estudos literários se afastam da “*idéia de verdade objetiva*” própria do materialismo dialético. (O festejadíssimo *best-seller* Gabriel Garcia Marquez, em intróito à *Crônica de uma morte anunciada* [1981: II], informou que estava “*abandonando a narrativa de ficção em benefício de atividades mais comprometidas com as causas dos povos oprimidos*”). A poesia de Cordel, depreciada pelas elites, posto que prega verdades objetivas, é útil aos que a ela apreciam exatamente porque é desmistificadora e reside no plano do homem real. Para GRAMSCI (1989: 120), urge a “*competência técnica realista*”. Educação e criticidade se fazem com realismo e pé-no-chão amazônico, literalmente, e participação coletiva, a exemplo do trabalho do Projeto Seringueiro, do qual faremos uma abordagem mais elucidativa adiante.

A idéia não determina a matéria. Este postulado materialista é considerado básico, posto que não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência. Do ponto de vista ontológico, explica-se o mundo através da vida material dos que nele e para ele vivem. Do ponto de vista gnosiológico, porque a matéria é básica como ponto de partida para o conhecimento que se constrói sobre o mundo (LOMBARDI, 1993: 396-7). Ao homem amazônico não são dadas condições materiais de vida que lhe propiciem um exercício de consciência acerca da sua realidade. Se as oportunidades e as possibilidades materiais lhe fossem concedidas, haveria, sim, o conhecimento acerca do seu mundo tão drástico. Este postulado materialista dialético, básico para o tratamento histórico, em se tratando especialmente do trabalho aqui levado a efeito, aponta que os *intelectuais orgânicos* do Cordel devem conscientizar e serem conscientizados de que, antes de mais nada, as carências das massas populacionais pobres residem, *a priori*, na falta de condições materiais para uma vida que ao menos se aproxime da dignidade.

É pela via possível da educação-instrução, por intermédio da Literatura de Cordel, que

os excluídos, amazônicos ou nordestinos, ou de quaisquer outros quadrantes desta nação, em luta permanente, poderão vir a ascender do patamar de *classe em si* ao nível de *classe para si*. Nas palavras de THOMPSON (1981: 123),

"... as formações de classe surgem no cruzamento da determinação (vontade) e da auto-atividade (trabalho); a classe operária se fez a si mesma quando foi feita". Classe e consciência de classe "devem ser consideradas conjuntamente. (...) A luta de classe é um conceito anterior ao de classe; a classe não antecede, mas surge da luta."

Os trabalhadores seringueiros, hoje organizados enquanto movimento social, em sua formação (*in making*), vão surgindo a partir do momento em que começam a se manifestar enquanto consciência de classe que luta usando, inclusive, a Literatura de Cordel, como instrumento crítico ou instrumento educativo, na busca do seu *fazer-se*. Houve lutas que deram origem às coesões. Das coesões formaram-se os grupos organizados, entidades sindicais e partidos políticos de apoio ao trabalhador seringueiro, o que, finalmente, já consegue alcançar o *status* de classe em formação. Toda esta história foi uma história de luta de classes, entre o patronato poderoso, em aliança com as lideranças políticas também burguesas, contra a miséria e a ignorância dos seringais, onde os *intelectuais orgânicos* seringueiros foram (e estão) sendo, gradativamente, forjados no fragor da batalha, aguçando coletivamente o discernimento e a sua percepção do mundo, inclusive, através de propostas político-pedagógicas como esta. A luta de classes por muitos séculos continuará sendo o motor da história.

São imprescindíveis esforços na busca da compreensão acerca da realidade deste homem que vive, sente e necessita de armas potentes para a sua elevação (sublevação) intelectual e política.

"Toda tentativa de compreender a história global como a história das transformações necessárias dos comportamentos significativos dos homens que a fizeram, implica (...) o estudo da vida intelectual e consciente desses homens e a busca das correlações entre as transformações que ela sofreu e as transformações dos outros setores da vida social..."
(GOLDMANN, 1973: 14)

O trabalhador amazônico, no seu constituir-se enquanto classe, tem feito da sua vida, já, em boa parte dos casos, uma busca permanente por melhores dias de vida partindo, principalmente, da autocompreensão enquanto agente da sua própria transformação histórica,

atitude esta que ganha força a cada dia, posto que suas organizações se reforçam e se desenvolvem paulatinamente.

“O homem tem problemas particulares e específicos. (...) Na história, o problema da tomada de consciência e de sua expressão (da qual a criação cultural e literária constitui apenas um setor) assume, hoje, uma importância decisiva.

(...)

O pensamento é sempre uma tentativa de encontrar um sentido para a vida em certas condições concretas, e de estabelecer uma práxis que tende a mudar a realidade no sentido das aspirações dos grupos humanos e também que o conjunto desse comportamento exige sempre uma síntese viva entre o espírito racional e a disposição, por um lado e, por outro, sua adaptação à realidade e às aspirações do sujeito graças ao espírito crítico.

(...)

A criação literária tem entre outras por função, a de ajudar os grupos a tomarem consciência de seus problemas e de suas aspirações...

(...)

As obras devem ter uma visão realista, crítica e perfeitamente coerente da sociedade contemporânea...” (GOLDMANN, 1973: 22ss).

Torna-se, hoje, indispensável que as manifestações culturais busquem e, verdadeiramente, encontrem meios que promovam o aguçamento das consciências críticas ante a realidade da vida e do mundo, o que fortalecerá na busca das transformações necessárias. Desta maneira, cabe afiançar que o atraso cultural a que têm sido relegadas as massas proletárias, jamais lhes favorecerá o conhecimento e a adequação do pensamento à realidade, uma vez que sua realidade ignorante leva-as a crêr tão somente no irreal, no fictício-ideológico, e sua irracionalidade é explicada pela falta de desenvolvimento da consciência crítica; desenvolvê-la não é o que querem as classes dominantes. Aí só resta, então, pensar e agir na “busca do interesse comum que gera a idéia de resistência, de união, o que é criação do próprio capitalismo e que leva à constituição da classe para si”, através do crescimento intelectual, para a tomada de consciência (LOMBARDI, 1993: 354).

O estudo acerca do discurso burguês contemporâneo jamais poderá deixar de levar em consideração o sujeito histórico concreto que o produz e, ao mesmo tempo, “é inseparável da análise das condições de produção do texto”. Cada texto refletirá a mensagem da classe social de onde surgiu e para a qual é útil. As classes dominantes, segundo o projeto metodológico liberal-burguês, detêm o controle da emissão e difusão das informações. Mantem e garantem o *status quo*. Para CARDOSO (1988: 80-3), cumpre ao dominador a preservação da coesão enganadora; as mensagens do domínio sempre tendem a obscurecer cada vez mais; há

vinculação (aceitação) entre quem dita e quem assimila os códigos; os códigos associam-se a uma teoria do poder e à ideologia; o signo (significado do código) passa a ser o terreno da luta de classes. Assim, a Literatura de Cordel, enquanto propagadora das verdades a que as massas precisam ter acesso para o engrandecimento destas, vê cassado pelos Acadêmicos seu *estatuto de obra de arte*, como se tal estatuto fosse exigido pelos apreciadores da poesia popular, habitantes do rés do chão da nossa história. Se o discurso burguês prepondera porque domina através da linguagem falseada, é inibidor da coesão social e chega aos seringais amazônicos por via do rádio-de-pilha, eivado de metáforas ocultadoras da ideologia do capital, cabe ao Cordel, instrumento crítico-educativo das gentes simples, revelar ao seu público os significados reais de tais signos.

Ainda consoante CARDOSO (1988: 86-7), é preciso ao pesquisador “*saber se e em que medida a marca das classes sociais e de suas lutas pode ser percebida na documentação disponível*”. As poesias de Cordel analisadas no presente estudo falam por si só, verdadeiramente, de um processo crescente de lutas reivindicatórias contra as ideologias expropriadoras e por justiça social real.

Todavia, é preciso abrir um outro campo de lutas contra a moral social burguesa. Jürgen HABERMAS (1989: 63ss) postula ser conveniente “*dar ao primado da eticidade diante da moral um sentido não capcioso*”. Do ponto de vista da racionalidade meio-fim, pode o indivíduo até mentir, enganar, extorquir; sob a égide capitalista, lucrar é mais importante que os preceitos da moralidade social básica.

“Nos dias atuais, observa-se que a escolha (entre mentir ou não) é pessoal e subjetiva. Está baseada em emoções, a consciência é vista como arbitrária e relativa como o são idéias como ‘dever’ e ‘moralmente correto’. (...) Nesse estágio, a perspectiva é a de que um indivíduo que se situa fora de sua própria sociedade e que se considera a si mesmo como um indivíduo tomando decisões sem uma obrigação ou contrato generalizado com a sociedade. Pode-se escolher ao bel-prazer as obrigações, que são definidas por sociedades particulares, mas não se dispõe de nenhum princípio para semelhante escolha.” (HABERMAS, 1989: 220)

Em suma, segundo a moral social burguesa, deveras *flexível*, é importante educar as futuras gerações, que viverão o mundo do vir-a-ser, sob padrões esdrúxulos, conforme os quais o ato de mentir é *politicamente* aceitável e correto, dependendo das circunstâncias e dos fins a que se destina a mentira.

Entretanto, interessa-nos muito mais as verdades latentes em testemunhos herdados da experiência popular. Dentre as novas áreas de investigação propostas pelos teóricos historiadores, FENELON (1993: 73ss) dá destaque especial ao papel da História Social e suas relações com a pesquisa em Educação e Cultura Popular, onde há, inclusive, uma grande variedade de registros documentais, como no caso da Literatura de Cordel, uma fonte rica de subsídios para o entendimento e a explicação das peculiaridades históricas da grande massa de Norte-nordestinos do Brasil. Para a pesquisadora, é na *“escola onde parece vital a possibilidade de discutir a idéia de transformação, a consciência da mudança, (...) qual seria o compromisso presente que informa esse debruçar sobre o passado”* (FENELON, 1992: 9). Importa entender que uma das vias para a compreensão da realidade é através dos processos de ensino-aprendizagem, onde a ordem existente poderá tornar-se modificável. No caso das populações seringueiras da Amazônia, é o Cordel, enquanto expressão popular e enquanto fonte histórica, o instrumento crítico-educativo propício ao perfurar das máscaras capitalistas. Segundo Michael LÖWY (1996: 71), *“qualquer fenômeno social, cultural ou político é histórico e só pode ser compreendido dentro da história, através da história, em relação ao processo histórico. (...) O pesquisador, ele próprio, está imerso no curso da história, no processo histórico”*. As fontes históricas encerram mais que fatos, encerram vivências dos que buscam melhorias.

Ao lado disto, convém assinalar que as elites dominantes, em suas ambiciosas lutas político-partidárias, não hesitam em usar apenas a mentira e o engodo, mas também, usam o Cordel, sim, quando, em seus comícios eleitoreiros, contratam os serviços de um poeta ou cantador para, em praça pública, a peso de pouca moeda, louvar as qualidades que jamais tiveram. Eis, então, a realidade de uma classe social - a dominante - apoderando-se dos meios próprios da outra em benefício da manutenção do domínio, do poder e do prestígio comprado em palanques eleitorais.

Há de se fazer entender a todos que o passado escravo dos ancestrais dos atuais mestiços do Norte-nordeste deixaram profundas marcas. Ademais, já no presente século e ainda hoje, na Amazônia, uma espécie de escravidão compulsória ainda esmaga muitos trabalhadores que não conseguem vencer as dívidas para com os patrões porque, apesar de trabalharem diuturnamente, não conseguem, nunca, saldar tais ônus sempre crescentes em vista dos preços escorchantes dos víveres de que necessitam. Se o homem amazônico ainda é assim,

se boa parte ainda permanece genuflexa ao poder dos patrões, é porque as relações sociais de produção, em gênese, assim os moldaram. E isto leva a que muitos pensem que nasceram para ser subjugados em nome do destino que não pode ser outro, posto que é isto o que o patrão lhes disse desde a época dos seus avós.

O presente trabalho, então, ao nível teórico-metodológico, quer usar de novas abordagens, de novas fontes e de novos sujeitos. Tratar a problemática sócio-econômica e cultural do homem da Amazônia, desde os últimos cem anos, é uma abordagem recente a que poucos já ousaram empreender, justamente porque as novas fontes históricas, ou os novos sujeitos, seringueiros, índios e ribeirinhos, estão acossadas em suas choupanas na floresta amazônica, muito longe para que suas verdades não ecoem aonde deveriam ecoar.

Seguindo as pegadas do materialismo histórico, aqui, a Literatura de Cordel é tomada enquanto representação de um segmento da sociedade, à luz do interesse político-social de elevação cultural do homem dos sertões brasileiros. Como há de ser observado, neste trabalho, também a história é a própria história da produção e reprodução da vida real; é resultado de variadas condições sócio-culturais e históricas regidas em acordo com os ventos capitalistas, e sempre enfrentadas, passo a passo, com as lutas populares por condições de vida mais dignas em meio ao caos sócio-econômico da periferia capitalista. Aqui, a História, ciência real, ciência revolucionária, trata, ainda, dos processos de produção das formas de consciência ou ideologias, de que estão impregnadas os trabalhadores amazônicos, que nem sequer acreditam nas suas possibilidades de progresso, ou que sejam (como são) os próprios e únicos agentes das transformações históricas.

1.2. O Uso Científico de Depoimentos Orais

Os depoimentos orais têm limites para a sua validade enquanto técnica científica legítima. Não obstante, há que se ter especiais cuidados para não resvalar em direção aos despenhadeiros ideológicos que podem colocar em risco as pesquisas, por melhor intencionadas que sejam, tendo em vista as já mencionadas paixões, nem sempre facilmente contornadas, em nome da objetividade que o pesquisador busca.

Há de se levar em consideração, segundo FENELON (1993: 77), que hoje surgem “*novos tipos de fontes textuais*”. Surgem, ademais, modernos “*suportes documentais como a fotografia e a gravação*”. Desta maneira, tornaram-se essas novas fontes dignas da acurada atenção do historiador. É preciso delas “*extrair o não dito, as entrelinhas*”. Não se pode deixar de levar em consideração as fontes orais, principalmente, em vista da tradição oral brasileira, um país com uma imensa taxa de não alfabetizados que dependem quase que exclusivamente da oralidade como meio de comunicação e preservação histórica. Para a consecução dos objetivos traçados pelo presente estudo, então, houve-se por bem levar a efeito, *in loco*, uma observação minuciosa e sistemática a partir “*do contato direto com os grupos estudados*” e, também, com alguns documentos que lhes envolvem e lhes registram a sua vida, por meio de relatos feitos em Cordel, até mesmo no caso de fotografias, ou recortes de matérias jornalísticas que tratam, principalmente, a respeito das denúncias com relação às condições desumanas de vida a que foram submetidos os seringueiros ainda em atividade, abandonados no meio da floresta, ou os fora de atividade, atirados à miséria, à violência e à prostituição da periferia das maiores cidades da região.

Consoante VILANOVA (1994: 47ss.), na confrontação entre o entrevistador e o entrevistado “*pode-se buscar as diferenças, mas também a unidade*”. Ou seja: o diálogo franco e aberto, bem conduzido em vista de planos coerentemente traçados, deixa claro o que há de

diferença entre um elemento mais informado que o outro, porém, pode mostrar que os ideais podem coadunar-se e marchar na busca do bem-comum a que se anseia. Ainda segundo a pesquisadora, há um pouco mais de segurança nas gravações das entrevistas, posto que, aí, consegue-se *“impedir que os diálogos sejam manipulados”*, no que há bastante coerência, principalmente se levarmos em consideração a realidade de vida das populações não-alfabetizadas, ou semi-alfabetizadas, do interior do Brasil, onde os documentos em grande parte das vezes são forjados, falsificados. Se as pessoas não lêem ou não escrevem, só resta o recurso do gravador.

Não que se queira aqui aproximar a pesquisa científica com alguma espécie de investigação criminal. Entretanto, para uma maior proximidade para com a realidade dos fatos, convém *“formular perguntas de tal maneira que possamos relacionar e comparar as respostas. (...) A qualidade das respostas depende de como se propõe a pergunta”* (VILANOVA, 1994: 55-71). A inverossimilhança pode ser observada quando, para uma mesma pergunta, as respostas foram dessemelhantes, simplesmente pelo fato de os entrevistados ocuparem (fazerem parte de) estratos políticos e ideológicos diferentes dentro da comunidade à qual pertencem. As razões que explicam a precariedade da vida das populações amazônicas, por exemplo, giraram em torno de pólos completamente opostos.

Texto e contexto têm, também, aqui, importância ímpar. Produz-se uma obra com características tais e quais aquelas que dizem respeito ao povo e às circunstâncias específicas das regiões remotas do Brasil. Assim, numa análise do discurso, no que se refere aos textos - folhetos de Cordel - aqui estudados, é importante ver que eles são fontes que fornecem dados sobre a temática aqui trabalhada. É partindo dos trabalhos dos poetas populares, que é feito o tratamento do objeto de estudo. Tanto da parte dos poetas e sua obra, quanto da parte deste trabalho, é conveniente vincular o conteúdo do discurso ao contexto e à ideologia dos autores. Há sempre pontos em comum entre textos distintos.

Ainda com relação à questão das gravações de entrevistas, é importante assinalar que, segundo W. I. THOMAS e F. ZNANIECKI (*apud* QUEIROZ, 1991: 2ss), *“a história de vida mostrava apenas um aspecto parcial da realidade; assim sendo, não podia ser usada isoladamente, mas devia ser completada e esclarecida por toda sorte de dados colhidos segundo outras técnicas”*.

Hoje, como na ocasião das entrevistas levadas a efeito para a execução deste trabalho,

inexistem documentos escritos sobre as possibilidades crítico-educativas da Literatura de Cordel, posto que um procedimento didático-pedagógico tão plausível não é o que convém às classes dominantes, em vista da *perigosa* conscientização dos seringueiros. Era extremamente necessário o uso do gravador. Não houve o empobrecimento do documento, a que alguns possivelmente aludiriam, em vista de cuidados metodológicos tomados previamente. Ademais, ainda em consonância com os escritos de Maria Isaura Pereira de QUEIROZ (1991: 76), “*um relacionamento impregnado de simpatia e amizade constitui condição importante para uma boa colheita de dados*”, o que não foi difícil, uma vez que, como oriundo do meio amazônico, falo a exata linguagem dos entrevistados.

Alessandro PORTELLI (1991: 45ss) vai adiante e propugna mais algumas advertências com relação ao fazer científico do historiador. Julga ele que o dialeto, tornado superior pela fala eruditizada do cientista de academia, não pode aparecer como se estivesse a colonizar ou a *educar* o narrador, o que pode traduzir conteúdos de mensagens ideológicas do domínio; que os questionários sejam flexíveis, de modo a que o entrevistado não se sinta atado a um esquema fechado que não lhe permita ir além daquilo que exclusivamente quer o cientista; que o depoente diga o que ele quer, e não o que quer o pesquisador, sem a subordinação cultural ou de classe. Por fim, segundo PORTELLI, convém inserir as perguntas no *corpus* da tese, de modo a que as respostas tenham maior fluidez. Todas estas foram precauções devidamente observadas quando da colheita de entrevistas, principalmente, entre os poetas de Cordel residentes nos rincões mais isolados.

Fugir à mentira é o grande lema observado nos escritos de Edward THOMPSON (1981: 38-9), para quem “*a evidência histórica existe para ser interrogada por mentes treinadas numa disciplina de desconfiança atenta*”. É necessário estar sempre atento, principalmente, observando por quais meios e com qual finalidade o fato foi registrado, ou, se há um testemunho plausível que lhe empreste ares de verdade. Importa ver se há evidências de valor do fato. É preciso cuidar para que as questões isentem as opiniões do entrevistador e lhe vedem as intromissões ideológicas. A sequência da narração do depoente não pode sofrer transformações ou interrupções radicais que possam desvirtuar-lhe o *fio da memória*. É conveniente ver que as relações sociais, ideológicas, econômicas e políticas da época estudada podem dar fôros de verdade ao relato, embora entejam, em realidade, no patamar da pura manipulação. São indispensáveis as interrogações acerca de fatos isolados em busca de

evidências que sustentem a estrutura. Em outros termos, o historiador sugere que todas as arestas sejam aparadas de modo a que se consiga fugir o mais possível das informações falseadas.

Por estas razões é que busco emprestar alguma validade ao uso dos depoimentos orais levados a efeito para a consecução desta empreitada político-pedagógica, numa região onde, principalmente, a identidade cultural das populações indígenas, seringueiras e ribeirinhas, não-alfabetizadas ou semi-alfabetizadas, tende a desaparecer como planejaram os *donos* das terras e das gentes.

1.3. A Teoria como Expressão da Verdade

A fonte histórica, aqui tratada, denominada Literatura de Cordel, tem raízes fundadas numa tradição oral e escrita que começou a chegar à região ocidental da Amazônia por meados do século XIX, trazida em alforjes de sertanejos nordestinos que viram na região a única forma de escapar das grandes estiagens que matavam de fome *animais, homens* e árvores, constituindo-se num dos episódios mais trágicos e devidamente esquecidos da história nacional, tendo em vista o número de pessoas a que a sanha do capital vitimou. Tanto historiadores como literatos brasileiros *oficiais* registraram apenas a parte que eles próprios se encarregaram de tornar lírico-romântica, para o deleite de um reduzido número de leitores pertencentes às camadas dominantes do Brasil que, como ainda hoje, não sabiam e não queriam saber dos que morriam ou viviam nas matas amazônicas, para o sucesso dos empreendimentos capitalistas, que continuam a saga da destruição desde há século e meio, aproximadamente. Dentre as raríssimas exceções de intelectuais de renome nacional e internacional, que houveram por bem escrever alguma coisa sobre a malfadada aventura dos nordestinos nas terras amazônicas, não se pode deixar de mencionar quase que unicamente Euclides da Cunha, cujas obras que tratam o tema são desconhecidas da maioria dos brasileiros, dada a pouca importância das classes de trabalhadores amazônicos *esquecidas*, deliberadamente, no fundo da selva.

É preciso fazer ver que esses seres humanos, do Norte ou do Sul, são desprovidos de fortuna material porque as oportunidades jamais lhes foram outorgadas, mas são providos de extrema realidade, a tal ponto gritante, que já não dá mais para ocultá-los na sua eterna indignidade de extorquidos material e psicologicamente. Convém, já, prover-lhes de meios que resultem no cultivo da sua consciência histórica, preferencialmente, através do trabalho científico engajado, enquanto ato social, pleno de concretude, em benefício de quem o necessita. É esta consciência a despertar que não é superior às condições materiais. A

consciência é meramente uma forma teórica da realidade, uma abstração (LOMBARDI, 1993: 359). A consciência não se separa da materialidade; ela é devaneio atrelado à vida real. Metodologicamente, então, deve-se buscar as bases reais da vida. Assim, se as oportunidades materiais se nos apresentam e são dadas as condições para o seu aproveitamento, pela via da Literatura de Cordel, por exemplo, como consequência, virá, tão logo, um acender (ou reacender) da chama da inteligibilidade e da consciência crítica acerca do papel histórico-social a ser desempenhado pelos sujeitos-alvo de ações crítico-educativas, como as propostas neste trabalho. Mas convém, antes de mais nada, a teoria legitimadora do fazer histórico-científico, só esta capaz de emprestar realidade à cena histórica. Segundo THOMPSON (1981: 34), *“mais uma vez testemunhamos o ‘ser social’ determinando a consciência social”*. Apesar do atraso cultural *acreano-amazônico*, as massas desassistidas já querem despertar e tentam *fazer a hora*. Que se preservem e não se *“destruam os espaços para a iniciativa ou a criatividade da massa do povo - uma dominação da qual só uma minoria esquecida de intelectuais se pode libertar”*. Depreciar manifestações populares como a Literatura de Cordel, como é praxe entre a intelectualidade burguesa, não aponta caminhos, mas, deliberadamente, tolhe a crítica e a criatividade daqueles que só têm as artes culturais populares como meio único de expressão das suas angústias e desesperanças.

Insiste-se muito no elemento prática em detrimento da teoria, o que, segundo GRAMSCI (1991: 22), *“significa que se está atravessando uma fase histórica relativamente primitiva”*. É, realmente, comum entre os menos esclarecidos - políticos tradicionais do Norte ou do Sul do Brasil - partir arrebatadamente rumo a uma prática incisiva e irreal, sem a preocupação com nenhuma elaboração ou discussão teórica de prós ou contras, o que denota atraso em vista dos resultados sociais que se nos têm sido apresentados ao longo da nossa história.

Segundo Marx, em *O capital*,

“A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído este trabalho, é que se pode descrever adequadamente o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori.” (Apud LOMBARDI, 1993: 400)

Assim sendo, o movimento histórico de transformação da natureza, de geração a geração, sugere que, metodologicamente, deva-se passar pelo real e pelo concreto, indo, por fim, ter em noções mais complexas como no caso em que se aborda a inserção do Acre no contexto do capitalismo monopolista internacional.

Ainda ao nível do método, são convenientes as observações de FENELON (1992: 5-6) segundo as quais é preciso a ruptura metodológica. *“Há que se definir uma concepção de presente, que nos permita atribuir significado ao passado e que nos oriente em direção ao futuro que queremos construir”*. Para a historiadora, a boa história analisa como o mundo se transforma, como o movimento se verifica, com a finalidade de auscultar a direção das mudanças e tentar ver até que ponto elas podem ser traduzidas em benefícios ou prejuízos. Observa-se, então, que, em vista dos movimentos sociais e lutas de classe, uma a querer manter-se no domínio, outra a desejar ascender, as transformações, mesmo ao nível de Amazônia, vão ocorrendo, não celeremente como desejariam os dominados, mas, hoje, já com alguma intensidade. Este vir-a-ser é que se tem buscado enfocar a partir das ocorrências político-sociais verificadas não apenas ao nível da região, mas ao nível de Brasil, em certas localidades com avanços ininterruptos, em outras com uma lentidão arrastada como permitem as forças antagônicas em luta.

Do ponto de vista gnosiológico, consoante Ciro F. CARDOSO (1988: 13-4), tal qual Engels, o conhecimento deve explicar o que é histórico e o que passa por processos de transformação na sociedade e na natureza; e, por outro lado, o que é repetitivo e constante também na sociedade e na natureza por intermédio da reintrodução dos *“pares dialéticos invariância / transformação e reversibilidade / irreversibilidade”*. Indica, no entanto, que há outras questões básicas segundo as considerações de Berkhofer:

“1) a delimitação da seqüência estudada; 2) a ordem da seqüência em relação ao tempo; 3) a razão da ordem de seqüência; 4) a localização da seqüência no tempo; 5) o ritmo da transformação, sua homogeneidade ou heterogeneidade durante a seqüência examinada.”
(apud CARDOSO, 1988: 31)

De início, há de se observar que a Literatura de Cordel, em conformidade com as circunstâncias e com o decorrer do tempo, passa por uma transformação que parte da temática épico-amorosa para a crítico-educativa. Todavia, não deixando de apontar uma certa

reversibilidade, posto que ainda há cordelistas que exploram temas das primeiras eras do Cordel. Por outro lado, considere-se a análise de um século de ocorrência da expressão cultural cordelista no Acre, numa seqüência que aborda os seus inícios, os seus desenvolvimentos e a sua condição atual, visto que esta é a ordem de uma progressão lenta e heterogênea que gradativamente se deu no tempo; tempo este que, ainda segundo CARDOSO (1988: 34), não pára e não retorna. É um jogo de causas que determinam conseqüências. *“O tempo acha-se organicamente ligado à causalidade”*. É necessário ao historiador, então, apenas fazer vínculos entre *“a causalidade ou determinação e o tempo”*. Assim, toda a miséria do sertanejo nordestino, seu autodescrédito, seu comportamento sempre próximo ao servilismo, são causas que, hoje, explicam porque os seringueiros amazônicos, com o decorrer do tempo, deixaram de acreditar nas suas possibilidades de auto-superação, mas que podem explicar, também, o sentido do início de uma luta, em fins do século XX, contra a exclusão e a expropriação, que já se verifica no silêncio da floresta.

Ainda ao nível da gnosiologia, THOMPSON (1981: 169 ss) vai adiante e postula que o humano é essencial, até porque o próprio Marx rejeita o homem abstrato e genérico e redescobre *“os homens e mulheres dentro do conjunto das relações sociais. A história tratará do homem real empiricamente observável”*. Desta forma é que

“... não podemos construir nosso conhecimento histórico ou econômico pressupondo primeiro ‘indivíduos’ isolados. (...) Nem uma pessoa, nem uma sociedade, podem ser vistas como uma soma de determinações que se cruzam, mas só podem ser conhecidas através da observação no tempo.”

A história é a do homem real. Os índios, seringueiros, ribeirinhos e colonos da Amazônia, enquanto seres com necessidades básicas a serem supridas, são reais, convivem e amargam um mundo de exclusão construído pelas classes dirigentes a partir dos métodos mais reprováveis possíveis. Conhecê-los será ir no encalço da verdade e considerá-los a partir das evidências lógicas, em sua expressão própria e autêntica, em sua realidade social de extrema penúria, verificada desde há muito tempo e que, só agora, finalmente, dá mostras de alguma superação da ordem vigente.

Com relação à validade dos produtos do conhecimento, Friedrich ENGELS (1979: 72-3) acentua que é preciso saber

“... até que ponto os produtos do conhecimento humano podem aspirar a uma validade absoluta e aos títulos incondicionais de verdade. (...) Os conhecimentos que podem alegar títulos incondicionais de verdade se impõem depois de uma série de erros relativos. (...) O pensamento humano é, ao mesmo tempo, soberano e não soberano, e a sua capacidade cognitiva é, ao mesmo tempo, limitada e absoluta. Soberano e absoluto quanto a sua capacidade, sua vocação, suas possibilidades, sua meta histórica final; não soberano e limitado, quanto à sua aplicação concreta e a realidade de cada caso particular. (...) Verdade é que não existem verdades eternas. As verdades são sempre renovadas.”

Eis, novamente, o aspecto gnosiológico no eixo da questão. Nas ciências sociais, principalmente, não há verdades eternas. Existem, sim, pretensas verdades eternas, visto que as causas que ontem desencadearam conseqüências estas ou aquelas, hoje, poderiam redundar em conseqüências outras que não aquelas de outrora, isto porque é o tempo e as circunstâncias sócio-temporais que ensejam uma ou outra verdade, essa ou aquela reação das classes em luta por desenvolvimentos. Os trabalhadores amazônicos ou nordestinos erraram, com certeza, dentre outros aspectos, ao darem crédito de confiança às promessas vãs dos que lhes levaram (ou lhes trouxeram para o Sul-sudeste) afirmando a facilidade na consecução de riquezas em meio à selva (ou em meio ao asfalto), ou ao acreditarem que lhes seriam dadas todas as possibilidades de retorno à terra natal assim que tudo ficasse em ordem. Talvez até tenham persistido no erro, mas já se faz a hora de rever posições e adotar as medidas políticas surgidas no seio dos movimentos sociais.

Consoante CARDOSO (1988: 5), *“o conhecimento surge como forma e produto da transformação ativa da natureza pelo trabalho”*. Em outras palavras: entre o homem que pensa e a natureza está o trabalho que produz o conhecimento humano. Depois da teoria é, então, necessário ir à prática real.

1.4. O Materialismo Dialético-Histórico e a História Social

É por intermédio do conhecimento real acerca do fato histórico em análise que a verdade se expressa. Inserem-se neste suposto as possibilidades crítico-educativas da Literatura de Cordel, especialmente o modelo temático-poético politizador levado a efeito pelos cordelistas do Acre e adjacências. A partir daí, então, baseado em teoria conseqüente, estará o historiador munido de instrumentos suficientes para o empreendimento epistemológico sobre o qual pretende debruçar-se.

Por estas pegadas é que muitos estudiosos da história seguiram, partindo dos pressupostos teóricos do materialismo dialético-histórico para, por fim, chegar à corrente hoje denominada História Social.

Segundo CARDOSO (1988: 2), o materialismo dialético deve ser melhor analisado e entendido, uma vez que não se trata tão somente de uma regra geral e acabada, mas, sim, de algo em permanente evolução, em constante movimento. Para ENGELS (*apud* CARDOSO (ob. cit.: 2), “o movimento é o modo de existência, a maneira de ser da matéria. (...) O movimento, então, não poderia ser criado, pode somente ser transmitido”. É exatamente este materialismo - da matéria em movimento - que leva à dialética. Assim, não se pode criar a História, mas apenas transmitir seu movimento no decorrer do tempo. Por isto, conforme LOMBARDI (1993: 409), “a concepção materialista dialética da história parte de bases reais e concretas, objetiva representar a sociedade e o desenvolvimento real da história enquanto totalidade em movimento”. Daí a priorização que se deve dar à História partindo da abordagem, objetivamente, dos homens vivos que produzem sua sobrevivência, a exemplo das populações amazônicas aviltadas por interesses do capital.

É imprescindível o tratamento das lutas de classes *enquanto motor da história*, para a salvaguarda e conquista de direitos sociais dos trabalhadores. Que se busque restabelecer a

igualdade, ou ao menos aproximar, o trabalho intelectual do trabalho manual (material), uma das mais vivas contradições da atualidade, principalmente onde as possibilidades de instrução são inviabilizadas, deliberadamente, em vista de empecilhos interpostos pelos que não querem, para benefício próprio, o adensamento das consciências críticas dos desassistidos. É imprescindível, ainda, que se faça ver uma outra contradição: a existente entre os interesses particulares e o interesse coletivo; os primeiros defendidos pelas elites em detrimento das necessidades das demais camadas da população. É este interesse coletivo que dá origem, segundo LOMBARDI (1993: 346), a uma forma de dominação mais pujante que ilude e se chama Estado ou poder político. É necessário, então, fazer ver, objetivamente, que muitos são os que morrem de trabalhar - literalmente - e pouquíssimos são os que gozam das prerrogativas do modo de produção capitalista e a sua teia ideológica que criou, inclusive, o Estado de direito apenas para os mais abastados. Por isto as grandes transformações (transição) históricas dependem do desenvolvimento das consciências e dos antagonismos sociais entre proletários e burgueses. De uma evolução individual da consciência de cada índio ou seringueiro amazônico, conseguir-se-á partir rumo à evolução da consciência total dessa massa de espoliados, que nem sequer consta das estatísticas censitárias do IBGE.

Jamais se poderá relativizar as teorias ou deixar de levar em consideração a questão político-social. É indispensável uma preocupação constante, numa perspectiva global, com relação à questão das classes e dos conflitos de ordem econômico-sociais no campo ou nas cidades. Devem ser tratados acuradamente, e com objetividade, os problemas relativos aos novos sujeitos históricos (como no caso das populações da Amazônia), aos novos problemas (da *re-inserção* social dos excluídos), e às novas abordagens metodológicas (entrevistas gravadas e comparadas a outros documentos), com cuidados extremos com relação às quase irremediáveis armadilhas subjetivamente apaixonadas postas em meio ao caminho do *historiador social*.

No *Anti-Dühring*, ENGELS (1979: 24-17) propugna uma síntese da concepção materialista da história segundo a qual “*a estrutura econômica da sociedade é a base real das instituições jurídicas e políticas, da ideologia filosófica, religiosa, etc. (...) A existência é que determina a essência do homem*”. Assim, evidencie-se que o materialismo histórico é produto das condições históricas e relações sociais desta época. Daí por diante, o mundo de repente começou a perceber “*que tinha um cérebro*”. A próxima descoberta, então, foi a daquilo que se

denominou razão burguesa: “a igualdade reduzia-se à burguesa igualdade perante a lei”. Uma lei *deles*, feita por *eles* e para *eles*. A ordem que está posta hoje, no Brasil e mais especialmente entre os amazônicos, como na Europa à época de Marx e Engels, é direcionada para a manutenção de instituições que existem simplesmente em benefício das elites que as criaram, onde os conceitos de igualdade têm validade apenas entre os membros das classes dirigentes, acobertados por instituições que, a exemplo do Estado, concedem oportunidades apenas aos que têm interesse em açambarcar e manter privilégios usando de meios os mais ardilosos e inimagináveis.

Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels evidenciaram que não são exatamente coletivos os interesses defendidos pelo dito Estado *de direito*; são os interesses das classes dominantes, visto que os interesses reais dos indivíduos comuns são escamoteados. Daí que cada classe, ao cuidar dos seus interesses, buscará dominar as demais. E toda classe que domina, busca também o poder político e os seus interesses são apresentados como interesses gerais; e isso dá rumo aos destinos da humanidade. Tal alienação torna os desprovidos de propriedade contrapostos aos “*bem aquinhoados*”, o que ocorre, historicamente, em todos os países do mundo, “*tornando cada um deles dependentes das revoluções dos demais*”. Por isso é papel do comunismo abolir o Estado capitalista e a sua base instalada na propriedade privada que, no Brasil, mesmo sendo reduzido o número de senhores de terras, detém mais de dois terços das áreas cultiváveis, que são em números a perder de vista (MARX & ENGELS, 1989: 33).

A propriedade privada - invenção burguesa - fecundou e deu à luz o Estado, com a finalidade de fazer valer uma instância capaz de salvaguardar os interesses burgueses internos e externos. Por isso a criação do Estado repousa na lei; mas a lei não vem da vontade livre do coletivo social. As leis constituem pura ilusão e são uma das bases reais da ideologia; assim como é ilusório o Estado pregar que a propriedade privada tem base na livre disposição das coisas, como se todos pudessem comprar tudo, inclusive o bem-estar e a felicidade coletiva. Se assim fosse, se o ilusionismo ideológico não reverberasse, não haveriam as populações miseráveis.

“Essa ilusão jurídica, que reduz o direito a simples vontade, leva fatalmente a que alguém possa ter um título jurídico (como a ilusão dos contratos) de uma coisa sem possuir realmente essa coisa.” (MARX & ENGELS, 1989: 72)

Em *A Miséria da Filosofia*, a propósito da igualdade enquanto princípio burguês, MARX (1946: 95) deu ênfase especial ao fato de “*que é, com efeito, a riqueza coletiva, a fortuna pública! É a riqueza da burguesia, e não a de cada burguês em particular*”. Os economistas mostram como “*a riqueza da burguesia se desenvolveu e como deve ainda aumentar*”. De uma forma ou de outra, como ainda hoje ocorre, a burguesia, por seus interesses e por dogma do capital, é sempre coesa. A história o informa: a união dos burgueses tem como fim urdir, tramar, extorquir, seja nos seringais da Amazônia brasileira, seja nos da Indonésia, onde a miséria dos trabalhadores não é tão diferente. Lá ou aqui, a escravidão é categoria econômica de suma relevância. Como observa MARX (ob. cit.: 104), “*os povos modernos conseguiram apenas disfarçar a escravidão em seu próprio país, tendo-a imposto sem disfarce ao novo mundo*”. Dizem, hodiernamente, ter retirado o lado mau da escravidão, o que constitui inverdade, uma vez que o capital passou a forjar a modernidade na escravidão ao criar o assalariado-*mínimo-quando-muito*, o baixa renda, ou o escravo compulsório da Amazônia. “*O que constitui o movimento dialético é a coexistência de dois lados contraditórios, a sua luta e a sua fusão numa categoria nova*”. Essa categoria é a dos miserabilizados *suns culotte* do terceiro milênio. Ademais, a riqueza se produz *pari passu* à produção da miséria de um proletariado sempre crescente, posto que, inclusive, as *armadilhas capitalistas* que a burguesia coloca aos seus próprios membros menos resistentes os finda por fazer, também, parte da massa de proletários por não terem conseguido sobreviver às drásticas leis de mercado.

Importa-nos, então, a conquista da riqueza intelectual, da consciência crítica... E urge que tomemos a história enquanto explicitadora da formação das idéias segundo uma prática material. Por isto, é imprescindível buscar meios que oportunizem a apropriação, por parte dos estratos mais humildes, da totalidade das forças produtivas, incluindo a ciência e a tecnologia. Dai a revolução pela consciência far-se-á força motriz da história, quando as massas sobrepujarem a alienação e passarem a destruir o estado de coisas existente, pela “*modificação do regime social em função da modificação das necessidades*” (MARX & ENGELS, 1989: 43).

Tomemos, então, os argumentos de THOMPSON (1981: 27):

“Pensamento e ser (objeto) habitam um único espaço que somos nós mesmos. (...) O diálogo entre a consciência (sujeito) e o ser (objeto) torna-se cada vez mais complexo quando a consciência crítica está atuando sobre uma matéria-prima (realidade social) feita de seu próprio material: artefatos intelectuais, relações sociais, o fato histórico.”

Em outras palavras, ao nível do humano, observa-se alguma evolução crítica quando o colocamos em discussão como o produto dos seus próprios pensamentos problematizadores.

Partindo deste princípio e tendo por base, principalmente, os pressupostos sintetizados da concepção materialista dialética da história, acima comentados, novas orientações, novos caminhos, novos métodos, novos sujeitos, novas abordagens, novas questões foram sendo colocadas pelos historiadores na ordem do dia, em busca de uma remodelação do fazer histórico, estigmatizado, *em migalhas*, segundo François Dosse, pela desordem de tantas correntes teóricas, muitas das quais partindo da mesma origem marxista, seguindo os mesmos caminhos histórico-dialéticos, mas sobressaindo-se, algumas, pelo puro pedantismo em arvorar-se a donas e defensoras da última das verdades, a partir de onde todos os problemas teórico-metodológicos da História estariam resolvidos de uma vez por todas.

Eis que surge, então, a corrente denominada História Social. Para esta, segundo Dea FENELON (1993: 74), não é preciso desqualificar métodos, é preciso, sim, *“enfrentar as decorrências políticas das posições adotadas”*. Importante é produzir *“uma história que será sempre política porque inserida no seu tempo e comprometida com ele. (...) Assim, estaremos ajudando a construir o mundo na perspectiva transformadora a que sempre nos propusemos”*. Ainda em consonância com os escritos da pesquisadora, é preciso tomar cuidado com os reducionismos que particularizam. É preciso *“saber bem como inserir seus objetos (do pesquisador), às vezes micro, no contexto geral da sociedade, até porque partiram de tal suposto teórico”*. Muitos historiadores da atualidade caminham por uma História Social que debate o presente, preocupa-se com a vida real, com a *“história vista por baixo”*, com a experiência ou as vivências, tem empatia com o passado e relação com os sujeitos históricos. Daí, então, o interesse para com a cultura popular, que é bem recente, mas que não o temos visto enquanto uma adesão apressada ao novo. Há, sim, *“uma correlação estreita e contínua com as nuances, tendências e rumos que tomaram os movimentos sociais no curso dos acontecimentos recentes”* (FENELON, 1993: 82). Há de se observar, desta forma, que as decorrências políticas resultantes das tomadas de posição aqui adotadas são, no mínimo,

perseverantes, tendo em vista que esta é uma história que se interessa por uma manifestação cultural e se compromete com as transformações perseguidas. É uma história de *novos sujeitos e vista a partir de baixo*, a partir da ótica proletária. Acima de tudo, os frutos sociais a serem colhidos com a instrução-politização resultarão em melhores dias de vida para todos quantos fazem parte dos movimentos sociais amazônicos de base.

Em conformidade com os escritos do historiador Albert SOBOUL (19?? : 25 ss.), em se tratando de fins e métodos, *“todo o campo da história, inclusive o mais tradicional, faz parte da história social”*. Há grande abrangência de interesses e temas históricos. Interessam, assim, a história-batalhas, o econômico-social, a história dos *“acontecimentos”*, as biografias, a história das ideologias e, até, a polemologia como estudo da guerra enquanto fenômeno social. É a comunidade ou grupo social que impõe (ou propõe) aos seus membros as formas de pensamento e de atividade. *“Se as reações individuais contribuem para modificar o meio, este último age sobre a formação do indivíduo”*. Aí, sim, uma coerente concepção de História, partindo da união entre o individual e o social, posto que a História Social é a história do homem em sociedade; *“o homem como membro de um grupo social e de uma sociedade humana”*. Importam a coesão homem e meio. Do hoje ao secular, do descritivo ao quantitativo... tudo interessa à História Social.

Ainda conforme SOBOUL¹ (19??: 38ss.), é importante ver quem é dono de que, o que produz e para quem produz. Convém, ainda, estudar a evolução das idéias e fazer ver que, em relação à economia, o social e o intelectual estão por demais atrasados. *“É do âmbito da história social tudo o que diz respeito às relações profissionais, à formação dos espíritos e das consciências, à sensibilidade coletiva...”*. É imprescindível registrar que a riqueza e a pobreza são temáticas a serem abordadas. Importa analisar a quem se destina a produção dos seringueiros e índios amazônicos. Urge fazer ver que o atraso do pensamento faz parte de uma estratégia que inviabiliza a conscientização acerca da realidade.

Segundo DEVLEESHOUWER (*apud* SOBOUL, ob. cit.: 51),

“É interessante efectuar estudos de história social alinhando de maneira sistemática os argumentos a que recorrem, no decurso da sua luta, os representantes das diferentes classes sociais. É interessante tirar, da força ou da variação desses argumentos a medida quer da boa

¹ A referência bibliográfica da obra de Albert SOBOUL está incompleta. O texto, em xerox, chegou-me às mãos por intermédio da Profa. Dra. Ediógenes Aragão que o distribuiu em sala-de-aula.

consciência de classe, quer das possibilidades objectivas e subjectivas da classe dominada. As noções quantitativas devem ser respeitadas, mas julgo que pode ser interessante realizar estudos de história social que partam de um universo sistemático dos tipos de argumentos de que lançam mão as classes sociais em presença, no decorrer das suas lutas."

As classes dominantes hoje, principalmente no Brasil, lançam mão, por exemplo, do argumento da violência sob a justificativa de que as terras não pertencem aos que lá estavam desde as mais remotas eras, como os índios, porque não existem benfeitorias como as gigantescas pastagens de Goiás ou as imensas plantações de soja do Mato Grosso. Ora, o índio não precisa plantar o que não vai consumir e, acima de tudo, tem a floresta como mãe que lhe dá o alimento da caça não-predatória. Os argumentos dos trabalhadores em luta, rurais ou urbanos, falam, por exemplo, de uma defesa do meio-ambiente em que não seja permitido o desaparecimento, principalmente, do ser humano.

Eric HOBSEBAWM (1981: 26-7) faz as seguintes ponderações:

"A história operária ampliou enormemente tanto seu campo de ação quanto seu método, em parte através de uma extensão de seu âmbito, a partir de uma história mais restrita, de ordem política, ideológica, ou mesmo econômica, para uma História Social em seu sentido mais amplo; em partes através da conseqüente necessidade de explorar fontes inteiramente novas por meio de técnicas apropriadas e em geral inovadoras: e em parte através do contato com as ciências sociais, das quais se apropriou livremente."

Esta bem mais abrangente e completa História Social, sem dispensar a investigação empírica sobre a realidade, mas vendo o perigo da abordagem do efêmero, do particular, e evitando os reducionismos inócuos, trata, aqui, de uma história do âmbito de mestiços e índios amazônicos e seus documentos humanos, do ponto de vista sócio-político e ideológico, evitando-se o risco de cair nas generalizações superficiais, posto que se vê a necessidade de chegar a essas novas fontes uma vez que se tem, aqui, a história de uma manifestação cultural, hoje, enquanto uma forma de trabalhar o social, igualando-o ao político e ao econômico.

HOBSEBAWM (1981: 30), todavia, pondera *"que as pessoas que se sentem diretamente identificadas com ela (com uma interpretação do mundo) cobrirão sua própria história com um peso emocional que outras não encontram"*. Tais paixões, entretanto, precisam ser domadas e submetidas ao rigor objetivo da cientificidade.

Voltando, no entanto, ao materialismo histórico-dialético, segundo THOMPSON

(1987c: 303ss.), vêmo-lo, ainda hoje, mesmo e principalmente através da História Social, empenhado na temática das lutas de classe, como no caso destes estudos, buscando um rompimento, por um lado, com a visão providencialista e metafísica da história e, por outro, com uma visão *científica* acurada, herança do positivismo que concebe a história como uma sucessão ordenada de fatos em direção ao progresso que seria atingido quando a humanidade alcançasse o *terceiro estado*, o estado positivo, perfeito. Marx coloca o cerne da história no homem e o cerne da ciência na história: “*Nós conhecemos uma ciência singular, a ciência da história*” (MARX e ENGELS, 1989: 26)

Eis porque o marxismo é ainda hoje uma concepção suficiente para uma análise crítica da sociedade capitalista e, segundo Jean-Paul Sartre, um não-marxista, é uma doutrina insuperável; senão observemos, sem anacronismo, mas com a concretude dos fatos antes de mais nada, os vínculos entre os estudos de Marx, do século passado, e a realidade social do Brasil e, mais especialmente, do Acre dos nossos dias.

Retomando um pouco e buscando concluir a questão teórico-metodológica ao nível da gnosiologia, convém assinalar que, depois de um longo adensamento nos estudos materialistas, observa-se, certamente, o sujeito enquanto determinante do conhecimento. A matéria (vida material) é que determina o ideário do sujeito. O sujeito conhece a matéria objetiva, real, concreta, que lhe é dado e possibilitado conhecer. O conhecimento é resultado no qual se inclui este empreendimento epistemológico e o seu autor enquanto sujeito que apreende o que lhe é dado apreender. As opiniões são próprias dos sujeitos. Convém entender o universo cultural dos poetas de Cordel por mim vistos e estudados. Suas particularidades devem ser rigorosamente respeitadas.

O olhar histórico do pesquisador terá sempre vínculos estreitos com as suas paixões e posições políticas, dificilmente domadas, com a sua posição de classe enquanto conceito que se faz, aqui, por via de uma educação crítica e problematizadora da realidade circundante.

CAPÍTULO II

PARA UMA ANÁLISE DAS MEDIAÇÕES

INTER-CONTEXTUAIS

Com o objetivo de contextualizar historicamente o objeto de investigação, é bom que se observe que a faixa de fronteira onde hoje se localiza o Estado do Acre foi, até o começo deste século, considerada *tierra non descubierta*, para usar a terminologia castelhana à época das discussões sobre os problemas de fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru.

Havia, é certo, o domínio político dos bolivianos, uma vez que onde hoje se localiza o Acre, no final do século passado, havia vilas administradas pelo governo boliviano. Desses lugarejos, eram *Puerto Alonzo*, hoje Porto Acre, *Empreza*, hoje Rio Branco, e Xapuri os que tinham alfândegas e quartéis bolivianos, uma economia incipiente e algumas casas à beira dos rios Abunã e Acre. Ocorre no entanto que, apesar do domínio político da Bolívia, a população era maciçamente composta por brasileiros vindos do sertão nordestino, desde meados do século XIX. As discussões para o estabelecimento dos limites resultaram num conflito armado, entre brasileiros e bolivianos, que se iniciou em 6 de agosto de 1902 e terminou em 17 novembro de 1903, quando da assinatura do Tratado de Petrópolis, em que a Bolívia reconhecia a vitória brasileira. Note-se, ao lado disto, que havia já um bom número de imigrantes de ascendência, principalmente, sírio-libanesa e portuguesa que, a partir de então,

foi crescendo e tomando conta do setor comercial da região. Por outro lado, ocultos por trás dos acontecimentos da denominada Revolução Acreana, estavam capitalistas estrangeiros, especialmente ingleses, alemães e holandeses, a financiar as casas comerciais de Belém e Manaus para a compra de armamentos com vistas ao conflito. Já a Bolívia podia contar com o beneplácito do *Bolivian Syndicate*, fundado pelos americanos que visavam a exploração da borracha amazônica. Como os acordos entre os capitalistas internacionais foram feitos à revelia dos contendores, de uma hora para outra, a Bolívia perdeu todo o apoio econômico que os Estados Unidos vinham prestando e o desfecho do conflito foi vexatório, uma vez que, enquanto boa parte do exército boliviano era formada por índios pós-incaicos, muitos desconhecedores de armas de fogo; o lado brasileiro era composto por nordestinos há muito habilitados nas escaramuças do sertão e, inclusive, o líder Plácido de Castro, gaúcho, como os mais velhos, tinha a experiência das batalhas do Paraguai, em que o número de cearenses, na fase final da guerra, era maior que o das outras províncias.

Os nordestinos chegados ao Acre, desde os primórdios, foram tornados escravos compulsórios do capitalismo monopolista internacional, em vista dos acordos e métodos ditados pelo capital estrangeiro; entretanto, acima de tudo, portavam, em seus alforjes, traços culturais que lhes são, ainda hoje, muito próprios. Dentre tais expressões convém enfatizar, aqui, a Literatura de Cordel, transplantada da aridez do sertão para a umidade Amazônica e utilizada, inclusive, como suporte didático-pedagógico para o aprendizado da leitura e da escrita de sertanejos ou seringueiros, conforme será observado adiante.

O sofrimento do nordestino, agora adaptado a uma realidade mais drástica, em vista dos rigores impostos pelo capital, passou, então, a ser retratado por meio dos seus versos de Cordel. É só muito depois que, ainda por intermédio da poesia cordelista, paulatinamente, foi conseguida alguma consciência de classe, o que passou a ser também divulgado entre os seus, enquanto uma nova visão emancipadora através de uma Literatura de Cordel agora tornada crítico-educativa.

Há, pois, todo um complexo universo de interseções a serem consideradas no presente trabalho. São mediações que vão das primeiras eras acreanas, ainda no século XIX, - época inicial da fase do capitalismo monopolista internacional, cuja escalada não poupou vidas de sertanejos brasileiros ou bolivianos pós-incaicos que se lançaram em guerra, na disputa por aquilo que jamais chegaria a ser de qualquer das partes - até as nuances que marcam a vida da

fronteira pós-conflito e a interveniência comercial do elemento de origem lusitana ou árabe, e seus costumes completamente alheios a tudo o que o homem da Amazônia pensava ou sabia.

2.1. O Acre no Contexto do Capital-Monopolista Internacional

A nível de consideração preliminar, é preciso observar que toda a problemática enfrentada pelas populações amazônicas, nos dias de hoje, tem sua origem nas entrelinhas dos acordos capitalistas internacionais.

Então, é conveniente demonstrar que, já de início, o ciclo econômico do látex se encaixa no contingente das grandes transformações verificadas no seio do capitalismo internacional, no último final-início de século, quando a borracha se fez matéria-prima de grande valor no mercado, em vista da recente descoberta das suas propriedades impermeáveis, o que veio a favorecer a expansão de capitais e homens para a região, àquela época semi-habitada. O ser humano, expropriado por conta de acordos e empreendimentos financeiros internacionais, foi assistindo ao paulatino declínio da economia do látex e das suas esperanças. Tanto nos primeiros tempos, quanto à época da Segunda Guerra, como ainda hoje, os trabalhadores brasileiros foram obrigados a erguer as fortunas dos capitalistas estrangeiros, não sem ver a culpa, também, dos nossos oligarcas, principalmente do Norte-Nordeste do Brasil.

Por isto, hemos de convir: desde os primórdios, a história da Amazônia e, em especial, a do Acre, sempre foi uma história de extorsões, de saques. As marcas do capitalismo monopolista têm deixado rastros da expropriação dos recursos ambientais, minerais e humanos, o que sempre acabou por redundar em sangue de índios e seringueiros acossados em seu próprio *habitat* pelo poderio capitalista.

Parafraseando Octávio IANNI (1984: 7), cabe dizer que a história dos acreanos sempre esteve, desde os primórdios, como hoje ainda, de uma forma ou de outra, ligada ao desenrolar dos acontecimentos no campo sob a regência do capital, da apropriação, do monopólio e do uso da terra. Da mesma forma que as políticas públicas foram se moldando, gradativamente, ao estado de coisas ditado pela burguesia; a expulsão de índios, colonos e seringueiros passou a

obedecer tais demandas exigidas para o avanço do empreendimento capitalista. Deste modo é que

“... a preeminência das frações do capital monopolista e a ideologização de seu projeto de classe juntam-se para criar as condições para a privatização do Estado, atraindo a favor do grande capital a massa de recursos públicos administrados pela burocracia estatal.” (SANT’ANA, 1988:9).

Daí advêm os sacrifícios do grande número de cidadãos que perfaz o proletariado, em detrimento das benesses extensivas pelo capital à minoria que açambarca todos os privilégios que o Estado capitalista pode conceder a quem o legitima e constrói. Conforma-se, desta maneira, o jargão do *governo dos ricos para os ricos*, em que os interesses sociais dos dirigidos ficarão sempre em último plano, tendo em vista os interesses dos grandes conglomerados econômicos que criaram o Estado e o dirigem para si. É este mesmo Estado quem bloqueia as organizações e os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores, na maioria das vezes violentamente, e mantém os conflitos a um nível apenas tolerável de modo a que a trajetória capitalista não seja perturbada.

Em se tratando mais especificamente da Amazônia, temos visto que sua colonização tem sempre obedecido às regras ditadas pela burguesia internacional e, às vezes, nacional.

“Com efeito, a cada dia se consolida mais firmemente a tendência ao monopólio da terra e dos recursos naturais pelos grandes grupos econômicos e/ou especuladores, agravando-se a sorte da população dependente das atividades extrativas tradicionais e da agricultura de subsistência, pequenos produtores, população nativa e migrantes não capitalizados.” (LANNI, 1979: 106)

Enquanto os grandes grupos econômicos (a exemplo do Bradesco, Banco Real, Goodyear e Pirelli) tiram a terra e o sossego dos trabalhadores da floresta, dedicados ao extrativismo de borracha, castanha e outros bens silvestres, aos sujeitos regionais cabe apenas esperar em vão pelas promessas de um Estado que prega os sacrifícios das massas em nome de um porvir venturoso que há quinhentos anos não chega. E a superior maioria destes detentores do poder, pelo uso da violência, quer apenas a força do trabalho mal pago do homem da Amazônia e, o que é pior, tem buscado o aniquilamento do extrativismo, sem ao menos aventar para as possibilidades de sobrevivência das populações que não sabem fazer muito além daquilo

que a floresta lhes viabiliza.

Usam-se métodos violentos, extorsões e assassinatos, bem peculiares aos agentes do avanço capitalista. A reprodução de uma estrutura fundiária cada vez mais concentrada (monopolizada) vai se processando na Amazônia através dos mesmos expedientes de outras épocas: grilagem, falsificação, corrupção e coação policialesca. Segundo Marcílio Ribeiro de SANT'ANA (1988:165), referindo-se ao Acre, *"reedita-se aqui o 'consilium fraudis' entre agências estatais e elites setoriais burguesas, o que propicia não apenas a privatização dos recursos públicos por certas frações sociais, mas o seu esbanjamento e desvio impunes"*.

A história do Acre deveria, antes de mais nada, ser contada a partir do prisma dos seus autores principais, os seringueiros, trabalhadores que traçaram e traçam o seu destino e o da terra em que nasceram, sem vantagens ou privilégios, uma vez que, desde o início, a economia da borracha foi contextualizada internacionalmente nos moldes do capital: o que vale são os lucros, não importando quem sobreviva às ásperas circunstâncias. Se conseguimos nos livrar do grande mal perpetrado pelas elites burguesas, quando escapamos ao *Bolivian Syndicate* e seu projeto anti-humano, não tivemos a mesma sorte ao cairmos na armadilha dos burgueses da Inglaterra que, sorrateiramente, levaram as nossas sementes de *hevea* e hoje exploram outros seres humanos, em outros pontos da terra, mas com a mesma vida de sacrifícios.

A extorsão e as expulsões sempre foram a tônica das relações sociais levadas a efeito no Acre pelos dominantes em relação aos dominados. E as fronteiras do capital avançam céleres sem perder de vista o objetivo principal do lucro a qualquer preço, salvaguardadas por um Estado privatizado que só consegue atrair recursos para projetos de interesses burgueses e que descuida as questões sociais, numa prova de atrelamento ao próprio projeto de expansão do capital, cujos resultados agora afloram com gravidade nas cidades maiores como Rio Branco e Cruzeiro do Sul, deixando um rastro de violência nunca antes visto no Acre.

Os poucos assentamentos de trabalhadores rurais levados a efeito em terras acreanas aliviaram, é certo, as tensões sociais no Sul-Sudeste, mas acabaram por tirar o amazônico do seu *habitat* e levaram-no aos mocambos, de onde refluí toda espécie de mazela a que a urbanidade pobre está sujeita. As lideranças políticas, as mesmas que reprimem as lutas dos trabalhadores com extorsões e assassinatos, encasteladas nos cargos proporcionados pelo capital, acharam por bem trazer famílias de agricultores oriundas do sul brasileiro, porque o homem acreano não tinha habilidades agrícolas, o que completou o desastre agora talvez

irreversível. “Devem os trabalhadores reconhecer a diversidade, a começar pelo traço fundamental e unificador da condição trabalhadora, isto é, o de serem (os trabalhadores) produtores de mais-valia, de riqueza social para o capital”. (SANT’ANA, 1988:271).

Em 1988, dois meses antes de ser assassinado, o líder sindical e ecologista Chico Mendes concedeu uma entrevista à *Revista de Extensão* (1988: 34-5), da Universidade Federal do Ceará, em que fazia denúncias e mostrava pistas claras para o soerguimento das classes menos favorecidas da Amazônia:

“O governo tentou dar uma de bonzinho, desapropriando terras através do INCRA, e disse que o problema teria um ponto final no Acre, com a distribuição de terras entre os posseiros. Só que isso não resolveu a questão, a meu ver, porque se criou uma nova estratégia do governo para beneficiar os grandes latifundiários de forma legal. Como? Dando a terra ao posseiro, numa escritura pública, porém esse posseiro fica lá com essa terra, sem assistência, sem transporte, sem estrada, sem ter como escoar sua produção, com direito a um financiamento agrícola de prazo muito pequeno para pagamento, com juros muito altos a ponto de investir tudo apenas para saldar seus compromissos com o banco. Muitas vezes vai ter fome, sem escola, sem assistência médica. Tudo isso fez com que muitos, senão todos, estejam abandonando seus lotes para ir morar na Bolívia.

(...)

A gente tá tentando uma articulação dentro do movimento sindical, procurando discutir com os pequenos agricultores, colocando para eles toda a situação, numa tentativa de organizá-los, criando comissões para reivindicar estradas, transporte, discutir a questão da saúde, da educação, organizando pequenos grupos de alfabetizadores. Queremos fazer um trabalho de educação popular, entre nós seringueiros um tipo de alfabetização de adultos, para que eles também despertem sua própria consciência, no sentido de que têm que lutar. Mas esse trabalho tem que ter a participação do próprio agricultor, a fim de que ele não fique de braços cruzados... É preciso estimular o trabalhador a participar da luta e continuar reivindicando aquilo que é necessário para ele e sua família..

(...)

A gente continua no trabalho de cooperativas, só que em áreas de mais difícil acesso, como é o caso do Rio Xapuri, do Seringal Nazaré, do Seringal São Pedro. O primeiro plano de criação dessas cooperativas deu certo. Em cada uma delas foi executado um plano de educação popular, escolhida uma pessoa daquela comunidade para dar aulas aos seus companheiros adultos. No grupo da cooperativa, criou-se, ao mesmo tempo, um núcleo e uma escola. Hoje temos quase vinte pessoas dessas áreas em Rio Branco, participando de um treinamento, com apoio do Projeto Seringueiro, para que possam ensinar a ler e escrever, executando um trabalho de educação popular...” (Grifos meus)

Considere-se a propriedade com que um seringueiro semi-alfabetizado discutia as questões relativas ao avanço das empresas agro-industriais no Estado do Acre. Isto realmente incomodou as elites que não o pouparam. O problema da terra é tratado contundentemente e põe a nu o conchavo entre Estado e capital, onde o objetivo maior era fazer com que os

pequenos agricultores e seringueiros desistissem das suas glebas, por falta de condições mínimas, e as vendessem a preços baixos para os grandes fazendeiros do Sul-Sudeste, incumbidos de estabelecer seus latifúndios improdutivos (a maioria, ainda hoje), no Acre, a título de aplicação dos ganhos de capital efetivados nas praças mais ricas. A estratégia deu certo e, hoje, o sindicalista está morto e a maioria dos seus pares foi expatriada para a Bolívia, onde sofre dissabores piores, uma vez que estão em país estrangeiro, onde as relações de produção capitalistas são ainda mais drásticas.

Digna de louvor é, no entanto, a visão do ecologista em se tratando da questão da conscientização dos seringueiros com relação aos problemas de ordem geral que enfrentavam e enfrentam. As propostas politizadoras e a vida de Chico Mendes foram ricamente retratadas em folhetos de Cordel. Ademais, é preciso observar que tais proposições têm a mesma contundência política que aqui propugno, por uma alfabetização e instrução em que sejam forjadas as consciências críticas dos excluídos da Amazônia, por intermédio de instrumentos didático-pedagógicos como a Literatura de Cordel.

2.2. A *Performance Cultural Brasileira* e sua Articulação com a Realidade Acreana

A singularidade histórica do Acre passa pelo fato de ter havido uma disputa armada para que aquela faixa de fronteira fosse considerada Brasil. Não porque os dirigentes brasileiros o quisessem, mas porque foi a vontade de um punhado de seringueiros nordestinos que empenharam suas vidas para conseguir tal intento, muito embora, tão logo houve oportunidade, o capitalismo monopolista internacional voltou as costas aos heróis vivos porque os mortos foram rapidamente esquecidos. Os brasileiros vitoriosos no confronto foram então, paulatinamente, sendo tangidos rumo à antiga inimiga Bolívia, para que lá fossem, assim como ainda hoje o são, explorados nos seringais de outros capitalistas, visto que o Brasil já não mais precisa dos seus esforços de guerra - tanto no confronto de 1902, como na época da Segunda Guerra. E o que é pior: sequer um pedacinho da terra conquistada houveram por bem conceder aos que a conquistaram. E a história dos acreanos veio sendo feita à custa de muitas ações violentas, tudo para o sucesso do grande empreendimento do capital, que avança sem poupar terra ou homem, destruindo um e matando o outro, e vice-versa.

O historiador inglês Peter BURKE (1997: 5/3) houve por bem aquilatar as palavras de Euclides da Cunha ao afirmar-nos enquanto *a civilização dos empréstimos*. Às vezes emprestamos traços culturais que nos valorizam porque adicionam. No entanto, na maioria dos casos, só temos conseguido absorver a tralha cultural burguesa que, principalmente, nos torna infensos e omissos perante nossa própria realidade.

A história do avanço capitalista mostra que o rastro de violência fica gravado nos mais ermos rincões desta terra, onde capitais são investidos. Conforme ANDERY (1988:163), a burguesia de ontem e de hoje, como única beneficiária dos processos inflacionários, caminha e deixa atrás de si a devastação social, principalmente pela via da *desassistência* e do

desemprego, como se verifica no Brasil dos nossos dias. Por outro lado, a ciência, a tecnologia e a instrução são cooptadas em nome e a serviço do projeto burguês, o que se revela especialmente no tocante à educação, onde importa sobremaneira separar - ou dividir - os que pensam dos que executam, uma vez que, sob os ditames do capital, as oportunidades não podem ser usufruto do todo social, mas das minorias abastadas (pensantes) que conseguem vender ou comprar (consumir) artefatos como a própria instrução. Por isto, estratégias especiais são levadas a efeito e, a nível da Amazônia brasileira, um dos fatos observáveis é que, mesmo atualmente, por exemplo a indústria, não se instala em regiões onde os níveis de desemprego são altos, como nos altos rios do Acre, onde a miséria reverbera; essas seriam razões do trabalhador, o que não interessa ao capital. As indústrias, que garantem muitos empregos, instalar-se-ão onde o nível de consumo seja suficiente para gerar os ganhos do capital investido. Na Amazônia, e especialmente no Acre, os capitalistas nacionais e internacionais instalam as sementes da agro-indústria e da agropecuária - geradoras de reduzido número de empregos - e empurram os milhares de camponeses rumo às cidades já abarrotadas de pessoas sem nenhuma habilitação em profissões urbanas, o que gera o *exército especial de reserva* dos inabilitados, candidatos à docilidade miserável, objetivo maior do capital interno.

“Os pobres, normalmente, não encontram meios de expressar suas manifestações de forma eficaz, ou de qualquer forma que seja, principalmente porque uma ordem social estável os torna dóceis e os mantém dóceis através do conhecimento de sua fraqueza política. Somente durante perturbações periódicas da ordem social é que eles estarão propensos a quebrar os laços da conformidade imposta pelo trabalho, pela família, pela comunidade, por todos os componentes da vida institucional e pela influência moral ('legitimidade') que a elite exerce sobre os que lhe estão abaixo.” (HOBSBAWM, 1981: 399)

É esta uma das estratégias empregadas também contra o seringueiro amazônico acossado no fundo da floresta com muito poucas chances de reivindicar o que é seu por direito, posto que negam-lhe, inclusive, a instrução e que seria arma favorável na guerra de posições travada para a conquista da sua cidadania e da sua consciência crítica. Por essa razão, as elites querem evitar as ações populares organizadas e buscam sempre obstruir quaisquer aspirações à organização política dessas gentes, o que, virtualmente, os levaria a provocar perturbações e confiar nas ressonâncias políticas dessas perturbações, que são poucas, mas já consideráveis,

principalmente levando em consideração uma época em que o sistema político e social está desequilibrado. São estas épocas propícias para o recrudescer da luta, uma vez que os *controladores* do poder ver-se-ão forçados a fazer alguma concessão, o que já tem algum significado positivo, e já lhes é suficiente para esperar a próxima crise, como ocorre ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra que, gradativamente, tem conseguido algum sucesso.

Por isto, além das estratégias de pressão, são necessários planos de ação e organismos capazes de executar tais planos (HOBSBAWM, 1981: 406). É necessário que sejam concedidas aos próprios homens, pelos próprios homens, as condições para que eles, por sua própria ação, exijam e assegurem seus direitos. O historiador inglês Edward THOMPSON (?????) defende uma *economia moral*, em que seja reivindicada sempre uma *ordem social justa*, onde haja garantia de emprego e salário dignos inseparáveis do dever de trabalhar. No Brasil, entretanto, a economia cresceu, todavia, como bem diz o clichê, o pobre tornou-se miserável e os ricos ficaram cada vez mais ricos, o que demonstra, mais uma vez, que o capitalismo avança à custa do estilhaçamento das bases empobrecidas sobre as quais se ergue, daí a sua capitulação enquanto *modo de produzir* miséria, posto que do projeto não constam os itens que versam sobre a equalização das riquezas.

A dificuldade dos dias atuais, segundo HOBSBAWM (1995: 555), não está em como multiplicar a riqueza das nações, mas em como distribuí-la em benefício dos seus habitantes. Visceja o egoísmo peculiar à era do capital. Igualdade social e distribuição de riquezas passam a ser matéria da *retórica ultrapassada das esquerdas desprovidas de realidade*, segundo o jargão ideológico burguês.

“A teoria socialista significativamente mais influente, o marxismo, rejeitou especificamente a linguagem dos direitos humanos por diversas razões. (...) Na medida em que o marxismo alegasse ser uma análise do funcionamento da sociedade passada, presente e futura, ao invés de um programa, esta linguagem, naturalmente, não lhe era pertinente. (...) Marx não foi meramente indiferente aos ‘direitos do homem’, mas opôs-se a eles com veemência, por serem essencialmente individualistas, pertencendo ao ‘homem egoísta’, (...) isolado dos outros homens e da comunidade.” (Grifos meus) (HOBSBAWM, 1981: 423-4)

O que era e o que poderia vir a ser a sociedade é problema para a análise marxista do homem. Já o programa liberal-burguês da Revolução Francesa falava de *igualdade, liberdade e*

fraternidade para homens abstratos, irreais, preocupados exclusivamente com sua individualidade; é tanto que tais premissas jamais foram colocadas em prática, porque aquele era (e é) apenas um mero discurso, cujo objetivo era unicamente pregar uma ideologia que forçou o proletariado a protagonizar a luta, para depois não vir a ter nenhum benefício, fato que até hoje se repete, inclusive no Brasil capitalista: o povo luta e se sacrifica pelo ideal de uma nação forte, mas jamais será ressarcido pelos esforços empregados. *Direito de viver vida digna* é apenas floreio retórico ou declaração *de intenção*, que não diz como, de modo prático, tais propósitos seriam alcançados.

Se nos seringais amazônicos não existem escolas para que os seringueiros não se tornem críticos da sua realidade, os meios pedagógicos, nas cidades, não oferecem mais que uma educação apenas suficiente para a preservação da pobreza e a sublimação do *status quo* da burguesia. Estes são apenas alguns dos traços mais marcantes da *performance* cultural de um Brasil capitalista, em suas discriminadoras relações com o Estado do Acre.

Com relação ao êxodo do campo para a cidade, há de se levar em consideração

"...que não é mais possível deixar a população morrendo de fome e se trucidando na violência, nem a infância entregue ao vício e à delinquência e à prostituição. O sentimento generalizado é de que precisamos tornar nossa sociedade responsável pelas crianças e anciãos. Isso se alcançará através da garantia de pleno emprego, que supõe uma reestruturação agrária, porque ali é onde mais se pode multiplicar as oportunidades de trabalho produtivo." (RIBEIRO, 1995: 200-1).

Entretanto, as lideranças burguesas, atreladas ao poder, no executivo, no legislativo ou no judiciário, estão longe de permitir uma reforma agrária concreta, por mais ocupações que isso possa significar, uma vez que ter terras, mesmo improdutivas, ainda significa poder.

Temos visto, então, a economia brasileira transformar sua população em mão-de-obra excedente, o que produz um trabalhador obsoleto, transitório, como uma força descartável dentro do sistema, segundo o que planejaram os criadores do *exército especial de reserva*. A exemplo disto, temos visto as políticas liberais privatistas e seus salários-mínimos a ameaçar a sobrevivência do humano e a soberania nacional. Apesar de uma lei amparar aos *uti possidetis*, o problema chega aos seringais amazônicos e se faz mais temerário por expulsar índios e seringueiros dos nichos, de onde não poderiam ter saído, pois, aí, apesar do isolamento e do descaso governamental, conseguiam viver com alguma dignidade. Isto não ocorre hoje, uma

vez que, quando expostos ao submundo da periferia urbana, não alcançam a esperada vida digna.

Em realidade, no Brasil, como em outros recantos terceiro-mundistas, o trabalhador não é para si, mas para os outros e, além disto, a própria classe dirigente é o agente de sua dominação externa; o que prova é o apoio que as elites nacionais dão ao programa oficial de privatização, mesmo sabendo que as multinacionais apoderar-se-ão das empresas do Estado, a baixos preços, e daí retirarão uma *mais valia* obtida através da exploração de um sistema trabalhista feito sob os moldes burgueses, de uma política *paternal* de incentivos oficiais e de um trabalhador ao custo de meros cento e vinte dólares mensais, ou menos. “*A mão-de-obra engajada na produção, como trabalhadores livres, apenas pode sobreviver e procriar, reproduzindo seus modestos modos de existência*” (RIBEIRO, 1995: 251).

Apesar de tudo, ousamos. Índios, negros e mestiços planejam fazer deste país uma república que deve ser dirigida pela vontade deles, como seu povo que são; arrojo este que já causa perplexidade e temor por ser inconciliável com o projeto das classes senhoriais.

Mas é preciso tratar especificamente da Amazônia, esse rico espaço incrustrado no território nacional, mas com uma população tão sofrida quanto as de outras regiões onde as benesses do Estado burguês não ecoam.

A expansão das vanguardas do empreendimento capitalista, também na Amazônia, faz-se através da devastação do homem e da natureza, como já foi feito no Brasil de outras eras, quando, ao invés do mogno e do cumaru amazônicos, buscavam-se, no Espírito Santo e na Bahia, o jacarandá e, antes, o pau-brasil, o que tira do camponês a terra na qual sobrevivia ele e os seus.

Nas palavras de HEBÉTTE & MARIN (1979: 162),

“espalhadas na imensidão das terras ainda livres, as colônias desempenham a função de posse simbólica de uma área nova, justificando a realização de trabalhos de infra-estrutura, em nome da fixação à terra de famílias de agricultores pobres e preparando, assim, a penetração do latifúndio e o controle do espaço pelo capitalismo em expansão.”

Desta forma, os colonos, assim denominados na Amazônia os primeiros desbravadores da terra, vanguardistas escravizados do capital, beneficiam a área referente à sua gleba, preparando-a para ser pisada pela pata do boi, uma vez que, depois da parte *brutal* do trabalho

ter sido feita, chega o capitalista e lhe compra a colônia a preço irrisório. Segundo Octávio IANNI (1979: 148), *“consegue pouco com a venda - quando vende e não é usurpado. O que ganha gasta no armazém. O que ganha ‘dá pra não roubá’.* *‘Lavoura só dá dinheiro depois que tá na mão do rico. O pobre só tem pra não morrer’”*.

Mas é preciso observar que, também no Acre, a educação burguesa atenta contra o desenvolvimento intelectual e priva o trabalhador do direito à instrução, o que faz do homem um autômato. De um lado, a ilustração das Universidades amazônicas forma uma minoria de mestiços que participarão, enquanto elementos pensantes, das tomadas de decisão, muitas vezes contra a região e os nativos irmãos seus, uma vez já cooptados pelos esquemas burgueses que lhes pagam bem para proteger seus objetivos escusos. Por outro lado, a grande maioria não pensa porque não é *talhada* para tal; são meros executantes pensados por consciências superiores às suas.

Não interessa às lideranças políticas e empresariais a instrução de mestiços e índios. Mesmo os poucos recursos para a Educação, quando vêm, são desviados para fins outros. E flameja a retórica da educação para o povo, o que nos remete a Marx e Engels:

“A fraseologia burguesa sobre a família e a educação, sobre a ternura entre pais e filhos, fica mais repugnante à medida em que a grande indústria destrói ainda mais completamente, entre os proletários, os laços familiares, até o ponto de tratar as crianças como simples artigos de comércio e como instrumentos de trabalho.” (Apud DOMMANGET, 1972: 330)

É oportuno aos povos da floresta fazer do trabalho produtivo nos seringais a fonte de uma educação que os observará enquanto seres reais adaptados a um mundo que lhes é tão específico. Todavia há fatos que devem ser avaliados pelas comunidades amazônicas na busca da sua politização. O atual Projeto Escola, do Ministério da Educação, um exemplo de *desassistência* dentre diversos, demorará muito a adentrar a Amazônia, posto que os seringueiros e índios dos altos rios, principalmente das bacias do Juruá, Tarauacá e parte do Purus/Caeté, desconhecem o que vem a ser energia elétrica, televisão ou antena parabólica. Crianças seringueiras não vão às escolas porque escolas não existem nos seringais. Cumprem os filhos de seringueiros a mesma faina diária que os pais, como ocorre em outras paragens do Brasil.

Urge, então, métodos educacionais tão eficazes que tornem as populações seringueiras

também pensantes sobre as suas possibilidades, se oportunidades lhes fossem concedidas. Serão meios que as tornarão não omissas, mas críticas da sua realidade de expropriados física e psicologicamente, uma vez que não só bens materiais lhes foram usurpados, mas bens espirituais como a própria vontade de prosperar e ser feliz.

É necessário organizar as massas em movimentos sociais de reivindicação, enfatizando o que elas poderão obter se conscientes das origens dos males que lhes afligem. Convém levar-lhes a reconhecer que o latifúndio e a agroindústria em implantação na Amazônia tolhem-lhes as liberdades porque cerceiam os empregos e os meios de vida naturais ao meio em que nasceram. Que denunciem a negativa *performance* cultural brasileira em sua articulação com a realidade acreana, onde os saques e extorsões históricos e a violência, muitas vezes física, ainda são comuns. É bom ver, todavia, que tudo já começa a ser feito quando entidades não-governamentais adotam meios como a Literatura de Cordel para a elevação das consciências críticas dessa massa de excluídos do capital.

2.3. A Miscigenação Cultural Acreana no *Corpus* da Cultura Brasileira

A Literatura de Cordel veio parar em meio a um grupo social miscigenado, hoje fruto das mais diferentes poções étnicas, mas nem por isso avessas aos traços culturais norte-nordestinos.

As considerações agora serão remetidas a um plano que tem por fim fazer breve análise da evolução do Acre, sua formação enquanto espaço cultural, sua cultura singular e própria, quais as influências que foram sendo recebidas dos que vinham de fora para a vida e o trabalho na região, quais elementos formaram a sua miscigenação.

Há de se levar em consideração que, com o advento do ciclo econômico da borracha brasileira, como sempre acontece quando novas riquezas são descobertas pela ciência, eclodiram migrações em massa rumo ao eldorado que se pensava pleno de fortunas. Com relação àquela parte mais ocidental da Amazônia, principalmente no que se refere ao Acre, não houve diferença. Para lá acorreram aventureiros de várias origens em busca de oportunidades e dinheiro fáceis.

Ao elemento indígena juntaram-se, inicialmente, os sertanejos nordestinos chegados ao Acre para o trabalho de extração da seringa, não sem muitos conflitos. Bolivianos e peruanos pós-incaicos ou descendentes de europeus já faziam parte da paisagem amazônica. Vieram, em seguida, os sírios e libaneses e, depois, os portugueses. Por último, então, já numa fase tardia da economia regional, apareceram emigrantes ricos e pobres oriundos do Sul e Sudeste do Brasil, em busca de terra farta e barata; os abastados queriam-na para a especulação, os demais viram na região o último reduto brasileiro para sua sobrevivência, uma vez que, também eles, estavam sendo retirados das suas origens pelo empreendimento capitalista que os tornou dispensáveis, isto porque seu papel histórico de vanguarda explorada do capital, já havia sido

feito através do trabalho mais duro... Era hora de abrir uma nova fronteira para o posterior usufruto do capital, no longínquo Acre.

Como não poderia deixar de ser, todos vieram trazendo traços culturais das origens. À cultura índia da caça, da pesca, do aluá¹ e do açaí², juntou-se o mestiço nordestino com seu forró, sua jabá³ e, principalmente, sua Literatura de Cordel. A colaboração dos demais elementos existiu, entretanto é mais considerável a trazida pelo português e seu vestuário em terno, gravata e chapéu de massa, muito estranhos em vista do clima, o seu bacalhau e o vinho do Porto.

Certo é que migrantes e nativos, paulatinamente, foram moldando um jeito de ser muito particular ao miscigenado homem acreano dos dias atuais. É necessário, então, recorrer aos escritos de Gláucia de Oliveira ASSIS (1995: 1-16) para ponderar a respeito dos processos migratórios que resultaram na formação deste elemento cultural. É preciso considerar, segundo a pesquisadora, que há muito temos observado um planeta em movimento, com as populações em marcha, muito embora, internacionalmente, *“medidas cada vez mais restritivas tentem conter esses fluxos”*, o que não impede êxodos aqui e ali, por motivos *“como as perseguições políticas e religiosas, crises econômicas, desejo de tentar uma vida melhor em outro lugar”*. Ainda que a perspectiva da volta à terra natal jamais saia da cabeça do emigrado, a superior maioria jamais fará a viagem de retorno. Por isto, com relação ao caldeamento originador do homem acreano, frise-se que os sírios e libaneses, em suas origens, eram perseguidos por questões políticas e religiosas; os turcos os dominavam e subjugavam à maneira deles, impiedosamente, em vista, também, de preconceitos étnicos e religiosos. Já o sertanejo do Nordeste brasileiro, há anos vem sendo fustigado por crises sócio-econômicas geradas pelas secas e por governantes que as tornam elemento de manutenção da ignorância nordestina, o que lhes rende votos e privilégios políticos. Muitos sírios e libaneses chegavam ao Brasil, mas só depois de alguns dias é que descobriam que não estavam na Argentina e que sua vida não seria tão fácil conforme o prometido por seus agenciadores. Ao sertanejo, também, foi prometido *catar dinheiro com um gancho no Acre*, mas sua vida, na realidade, foi duríssima em vista do regime de semi-escravidão a que foram submetidos. E por estes motivos seguem os

¹ O aluá é uma bebida, também indígena, com algum teor alcoólico, extraída do milho em fusão.

² O açaí é uma espécie de manjar licoroso retirado de uma palmeira típica da Amazônia.

³ A jabá é a carne salgada e seca ao sol, um tradicional recurso da cozinha nordestina.

emigrantes, internos ou externos, de região a região, sempre na esperança de um retorno bem sucedido à terra de origem, o que dificilmente ocorre. *“Retornar é sempre um projeto que, para se concretizar, exige do emigrante uma vida disciplinada e muito trabalho”*, o que foi menos difícil ao elemento asiático acostumado à premissa segundo a qual a economia drástica é a base do futuro dos filhos; o que se fez praticamente impossível ao nordestino, mesmo porque a superior maioria não sabia ler e, por isto, era ludibriada nos ajustes de contas pelos patrões, com a ajuda da minoria sertaneja alfabetizada e que, por isto, era mantida como empregados de confiança (ASSIS, 1995: 15).

Segundo Ecléa BOSI (1992: 17), *“a dominação econômica de uma região sobre a outra no interior de um país causa a doença do desenraizamento, destruindo raízes, tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra”*. Tal fato ocorreu e ocorre ainda hoje no Brasil. O emigrante perde tudo, inclusive a própria vontade de viver e ser feliz, tão bem descrita nos folhetos do Cordel acreano. A região ocidental amazônica, no início do século, conseguiu alguma preponderância ao nível econômico, o que desenraizou levas de trabalhadores nordestinos e os expatriou (já o disse Euclides da Cunha) na própria pátria.

É indispensável, então, uma breve análise acerca da participação do elemento indígena enquanto um dos formadores da miscigenação cultural acreana.

É conveniente que se enfatize que, na Amazônia, *“floresceram culturas indígenas de mais alto nível tecnológico, como as de Marajó e a de Tapajós”*, onde os índios viviam em *“fartura e alegria”*, com todos *“sujeitos às tarefas da produção alimentar”*, e ocupados ainda com o artesanato, sobretudo de cerâmica modelada e colorida. Tal como as demais nações indígenas localizadas no hoje território brasileiro, as que tinham por *habitat* o perímetro amazônico, mesmo depois do longo processo de aculturação a que foram submetidas, inclusive por missionários católicos cujo objetivo maior não era a catequização, mas desalojá-los de seus abrigos para benefício do capital, ainda falavam línguas e dialetos próprios, *“identificavam as plantas e os bichos da mata, as águas e as formas de vida aquática”*, plantavam roçados, caçavam, pescavam, coletavam pequenos animais, frutos e tubérculos, navegavam pelos rios com canoas e balsas. Porém, o caldeamento étnico a que foram submetidos, em contato, inclusive, com os desbravadores mestiços nordestinos, fez surgirem os caboclos, cujos traços étnico-culturais permaneceram os mesmos do indígena mais puro, tal qual foi encontrado na Amazônia ou nas demais regiões brasileiras. Vieram, no entanto, épocas de declínio

irremediável e o elemento branco os dominou e os passou a escravizar, o que fez com que as populações se desgastassem mais rapidamente. Finalmente, foram vencidos e, hoje, os poucos índios não mestiçados guardam as fronteiras brasileiras mais íngremes, ou adentraram por limites internacionais, enquanto não é chegada a hora do senhorio dizer que é sua propriedade aquilo que sempre foi do elemento indígena. Enquanto isto, *“mais de metade da população original de caboclos da Amazônia já foi desalojada de seus assentos e jogada nas cidades de Belém e Manaus”*, onde vivem na mais vil penúria. (RIBEIRO, 1995: 309).

A este índio amazônico em estado puro vieram outras etnias a miscigenar-se, inclusive as mestiças oriundas do nordeste, o que gerou a já mencionada cultura cabocla, apreciadora de cachaça, forró e Cordel. Houve tempos de guerra pela posse das áreas entre o elemento branco e o índio ou caboclo, em que os donos da terra eram expulsos de suas aldeias à bala. Morreram perto de um milhão de seres. Esses primeiros guerreiros brancos eram a vanguarda pobre da ocupação que, depois, passariam também a ser explorados. E assim, com o passar dos anos e o adensamento dos movimentos de colonização, tanto os índios como os caboclos foram sendo gradativamente exterminados pela força dos grandes empreendimentos agropecuários liderados principalmente por capitalistas do Sul-Sudeste brasileiros. Só da região do Acre desapareceram, para sempre, mais de trinta e seis grupos ou nações de índios, considerados na época *“animais prejudiciais e maléficos, abaixo dos pretos e pouco acima dos macacos”*

*“nedsapi nejecodsara huidsaja hinahato imeni nahatotahi onajaro
padseje onajaro icca dsama nedsapi funaipa dsama
fazendeiro madijacca dsama ibotimanani
madijapa poquedeni dsama daquenadsapi
nadsapa madija pemijari madijapa poccadeni
dsama funaidsa daquenadsapi bani huajitahi
onajaro ohuatti nadsapa madija pemimanajari
madijacca dsama nahattomenani maronahuadsa
aidsodsapi jicani
jidapapa tamine dacorahi
dsama cacahuade
chua onipi Ima Dsomaji Madija.*

(TRADUÇÃO)

E aí, onde é que nós vamos botar roçado grande?
Fazendeiro rouba terra de índio.
Se índio entrega a sua terra, a caça acaba.
Então índio passa fome.
Índio que não entende, entre terra para FUNAI.
Eu penso assim.
Aí índio passa fome.
A área dos Kulina começa no Igarapé Maronaua e acaba no
Igarapé do Anjo.
Agora chefe forte cuida da terra.
Meu nome é Ima Dsomaji Madija." (Apud CALIXTO e outros, 1985: 36)

Eis, então, uma dentre muitas outras poesias feitas por Ima Dsomaji Madija, da nação kulina, utilizada, inclusive, como apoio à alfabetização em meio aos índios assistidos, hoje, por organizações como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário). Tal qual a Literatura de Cordel, uma manifestação cultural de gente humilima, que serve para fins não apenas didático-pedagógicos, como também para a conscientização crítico-social das más condições e das causas que fizeram a miséria indígena.

Conforme já abordado, a chegada dos nordestinos às terras do Acre, com seus alforjes abarrotados de folhetos de Cordel e muita esperança no futuro que logo se fez drástico, começou a verificar-se por meados do século XIX. O nordeste brasileiro, àquela época como hoje ainda, assolado por estiagens contínuas *"e castigado por um sistema latifundiário primitivo e terrivelmente espoliativo"*, gerou mão-de-obra barata que, na Amazônia, foi miserabilizada em vista de um sistema de propriedade que era tão escravizador quanto na origem do sertanejo, este mesmo que passou a habitar as enormes extensões dos seringais, onde as distâncias amazônicas davam cores de realidade à saudade e ao isolamento do homem atado às amarras do capital. E o nordestino, já na chegada à Amazônia, depois de aliciado e manipulado pela propaganda mentirosa oficial, em vista da sua ignorância e miséria sertanejas, adentrava, inexperientemente, a selva densa na busca de recursos para um dia poder voltar rico às origens, o que só veio a ocorrer com alguns, posto que as dívidas tornavam-se sempre crescentes pela pesada mão do patrão, sempre pronto a não poupar-lhe sequer a vida em nome dos lucros a auferir (CALIXTO, 1995: 39).

Sequer podia o seringueiro plantar cereais ou criar animais domésticos para ajudar na

sobrevivência, isto porque os esforços deveriam ser dispendidos apenas com a extração do látex. É tão somente com o tempo que o seringueiro nordestino passou a pescador e caçador, para não depender apenas dos enlatados que, além de o envenenar, o endividavam em vista dos preços escorchantes. Aí, então, veio a falência da economia da borracha e a miséria se fez mais aguda que a dos sertões de onde o nordestino havia fugido, como continuaria tendo que fugir sempre tangido pelos ventos do capital (RIBEIRO, 1995: 324-7).

E o caldeamento étnico-cultural se adensou. Dentre os que mais se destacam está o elemento étnico asiático oriundo da Síria e do Líbano que, segundo eles mesmos, orgulhosamente, chegaram aqui por conta própria em busca de melhores dias, mas não em atendimento às campanhas migratórias feitas pelo Governo brasileiro. Questões de ordem étnica e sócio-religiosas, por séculos a fio, os têm atirado na aventura de cavar e buscar fortuna onde quer que ela esteja, mesmo à custa dos esforços mais ingentes e dos sacrifícios mais drásticos (TRUZZI, 1991: 12-3). Vieram, é certo, para fugir do infortúnio mas, como é comum aos povos emigrados, a imagem da pátria mourisca permaneceu-lhes intacta, daí a necessidade de se rodear de lembranças das origens, como na questão da literatura, da dança, da música e, mais especialmente, da culinária, através de iguarias tão conhecidas dos acreanos, como o *tabuli*, o *quibe cru*, o *charuto*, o *pão-árabe*, dentre outras menos conhecidas.

Muitos sequer um dia aprenderam a falar o português. Todavia, foi grande o número de agricultores sírios chegados ao Brasil, principalmente ao Centro-Sul; porém, no Acre, a atividade preferencial foi a do comércio, no que também são tradicionalmente tão *experts* quanto os libaneses, autoconsiderados mais cultos e menos rústicos, por isto honoráveis comerciantes.

A denominação *regatão*, inferior, menos elegante, cabia aos rudes sírios que, por não terem a intelectualização libanesa, nada sabiam fazer além de mascatear.

"Mas eram os regatões, anteriormente constituídos por sírio-libaneses e turcos, e agora por acreanos mesmo, que ancoravam nas colocações oferecendo variedades de mercadorias, às vezes por preços inferiores aos do barracão.

(...)

Costumavam tomar crianças como afilhados de batismo e de crisma, além dos favores que prestavam transportando pessoas que se destinavam às cidades em busca de tratamento de saúde ou de negócios." (CALIXTO e outros, 1985: 159)

As regras do comércio rentável sempre foram perseguidas à risca pelos *turcos*, denominação genérica dada aos asiáticos migrados para o Acre. Os preços mais em conta, a simpatia e a presteza que angariam clientes no comércio são armas eficacíssimas utilizadas pelos mascates para, no caso, conquistar a clientela seringueira. Deste modo, com a acumulação da riqueza auferida com o comércio regatão, os ex-mascates *turcos* compraram casas comerciais nas cidades, transformaram-nas em esteios da economia local e deixaram a atividade mascate para os aprendizes acreanos. Em suma, o componente cultural mais remoto da miscigenação acreana que conseguiu angariar riqueza e poder político foram os sírios e libaneses.

É importante considerar a história dos homens no seu quotidiano real, nos seus intercâmbios mais modestos. Com relação aos povos da fronteira acreana, principalmente aos bolivianos, importa acentuar que, de início, as relações se fizeram conflituosas, em vista dos desentendimentos na demarcação dos limites das nações que compõem a Amazônia. Passadas aproximadamente três ou quatro décadas (1940 em diante), no entanto, o convívio se fez ameno e as relações familiares passaram a ser estabelecidas por casamentos binacionais.

Em relação à Bolívia, há marcadamente três *fronteiras vivas* mais importantes na região ocidental amazônica, que são as cidades de Cobija, fronteira com Brasília, e o povoado de Montevideo, fronteira com Plácido de Castro, Acre; e, ainda, Guayará, fronteira com Guajará-Mirim, Rondônia. Nestas cidades, geralmente, há trânsito livre na fronteira, de modo que dificilmente alguém chega a sentir-se migrante ou migrado; mesmo muitas crianças, a exemplo de Brasília e Cobija, estudam em colégios da cidade que não é a da sua nacionalidade. Tanto uma comunidade como a outra aproveitam-se mutuamente dos benefícios que podem ser oferecidos entre si enquanto vizinhas, como no caso de Cobija, cujos habitantes falam um português fluente devido à programação das redes brasileiras de televisão que lá são captadas, de modo que a cidade boliviana não é uma sentinela do *castellano*, mas um posto avançado da deturpada cultura dos brasileiros pela via das telenovelas (CARDOZO, 1996: 5-14).

Como sempre ocorre a povos de fronteira, na faixa limítrofe entre Brasil, Bolívia e Peru, as relações comerciais são intermitentes. Cobija, Guayará e Montevideo disputam acirradamente os clientes brasileiros que, na realidade, aquecem de modo decisivo a economia da Amazônia boliviana. Em épocas de eleições, há os eleitores binacionais que votam no Brasil e na Bolívia ou Peru. No entanto, de um lado ou de outro, os mais necessitados são sempre as

presas mais fáceis da exploração, por parte de astutos empreendedores que os têm como passíveis da escravização moderna postulada pelo capitalismo monopolista internacional. Ultrapassar fronteiras significa, muitas vezes, sobreviver, uma vez que há sempre países que expulsam e países que acolhem, como no caso do Brasil do início do século, que expulsou os bolivianos dos seus limites e, agora, expulsa aos próprios brasileiros; como no caso dos bolivianos, antes expulsos, mas que, agora, acolhem aos seringueiros brasileiros não sem uma boa dose de exploração - por parte da pequena casta de ricos da Bolívia - sobre os miseráveis que buscam apenas sobreviver, mesmo em território alheio, mesmo sob pesados impostos, mas com a pouca dignidade que lhes usurparam os ricos do Brasil. Assim, vemos a necessidade de um repensar cultural da área de fronteira em suas nuances tão peculiares (TRUZZI, 1996: 14-7).

Outros elementos étnicos, também, ajudaram na miscigenação cultural dos acreanos dos dias de hoje, porém sem tanto destaque. Dentre estes, todavia, convém fazer uma menção toda especial ao papel desempenhado pelos portugueses. A vida disciplinada e o *culto à usura* fizeram com que seus empreendimentos comerciais, dirigidos sempre por membros de uma mesma família (a exemplo da Casa *A Limitada*, de Xapuri) alcançassem tanto sucesso que, durante meio século, dominaram comercialmente parte da produção e exportação da borracha de todo o vale do Rio Acre; sucesso devido não apenas à gestão familiar austera, mas ao fato de mandar virem sempre os empregados mais especializados diretamente de Portugal, bem como, em vista da visão aguçada com relação ao futuro dos filhos que eram enviados aos centros mais adiantados para tornarem-se médicos, advogados e professores. Estes e seus filhos, tais quais os descendentes dos *turcos*, a maioria de profissões idênticas, ainda hoje atuam no mercado de trabalho não só do Acre, mas de toda a Amazônia, com uma diferença: os portugueses dificilmente se interessam por questões político-partidárias.

A participação do elemento negro é reduzidíssima, em vista da mestiçagem própria do sertanejo que desbravou a região, a não ser por algumas pouquíssimas famílias que vieram do Maranhão ou do Pará. Entretanto, hoje, mescla-se à paisagem étnica ocidental amazônica o elemento oriundo do Centro-Sul do Brasil, genericamente denominado *paulista*, muito embora parte do contingente emigrante seja oriundo não só do interior de São Paulo, mas do norte de Minas Gerais, do oeste do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo, os quais têm traços culturais semelhantes, como o gosto por chapéus de abas largas,

pelo rodeio e pela *moda-de-viola*. A maioria adere ao churrasco e ao chimarrão gaúchos, uso já assimilado por grande parte da gente do Acre.

Em viagens aéreas de primeira classe chegam os mais abastados, especuladores das terras, arrogantes, autodenominados desbravadores, colonizadores. Em caminhões *enlonados*, empoeirados, esperançosos, depois de dias de percurso sufocante sob o sol do Centro-Oeste e da Amazônia, vêm levadas de gente humilde que, apesar da pele clara e muitos cabelos louros, adaptam-se à paisagem da terra e ao povo do Acre, com quem dividem sua pobreza e suas esperanças. Já disse Clodovis BOFF (1988: 105) que “*o pessoal do Sul o reconhece e os elogia por isso*”. Os pobres se reúnem para solidarizar e os ricos, ao contrário, juntam-se para tramar, urdir, trair.

É acreditando e sofrendo por íngremes trilhas marítimas, fluviais e, hoje, rodoviárias, que a miscigenação cultural acreana se fez singular no *corpus* da cultura brasileira. Antes, todos foram chegando por via fluvial, de navio ou de *gaiola*, oriundos de partes diversas, com o intuito de viver melhores dias na *terra prometida*, mas não cumprida, principalmente, aos desafortunados a quem as oportunidades sempre foram negadas. Depois, foram e continuam chegando os caminhões *paus-de-arara* carregados de excluídos do Centro-Sul. Em meio a tudo isto viajaram os bens culturais diversos que no Acre se mesclaram para constituir o que ousou denominar a *acrianidade*. Em meio a tudo isto também viajou em lombo de jegue ou de burro, de gaiola, balsa ou canoa, a Literatura de Cordel, de início, canto que se fez plangente em vista das condoídas lembranças do torrão natal, tão árido quanto saudoso. Depois, o Cordel se fez político e politizador. Por fim, passou a ser utilizado como recurso didático-pedagógico e crítico nas aulas caboclas do Projeto Seringueiro, a respeito do qual ainda faremos uma abordagem sucinta.

Eis, então, a razão do presente trabalho que, acima de tudo, busca uma educação-instrução por intermédio da Literatura de Cordel, conscientizando acerca da realidade de vida dos diversos elementos que compuseram a miscigenação cultural acreana; levando, inclusive e principalmente, a um repensar crítico construtivo das relações sociais que se estabeleceram entre as diferenças e semelhanças culturais que se verificaram na formação da *acrianidade*.

CAPÍTULO III

A LITERATURA DE CORDEL EM ANÁLISE

É necessário que sejam levadas em consideração certas peculiaridades que dizem respeito tão somente a povos que, como os brasileiros, tiveram ou têm uma formação eclética, oriunda do cruzamento dos mais diferentes tipos étnicos, das mais variadas origens. Costumam afirmar certos críticos da nossa realidade que não temos propriamente uma história *pra contar*; temos, certamente, um punhado de assertivas, às vezes dispersas, que não dizem respeito à história do nosso povo (nação), relatam simplesmente fatos ocorridos com uma minoria de abastados que fazem ou não fazem chegar a verdade dos acontecimentos a quem quer que seja, segundo lhes venha esta a beneficiar ou não.

Tratando a respeito do objeto Literatura de Cordel, no entanto, dá para se alargar um pouco mais este ângulo de visão, principalmente, quando se nota que um dos veios do qual brota esta manifestação popular tem origem na remota França de Carlos Magno. Muito do que até hoje foi produzido vai buscar o viés temático, ou o viés formal, em histórias da França carolíngia. Poetas populares do Nordeste brasileiro compuseram muitas de suas obras com base em fontes que, em antiga prosa, davam conta das guerras e batalhas que se travaram na França dos primeiros anos. Asseveraria, então, que fomos e estamos indo no rastro histórico de outros povos porque não temos uma história própria, ou porque, no mínimo, impediram-nos de tê-la. O poeta buscou a história de *Carlos Magno e os Doze Pares de França* porque não tinha uma

história sua, que falasse de alguma forma a respeito das origens de uma gama infinda de mestiços e negros que habitam o rés do chão da história brasileira.

Há muito tempo atrás, Sílvio ROMERO (1977 : 31) enfatizava que já

“... acreditara menos do que hoje na importância da poesia popular entre nós. Em 1870 escrevera estas palavras: ‘procurai nos séculos XVI e XVII manifestações sérias da inteligência colonial e as não achareis. A totalidade da população, sem saber, sem grandezas, sem glórias, nem sequer estava nesse período de bárbara fecundidade em que os povos inteligentes amalgamam os elementos das suas vastas epopéias. Procurai, portanto, uma poesia popular brasileira, que mereça este nome, naquela época, e, como ainda hoje, correreis atrás do absurdo. Os pobres vassalos da coroa portuguesa não tinham tradições; eram qual um fragmento do podre edifício da metrópole atirado em o Novo Mundo, onde caiu aos pedaços e perdeu a memória do lugar em que servia.”

Em verdade, o homem do povo sequer atina para as origens dos problemas com os quais convive. Enquanto seres expropriados e de pouquíssima esperança, física e intelectualmente, são brasileiros sem passado, sem presente, sem história.

No tocante ao aspecto do desenvolvimento cultural do povo brasileiro, muito deveria ter sido feito desde a primeira época da Colônia. Ocorre que não fomos tão bem aquinhoados e os nossos colonizadores não conseguiam ver um pouco além da exploração predatória do *pau-brasil*.

Entretanto, pelo menos algo de bom, ao menos o mínimo, já merecíamos que ocoresse. Para Márcia ABREU (1993: 109),

“A chegada da Corte portuguesa ao Rio, em 1808, modificou em parte esse quadro. No mesmo ano foi inaugurada a Imprensa Régia, que deteve o monopólio das impressões até 1822. Ela foi responsável, em 1815, pela primeira edição brasileira da História da Donzela Teodora.”

Havia, em realidade, em fins do último século, poesia popular disseminada nos mais ermos rincões brasileiros. Pondere-se, entretanto, que a maioria da população era camponesa e, em vista das distâncias enormes, não havia o contato necessário à divulgação de uma ou de outra manifestação das pessoas residentes nos mais diferentes locais do país. Consoante Joseph LUYTEN (1984: 11), *“as diferenças de expressão regional eram muito grandes e a poesia também. O padrão linguístico da elite brasileira ainda era o de Coimbra ou Lisboa e o povo se expressava como bem podia”*. Entretanto, dois fatos importantes vieram a ocorrer, o que de per

si já começa a cultivar algum entrelaçamento inter-regional.

*“Um deles foi a imigração européia no Sul do país, que introduziu muitos moldes diferentes em detrimento dos que já existiam no local. Outro foi a grande **expansão nordestina** para todas as áreas amazônicas por ocasião do Ciclo da Borracha. Hoje em dia, pode-se dizer que todos os rios que correm pela Bacia Amazônica são habitados por nordestinos e descendentes e, assim, temos expressão poética regional nordestina em todas essas regiões.” (Grifos meus) (Op. cit.: 20)*

A Literatura de Cordel viajou muito para, por fim, chegar à última fronteira ocidental do Brasil, o Acre. Cumpre, então, afirmar que, do Nordeste em direção à Amazônia brasileira, voando livre na inspiração do poeta sertanejo semi-alfabetizado ou não-alfabetizado, o Cordel se fez poesia popular brasileira e não apenas nordestina, isto porque, inclusive, desde meados deste século, tal como as praças de Fortaleza ou de Manaus, as de São Paulo - Praça da Sé - e do Rio de Janeiro - Feira de São Cristóvão - podem contar com o barulho dos poetas populares de Cordel a recitar suas mais recentes obras ou as dos mais renomados autores, com ou sem os acordes da viola.

Convém salientar ainda a atualidade da manifestação cultural cordelista no Sudeste brasileiro. Conforme o jornal “Diário Popular”, de São Paulo, de 12 de julho de 1997, quatro concorrentes disputaram a etapa final do Primeiro Campeonato Brasileiro de Poetas Repentistas, no Memorial da América Latina, depois das *“eliminatórias e semifinais do torneio que reuniu quase 100 repentistas em desafios todos os domingos”*.¹

Muito na Amazônia, e em especial no Acre, o Cordel, ou Cantoria, se fez componente cultural transplantado para uma terra que hoje é um pedaço do Nordeste brasileiro incrustado na floresta, isto porque os desbravadores sertanejos levaram consigo bens materiais pouquíssimos; no entanto, os bens culturais vários também fizeram parte da peregrinação secular rumo ao eldorado da borracha.

¹ Jornal *Diário Popular*. *Duelo de Viola*. Seção Revista. São Paulo, sábado, 12 de julho de 1997.

3.1. A Literatura de Cordel enquanto Manifestação Cultural no Acre

O processo de migração dos nordestinos rumo à Amazônia teve início, conforme alguns estudiosos, em meados do último século. Dessa época aos dias atuais, o fluxo se fez ininterrupto, embora instável. Já de início, acorreram à região grande número de aventureiros em busca de fortuna fácil, exatamente quando da descoberta das propriedades impermeabilizantes do látex extraído da seringueira, árvore silvestre muito abundante na região, principalmente no Acre, onde a seiva foi avaliada como de superior qualidade. Para Arthur César Ferreira Reis (*apud* COSTA SOBRINHO, 1992: 34),

“... o movimento migratório impulsionado pela expansão da economia da borracha atingiu o Acre na década de 1870. No ano de 1877, precisamente no dia 3 de abril, João Gabriel de Carvalho e Melo, cearense de Uruburetama, desembarcou na boca do Aquiri, hoje Rio Acre, com mais 16 homens, e iniciou a formação dos primeiros seringais na região do Vale do Acre. No ano seguinte, João Gabriel recrutou outros grupos de emigrantes, que distribuiu nas margens dos rios Acre e Purus...”

Há de se observar que, entre os que foram chegando à região, haviam os que tinham por projeto a exploração insidiosa dos seres humanos e da terra farta; esses eram em número reduzido. Muitos, no entanto, eram os incautos que, à mercê de promessas vãs, foram aportando nos seus destinos para uma vida de penúria; destes foi extirpada até a vontade de viver ou a noção do que vem a significar prosperar. Expropriaram-lhes física e psicologicamente. Segundo Valdir de Oliveira CALIXTO e outros (1985: 51),

“... do povoamento desorganizado e anárquico, tão bem descrito e criticado por Euclides da Cunha (À margem da história), à intervenção do Governo Federal em 1942 até nossos dias, (...) o processo migratório continua intermitente, desumano. A história do processo migratório,

isto é, do deslocamento de força de trabalho para o Acre, está diretamente relacionada aos interesses de sustentação e reprodução do capitalismo monopolista.”

Ao Sul do Brasil o capitalismo forneceu trabalhadores emigrados da Europa, com uma visão bastante aguçada com relação ao mundo da produção e do trabalho. Para o Norte, sobram apenas os despojos sociais de uma região assolada por constantes estiagens. Assim, conforme propugna Roberto Santos,

“... uma série de razões podem ajudar a compreender a preferência dos nordestinos pela Amazônia: (em primeiro lugar o) preconceito do trabalhador nordestino pela labuta dos cafezais, considerada tradicionalmente uma ocupação de escravos. Na Amazônia, ao invés, o trabalhador era, supostamente, dono de si, seringueiro autônomo. A Amazônia dava noção de liberdade.” (apud CALIXTO e outros, 1985: 53-4)

Observe-se que, para o capital, nada melhor que aqueles milhares de homens e mulheres, antes que a penúria os consumisse, conseguissem trabalhar o suficiente para render bons dividendos para o enriquecimento do qual e para o qual os seringueiros eram propulsores e vítimas.

O trabalho era (e é) árduo. As condições mínimas. Os dividendos capitalistas, porém, incalculáveis. O final do último século e o início deste foram épocas de muitos sofrimentos na imensidão dos seringais amazônicos. Homens e mulheres, literalmente, morreram de trabalhar para gerar lucros à opulência de *senhores* que se refestelam nas suas *villas* européias, a ditar os pregões do mercado internacional, sem se importarem com aqueles que viviam ou morriam para gáudio de suas riquezas acumuladas por meios tão ilícitos.

Como ainda hoje, às populações que realmente produzem era vedado o benefício social. Foi quase tão somente a futilidade que consumiu as riquezas proporcionadas pelo ciclo da borracha. Pior que isto ainda era a mentalidade dos que se dedicaram à exploração do látex da seringueira. Desde o início, como nos dias atuais, não se tem idéia de um desenvolvimento ecologicamente sustentado e humanamente socializado. Ontem e hoje, quem aporta nos destinos amazônicos busca apossar-se das riquezas naturais sem a mínima preocupação para com a preservação dos recursos que a floresta proporciona aos seus nativos ou a quem aí se instale.

A seringueira não foi cultivada racionalmente. Tiravam-lhe a seiva, sangravam-na, até

esvair-se e morrer, em apenas um ou dois dias. É oportuno afiançar: floresceu na Amazônia a cultura da devastação. É no entanto preciso ponderar que, com o decorrer do tempo, os mais humildes, conscientes de que somente a floresta poderia patrocinar-lhes a sobrevivência, passaram a preocupar-se com a preservação das matas; projeto este que, de pronto, contou com a não aprovação dos mais ricos e com o descaso governamental, isto porque era plano de pessoas de somenos ou nenhuma importância no contexto das relações de produção... E esta tomada de posição divergente gerou muitos conflitos, muita apropriação indébita de bens dos seringueiros, muitos assassinatos impunes...

Mas o seringueiro amazônico, hoje, busca fazer germinar e preservar além de castanheiras e seringueiras algo de grande relevância: o seu espaço enquanto cidadão, agente das suas próprias transformações históricas. Para Zeno Marco DAL CORSO (1995: 13), *“na luta popular, além do aspecto político, sobressai o aspecto social: é uma luta para conquistar o direito à cidadania e constituir-se como sujeito social”*. Mas tais batalhas são travadas na calada úmida da floresta, por isto a cultura do silêncio se faz presente, o que é muito próprio dos excluídos. Os poderosos não conseguem dominar a imaginação.

“Na realidade, fora do alcance da racionalidade moderna, existiam outros locus de resistência dos seringueiros e extrativistas, como quando os moradores da floresta escolhiam o nome da própria colocação. Era um verdadeiro ‘batismo’ que registrava ora o sentimento de esperança (Paraíso, Bom Futuro, Vida Nova, Livramento eram os nomes de algumas colocações), ora a experiência do desespero (Oco do Mundo, Ilusão, Desengano, Bagaço, Revolta, etc.), ora a vivência da saudade (Fortaleza, Olinda, Ceará, Sertão, Quixadá, etc.).” (DAL CORSO, Op. cit.: 92)

A humildade do silêncio, no fundo, clama contra um estado de coisas desagradável ao seringueiro. Segundo Pedro Vicente COSTA SOBRINHO (1992: 15), os romancistas que escreveram sobre a epopéia da borracha trataram, sim, de um trabalhador simples e muitas vezes servil, porém nunca inconsciente da sua má situação.

É exatamente esse homem marcado que busca sobrevivência num meio hostil e desconhecido como a Amazônia. Esse é o migrante sertanejo rude e simples que traz consigo uma cultura tal qual ele. O Cordel aportado no Acre traz a marca da simplicidade do homem do sertão, jamais sujeito a normas ditas oficiais que comprimam seu fazer literário. É esta literatura dos mais humildes que aborda suas verdades tão contundentes e que não deve ser

ouvida ou lida por povos ditos mais civilizados, que é tida como arremedo literário, sub-literatura, coisa de gente desclassificada.

Há cânones que buscam legitimar aquilo que doravante denominarei *literatura das elites*. Pressupostos teóricos dificilmente seriam adaptados às manifestações populares, posto que aqueles que as praticam nem sempre são providos da cultura formal. Gente do povo exprimindo sua sabedoria, dita popular, não vai atrás de teorias literárias que justifiquem suas obras. Mesmo porque pode-se até fazer uma análise literária de um texto, no entanto, a nenhum teórico é dado o dom de ensinar o poeta a *poetar*. Jerusa Pires FERREIRA (1993: 53-4) entende que *“preside a estes fenômenos a sabedoria do poeta popular que condiciona sempre a imperativos aquilo que ele pretende que seja o alcance de sua mensagem junto a um público”*. Muito mais importante na Cantoria - como preferem alguns - é que as pessoas alvo entendam aquilo que o poeta quer levar a público. Vale mais o teor didático, nem sempre consciente, que as regras que poderiam policiar o fazer artístico. Jerusa Pires FERREIRA vai mais além e pontua: *“Drummond disse mesmo: oxalá os poetas da cidade conseguissem o que conseguem os poetas do campo”*. (Idem: 48-9) Em verdade, o homem do campo lê apenas aquilo que lhe agrada, sem imagens ou linguagens rebuscadas, metaforizadas. Já Márcia ABREU (1993: 144) observa que *“há um interesse popular pela leitura (...) não erudita. Numa investigação dos folhetos de cordel nordestinos”*, nota-se que os folhetos de autores populares encontram público entre pessoas *“da mesma condição social”*. Os mais humildes, membros das classes *ditas inferiores*, lêem o que lhes agrada, o mais simples.

Há os que dizem que o povo não lê; o povo lê, sim. E o que é de grande importância é o interesse que o exercício ou a leitura do Cordel despertam entre as pessoas mais simples. O poeta Manoel Vieira do Paraíso deixou a seguinte trova:

*“Se eu fosse bem aprendido
nos meus estudos firmado,
sem precisar chaleirismo
estava bem arrumado,
pois dá o seu a seu dono
é por direito obrigado”.*
(ABREU, Op.cit.: 145)

Conviria, então, adaptar uma tendência, uma mensagem e uma forma antigas, simples, vindas do Nordeste, à realidade do Acre, que hoje já chega a possuir um grande número de seringueiros em plena fase de conscientização e politização. Cabe tornar evidente que, um pouco ao contrário do Nordeste, a poesia popular no Acre tem um tom mais *didático-politizador*, que quer buscar, inclusive em escolas não-formais, aguçar o senso crítico dos trabalhadores, principalmente do campo. É exatamente o que podemos verificar nos depoimentos colhidos de poetas populares, professores, articulistas e outros estudiosos, em cinco cidades e vilarejos equidistantes no Estado do Acre, como é o caso do município de Epitaciolândia, fronteira da Bolívia, e a comunidade de Paraná-Pentecostes, no sopé dos Andes, fronteira do Peru, extremo oeste do Brasil.

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha², professor pós-graduado em Ciências Sociais, é coordenador da equipe pedagógica do Centro dos Trabalhadores da Amazônia, o CTA, no Acre; uma organização não-governamental criadora e mantenedora do Projeto Seringueiro que, através da *Cartilha do Seringueiro*, usa a Literatura de Cordel como instrumento didático em suas escolas nas mais longínquas localidades dos seringais acreanos. Sobre o assunto, afirma:

“A gente percebe nesse processo nosso de educação escrita que uma grande motivação é o Cordel (...). O processo do cordel é muito dinâmico para as pessoas dizerem as coisas e também das pessoas ouvirem(...). O Cordel é assim meio fantástico e fabuloso no processo de ensino e aprendizagem (...). É preciso ter uma motivação, e uma das motivações é exatamente o Cordel.”

Segundo Manoel Estébio, *“em Xapuri, tem muita gente que faz isso: o Sabá Gomes, o Enágio que era professor nosso, o Ademir que é da nossa equipe de educação, o Jorge Rôxo, também da nossa equipe de educação...”* O poeta Marcos Fernando Silva³ afirma a existência de textos em Cordel no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia que *“falam sobre a substituição da posse da terra, da troca do homem pela vaca, do processo de devastação da Amazônia... E as pessoas que escrevem são acreanas, sim”*. Por dois exemplos, observa-se que no Acre há, num caso, um cordel que denomino pedagógico, e noutro um cordel político-social. Nota-se então que existe uma diferença entre o Cordel praticado no Nordeste e o

² Manoel Estébio Cavalcante da Cunha é coordenador pedagógico do Projeto Seringueiro.

³ Marcos Fernando Silva, poeta da cidade de Brasiléia, cursa História a nível de graduação na UFAC.

praticado no Acre. A forma é a mesma, mas o conteúdo do Cordel acreano é acentuadamente engajado.

A Literatura de Cordel está presente nas feiras e arrabaldes dos vilarejos mais pobres, das comunidades mais esquecidas, nos rincões mais afastados. O artista tem consciência do valor poético-social daquilo que escreve, seja na *caatinga* do Nordeste, seja na mata amazônica, seja nos logradouros das grandes cidades do Brasil. E persiste a simplicidade de forma e conteúdo em qualquer ocasião em que o Cordel se fizer presente.

Ivan Cavalcanti PROENÇA (1977: 40-1) afiança que

“... o processo de comunicação autor/leitor se estabelece de modo fácil; a partir mesmo do tema (popularíssimo, sua gente, seus costumes e ‘causos’). Só é popular o que o povo aceita e torna seu, ‘as mãos são do artista, mas a arte é do povo’, como quer Franz Boas. A Literatura de Cordel é caso especialíssimo de literatura...”

Com relação à exigida legitimidade literária do Cordel, é ilustrativo o que deixou Sílvio ROMERO (1977: 32) em fins do século passado: *“Nós possuímos uma poesia popular especificamente brasileira, que, se não se presta a bordaduras de sublimidades dos românticos, tem contudo enorme interesse para a ciência”*.

É esta a expressão artística popular, discriminada pelas elites, hoje muito mais que antes, que começa a chegar ao Acre, em meados do século passado para, no novo *locus*, perpetuar tradição. É a manifestação cultural da simplicidade em que, segundo Márcia ABREU (1994: 29),

“... pessoas analfabetas compram folhetos para serem lidos, em voz alta, por algum conhecido. Esta prática, bastante comum, é retratada em um folheto de Manuel Duarte: ‘Quem não lê e não escreve/ da vida pouco desfruta/ porém compre um livro desse/ pede pra ler, escuta/ e ouve um pouco de tudo/ da poesia matuta’...”

As poucas pessoas que aprendem, lêem “*de carreirinha*”, como se fosse “*cantado*”. DIÉGUES JÚNIOR (1973: 15) evidencia que “*como a ausência da escrita era grande, e como o analfabetismo, ainda maior, os que sabiam ler formavam os círculos que divulgavam essa literatura*”. E mais adiante, o autor observa que

“... no Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da Literatura de Cordel (...). A própria vida familiar contribuiu para o ‘serão’, a reunião noturna em família. Em torno de um candeeiro, depois do jantar, na sala-de-visitas - fosse um engenho, uma fazenda, um sítio, não raro também uma casa de cidade - reuniam-se os membros da família. A falta de eletricidade fazia do candeeiro o ponto de convergência dos familiares: pais, filhos, irmãos, primos, etc. E a leitura de novelas, de histórias, de poesias, se tornava o motivo do encontro familiar. O alfabetizado da família era o leitor. E assim a história se divulgava.”

São traços culturais esses que, paulatinamente, foram sendo absorvidos pelos sertanejos nordestinos extraditados rumo ao Acre e à Amazônia para viver ou morrer.

A marca de oralidade na composição do Cordel é que vai emprestar-lhe uma característica toda especial: o ritmo e a métrica precisos ensinam aos ouvintes ou leitores uma rápida compreensão e apreensão da mensagem que está sendo veiculada. Ainda com relação à oralidade na Literatura de Cordel, convém ressaltar que não me é oportuno aqui fazer digressões minuciosas nesta direção; não trato do *oral* neste trabalho porque trato, antes de mais nada, de processos de alfabetização, o que implica, *de per se*, já um código escrito, o que não desmerece ou secundariza a grande tradição da oralidade.

Mas os folhetos de Cordel não ficavam - como não ficam - guardados depois de lidos. Para Márcia ABREU (1994: 29), *“cada um desses folhetos não é lido apenas por quem o adquire, mas circula por muitas mãos, o que multiplica grandemente o número de receptores desses textos”*. A verdade é que, segundo um padrão comportamental bem próprio dos mais humildes, muitos emprestam a muitos, daí a grande popularidade das manifestações enraizadas na cultura do povo.

É defensável, então, a tese segundo a qual a Literatura de Cordel, principalmente no Acre, em meio a seringueiros em vias de politização, pode ser poderosa arma panfletária nas mãos de quem não tem nenhuma. Afinal de contas, busco meios de viabilizar a divulgação de uma manifestação cultural que alfabetize, instrua e conscientize. De realidade em realidade, no Acre, o Cordel chega já a ser uma via que poderá possibilitar, enquanto manifestação dos excluídos, algo mais que não a eterna submissão. O poeta seringueiro, intelectual do povo, sofre na floresta tal qual seus companheiros. Mas ele dispõe do tino e do lápis para, de alguma forma, reivindicar o que não lhe é apropriado. Assim, a Literatura de Cordel e a realidade dos povos da floresta vinculam-se para o bem do todo social. Literatura e realidade são fatores inseparáveis.

Em vista do que até aqui foi tratado, há que se buscar um certo amparo teórico para a questão da legitimidade da Literatura de Cordel. O poder das classes dominantes, com certeza, tem reprimido manifestações culturais deste nível, principalmente pelo fato de elas virem sempre eivadas de uma certa mensagem incentivadora dos movimentos sociais e das lutas de classe, como no caso da produção cordelista levada a efeito no Acre. Tom BOTTOMORE (1983: 215-6) faz as seguintes ponderações:

"O marxismo vê a crítica literária pelo viés do conteúdo da obra a ser difundido de modo a - 'pela representação da realidade' - 'compreender acontecimentos da vida social e sua representação literária como históricos e mutáveis'. E aconselha: é preciso proceder a uma vigorosa crítica social. (...) O pensamento literário marxista orienta-se, necessariamente, para os valores que atingem a produção e recepção literárias, a partir da classe social. (...) São necessárias, em Literatura, 'as afirmações explícitas de opiniões políticas (mais ou menos relacionáveis com as filiações de classe)'. (...) Engels escreveu a Margaret Harkness: 'o realismo, para mim, implica, além da verdade do detalhe, a apresentação verdadeira de personagens típicos em circunstâncias típicas. (...) Bahro ressaltou 'o poder emancipador e humanizador de toda arte'. Porque o artista, o escritor, é um co-explorador da problemática da alienação e da desalienação, e o valor estético (literário) está entre os mais tangíveis valores desalienantes conferidos à esfera pública."

É preciso considerar então que os valores da produção literária capitalista ocultam muitas questões dentre as quais se destacam as da consciência de classe, ou as do bem-estar coletivo - históricas e mutáveis - tomadas em segundo plano como aparato ideológico que busca esvaecer a realidade. Depois, a exemplo do Cordel praticado no Acre, convém que os valores transmitidos revistam-se de um cunho didático crítico, que retrate as diferenças e aponte caminhos para a paulatina conquista dos espaços verificados entre possuidores e despossuídos. Em seguida, é oportuno considerar que o que vem ocorrendo com a produção cordelista acreana retrata a realidade, ou seja: a história do povo é contada por e sobre personagens amazônicos em sua situação real.

Importa, assim, enfatizar que a Literatura de Cordel, pelo menos no Acre, luta contra a desalienação; por isto propugna uma *educação-politização* por via da poesia popular. Assim, segundo a ótica do materialismo histórico, o Cordel é legítima literatura porque luta contra a alienação e o fetiche.

3.2. A Cultura Nordestina Transplantada para a Amazônia

As manifestações populares de nordestinos e amazônicos podem não ser legitimadas pelos círculos intelectuais, podem não possuir o *estatuto* literário a que se referem alguns, mas existem e até são preservadas desde há muito.

No rastro de desbravadores anônimos seguiu o Cordel da aridez do Nordeste brasileiro em direção à imensidão amazônica.

*Maria nasceu no Ceará
Na capital Fortaleza
Um dia sem esperar
Teve uma grande tristeza
Seu pai disse vou pro Acre
De voltar não tenho certeza.* (Maria P. de SOUZA, 1996: 3)

A Literatura de Cordel foi assim designada ainda nos seus primórdios, em Portugal. Tal denominação, segundo Márcia ABREU (Op. cit.: 242), prende-se “ao fato de os folhetos serem expostos ao público pendurados em cordéis ou (...) ‘a cavalo num barbante’.” Mais ilustrativo no entanto é o comentário de Cardoso Marta:

“Quem durante o século XVIII, e mesmo no apontar do XIX, percorresse algumas das ruas e praças da baixa Lisboa, veria num que noutro esconso de velho casario medievo ou seiscentista, que a mão de um progresso muitas vezes mal entendido esboroou, um homem de capote saragoça sem forro, calções remendosos a cair sobre a meia esgarçada, sorvido de faces, barba descuidada e raras farripas grisalhas espreitando sob o chapéu em bico de candeia. Servia-lhe de escabelo uma rima de carpatácios, velhos in-fólios carunchosos, maços de papéis amassados, brevíários; e, parede arriba, bifurcando-se em cordéis paralelos, folhetos de todo o feitio e assunto: autos e entremezes, relações de naufrágios, batalhas e monstros aparecidos, milagres, vidas de santos, novelas de cavalaria, livros de astrologia, de São Cipriano, de feitiçarias, estamentos, palestras de vizinhas, casos prodigiosos, castigos do

céu, relações de festas e touradas... Este homem é o papelista, e esta vasta literatura, aquela que nós hoje alcunhamos cordel.” (Apud ABREU, Op. cit.: 243)

Séculos de transformações e deslocamentos vários fizeram com que a Literatura de Cordel chegasse ao Brasil. Foi no Nordeste, todavia, que a *nova* forma poética encontrou terreno propício ao seu desenvolvimento. Para Diégues Júnior,

“... os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas, ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população. Antes que o jornal se espalhasse, a literatura de cordel era a fonte de informação; assinala Teófilo Braga que justamente quando começa a disseminar-se o jornal, a literatura de cordel decai. Isto em Portugal. No Brasil, apesar do jornal, ela continuou em pleno esplendor, talvez só ameaçado em nossos dias com a difusão do rádio transistor e da televisão. (...) Pode-se dizer também que este tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, a ele ligando-se, pois apresenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve. A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; veio-nos com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam esses romances a ser divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens...” (Apud PROENÇA, Op. cit.: 28)

Assim, partindo dos contos e narrativas populares, retransmitidos de geração a geração, de aldeia a aldeia, de povo a povo, que surgiu a Literatura de Cordel. No Brasil, os relatos de aventura e de amor também passaram a ser retratados pela mesma via. Foi assim que aqui surgiram os primeiros folhetos, como *A princesa Magalona*, *A história da donzela Teodora*, *Roberto do Diabo*, *Imperatriz Porcina*, *João de Calais*, *Corcovados de Setúbal*, *Carlos Magno*, *Pelle de burro*, *A virtuosa D. Francisca do Algarve*, etc.

Há de se observar, contudo, que, no Nordeste brasileiro, proliferou uma espécie de poesia noticiosa a constituir-se, rapidamente, num dos veios mais abundantes, em vista do gosto das pessoas pela notícia versegada. Conforme muito bem lembra Renato Carneiro de CAMPOS (1977: 39), *“a literatura popular nordestina é jornalismo paralelo”*. A popularidade é também explicada por uma outra vertente: a narrativa em prosa tem seus encantos, mas o verso ritmado e bem metrificado cai com exatidão no gosto dos apreciadores da poesia popular. Muito convém lembrar, todavia, que, acerca da forma e do conteúdo do cordel, será feita uma

abordagem mais minudente em páginas que virão.

Numa retomada aos pressupostos do materialismo dialético, no tocante à legitimidade literária do Cordel, é conveniente acrescentar que

“... o prático, a denúncia do social, o universo imediato do poeta vencem os índices fantastizantes (...). O poeta nordestino suprime, de modo geral, o contingente maravilhoso; parece ser necessário sempre o concreto, a proximidade ao mundo vivido para que esta mensagem desempenhe uma função ativa junto ao público leitor ou ouvinte, nos limites deste universo.” (FERREIRA, Op. cit.: 32)

Ou seja: a marca da narrativa fantasiosa foi-se perdendo ao longo do tempo, o que da mesma maneira tem ocorrido às fábulas... que hoje praticamente inexistem. Nos dias atuais, conforme já evidenciado, a denúncia da realidade social sobrepôs-se ao aspecto pitoresco antes retratado na poesia popular. Importa, assim, remeter-nos aos versos musicados dos poetas Raimundo BORGES e João PARAIBANO (1995), ambos residentes no Ceará:

*“... o Nordeste tem perfil
controvertido, gemido,
terra sofrida desditada
por vários milhões de cristos
que produzem mas não comem
dão de si mas não são vistos.
O sul tem seus méritos vistos
catando e colhendo grãos
progride e gera divisa,
emprega, ajuda os irmãos,
faz intercâmbio com o mundo
levando o Brasil nas mãos.”*

Ou aos versos de Raimundo Nonato da Rocha⁴, o poeta acreano de Brasília:

*“Do sul, das terras paulistanas
partiram os ‘jacus’⁵ em revoada
em direção a terra acreana
tão rica, tão cobiçada.*

⁴ Raimundo Nonato da Rocha é poeta e ex-colaborador da Guerrilha do Araguaia. A poesia “Jacus”, os novos bandeirantes, (Literatura de Cordel), foi escrita em 1976.

⁵ Jacus são aves imigrantes que, segundo a lenda, se apossam dos bens dos que lhes dão guarida, numa analogia aos empresários do Centro-Sul (“paulistas”).

*Já encontraram o 'prato feito'
a conquista custou nada
os escolhidos levaram no peito
vencendo fácil a parada.
Hoje além das fronteiras
vivem centenas de exilados
que escaparam à 'bagaceira'⁶
mas ficaram deserdados."*

As trovas de Raimundo Borges e João Paraibano retomam a tragédia de milhões de nordestinos que partiram - ou partem - em busca de dias melhores. Os versos de Raimundo Nonato da Rocha retratam a chegada ao Acre dos empresários do Centro-sul a comprarem terras a preços simbólicos - ou a as usurparem -, expulsando quem antes nelas vivia, rumo à Bolívia e ao Peru.

Mas é importante citar alguns nomes e obras de poetas famosos no Norte-nordeste. O trabalho de Márcia Abreu registra alguns versos bem interessantes, em que os nomes dos grandes poetas do passado são lembrados.

*"Morreu Zé Duda do Zumbi
Francisco Romano, de Teixeira
Acabou-se Inácio da Catingueira
Urgulino e Nicandro em Sabugi
E Antonio Tomé do Trairi
O Cego Aderaldo e o Zé Pretinho
Não esqueço o grande Antonio Marinho
Zé Patrício e Silvino Pirauá
Manoel Marcelino em Quipapá
Pedra Azul, Minalanês e Canhotinho.*

*Não existe mais Josué Romano
Repentista de muita educação
Acabou-se Izidoro Gavião
Zé do Braço e Ulisses Baiano
Antonio da Cruz e morreu Manoel Caetano
Heleno Pinto também já se acabou
João Carneiro que sempre dominou
A cidade de Souza e Catolé
E o grande Alagoano Manoé.*

*Leopoldino de Mendonça Serrador
No Amazonas morreu Joaquim Jaqueira
Em Borborema acabou-se João Merquides*

⁶ Bagaceira (ficar na). Diz-se daquele que tinha alguma coisa e, de repente, nada tem porque lhe tomaram à força.

*No Recife morreu João Ataíde
Na Paraíba morreu Manoel Bandeira
No Ciri o assombro foi Nogueira
Em Araruna, Manoel Riachão
Em Natal, Manoel Preto Limão
Turbana e Ranchinho da Bahia
João Pedra Azul e Ventania
Germano da Lagoa e Mufumbão.*

Com relação às obras ditas ‘clássicas’, a mesma autora aponta como sendo mais importantes as seguintes, segundo opiniões, às vezes divergentes, de editores, críticos e poetas.

“O que se pode saber com segurança é que histórias como Alonso e Marina, O Boi Misterioso, João da Cruz, Rosa e Lino Alencar, O Príncipe e a Fada, Órfã Abandonada, A Escrava Isaura, Pierre e Magalona, Roldão no Leão de Ouro, Amor e Firmeza, João Soldado, A História de Esmeraldina, Zezinho e Mariquinha, Capitão do Navio, Prisão de Oliveiros, Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, Branca Rosa, Juvenal e o Dragão, O Pavão Misterioso, O Valente Zé Garcia, Martírios de Genoveva, O Cachorro dos Mortos, A Donzela Teodora, Imperador Carlos Magno, Princesa da Pedra Fina, Carlos e Adalgiza, Sofrimentos de Alzira, D. Genevra, Princesa Rosa, Barba Azul, A Bela Adormecida no Bosque, Imperatriz Porcina, tendo sido escritas entre fins do século passado e 1930, vêm sendo reeditadas até anos recentes - pelo simples motivo de que ainda é possível encontrá-las à venda. Estes romances geraram outras tantas histórias com os mesmos temas, situações, conflitos.” (Op. cit.: 215)

Vale acrescentar que, mesmo na Amazônia, estes eixos temáticos ainda hoje continuam sendo explorados, basta que o anônimo poeta se sensibilize com uma situação de paixão ou ódio, em especial, e da sua pena começam a jorrar valentia, desilusão, tragédia, vingança, bem ao gosto da cultura popular do Norte-nordeste. De modo algum, as questões referentes ao possível e verificável plágio são consideradas. O folheto *O Cachorro dos Mortos*, por exemplo, foi escrito por mais de um autor, em épocas diferentes e, é claro, seguindo o mesmo tema (conteúdo), mas divergindo na composição (forma).

A formação do versejador do Cordel não obedece regras ou preceitos. O poeta acreano Marcos Fernando Silva, por exemplo, em entrevista, disse-me ter aprendido a fazer versos “lendo o ‘clássico’ (do Cordel) Manoel D’Almeida Filho⁷, o que me influenciou muito”. Já Raimundo Lacerda⁸ aponta “aquela coisa de vizinho que vai na sexta-feira na casa do

⁷ Entrevista cedida em 20 de novembro de 1995.

⁸ Raimundo Lacerda é poeta e radialista nascido em Pernambuco e radicado em Brasília.

compadre fulano de tal... Ai rola vaquejada, martelo agalopado...” No caso de Raimundo Nonato da Rocha⁹, é enfatizado o fato de o poeta notar “*que tinha muito interesse porque aprendia a ler melhor*”. Zé da Silva¹⁰ frisa a questão do dom e acrescenta que “*quando eu cheguei no Nordeste, assisti aos violeiros...*” Entretanto, a superior maioria dos que prestaram informações é composta de autodidatas, que aprenderam a compor o Cordel ouvindo o que e como os outros faziam, “*praticando, exercitando em casa*” e, às vezes, pedindo alguma explicação aos mais versados na arte da poesia popular. Sobre a questão do autodidatismo, para Márcia ABREU (Op. cit.: 35), “*sua formação para contador ou para autor de folhetos muitas vezes passa pela leitura de alguns livros, (...) alguns romances eruditos, além da indispensável leitura de folhetos de cordel*”.

Mesmo os alfabetizados têm sérios problemas quando da composição dos seus versos segundo os padrões da norma escrita. Muitos há, no entanto, que compõem e não sabem ler ou escrever, como é o caso do poeta de Xapuri, Sebastião Rodrigues da Silva (II), de quem tenho alguns poemas porque um colaborador fez-nos a gentileza de os gravar em cassete e transcrever em papel. Um informante, Admir Garcia, de Mogi Guaçu (SP), disse-me que, na cidade de Areias, Paraíba, ainda vive um tio seu, “*ai pelos oitenta anos*”, de nome Cipriano Garcia de Souza que, de início, pedia para que o livreiro, em voz alta, lesse-lhe um folheto, ao que ele atentamente ouvia e memorizava. Aí, então, comprava todo o lote de folhetos e, para vender, saía recitando a história integralmente, com o folheto aberto na mão como se soubesse ler.

Os processos e a capacidade de memorização do cordelista é algo impressionante, mesmo levando-se em conta que há muito exercício de fixação por parte da maioria. Exemplos como os que foram apresentados acima dão a idéia das dimensões e possibilidades da inteligência do poeta, em muitos dos casos com pouca ou nenhuma instrução. Entretanto, convém observar o que Jerusa Pires FERREIRA (Op. cit.: 24-5) evidencia.

“Diante da decantada oralidade, ao tratar do processo de criação do folheto haveria um convite a que se acreditasse na espantosa memória, na incomparável retentiva do sertanejo, tão mencionada. O que ocorre, no entanto, é que, sem negar esta afirmação, observa-se uma grande sujeição a um texto escrito, o da já apontada matriz.”

⁹ Entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

¹⁰ José da Silva é poeta e estudante do Curso de História da UFAC nascido no Paraná e criado no Ceará.

O poeta sertanejo é, no mínimo, um persistente, uma vez que não dispõe de recursos para elaborar ou divulgar sua arte. Há, deste modo, matrizes temáticas que ajudam na elaboração do trabalho de versejar. Em muitos dos casos, por trás do recitar do poeta, está uma fonte da qual ele parte e na qual toma base para os desenvolvimentos posteriores. O poeta recorre a *“antigos veios expressivos sedimentados e mais de acordo; daí para a mnemônica maneira versificada de exprimir e atingir a mais imediata e acessível persuasão, com auxílio de ritmo e rima...”* (Op. cit.: 29). Usam-se processos e meios artificiais auxiliares (mnemônicos) para o desenvolvimento e fortalecimento da memória, mesmo nas regiões mais distantes e por poetas de menos qualidade.

De um século ao outro, a cultura nordestina subiu os altos rios, seguiu mata adentro e foi sendo paulatinamente transplantada para a Amazônia. Como toda ação de pioneiros, os que vão ou chegam levam ou trazem consigo muitos dos seus costumes, do seu *modus vivendi*. No caso em análise não ocorreu o contrário. As palavras de Ignez AYALA (1987: 228) dão o tom da diáspora mestiça.

“Espalhados pelo Brasil afora, construindo Brasília e as grandes estradas de rodagem, desbravando a Amazônia, (...) os nordestinos vieram sempre acompanhados por seus cantadores, e a própria cantoria nordestina hoje em dia traz a marca destas vivências nos quatro cantos do país.”

E mais adiante.

“Atualmente a cantoria não é encontrada apenas na região nordeste, mas em vários Estados brasileiros. A migração de nordestinos foi intensa (...) para os seringais da Amazônia. (...) No que diz respeito à poesia popular, o processo migratório possibilitou a ruptura dos limites geográficos e o surgimento de novos contextos para a atuação dos poetas.”

Aonde quer que vá, o sertanejo se faz acompanhar do elemento cultural que mais o tem identificado por anos a fio, a Cantoria. Assim o faz ao migrar para o Centro-sul, nos dias atuais. Assim o fez ao ser tangido pela seca rumo às incertezas amazônicas. As fronteiras foram ultrapassadas, mas o Cordel foi muito bem adaptado às novas realidades.

Joseph LUYTEN (1984: 11), referindo-se ao êxodo nordestino rumo à Amazônia, a partir do século passado, deixa claro que *“hoje temos expressão poética regional nordestina*

em todas essas regiões”. Do Nordeste, no sentido sul ou no sentido norte, há uma poesia popular brasileira e não mais apenas nordestina. Argumento este perfeitamente apoiado por Mark CURRAN (1973: 16) que vai um pouco mais às minúcias e pontua que

“... a Literatura de Cordel é impressa nas lojas pequenas ou casas pobres dos poetas que vivem no interior. É vendida nas feiras, nas mesmas lojas onde se imprime e nas pequenas barracas de livros no Nordeste e no Norte do Brasil. (...) Os poetas estão espalhados pelo Nordeste inteiro e as migrações de sertanejos têm levado muitos tão longe como ao Rio e São Paulo, no Sul; Brasília, Goiás e Mato Grosso, no Centro e no Oeste; Belém e Manaus, no Norte...”

Como fica claro, para o Cordel, há muito tempo, obstáculos a serem transpostos deixaram de significar problema.

3.3. O Nordeste Brasileiro na Linguagem da Poesia Popular

Um dos traços característicos do povo nordestino sempre foi a espontaneidade e a comunicabilidade a ele inerentes; aspectos estes naturalmente herdados por seus descendentes nascidos nos destierros da Amazônia ou do Centro-sul. A fluidez na comunicação e o espírito jocoso fazem do homem do Nordeste um constante candidato aos elevados patamares do meio artístico nacional dos dias atuais. Em outras palavras: aonde quer que o sertanejo vá, levará sempre consigo a humildade das suas trovas e dos seus gracejos nem sempre tão ingênuos.

Este poder de verbalização está implícito no Cordel escrito e explícito na sua oralidade subjacente. Para Vicente Cerqueira¹¹, trata-se de um linguajar

“... inteligível para as pessoas do meio social; eles compreendem. A parte de informação é também muito grande, as pessoas prestam mais atenção pela própria estrutura musicada, rimada, o que facilita a retenção daquela informação.”

Aí está já o benefício pedagógico a ser melhor tratado no decorrer deste trabalho. Se o Cordel prende a atenção do leitor ou espectador, há já, aí, um imenso veio didático a ser seguido. Ademais, há a preferência do público pela forma versejada, em detrimento do texto proseado.

Segundo o cordelista Manoel D’Almeida Filho, em entrevista a Mauro Barbosa, o sertanejo nordestino é avesso aos textos em prosa e não gosta da leitura de jornais. *“Ele não entende porque está acostumado a ler rimado, versado. Aquela notícia (do jornal) não é boa para ele; o folheto sim, porque o folheto ele lê cantando”* (Apud ABREU, 1933: 33) Torna-se fácil observar então que é exatamente esta comunicabilidade do texto em verso que aqui deve

¹¹ Vicente Cruz Cerqueira é professor da Universidade Federal do Acre, pós-graduado em Linguística, a nível de Doutorado, pela UNICAMP.

ser levada em consideração. É este fácil entendimento da mensagem traduzida pela Cantoria que convém ser aqui estudado, posto que os simples gostam das coisas mais simples, como eles próprios o são. Não é levado em consideração o fato do jornalista, ou do prosador, e o verzejador de cordel, publicarem matérias semelhantes, uma vez que a acessibilidade e a decodificação só virão se amparadas por textos em verso. São os versos bem metrificados que dão o tom da comunicabilidade própria do sertanejo.

*“De volta trouxe o vigário
Mais o juiz de direito
Na capela da aldeia
Seu casamento foi feito
Dentro do maior prazer
Da paz, conforto e respeito”.*

Ainda com relação à comunicabilidade dos versos de Cordel, é conveniente ressaltar as considerações de Jerusa Pires FERREIRA (1993 : 26), para quem

“... um texto em prosa, (...) uma vez transposto o seu conteúdo para a expressão versificada, ocorrerá a tendência sintetizante, que faz do verso a expressão que se quer mais direta, portadora de maior força, próprios recursos rítmicos, e conseqüentemente mnemônicos, andamentos acentuados, que levam a maior índice de intensidade comunicativa e incisiva.”

Os principais *artefatos* de que se lança mão é a mnemônica (técnica de desenvolver e fortalecer a memória mediante processos artificiais auxiliares), associada a essa “tendência sintetizante”, facilitadora, simplificadora, contrária ao modo intelectualizado e digressivo de escrever textos minudentes. O poeta, partindo deste princípio, calcado na simplicidade vocabular, consegue atingir o mais rápido e fácil entendimento por parte de quem o ouve ou o lê, o que não seria possível sem a ajuda das possibilidades da rítmica e da rima, aliadas à memorização mnemônica de particularidades lingüísticas e semânticas (terminações verbais e nominais, afixos, nomes de cidades...), enquanto projeto de comunicabilidade, que o levam aos finais de rimas sem titubeios, para o sucesso do poeta e da poesia. Eis então porque os apreciadores atestam o fácil entendimento das mensagens veiculadas pelo Cordel. Resta indagar, então: por que setores da academia questionam o Cordel enquanto literatura legítima?

Indo ter novamente nos pressupostos do materialismo histórico, pode-se asseverar que

se trata de legítima literatura, pois o poeta popular é a voz do povo que quer falar e ser ouvida.

PASTA JÚNIOR (1992: 62) entende que

“... o cordel está fora dos padrões clássicos da tipificação literária e, segundo os intelectuais esnobes (burgueses de academia), o cordel não é mensurável segundo uma tradição mumificada da literatura dos ricos; por isso não é literatura... Mas Guimarães Rosa é, Suassuna é... Por quê?”

Ora, segundo a visão burguesa dos conceitos (e pré-conceitos) de literatura, a legitimidade literária é conferida à produção artística oriunda das classes abastadas. Por isto os escritos do médico e fazendeiro Guimarães Rosa constituem literatura; o mesmo ocorrendo com o dramaturgo *televisivo* Ariano Suassuna e o político José Sarney. Assim, os burgueses julgarão o que é literatura legítima para eles, segundo os padrões deles e a utilidade ideologizante que dela esperam. Ao povo simples caberá estabelecer ou não preceitos para as suas manifestações culturais, ou buscar retirar da Literatura de Cordel, por exemplo, alguma forma de conscientização e politização, o que não é tão problemático conforme se tem observado.

Justificativa contundente e que caminha por uma direção quase semelhante é a de Joseph LUYTEN (1984: 42):

“Devemos ter em mente que a literatura de cordel é igual a qualquer outra, isto é, tem autores. Esses autores podem ter preferências por algum tema mas, neste caso, serão eles e não a literatura de cordel que devem ser estudados por temas. (...) É lógico que o escritor de folhetos, por ser de origem popular, tenderá a escrever seus poemas para o seu meio adequado - o povo. Neste aspecto, ele vai tratar dos assuntos todos sob o ponto de vista comum a seu meio.”

Assim sendo, cabe ao escritor erudito escrever para o seu público sob uma linguagem densa, ao gosto dos seus apreciadores. No que diferirá completamente do poeta popular. A este cabe escrever para um público sem maiores exigências, mas ávido por informações que, se claras e concisas, tornar-se-ão extremamente úteis quanto bem aproveitadas, e terão rápida acolhida junto à gente simples dos arrabaldes da história brasileira, que comporta não apenas poetas, mas outros artistas a labutarem nas pegadas do Cordel.

Por isto é preciso fazer uma menção justa à obra de artistas plásticos que, por intermédio da xilogravura, conseguem ilustrar os folhetos de Cordel de forma a torná-los mais

apreciados junto aos seus leitores. Arlindo Pinto de Souza, da Editora Luzeiro, de São Paulo, especializada em folhetos de Cordel, asseverou que “*depois que passamos a publicar cordel com capas coloridas, houve um aumento das vendas. Eu julgo que o leitor sente a publicação mais valorizada*” (Apud FERREIRA, 1995: 29). O que o ilustrador faz é criar, à margem do Cordel, algo que possa dar uma imagem do episódio narrado para um melhor entendimento. A capa do fascículo, então, é o que mais chama a atenção do leitor-comprador por sua associação à mensagem e pela qualidade artística que lhe é inerente, chegando hoje, inclusive, a ser comercializada independente do folheto. Conforme Joseph LUYTEN (Idem: 51), “*atualmente, a gravura de cordel já é sinônimo de arte popular legitimamente brasileira*”. Mesmo no concurso de repentistas realizado em São Paulo (julho de 97), estava lá em exposição e à venda as xilogravuras de Valdeck de Garanhuns.

Acerca da difusão da arte dos cordelistas, o já aludido torneio de repentistas nordestinos, cuja final, em julho de 97, teve lugar no Memorial da América Latina, em São Paulo capital, atesta um pouco das possibilidades de divulgação da Cantoria nordestina. O apoio do telenovelistas Benedito Rui Barbosa, do ator Antônio Carlos Nóbrega e do violonista Paulo Vanzolini dá a entender que, depois de uma época de pouca propagação, o Cordel revive bom momento agora já com o beneplácito de um grande veículo de *mass media*, o jornal paulistano Diário Popular. Houve, no entanto, épocas em que tão somente o rádio prestava algum apoio à obra dos poetas de Cordel. Mas épocas vieram em que até mesmo este veículo deixou de prestigiar a poesia dos mais simples, em vista da proibição dos organismos repressores do Estado *dito* democrático. Segundo Ignez AYALA (1987: 63), os cantadores Zé Luiz e Zé Ferreira, de início, conseguiram quinze minutos, às quintas-feiras, numa rádio paulistana. Com uma semana, a audiência da rádio aumentara e os programas passaram a ser de meia hora e diários. “*Os cantadores do Brás e seus colegas do Nordeste, que estavam a passeio, passaram a se apresentar (no programa) No pé da cajarana*”. Mas veio a repressão policial paulista e uma atividade cultural tipicamente nordestina foi perseguida e proibida, num atestado sintomático de discriminação sócio-racial.

É esta arte, às vezes segregada, às vezes esquecida, que cumpre-nos analisar, de maneira isenta, em sua forma e em seu conteúdo.

Por **forma** entende-se uma maneira, um modo, um jeito de fazer ou elaborar alguma coisa. Entende-se um tipo determinado sob cujo modelo se faz algo. Em suma, é maneira pela

qual, ao nível da literatura, os meios de expressão se organizam, se arrumam, em função de um efeito artístico. No caso da Literatura de Cordel, há toda uma gama de particularidades que tornam tal *gênero* singular. O que de mais geral se pode afirmar é que há uma certa exigência quanto a elaboração de frases na ordem direta, sem figuras de linguagem ou ornamentações estilísticas (ABREU, Op. cit.: 31). Isto é: dificilmente colocar-se-á o verbo antes do sujeito que o articula; ou, por outro lado, as palavras virão sempre em sentido denotativo exato, sem conotações metafóricas que desvirtuem a mensagem precisa que o poeta busca para a boa assimilação de seu público nem sempre instruído.

Com relação à forma poética, é importante evidenciar que os versos têm que ter métrica rígida com o mesmo número de sílabas - geralmente sete ou dez; e as estrofes também devem ter o mesmo número de versos - dez ou seis são os mais comuns. Também há diversas normas para o ato de versejar na Literatura de Cordel. As regras a serem seguidas são em número tão diverso que algumas modalidades, como o *martelo agalopado*, são quase impossíveis de serem seguidas sem vacilações. Eis alguns trechos de um *martelo agalopado* cantado em *peleja* histórica entre Cego Aderaldo e Jaca Mole, dois repentistas de grande tradição no Nordeste:

ADERALDO: “...Agora mudo de assunto,
 Para ver se tu és bom -
 Sustenta a nota no tom,
 Porque pesado é o conjunto!
 Se tu caíres te junto,
 É peso bruto sem tara!
 Sustenta de rijo a vara,
 Que é verso de boa rima:
 Não há quem cuspa pra cima,
 Que não lhe caia na cara! “

JACA MOLE: “Eu nunca errei cantoria,
 Sustento a nota segura -
 Quem é homem não faz jura,
 Quem jura não tem valia!
 Eu sustento à senhoria
 Garanto tudo o que fiz!
 É certo, o ditado diz,
 Nunca que pude isto errar:
 No copo que a boca entar
 Lá também entra o nariz!”

ADERALDO: *"Tudo o que digo sustento,
 Não tem quem faça eu negar -
 Nem você pode provar,
 Do contrário eu lhe arrebento!
 Esse seu podre instrumento
 Não vale pena de arara;
 O meu, sim, é pedra d'ara,
 É de aço até a prima -
 Não há quem cuspa pra cima
 Que não lhe caia na cara!"*

Importante é notar que a metrificação é precisa e, como é comum ao *martelo agalopado*, o mote (*leit motiv*) dos dois últimos versos deve ser seguido sem deslizos, em nome da vitória do mais competente.

Segundo Jerusa Pires FERREIRA (Op. cit.: 39), na elaboração do Cordel há um certo ajustamento entre a *"maneira de falar nordestina"* e certas expressões arcaicas, como é o caso da palavra *"desfeiteando"*, um arcaísmo conservado no léxico popular nordestino. *"Conserva-se esta seleção vocabular com base naquilo que o público entende, requer, aprecia e aceita"*. Em outros termos, é usada a linguagem que o leitor gosta. Do mesmo modo,

"quando se faz necessário colocar os personagens em cena, (o poeta) termina por dar um tratamento sertanejo ao diálogo, desenvolvendo um discurso perfeito em estrutura dialogada. (...) Mas, para além da estrutura dialogada, persiste a criação sob módulo sertanejo."

Assim é a criação cordelista, rica e diversa, *"num processo constante de reinvenção da linguagem"*. E o processo segue ritmado, dinâmico, exigindo muita habilidade. E, então, *"interfere o poeta modulizando regionalmente o relato: 'Creio que aquele danado / não é francês e nem mouro / tem o diabo no couro / ou é um ente encantado'."* (Op. cit.: 40) É o poeta falando a linguagem do seu público, tão simples quanto a sua arte.

Indo um pouco mais além, Jerusa Ferreira pontua que *"o cordel para ser perfeito tem que ter o que eles chamam de trava ou tranca"*. Quando o vendedor de Cordel está nas ruas recitando, forma-se em torno dele um círculo e, ao aproximar-se o clímax da narrativa - *"quando a mocinha está aflita"* - pára ele de falar sobre o protagonista e os antagonistas para falar no mocinho, o que gera grande expectativa. Para o editor Arlindo Pinto de Souza, *"tem que ter duas ou três no livrinho, do contrário não é vendido"*. (FERREIRA, Op. cit.: 45) Tais recursos instituem as singularidades do Cordel.

Uma das mais interessantes características formais do Cordel está no poder do seu ritmo. Segundo Márcia ABREU (Op. cit.: 39), *“o fundamental é o ritmo do verso; sequer a qualidade vocal do cantador é um dado relevante, mesmo porque poucos deles têm boa voz. Cantam em tons agudos, quase gritando, acima da afinação do instrumento”*. Assim, mesmo os acordes da viola não despertam tanto interesse, uma vez que a música é secundarizada em função da rima fecunda e bem ritmada. Na maioria das vezes, não tendo o poeta qualquer intimidade com as cordas do instrumento, recita seus versos com tanta cadência que um músico profissional dar-lhes-ia uma pauta. É o ritmo que chama a atenção do público apreciador da Cantoria de Cordel, aliado à grande capacidade de verbalização própria do homem do norte.

A oralidade é, talvez, a marca principal que determina a identidade da Literatura de Cordel. Consoante Márcia ABREU (Op. cit.: 139),

“... a criação de composições poéticas populares, no Nordeste brasileiro, é uma tradição anterior à publicação de folhetos, pois há registros, na obra dos folcloristas do início do século, de composições deste tipo apresentadas oralmente em sessões de cantoria.”

Deste modo, entende-se que, de início, o traço forte era a oralidade, mesmo porque, ainda hoje, as camadas mais humildes, que são exatamente os apreciadores do Cordel, não tiveram (como não têm) acesso à escola. Este aspecto contundente da verbalização é, então, apoiado pela cadência do ritmo acima referido, o que empresta grande brilho aos versos. A mesma pesquisadora ainda evidencia que *“a permanência desta forte presença oral não se restringe, obviamente, ao pólo da produção, estendendo-se ao âmbito da recepção”* (Idem: 128-9). Isto porque, reprisando, grande é o número (a maioria ainda agora) dos não alfabetizados que comprem folhetos de Cordel para que outras pessoas os leiam em voz alta para o seu regozijo.

Mas é preciso uma observação: assim como não se faz tão importante deter-me no aspecto musical de algumas peças do Cordel, o que redundaria num trabalho da área da música, também deixa de ter relevância a questão da oralidade, visto que o objeto de estudos aqui pontuado trata das possibilidades de um processo de alfabetização, o que *de per se* já implica uma noção/dimensão da escrita da Literatura de Cordel; escrita esta que deve ser analisada nas suas faculdades de realização de um processo alfabetizador. É-me conveniente estudar, então, o folheto escrito.

Em épocas remotas, quando do início da prática do Cordel, aí pelos séculos XVI e XVII, tanto no Brasil como em Portugal, a marca da oralidade se fazia preponderante. Entretanto, cada vez mais pessoas foram acercando-se dos domínios da decodificação dos signos escritos. A leitura, ainda que de forma muito lenta, tem tido um certo avanço, se bem que deveria fazer-se de forma mais rápida - eis um dos objetos deste estudo. Observa-se, desta forma, que uma tradição oral em extinção é substituída paulatinamente por uma prática de leitura de folhetos escritos.

Em Márcia ABREU (Op. cit.: 164), há uma distinção entre “o texto em prosa e o folheto em verso, mostrando a maior eficácia deste último”. A forma é preponderante e o texto só será assimilado se veiculado “de acordo com o código aceito e compreendido pela comunidade”. Desta maneira, o folheto escrito, versejado, pode não cair no gosto da academia, mas, pela simplicidade e singeleza, se encaixa com exatidão na preferência das camadas populares, a quem com grande exclusividade se dirige o poeta. É por isto que as modalidades de escrita do Cordel são variadas, exatamente com o fito de melhor agradar ao público leitor.

Quando se comentava a respeito do *martelo agalopado* entre Aderaldo e Jaca Mole, ressaltou-se a questão da modalidade do *repente*. Em conformidade com os lugares onde se pratica, o *repente* pode ser ainda chamado de *desafio*, ou *improviso*, ou *peleja*. Para Márcia ABREU (Op. cit.: 129), foi no final dos anos 20 que começaram a aparecer as duplas de cantadores dedilhando suas violas e batendo-se em desafios.

“O desafio é uma disputa entre duas pessoas (tal como se observou entre os participantes da peleja acima exemplificada) em que cada uma deve dar prosseguimento aos versos apresentados pelo oponente, sem se retardar na composição de sua fala (rimada). A disputa encerra-se quando um dos antagonistas declara-se incapaz de prosseguir ou, simplesmente, pára de cantar por não encontrar uma resposta adequada.”

Aderaldo e Zé Pretinho do Tucum, por exemplo, ainda hoje são homenageados em todo o Nordeste como os maiores campeões já vistos por aquelas bandas, com as suas *pelejas* mais famosas ainda hoje impressas em folhetos, como o que aqui serve de base para este comentário. Sobre a figura do Cego Aderaldo (1882-1967), Raquel de Queiroz, que o conheceu pessoalmente em sua fazenda do Quixadá, Ceará, onde era recebido com honras especiais, disse: “Teve ao morrer um enterro lindo, com imenso acompanhamento popular, em Fortaleza... Era como se enterrassem um rei”. Todavia, DIÉGUES JÚNIOR (1973: XIV)

considera, nas cantorias de literatura oral do Nordeste,

“... dois tipos de poesia; um, tradicional, que está sempre na memória dos cantadores, e que serve justamente para encher o tempo, e é chamado de ‘obra feita’; outro é o improvisado, o repente, o verso de momento, dito à face de um fato momentâneo, ou a propósito de uma pessoa presente; este último é o autêntico improviso.”

Muitos são os casos dos que memorizam os grandes *clássicos* do cordel, já impressos ou não, e os *cantam* nas feiras para atrair as multidões que aplaudirão a disputa real de improvisos, a realizar-se dali a pouco. (O poeta Zé Ferreira “Pelé”, de Xapuri, no Acre, veio ao meu encontro em uma feira e perguntou por todos os membros de minha numerosa família, incluindo sobrinhos, através de sextilhas rimadas, na base do improviso; foram vinte estrofes ao todo.)

Mas é conveniente acrescentar a abordagem de Ignez AYALA (1987: 226) com relação à arte dos *repentistas*:

“A poesia improvisada nasce do contato direto entre os cantadores e seu público. Este não se caracteriza como um conjunto passivo de receptores. Ao contrário, interfere na estruturação do repente e da cantoria como um todo, à medida que envia motes, pedidos de gêneros e de composições não improvisadas. Quando os ouvintes fazem motes, revelam-se conhecedores dos cânones da poesia. Os motes por eles criados funcionam como determinantes do assunto a ser desenvolvido pelos repentistas. Neste caso, são também criadores e os versos por eles produzidos integram os finais das glosas.”

Para exemplificar, basta recorrer aos versos de Aderaldo e Jaca Mole acima transcritos. O mote (*leit motiv*) é: “*não há quem cuspa pra cima que não lhe caia na cara*”. Tal motivo, freqüentemente, parte da platéia enquanto participante ativa do espetáculo. Cabe ao poeta do *improviso* pegar a pista e desenvolvê-la, sem hesitação ou deslize na rima ou na métrica, o que poderá levá-lo a vencer a *peleja*. Os motes têm a função de matriciar o debate.

Com relação à questão da originalidade do Cordel, há quem a questione, posto que o trabalho dos poetas, em grande número, parte destas fontes matriciadoras que lhe garantem desenvolvimento. Sobre tais matrizes, Jerusa FERREIRA (Op. cit: 16) historiciza suas digressões, posto que, segundo a autora, o texto em prosa *História do imperador Carlos Magno* “*é a fôrma que matriciou a nova composição*”. Um certo poeta latino, de origem desconhecida, leu, gostou da obra em prosa e transformou-a em poesia do gênero épico,

certamente, para uma melhor assimilação por parte do público menos esclarecido. Tal procedimento foi sendo copiado e o mesmo livro, em prosa, ao longo dos tempos, foi sendo tornado poesia por outros poetas em outras épocas e outros lugares, inclusive no Brasil do início deste século, por versejador anônimo, “*como que com a consciência de que a cada um deles caberia um andamento na partitura geral*”. É certo que, de início, operou-se este dito matriciamento e muitas obras em prosa foram versificadas para abranger público maior. Houve, até certo ponto, uma determinada *continuidade* cultural ligando presente e passado com a mediação dos textos-matrizes. Hoje, no entanto, conhecem-se (ou conheceram-se) uma infinidade de poetas que vivem da habilidade de próprio punho e memória, em fazer e vender seus versos em feiras e livrarias suburbanas, sem o uso das matrizes propaladas pela crítica burguesa. É claro que o *repentista* matricia seus versos em textos por ele pré-elaborados, mas só o fato de já os ter escrito faz dele um poeta; sem considerar a habilidade em desenvolver as *deixas* do oponente *em peleja*. Convém então insistir: o Cordel é arte literária periférica originalíssima, o que fica ainda mais patente se observarmos a questão conteudística implícita na obra dos cordelistas.

O **conteúdo** da Literatura de Cordel é vasto. Tal amplitude vem conferir mais legitimidade e maior originalidade. Os poetas, em seu meio, são em geral pessoas tidas como bem informadas que, em síntese, de qualquer matéria buscam saber um pouco. Por isto o Cordel epopéico se fez político-social, pedagógico, satírico, amoroso, e assim por diante.

Os conteúdos temáticos são tão singelos quanto o poeta e seu público. Segundo o editor Arlindo Pinto de Souza, “Pavão Misterioso, Chegada de Lampião no Inferno e Carta de Satanás a Roberto Carlos são best-sellers da editora. *Olha, todo assunto que focaliza Lampião e o Diabo é bem aceito na literatura de cordel*”. O homem do sertão gosta de histórias de amor, relatos de bravura, audácia e valentia, gosta de temas jocosos, de gracejos. Todos gostam dos heróis do sertão, *cabras* valentes que buscam de todas as maneiras conquistar ou recuperar o seu amor. Este tipo de temática cala fundo na personalidade humildemente autêntica do homem do campo. Com relação à dupla de cantores Tonico e Tinoco, afiança o editor que “*se eles voltassem a cantar, a gravar música-raiz, podem estar certos de que voltariam ao apogeu. Porque é o que o público gosta. Porque são genuínos*” (FERREIRA, Op. cit: 39). É a simplicidade do Cordel posta à prova por seu próprio público, que lê ou ouve o que gosta e o que lhe apetece. É o nortista teatral que adora ação e não rejeita um tema hilário.

Dentre outros conteúdos temáticos menos explorados pelo cordelista, podem-se destacar os mais importantes. Há o Cordel político-social, o crítico, o jornalístico, o de época, o historiográfico, o satírico, o de paródias, o de valentia, o jocoso, o fantástico, o do exagero, o de amor, o de desastres, o de crimes, e assim por diante. Cabe então fazer alguma digressão explicativa e exemplificativa de cada um destes eixos temáticos.

Considerem-se as palavras do poeta Raimundo Nonato da Rocha, entrevistado em Brasília, Acre:

“... eu acho que os cordéis mais políticos que já saíram foram os nossos (acreanos), conscientizando... Em plena ditadura militar a gente escrevia contra, em cordel. Eu escrevi ‘Spartacus’, em 1977, muito político... Eu peguei a luta do guerreiro romano, a situação daqueles tempos na Roma, os camponeses que trabalhavam e eram explorados, eram escravos, e adaptei à situação acreana de 78, 77... Fiz uma adaptação. Depois escrevi ‘Nós pobres, vocês os ricos’ mostrando as diferenças que existem, diferenças sociais gritantes. Escrevi também uma sátira contra a ditadura, ‘A peleja do sapato com a bota’, mostrando os civis que traíram a classe popular se aliando aos golpistas de 1964, inclusive o Magalhães Pinto e outros; e foi meio pesado, eles não gostaram. Falamos sobre o golpe, conscientizando que tinha havido o golpe e que já tinham instalado uma ditadura; que as conquistas populares foram todas derrotadas por eles. Depois escrevemos também ‘A guerrilha do Araguaia’, uma homenagem aos guerrilheiros do Araguaia de 70 a 74, com dados, tudo certinho; a gente fez pesquisa de data, dia, mês, nomes de guerrilheiros... Aí tinha Dina, Tuca, Valquíria, Geraldão... Todos que lutaram no Araguaia eram personagens do folheto...”

Eis um trecho de *A guerrilha do Araguaia*, cordel sócio-político de Raimundo Nonato da Rocha, escrito em homenagem aos guerrilheiros Carlos Lamarca e Carlos Marighela:

*“Nas grandes cidades
A repressão era dura
Lamarca e Marighela
Sem trégua à ditadura
Com seus grupos de ação
Combatiam a repressão
Lutando com bravura.”¹²*

No geral, o trabalho do poeta aqui comentado trata basicamente de um Cordel politizador, conscientizador, social.

Para o teórico Liêdo Maranhão de SOUZA (1976: 84), os *folhetos de política* “assim

¹² Raimundo Nonato da Rocha, entrevista cedida em 25 de novembro de 1995.

são chamados porque tratam 'do que se vê em política' e refletem o desencanto do povo com as falsas promessas dos seus representantes".

Observe-se, então, que os folhetos de repercussão socio-política têm grande aceitabilidade. É a expressão da própria sociedade, em que a memória popular vai preservando os relatos de ocorrências, passando de geração a geração, com as naturais adaptações relativas às personagens, épocas e lugares, mesmo entre os não-alfabetizados. Tal processo de transmissão sócio-cultural se faz com muito mais facilidade se for levado em consideração o caso dos alfabetizados, em quem a leitura dos folhetos permite uma retentiva muito mais aguçada. Assim, a problemática sócio-política é levada à análise do público por uma via bem mais interessante e ao gosto da clientela. Para DIÉGUES JÚNIOR (1973: 148)

"... esta significação social está, principalmente, na circunstância de constituir o registro automático dos fatos; a divulgação dos acontecimentos verificados; a transmissão de notícias, às vezes pormenorizadamente, como não poderia receber, de outra maneira o homem do povo. Para este, em especial, é que continua a persistir o papel da 'literatura de cordel' como meio de comunicação; é o seu jornal, é o seu rádio, é a sua televisão. É o instrumento que o põe em contato com o seu meio, fazendo-o conhecedor das coisas do seu mundo."

Convém, entretanto, uma observação a essa altura. O articulista João Batista de Medeiros fez, no Acre, uma constatação. Na campanha eleitoral de 1996 (eleições para prefeito), em andanças por comícios nos municípios acreanos, observou uma poesia, por ele denominada *de aluguel*, em que um cordelista enaltecia por bom dinheiro apenas as virtudes do candidato que alugou seus versos ("*arte caça-níqueis*"). Observou, depois, "*um desafio pela via do cordel eleitoral*", em que cada cantador defendia o seu candidato. Viu, por fim, um Cordel por ele denominado *social*, em que o poeta "*falava de latifúndio improdutivo, movimento sem-terra, criança de rua, borracha barata, devastação da floresta, índios mortos, política da miséria, prostituição de filhas de seringueiros expulsos dos seus locais de trabalho, e assim por diante*"¹³. Cabe acentuar, então, as três faces de uma mesma manifestação cultural: numa, o poeta ganha dinheiro sozinho bajulando um político rico; noutra, num debate, há um que defende seu candidato por puro espírito partidário; e, na última, um conscientizado homem do campo versejando sobre fatos que atormentam a todos, mas só poucos têm perspicácia

¹³ Jornal *Página 20. Cordel eleitoral*. Rio Branco, Acre, 07 de fevereiro de 1996.

suficiente para abordá-los de maneira crítica.

O Cordel, aqui denominado *político-social*, é mesmo assim: pode ter um papel deveras importante na conscientização e politização das massas, mas pode ajudar a iludi-las, ideologizá-las, conforme atesta Rivanda dos Santos Nogueira¹⁴ quando em seu depoimento afirma que, principalmente nas eleições, as pessoas mais humildes são usadas; “*de alguma forma eu acredito que elas são manipuladas*”. Cumpre-nos, em vista de tais constatações, forjar consciências críticas participantes, ativas na tarefa contra o fetiche, a alienação e a ideologia.

Com relação ao que os estudiosos denominam *Cordel crítico*, é bom que se evidencie, de início, uma tênue e quase imperceptível diferença em relação ao *sócio-político*. Nas palavras de Manoel Estébio Cavalcante da Cunha:

“... tu pode vê pelos materiais que tu estás trabalhando por aí que os textos são bastante críticos da realidade; eles versam sobre a realidade política e social de uma maneira bastante crítica e os autores que têm escrito isso são pessoas que têm uma inserção crítica na sociedade...”¹⁵

A diferença reside no fato de que o Cordel *sócio-político* aponta as mazelas. Já o Cordel *crítico* trata das soluções, como no caso da conclusão que o poeta Raimundo Enágio¹⁶ dá ao seu poema:

“Essa concentração criminosa
Forma uma cena precária
E as invasões de terra
São a rotina diária
Porém vejo a solução
Que está na tua mão
E é a reforma agrária.”

¹⁴ Rivanda dos Santos Nogueira é pedagoga da Universidade Federal do Acre e professora das disciplinas Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, e Filosofia, a nível de segundo grau.

¹⁵ Manoel Estébio Cavalcanti da Cunha, entrevista cedida em 20 de novembro de 1995.

¹⁶ Raimundo Enágio da Silva é poeta de Cordel, ex-aluno do Projeto Seringueiro, hoje professor, e faz parte da equipe pedagógica do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA).

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha é da equipe de coordenação pedagógica do Projeto Seringueiro que tem, dentre outras responsabilidades, a de alfabetização das populações espalhadas ao longo dos rios amazônicos e nos seringais mais próximos ou longínquos possíveis. O pressuposto teórico-metodológico que orienta as ações pedagógicas do Projeto leva em consideração, tal qual este trabalho, uma educação que vise, antes de mais nada, uma crítica à realidade social da qual os seringueiros são fruto. (Acerca do trabalho do Projeto Seringueiro, abordagem mais minudente será feita no capítulo seguinte.)

O poeta Raimundo Enágio da Silva foi aluno e hoje é professor do Projeto Seringueiro. A temática de sua poesia crítica gira em torno de uma questão por demais estudada e debatida em meio aos círculos sindicais camponeses do Brasil. O problema é a concentração de terras nas mãos de latifundiários e a conseqüente invasão por parte daqueles que não têm terra para sobreviver. A solução é a reforma agrária que só virá pelas mãos e pela cabeça do próprio trabalhador que deverá, antes de tudo, instruir-se e conscientizar-se das suas possibilidades enquanto agente da sua própria história.

Consoante Jerusa FERREIRA (Op. cit.: 13), um dos fatores mais positivos que ocorrem na literatura popular é

"... uma démarche arcaizante em vários níveis, preservadora de uma série de valores já postos de lado pela sociedade global. (...) Acontece que ela (a literatura popular) alavanca e se vanguardiza, no sentido em que procede constantemente a um processo de crítica a essa sociedade, mesmo sem o pretender."

O Cordel denominado *crítico* - talvez como as outras modalidades - não evolui como a literatura burguesa, não modorna acima do mundo real. Habita o palpável chão da vida concreta. É vanguarda porque critica e aponta soluções para a dilemática social.

No que tange à questão de um Cordel denominado *jornalístico*, é bom que já seja determinada a utilidade dessa modalidade. Como se acentuou em páginas anteriores, o caráter sintetizado e a rima da Cantoria fazem com que a mensagem seja apreendida com maior rapidez e eficácia. A notícia em verso veiculada pelo cordelista é assimilada tão logo lida; ao contrário mesmo de um livro didático, pleno de palavras rebuscadas e, por isto, tornadas difíceis à compreensão dos menos instruídos, que poderiam tirar melhor proveito se houvesse uma preocupação em facilitar-lhes as coisas.

Para o leitor do Cordel, é contundente a diferença entre um texto em prosa e um texto em verso. Dir-se-ia que a prosa *arrasta-se* em delongas. Já a poesia popular chega rápido ao âmago da questão, destrinchando-a. Desse modo, o que se observa é que nem mesmo o desejo de conhecer o enredo (ou a mensagem) parece ser suficiente para que o público do Cordel venha fruir um texto escrito em prosa. Para Márcia ABREU (Op. cit.: 31), “*é necessário que os poetas o adaptem, conformando-o ao padrão formal da literatura de cordel*”. Por isto, as notícias tendem sempre a ser veiculadas na forma de versos, ao invés do uso dos textos jornalísticos proseados. Da mesma maneira, segundo Renato Carneiro de CAMPOS (1977: 39), “*os folhetos estão sendo também usados por estabelecimentos bancários particulares e oficiais, mostrando como plantar algodão com financiamento, certos de que a literatura popular nordestina é jornalismo paralelo...*”

Se o homem dos sertões consegue entender muito melhor o que está escrito em Cordel, será óbvio que as mensagens a serem levadas a ele venham versejadas, se é que se quer que eles entendam ou decodifiquem o texto. (As instituições financeiras, por exemplo, têm esse interesse, é claro). Convém acrescentar então que, se o sistema econômico-financeiro lança mão do benefício da Literatura de Cordel, é hora de também a Educação explorar mais este veio certamente promissor.

Há uma modalidade denominada Cordel *de época*. Neste caso, é a letra do Hino Acreano, composta por um sertanejo nordestino, Francisco Mangabeira, que melhor exemplifica:

*“Vamos ter como prêmio de guerra
O consolo que às penas desfaz
Vendo as flores do amor sobre a terra
E no céu o arco-íris da paz.
As esposas e mães carinhosas
Que cantando entretecem lauréis
Atapetam as portas de rosas
A esperar nos seus lares fiéis.*

*Fulge um astro na nossa bandeira
Que foi tinto do sangue de heróis
Adoremos a estrela altaneira
O mais belo e melhor dos faróis.”¹⁷
(...)*

Para Márcia ABREU (Op. cit.: 198),

“... estes poetas registram os acontecimentos sócio-políticos que tiveram repercussão no período: o cangaceirismo, a Primeira Guerra Mundial, a ‘Guerra do Juazeiro’, o aumento dos impostos, a atuação dos fiscais, a alta do custo de vida, os baixos salários pagos aos trabalhadores, as secas, a exploração dos trabalhadores pelos donos de engenho. (...) Ao rerepresentar os fatos, o poeta pode ater-se à notícia, fazendo uma espécie de reportagem. Entretanto, os poetas, geralmente, operam adaptações, introduzem elementos novos que fazem com que os folhetos difiram em grande medida dos jornais.”

No caso dos versos que exemplificam a modalidade do Cordel *de época*, trata-se de uma apologia aos feitos dos heróis seringueiros nordestinos que fizeram a Revolução Acreana e anexaram o Acre ao Brasil, nos idos de 1902 e 1903. Foram quase dois anos de refrega, ao fim dos quais o lado brasileiro levou a melhor. Os protagonistas desta contenda foram os sertanejos, principalmente cearenses, que começaram a chegar ao Acre, ainda em meados do século XIX; aí abriram suas vivendas, implantaram-lhes benefícios, foram criando filhos, numa terra “*non descubierta*”, depois doada à Bolívia pelo oligarca Campos Salles. Como os brasileiros é que habitavam a região, mas pagavam impostos escorchantes aos bolivianos, a revolta se acirrou e tudo terminou com um saldo negativo de mais de mil brasileiros e quatro ou cinco mil bolivianos mortos. Em 17 de novembro de 1903, por força do Tratado de Petrópolis, o mundo reconheceu como brasileira aquela faixa da fronteira mais a oeste, onde hoje se localiza o Estado do Acre. Fizeram-se, então, muitos Cordéis, principalmente sob o mote: *somos brasileiros por adoção e temos uma história própria porque nós mesmos a construímos*.

A chamada Revolução Acreana foi, no início do século, um dos acontecimentos sócio-políticos mais relevantes e de maior repercussão, muito embora desconhecido de boa parte do povo brasileiro. Foi tão somente o Cordel que conseguiu fazer com que as ocorrências chegassem ao conhecimento dos parentes dos revoltosos que haviam permanecido no Nordeste, uma vez que, à época, não haviam jornais que pudessem incumbir-se dessa tarefa.

No que toca à modalidade denominada Cordel *historiográfico*, é conveniente considerar, de início, dois excertos do cordelista acreano José da Silva¹⁸:

¹⁷ Excerto do Hino Acreano. Letra de Francisco Mangabeira, Música de Mozart Donizeti.

¹⁸ Entrevista cedida em 20 de novembro de 1995.

*“Quem conheceu esse Estado, há muitos anos atrás,
No tempo dos meus avós, na infância dos meus pais,
Pode até observar: era diferente demais.*

*Esse Estado do Acre, com mil desenvolvimentos,
Vem mesmo se transformando, com vários melhoramentos,
Mas foi a faixa de terra que já viu mais sofrimentos.*

*Houve difíceis momentos, quando nosso seringueiro,
Famílias de moradores viviam em desespero
Com invasões e ataques de um povo estrangeiro.”
(...)*

Ou,

*“Em abril de 85, o Brasil entristeceu,
Tancredo de Almeida Neves a 21 faleceu,
Quem plantou tanta esperança, sem esperança morreu.*

*De repente adoeceu, na véspera do grande dia,
Em que tomaria posse como o povo pretendia
Soprou o vento da morte na luz da democracia.”*

O poeta historiciza sintetizadamente, é claro, um Acre de ontem e de hoje frisando a saga dos trabalhadores dos seringais e a luta contra os estrangeiros bolivianos. No segundo excerto, é abordado um acontecimento histórico-social fatídico que, pelas circunstâncias em que ocorreu, provocou comoção nacional: a morte de Tancredo Neves. Em ambos os casos observa-se que o poeta tenta deixar gravado um fato histórico importante que, do passado, consiga iluminar o futuro das gerações que seguem. O poeta cumpriu um de seus pretendidos desideratos: contar a história brasileira ao povo humilde de forma singela, bem ao gosto das modernas correntes de historiadores que buscam novos sujeitos, novos objetos, novas abordagens.

O Cordel *satírico* é talvez o veio mais fecundo dentre os tantos. O nortista é, por natureza, de índole espirituosa. Mesmo diante do infausto encontra ele elementos suficientes para compor seus gracejos em verso. Faz-se oportuno, então, apor trechos das glosas do poeta seringueiro Sebastião Rodrigues da Silva (I)¹⁹, de Xapuri, Acre:

¹⁹ Sebastião Rodrigues da Silva (I), poeta cordelista de Xapuri, é formado em Pedagogia pela UFAC.

*"Vou fazer em poesia
uma bela narração
sobre um acontecido
com um grande amigão
um cabra desinibido
enfrentador de perigo
e tocador de violão.*

*Ele se chama Aldemir
e é muito namorador
garota nova e até velha
são um prato de valor.
Prefere as velhas surradas
porque são as aposentadas
as que têm mais sabor.*

*Certo dia namorou
uma jovem de respeito
carregava algumas rugas
mas não achava defeito
só pra se ter uma idéia
a idade daquela véia
era sessenta perfeito."*

... e excertos da *Peleja de Luís Inácio com Leonel*, "conforme foi relatada pelo cego e cantador Stevie Wonder²⁰":

*"E agora vamo contá
Pra distinta audiência
A disputa de dois cabra
Pela mesma presidência.*

*Os dois tava destinado
Praquela terrível disputa
Se um dizia: safado!
O outro: fio da p...!*

*Partiu um de Pernambuco
Foi pará no ABC
Começou oficial torneiro
Virou chefe do Petê.*

Por sua vez o engenheiro

²⁰ Stevie Wonder é Marcelo Madureira, da equipe de humoristas do Planeta Diário, ano IV, nº 49 (fev.89).

*E partiu prá acabá c'o Lula.
Mas para se agarantí
Pra mió se protegê
Levô ainda cum ele
Uns cabra do pemedebê.*

*Levaro os dois cum eles
Um bando de pistoleiro
Levô o Lula o Menegheli, a Marilena Chaui
Levô Luisa Erundina e o jagunço Suplicy.*

*Brizola, privinado, ajuntô sua quadrilha
Meia dúzia de gaúcho, sua muié e sua filha
Reunida aquela tropa, eles partiro na carreira
Em menos de meia hora tinham cruzado a fronteira.*

*O entrevero foi na Bahia
Chapada dos Guimarães (sic)
Perto da toca onde vive
Antônio Carlos Magalhães."*

Mas há o reverso da medalha e a sátira pode perder o cunho crítico-instrutivo e ser desfigurada, como no comentário que o entrevistado Antônio Stélio Araújo de Castro²¹ faz. Segundo este jornalista *"tem certas trovas do Cordel que confundem. É o caso do grande Zé Limeira que, apesar de analfabeto, andava pelo Nordeste dando aula de História e Geografia e, até hoje, tem gente que acredita que a Suíça fica no Rio Grande do Norte"*. O poeta Zé Limeira é hilariante devido exatamente a esse pendor para a aberração estilística individual, no que é singular.

A diferença reside no fato de que a sátira deve exercer o papel de fomentar a crítica à realidade com o fito de transformá-la pela via da conscientização.

Conforme DIÉGUES JÚNIOR (1973: 98),

"... não faltou igualmente ao espírito de criatividade do poeta popular o registro de fatos que lhe mereceram crítica, ora pela repercussão na vida social de sua comunidade, ora satirizando sua presença nos quadros da sociedade existente. Os padrões tradicionais são sempre motivo de apego na mentalidade do homem rural, ou do citadino, influenciado pelos valores oriundos de sua origem mais remota. Daí as manifestações de crítica ou de sátira que se encontram em vários folhetos, fixando a maneira como, interpretando o seu grupo social, o cantador ou poeta faz repercutir os fatos acontecidos".

²¹ Antônio Stélio Araújo de Castro é jornalista e leitor assíduo da Literatura de Cordel.

O cordelista, geralmente espirituoso ao extremo, vê a realidade que o cerca naturalmente com os olhos satíricos, como no caso da *Peleja de Luís Inácio com Leonel*, onde as circunstâncias se fazem ímpares e exigem do poeta uma refinada ironia no trato com aquela situação em especial.

Uma outra tendência a ser brevemente comentada é a do Cordel *paródico*, em que o poeta busca imitar comicamente, burlescamente, composições já conhecidas do público, ridicularizando-as por substituir palavras-chaves da obra original por outras que causam efeitos irônicos. É como ocorre muitas vezes no interior do Brasil com certos refrões usados em épocas de campanhas eleitorais, onde a paródia busca denegrir a imagem do oponente, como consta do artigo de João Batista de Medeiros, intitulado *Cordel eleitoreiro*²², no qual o poeta é pago para enaltecer qualidades que jamais o candidato ao cargo público terá.

Apesar de as origens remotas do Cordel terem por base o conto tradicional (matricial), o exercício de uma retórica, nada impede que ocorra um tom jocoso.

Segundo Jerusa FERREIRA (Op. cit.: 65), “há até a tendência de colocarem-se nomes muito impactuantes, como ao gênio o de ‘puxa-puxa que quando pega um valentão / arranca o couro e repucha / tira o fato pelas costas / esfrega só deixa a bucha’”.

Uma outra marca relevante da personalidade do homem do sertão é a bravura, o arrojo, a valentia. Desse fator é que brota uma modalidade cordelista a que os teóricos dão o nome de *versos de valentia*. É certo que, em tempos passados, havia uma grande admiração do público pela obra ou pelas ações individuais - a pessoa sozinha a adquirir prestígio e fortuna. Hoje, no entanto, já surge uma preocupação coletiva, a exemplo do que ocorre com bastante força no Acre. Nos dias atuais, os movimentos de massa, de heroísmo político ou social já atingem os apreciadores da Cantoria ou Cordel.

Renato Carneiro de CAMPOS (1977: 38-9) vai mais além e afirma que “*não repugna ao sertanejo e ao nordestino quase em geral o crime contra a vida, o que eles consideram repulsivos e dignos de pena capital são os crimes contra a honra...*” Basta que vejamos os versos a seguir:

²² Jornal *Página 20*. Obra citada.

*“Quando o capanga pulou
Adélia esperou-o de frente
Passou-lhe o pau na cabeça
O cabra tombou doente
Já revirando os dois olhos
Caiu nos pés do tenente”* (D’ALMEIDA FILHO, Manoel. Op. cit.: 29)

A heroína, ao sofrer os achaques de um atrevido - crime contra a honra de uma donzela - viu seu noivo ser desarmado e não titubeou: de posse de um pedaço de lenha matou o cabra que a tinha desrespeitado (ou *desfeiteado*).

Liêdo Maranhão de SOUZA (1976: 73) insere nesta modalidade, como de muita importância em vista da vultosa produção, os folhetos que tratam sobre o cangaceiro Lampião.

“A este grupo pertencem as narrativas em versos sobre a vida do famoso bandoleiro e seu bando, em escaramuças com a polícia caatinga a dentro, seus amores com Maria Bonita, e sua morte violenta. Pertencem igualmente ao grupo as ‘estórias de gracejo’ sobre a sua chegada ao inferno, seu debate com São Pedro, seu casamento com a filha de Lúcifer, e as mulheres que lhe ‘botaram chifres’.”

*“Descendo ele da serra
Segurava seu trabuco
Percorria Paraíba
Alagoas, Pernambuco;
Lampião fez até padre
Correr da missa, maluco.”* (SANTOS, Antonio T. 1960 : 41)

Há uma outra modalidade denominada *versos jocosos*, segundo Liêdo Maranhão de SOUZA (1976: 37), com a finalidade de “fazer matuto rir na feira”. Muitos dos versos da Cantoria, especialmente os que se agrupam nesta modalidade, têm cunho marcadamente irreverente e são plenos de duplo sentido.

“Alguns são levados às escondidas nas maletas dos folheteiros, que não ousam ‘cantá-los’ nas feiras por temerem os fiscais que vivem atrás dessa sobre gente, à procura de motivos para apreender-lhes os livretes e, a custa de tais ameaças, conseguirem ‘uns trocados para a brama’.”

O poeta Francisco de Aquino e Silva²³, de Xapuri, Acre, muito bem pode exemplificar com um trecho do poema *A bravura de um urubu e a queda de um avião*:

²³ Francisco Aquino e Silva é cordelista de Xapuri, Acre.

*"No Acre a coisa está ruim
Nem tabelião descreve
E quem não acreditar
Chegue perto e observe
Depois de eu lhe contar
Você vai acreditar
Que até urubu faz greve".
(...)*

Esta é a introdução a uma história em versos sobre um avião que caiu porque uma ave foi sugada por uma de suas turbinas, em Xapuri, Acre.

No entanto, em se tratando da questão do duplo sentido empregado nas palavras, nota-se ainda que há um lado malicioso (não apenas jocoso) que desde há muito é explorado pelo Cordel. De uma tradição oral (a anedota) é feita uma versão rimada para quem gosta de gracejos em verso.

Há o que aqui denominamos Cordel *fantástico*, originado, segundo alguns estudiosos, das narrativas pitorescas da época medieval, dos contos de fadas, dos relatos maravilhosos, com componentes mitológicos ainda mais recorrentes em que gigantes, bruxas, monstros, ogros, anjos e demônios representam o sobrenatural, para o qual o herói e/ou a heroína têm que levar a termo o seu propósito humano, transpondo obstáculos, vencendo encantamentos, mesmo com a ajuda de forças desconhecidas. *"E então o tema é sempre a luta; a prova, derrotar o monstro ou conseguir a noiva"*. (FERREIRA, Op. cit.: 44).

*"O encanto da menina
Não está de brincadeira
Porque quem petrificou-a
Foi a grande feiticeira
Do bosque de Verdelonga
Nos confins da Cordilheira."* (FERREIRA, Op. cit.: 45)

É este mesmo elemento pitoresco que já estava na *Iliada* e na *Odisséia*, de Homero, ou *n'Os Lusíadas*, de Camões. Ou, em outras palavras: foram elementos que moveram estilos de época na Literatura oficial, o Classicismo greco-romano ou o Neo-classicismo europeu ocidental, do início da Idade Moderna. Em ambos os casos e diferentes épocas inseriram-se os temas fantásticos, mas nem por isso os poetas deixaram de ser clássicos de primeira linha, nem por isso o navio deixou de afundar na costa leste africana pela mão de um gigantesco monstro

marinho, ou Vasco da Gama deixou de chegar à Índia e Camões deixou de salvar seus alfarrábios... Aqueles eram tempos épicos; estas são eras dramáticas.

Desta mesma vertente brota a temática do *exagero*, tão comum à poesia de Cordel. Segundo Jerusa FERREIRA (Op. cit.: 83),

"... no folheto, o exagero destas situações se justifica dentro do processo geral de amplificação épica, um displausível para fins de veracidade, mas plausível no relato: 'Abderramã soltou / mil e setenta animais / para devorar os pares / com lutas descomunais / os pares mataram tudo / ficaram pedindo mais (...) 45 mil turcos / deixaram mortos estirados'."

A temática epopéica, já por uma tradição da teoria literária, admite o exagero como justificador de bravura e não como testemunho da verdade. É exagero descomunal o poeta afirmar que apenas os *Doze pares de França* conseguiram aniquilar tantos mouros.

Uma outra fonte da produção de grande quantidade de folhetos, desde as mais remotas épocas do Cordel, são os *versos de amor*. Estes são também chamados de *romances de amor* e "*falam de dramas envolvendo esposas honestas, mulheres devassas e maridos cruéis*", segundo Liêdo Maranhão de SOUZA (1976: 98). Exemplo dessa produção:

*"No outro dia tomou
Sobre ela informação
E depois determinou-se
Ir declarar-lhe a paixão
Que inundava o seu peito
Afogando o coração."* (D'ALMEIDA FILHO, 1987: 13)

Já para Capistrano de Abreu, há um ingrediente a mais a ser considerado. Para ele, há um certo "*tom clássico*" nos romances de amor nordestinos, havendo aí uma provável influência da Igreja, que se assenhoreara exclusivamente das vias intelectuais e dos meios de instrução do Brasil colonial. Assim, apenas poetas com passagens por colégios ou conventos católicos, para o autor, teriam capacidade e criatividade suficientes para desempenho tão sofisticado. Note-se, a nível de ilustração, que a poesia de Gregório de Matos Guerra, nos primeiros anos de Barroco, no Brasil, tinham às vezes um cunho religioso, às vezes um tom político-satírico; entretanto, no mais das vezes a temática era um tanto profana, uma vez que Gregório era um sacerdote e escrevia poesias de amor dedicadas a damas imaginárias, de uma

forma muito próxima ao Cordel depois elaborado no Nordeste; se bem que o padre-poeta, apesar de português de nascimento, tenha vivido a maior parte de sua vida em Salvador, Bahia.

Há um outro eixo temático, ainda hoje muito promissor, que trata de *desastres e acidentes*, com uma variante que aborda, pela via do Cordel, os *crimes e tragédias* que tiveram grande repercussão. Dessa forma, naufrágios, acidentes aéreos ou rodoviários, crimes e outros infortúnios são descritos pelos poetas cordelistas. A exemplo disto, convém observar que teve grande sucesso de vendagem um folheto que narra a queda de um avião da empresa Paraense, hoje extinta, na baía de Guajará, Ilha de Marajó, que transportava Coronel Ludugero (ou Ludgero), um humorista famoso no Norte-nordeste que gostava de escrever e *cantar* Cordel. Personalidades como João Pessoa, ex-governador da Paraíba; Getúlio Vargas, Juscelino Kubstcheck, Castelo Branco e Tancredo Neves, ex-presidentes da República; Chico Mendes, o ecologista acreano; Ayrton Senna, o piloto de corridas, dentre muitos outros, tiveram suas mortes *cantadas* por muitos poetas do Cordel de ontem e de hoje:

*"Chico está sempre presente
nas esquinas
nas calçadas
na Igreja
no Tribunal, no Sindicato
em reuniões abertas e fechadas
nos seringais
nas estradas
nas lutas das derrubadas
nos empates...
junto a sua companheirada

de manhã
à tarde
à noite
a qualquer hora da madrugada."*

Esta é a homenagem de uma das pessoas entrevistadas, Maria Madalena de Souza Dutra²⁴ - poetisa de Cordel - ao líder sindical e ecologista Chico Mendes, assassinado em dezembro de 1988; fato este que causou grande comoção nacional e internacional.

²⁴ Maria Madalena de Souza Dutra, poetisa de Cordel de Xapuri, é historiadora.

Com relação à questão da **forma** e do **conteúdo** próprios da Literatura de Cordel, há alguns teóricos que avançam e chegam a mais algumas modalidades de eixos temáticos ou maneiras de compor as poesias. Entretanto, é conveniente aqui ressaltar uma espécie de Cordel que, no decorrer destes estudos, foi se tornando patente e necessária, principalmente tendo em vista os objetivos deste trabalho. Propugno, então, uma modalidade por mim denominada **Cordel pedagógico**, cujas características podem ser-lhe muito específicas mas, do mesmo modo que as demais, podem circunscrever-se em outras vertentes, como ficou fácil observar em vista da inexistência de fronteiras reais entre uma modalidade e outra, o que é próprio das questões relativas à teoria da literatura, esteja ela em que âmbito estiver. Neste caso, convém registrar o que disse, em depoimento, a pedagoga Adízia Araújo²⁵:

“O objetivo principal do NEPA/UFAC (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização da Universidade Federal do Acre) era trabalhar a escrita, associando-a a várias linguagens, principalmente a literatura, a música, o teatro e tendo a escrita como eixo. (...) As crianças gostavam de tudo mas tinham medo de escrever (...). Aí eu lembrei do Cordel, comecei no Cordel e eles continuaram no Cordel, e foram aprendendo a ler poesias e a gostar(...). É interessante pelo menos ler o Cordel. Eu trabalhei com alfabetização de adultos e é uma forma que eu encontrei pra começar, e fazer com que eles comessem a gostar de poesias com (através da) Literatura de Cordel...”

Este é apenas um dentre tantos depoimentos que confirmam mais esta especificidade própria da Cantoria. Assim, a Literatura de Cordel, do ponto de vista deste estudo, além de um instrumento de crítica e conscientização, será patenteada enquanto eficaz instrumento de alfabetização, principalmente, das massas menos favorecidas que são exatamente os que mais apreciam a Cantoria.

Em entrevista prestada à pesquisadora Jerusa FERREIRA (Op. cit.: 25), o editor e proprietário da Luzeiro Editores, Arlindo Pinto de Souza, deixou registrado um depoimento por demais ilustrativo:

“E por falar em aprendizado, há dois anos recebi um fiscal e ele comentou que não aprendeu a ler na escola, pois a mãe era professora e ensinou a ele e a mais nove irmãos. E ele se desenvolveu lendo nossos livrinhos.” (Grifos meus.)

²⁵ Adízia Araújo é professora do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Acre e membro da equipe do NEPA/UFAC.

É bom então que se busque uma abordagem criteriosa acerca das origens a partir das quais a Literatura de Cordel veio da Europa, hospedou-se no Nordeste brasileiro e, por fim, achou espaço no Acre e em muitos outros quadrantes deste país.

3.4. A Península Ibérica e os Reflexos da Medievalidade

Durante muitos séculos, desde antes da época de Viriato e a conquista romana, até a era de Napoleão, na França, a Península Ibérica teve seu território invadido por povos conquistadores de ascendências variadas. Há os que admitam tais fatos terem ocorrido em vista da posição mais ocidental da Península em relação à totalidade do continente Europeu, o que possibilitava os avanços marítimos pelo Oceano Atlântico, sem a necessidade da passagem vigiada pelos faróis do estreito de Gibraltar. Por outro lado, por intermédio dos portos da Espanha no Atlântico Norte e no mar Mediterrâneo e, é claro, através dos ancoradouros portugueses debruçados por sobre o mar que apontava para os tesouros do Novo Mundo, o empreendimento marítimo far-se-ia significativamente vantajoso, principalmente, em vista da vocação náutica e do domínio do povo de Portugal na arte da construção de navios - os grandes armadores do final da medievalidade ao início da era moderna. A dominação mourisca por sobre a Península se estendeu por um grande período e as influências culturais turcas foram enormes, chegando até as Américas. Foi da mesma maneira que Napoleão Bonaparte quis e conseguiu conquistar a Península, o que findou, pela primeira vez em mais de trezentos anos, fazendo com que a Coroa Portuguesa se lembrasse de que o Brasil existia e muito bem poderia ter outras finalidades, além da rica agência de extorsão de impostos coloniais, de que os brasileiros eram vítimas, tudo em nome da construção e manutenção de um Reino de Portugal, frágil como a sua aristocracia analfabeta, que apenas muito sabia viver das benesses extraídas à custa do suor e do sangue de negros e mestiços brasileiros pobres, a quem não era outorgado nenhum direito.

É certo que houve grande influência cultural externa sobre os povos da Península durante muitos séculos. Uma cultura latina pagã adquiriu traços bizantinos e, mais tarde, vieram mais influências culturais, agora católicas, posto que Roma achou por bem decretar o

Cristianismo como religião oficial de todo o Império Romano, e os povos da Península estavam sob o jugo deste Império. Toda essa miscigenação cultural, por fim, foi traduzida pelas características peculiares das manifestações que foram trazidas para a América Latina e, conseqüentemente, para o Brasil.

Até mesmo a periodização da Literatura feita em Portugal se cinde e se mescla à feita no Brasil. Assim, os autos católicos, as cantigas de escárnio e de amor, os trovadores e o teatro de Gil Vicente, dentre outros fatores, foram trazidos para o Novo Mundo. Anchieta cá encenou ou autos divulgadores do catolicismo. Vieira cá escreveu seus *Sermões*. Gregório de Matos, depois da fase paroquial, fez versos de escárnio político-social, fez cantigas de amor e trovas as mais diversas.

A maneira simples de versejar também aqui aportou pela pena dos jesuítas portugueses, já que estes precisavam fazer-se entender *em sua fé* pelos silvícolas brasileiros em fase de aculturação. Foram os portugueses também que trouxeram os *Cordéis*, tão humildes quanto aqueles que cá ou lá os negociavam. Desta forma, pode-se afirmar que a simplicidade das sextilhas de Gregório é a mesma que chega aos poetas de Cordel dos nossos dias. Conforme DIÉGUES JÚNIOR (1973: 10), mesmo nos últimos anos do período medieval,

“... o registro escrito era privativo de alguns eruditos. Decerto, nos conventos era onde essa erudição encontrava seu melhor ambiente. Daí a influência que vai ter a Igreja, através dos mosteiros, dos conventos, dos frades e sacerdotes, na divulgação da literatura tanto em prosa como em verso”.

Apenas os monges é que se encarregavam da composição dos manuscritos e detinham o domínio das línguas escritas e das vias intelectuais da época. É por este fato que o comentarista coloca em relevo a influência clerical. Se bem que a sofisticação de alguns poemas líricos medievais só poderiam ter saído dos monastérios, embora sob pseudônimos, uma vez que lá - e em nenhum outro lugar - é que se encontravam, certamente, os mais habilitados no trato com a linguagem e com a poesia absorvida em conformidade com os padrões herdados das obras clássicas, muitas pagãs, mas todas confiscadas pela censura inquisitória dos católicos e analisadas pelos monges. É exatamente esta produção literária, escrita em português arcaico, que chegou ao Brasil com os jesuítas e forneceu a base para a Literatura de Cordel, hoje composta pelos poetas populares do Norte-nordeste brasileiros.

A Literatura de Cordel tem a sua mais legítima origem vinculada à propagação dos relatos de velhas histórias tradicionais, narrativas de tempos remotos quase perdidos que, de geração para geração, de época para época e de lugar para lugar, a memória das pessoas foi mantendo vivas, preservando-as e transmitindo-as. As composições poéticas antes denominadas romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de batalhas, guerras e viagens, ou *cruzadas cristãs*, ou descobertas marítimas, chegaram-nos pela vasta tradição da poesia popular hoje *cantada* nos quatros cantos do Brasil.

E os séculos sucederam-se. As culturas absorveram tradições outras que vieram para se incorporar aos traços mais antigos. Enquanto esta manifestação popular era difundida aos quatro ventos, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de acontecimentos recentes, de ocorrências vividas no seio das sociedades, que muito bem foram paulatinamente caindo no gosto do público. Aí, então, a Literatura de Cordel começou a ser a fonte da qual iam brotando informações de toda ordem; e os jornais ou as revistas ainda não haviam se disseminado; era o Cordel (anteriormente dito *jornalístico*) que cumpria o papel que mais tarde passou a ser desempenhado pelas reportagens dos noticiosos. Para Teófilo Braga, foi justamente quando os jornais começaram a exercer suas funções que a Literatura de Cordel começou a sofrer abalos, preponderantemente em Portugal. Cá no Brasil, apesar da propagação do jornal, o Cordel houve por bem continuar em seu pleno esplendor, só vindo a ser ameaçado em nossos dias com o advento do rádio e, depois, da televisão. Ainda consoante Teófilo Braga,

“... a presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; veio-nos com o romanceiro peninsular e, possivelmente, começam esses romances a ser divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens (...). É evidente que o romanceiro que nos veio de Portugal não era exclusivamente lusitano; aí tinha chegado por várias fontes. Era, assim, peninsular, tanto que se divulgou também nas partes de colonização espanhola na Améric.” (Apud PROENÇA, 1977: 28)

Tudo o que foi absorvido pelo sertanejo, no Brasil, desde muito tempo, tem origem nas manifestações populares dos espanhóis e dos franceses; uns habitaram, outros, em grande medida, influenciaram a cultura peninsular.

Em Portugal, a absorção das manifestações poéticas populares, oriundas das demais culturas latinas (bem como de outras), foi sendo incorporada paulatinamente e em

conformidade com a intervenção de agentes culturais que viam, entre os lusos, as possibilidades de divulgação e implantação dos romances *importados*. Segundo Jerusa FERREIRA (Op. cit.: 16), a obra *História do Imperador Carlos Magno* chegou à Península Ibérica e, daí, à sua “*extensão colonial*”, por intermédio de “*Jerônimo Moreira de Carvalho, em Portugal, no século XVIII*”. Observe-se, então, que “*trata-se de uma novela de cavalaria bem tardia*”. Os romances de cavalaria existiram na Idade Média, mas só muito tardiamente é que chegaram a Portugal e, depois, ao Brasil, pela via do Cordel. Convém ressaltar, no entanto, que a tradição francesa carolíngia é amparada na história real de Carlos Magno. Já no caso da tradição portuguesa, o fictício mesclava-se à realidade a ponto de ser confundido com ela. Enquanto os franceses buscavam historicizar fatos realmente acontecidos e, por isso, duradouros, definidos, aos portugueses cabia uma mistura de ficção e realidade, que acabou por esvaecer e até extinguir os laivos de verdades que poderiam vir a ser comprovadas, mas que findou por propiciar o surgimento de um veio literário abundante que desaguou na Literatura de Cordel. (Em Portugal, ainda hoje, por exemplo, há quem acredite na volta de D. Sebastião, morto, em realidade, na batalha de Alcácer-quibir, contra os mouros, em finais do século XII, mas ressuscitado pelo romantismo de Alexandre Herculano no romance épico *Eurico, o presbítero*, escrito já em pleno século XIX).

DIÉGUES JÚNIOR (1973: 10) evidencia outro aspecto importante que é o do analfabetismo em Portugal das primeiras épocas. Lá também, como poucos eram os que sabiam ler, formavam-se os círculos ao redor dos *cantadores*, nas feiras, o que constituía interessante “*instrumento de comunicação de fatos ocorridos e narrados nesses folhetos; também no Portugal isso era uma constante*”. Tal como hoje ainda ocorre nos seringais da Amazônia, à noite, à luz do candeeiro (ou *lamparina*²⁶), as pessoas se reúnem para que uma delas, muitas vezes a única alfabetizada, faça a leitura dos Cordéis mais recentes. São estes traços de uma cultura em fase de solidificação. Cultura esta que tem sua origem em uma cultura portuguesa, a qual originou-se de uma fonte ainda mais remota, a França de Carlos Magno, a respeito do que trata o item seguinte.

²⁶ *Lamparina*. Espécie de candeeiro, de lata ou alumínio, sem manga e a querosene, muito usada no Norte-nordeste do Brasil; na Paraíba dão-lhe o nome de *fiô*.

3.5. Origens Remotas

- a França de Carlos Magno

Para efeito do método, é necessário retomar a história das origens do Cordel, agora já não mais ao nível de Portugal, mas em uma nascente ainda mais remota: a baixa Idade Média e a França do imperador Carlos Magno.

Observou-se quanto necessárias se fizeram as influências da poesia popular portuguesa sobre a Literatura brasileira de um modo geral, isto até o Romantismo, em meados do século XIX. É só a partir daí, com Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves, Machado de Assis, dentre outros, que começamos a tratar literariamente temas originários do nosso meio; mas este é um começo ainda muito tênue, visto que a principal vertente dos nossos românticos deita raízes no Romantismo francês, com o mito do *bom selvagem*, tão bem representado pelo índio Peri, ou a índia Iracema, de José de Alencar. A solidificação e o *abrasileiramento* da nossa Literatura só se operou realmente a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, quando a principal reivindicação dos manifestantes era a favor de uma arte propriamente nossa, que abordasse temas genuinamente referidos à problemática dos brasileiros.

Observem-se, entretanto, o quão importantes são as influências da cultura francesa antiga sobre os povos da Península Ibérica, principalmente sobre Portugal. Ivan C. PROENÇA (1977: 23) assegura que

“... quanto à época do surgimento do cordel ou literatura popular em verso, não se encontrou até hoje uma definição precisa. Sabe-se apenas que foi assimilada em Portugal antes do século XVII, como originária dos romances tradicionais que aqui (no Brasil) chegaram também nos séculos XVI e XVII através dos nossos colonizadores. Inicialmente foram ‘folhas soltas’ ou ‘volantes’, como por exemplo a história do imperador Carlos Magno.”

Desta maneira, com relação à questão da época, pode não haver muita precisão; mas, com relação à questão da fonte, é indiscutível a origem francesa, visto que os principais personagens da literatura popular em Portugal (o que também chegou ao Brasil) eram o imperador dos francos e seus cavaleiros, a quem atribuem-se feitos tão grandiosos quanto fantasiosos. Além de Carlos Magno, são dignos de menção ainda os personagens *real-fictícios* Roldão e Oliveiros, guerreiros nobres da Corte dos francos²⁷.

Assim, por este caminho, Edson Carneiro afirma que “*Carlos Magno e seus barões, glorificados nas canções de gesta, vivem no Brasil*”, posto que a poesia popular dos francos cá chegou e cá se fixou sem tantas modificações, ao nível conteudístico ou formal. (*Apud* FERREIRA, Op. cit.: 15). Ao interpretar a *permanência* de Carlos Magno no Brasil, assimila-se que o significado deste componente herdado aos antigos francos, que se costuma chamar de imaginário sertanejo, vai se constituir como “*o único modelo histórico acessível para uma plebe que não tem história*” (Op. cit.: 74).

É justamente como Sílvio Romero também considerou: se tínhamos, como não temos, uma história nossa de proletários, era natural que copiássemos (ou plagiássemos) a história alheia. Por isto, Pessoa de Queiroz afirma que em “*pesquisas realizadas colocam-se como resultados o serem Getúlio Vargas e Carlos Magno as figuras populares mais ligadas ao Brasil tradicional*”. (*Apud* FERREIRA, Op. cit.: 75).

A influência do *herói alheio* - Carlos Magno - ainda hoje persiste. Mas é necessário que analisemos uma vertente da qual jorrou uma outra temática muito explorada pela Literatura de Cordel de algum tempo atrás.

- A *tavola* do Rei Artur

A referência ao Rei Artur e aos cavaleiros da *tavola* redonda é explicada pelo fato de muitas das poesias populares do Norte-nordeste brasileiro abordarem conteúdos míticos, tratarem de reinos encantados e mistérios, do mundo da magia, das bruxas, faunos e gigantes.

²⁷ São *real-fictícios* porque alguns afirmam terem realmente vivido, mas as suas proezas é que não podem ser mais que obras da ficção.

Esta aura fantástica é emprestada já, de início, pela própria lenda arturiana. Tudo, no entanto, são referências difusas, mesmo porque o próprio legendário Rei Artur é parte do mundo encantado da literatura medieval.

É muito comum, ainda hoje, serem encontrados nos cordéis das feiras nordestinas folhetos como o da *História da Princesa da Pedra Fina*, ou o *Romance do Pavão Misterioso*, ou a *História de Roberto do Diabo*, todas com uma temática tradicional, em que a feiticeira do bosque transforma, por vingança ou por inveja, a princesa numa rã, ou o príncipe num pavão... quando não é o próprio demônio que se traveste de ser humano e dá muito trabalho para voltar ao seu *habitat*.

São ainda muito comuns *versos de assombração* que tratam sobre a aparição de *almas do outro mundo*. A telenovela *Pavão Misterioso*, dos anos 1970, é uma versão que saiu da Literatura de Cordel nordestina e chegou à televisão com uma gama infinda de acontecimentos bizarros (mulheres obesas que explodem, homens de quem saem formigas pelo nariz, ou o coração literalmente pela boca, bestiais lobisomens, humanos alados, e assim por diante...) que só podem ser *explicados* pela origem pitoresca arturiana, da qual surgiu o romance *provavelmente* original no início deste século.

Jerusa FERREIRA (Op. cit.: 16-7) defende a presença da “literatura arturiana em nosso ‘romanceiro’”. Segundo a autora, “há um núcleo de composições relacionadas, de algum modo, à saga arturiana (...) dividindo a presença dos ciclos medievais no Brasil, concretamente, nas vertentes carolíngia e arturiana”. Como já foi observado, de início há uma propensão para a descrição das realidades mensuráveis, o que é peculiar ao Cordel de origem carolíngia; a partir de um momento da história, as narrativas fabulosas passam a fazer parte do Cordel arturiano, posto que o próprio Rei Artur é uma lenda. Aí, um jogo temático cíclico entre o real e o irreal, mas apontando como uma das origens do nosso Cordel a *tavola* redonda. Aos arturianos legendários não é concebível de modo algum negar-lhes terem tomado parte imprescindível na formação, mesmo à longa distância *meta-temporal*, de todo este complexo aparato de manifestação e criação popular que se apresenta na Literatura de Cordel no Norte-nordeste brasileiro. A referência se coloca enquanto insofismável, embora não tão clara, pela aura de encantamento e magia que resumam da Matière de Bretagne (ou da) Demanda do Santo Graal. Nos dois textos observa-se toda uma “*máquina sobrenatural*”, a frequência de situações, em que as mais prodigiosas tarefas são confiadas ao herói, a presença do amor (no

primeiro caso) como força impelente à demanda de aventuras, tendo como prêmio a bela noiva, meta e conquista. No segundo caso, o sobrenatural abandona-se a um conluio com a fé, e todas as ações ocorrem por obra e graça dos milagres de que o Santo Cálice é capaz.

Nas circunstâncias nebulosas e confusas em que se inserem os romances maravilhosos (de encantamento), é deveras complicado afirmar um ciclo narrativo, uma vez que nada é real e tudo são crendices criadas pelo povo a partir da matriz arturiana e sua *tavola*. Todavia, existem pontos mais consistentes onde podem ser amarrados alguns aspectos que definem o mundo arturiano. Certamente é um mundo maravilhoso, feerizado, mas pronto para a qualquer momento redimir-se e tornar-se real. São viagens de cavaleiros andantes em busca de aventura, da *Tavola Redonda* como instituição, das cruzadas do *Santo Graal* como procura (e exercício ritual, social e político) de um reino de paz e justiça que a humanidade sempre ansiou e quis. Segundo Jerusa FERREIRA (Op. cit.: 53),

"... a corte do Rei Artur é vizinha do Reino da Morte e as aventuras que a ela se prendem, e onde comparecem todas as espécies de desafios, estão numa ligação permanente com o outro mundo. (...) A espada, arma maravilhosa, vai servir à busca dos objetos mágicos e é, no caso do Rei Artur, fabricada em Avalon e continuamente reforjada com a cooperação de um ferreiro do outro mundo. Esta espada deve ser reparada, em especial, por um campeão vindo do Norte, em geral da Terra dos Homens, para que o reino do outro mundo seja restabelecido em sua honra."

Assim sendo, o tema pode ser fantástico, as aventuras em que os duendes são vencidos podem ser fabulares, as batalhas contra os terríveis monstros são pitorescas, e assim por diante; mas o que é interessante, no fundo, é a mensagem que se prende ao conteúdo maravilhoso: busca-se sempre paz e igualdade entre todos os homens. E é exatamente esta temática, por muitos tida como ultrapassada, que é reelaborada pelo poeta popular brasileiro, que vê na glória da sua pena a única espada a redimir-lhe de tantos prejuízos em que o tem atirado.

CAPÍTULO IV

CULTURA POPULAR, EDUCAÇÃO E LITERATURA DE CORDEL

NO ACRE

4.1. O Teor Crítico-Educativo e os Aspectos Didático-Pedagógicos do Cordel

O principal objetivo deste trabalho é demonstrar até que ponto a Literatura de Cordel pode ser um instrumento pedagógico e, ao mesmo tempo, formador de consciências críticas. Há pelo menos duas possibilidades de encaminhamento e demonstração das proposições aqui manifestas. Por um lado, um significativo número de entrevistados, que exercem funções de educadores populares, atestam as possibilidades do que aqui é denominado *Cordel Pedagógico*, bem como, um outro número considerável de depoentes que labutam na produção cordelista, afiançam ser possível a prática do que aqui se propõe. Por outro lado, há textos de experimentados teóricos da Literatura que afiançam as argumentações e a tese aqui levada a efeito.

A Literatura de Cordel possui, realmente, essa faculdade de vir a tornar-se, no mínimo,

em um meio auxiliar, motivador, dos processos de ensino-aprendizagem levados a efeito, principalmente, nas comunidades mais carentes, onde a modalidade literária aqui tratada é bem aceita e tem grande número de apreciadores. Mas, no nível da ação pedagógica, o Cordel, ou Cantoria, pode ir mais longe e passar de um elemento motivador a um instrumento eficaz que, por si só, consiga não apenas alfabetizar, mas elevar criticamente as massas enquanto forjadoras do seu auto-desenvolvimento, o que redundará no enfrentamento e compreensão dos meandros sócio-políticos da sociedade capitalista.

Faz-se necessário, então, ir buscar respaldo na prática dos entrevistados que vivenciam, *in loco e in facto*, e têm experiência comprovada no trato com as questões didático-pedagógicas, a exemplo de Manoel Estébio Cavalcante da Cunha¹, que lida no trabalho de alfabetização de seringueiros, índios e ribeirinhos, nas mais distantes localidades dos altos rios do Acre. Segundo ele, a organização não-governamental de que é membro - o Centro dos Trabalhadores da Amazônia - começou a trabalhar incentivando várias linguagens, dentre elas o Cordel, como algo interessante e adequado ao nível de uma clientela já tradicionalmente afeita a uma cultura da oralidade, onde a escrita ainda é algo muito distante e que, na escola, sempre necessita de um elemento motivador para que seu exercício se efetive.

Para o pedagogo, a motivação encontrada foi justamente o Cordel, visto que é nas próprias comunidades aldeãs onde se escreve, dentre outros temas, a história do Acre, em versos. Houve-se por bem, então, aproveitar esta experiência da clientela e adequá-la ao programa de estudos que lhe convinha, de acordo com as suas preferências e em conformidade com o mundo do trabalho no seringal.

Para Manoel Estébio, o Cordel, por ser cultura popular, já facilita o entendimento, o que não acontece com os textos de jornal. *“Se você faz uma notícia em cordel e veicula essa notícia no encontro, a recepção é extremamente diferente, então ela é melhor apreendida”*. Para o pedagogo, o Cordel é *“uma ferramenta”* como linguagem auxiliar de grande força,

“... tanto é que, quando uma pessoa se alfabetiza, a primeira motivação dela é exatamente escrever cordel, que também é utilizado no processo de aprendizado da leitura e da escrita(...). O cordel é elemento bastante presente no nosso contexto e tem-se mostrado extremamente eficiente (...). No seringal, o processo de aprendizado não se dá como na escola, não se dá por processos formais(...). São processos extremamente informais. Nós temos o Jorge Capoeiro que aprendeu a ler quando o marreteiro (mascate) ia pra casa dele e ficava rabiscando. Ele ficava

¹ Manoel Estébio Cavalcanti da Cunha, entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

prestando atenção e o cara percebeu que ele queria aprender... e ele aprendeu por aí. Depois ele se desenvolveu mais nos cursos que a gente fazia, passou a freqüentar sistematicamente e foi nosso professor. E tem também os casos mais antigos de filhos de nordestinos que os pais ensinavam cordel. A família Gaudêncio, lá em Xapuri... O Paulo, o Zé Gaudêncio aprenderam assim; o pai deles ensinou. E a Deci, que trabalha na cooperativa de Xapuri, aprendeu por um processo assim; o pai dela era um nordestino do Piauí, amante do cordel, em casa lia muito e ela aprendeu lendo cordel”.

Há de se observar, então, que o Cordel deixa de ser mero incentivo para-didático e vai fazer-se instrumento eficaz de alfabetização dos filhos de seringueiros do Acre, a exemplo da família Gaudêncio e da Sra. Deci. Por outro lado, convém asseverar, Jorge Capoeiro é *intelectual orgânico* formado no seio da luta dos seringueiros de Xapuri.

Faz-se necessário considerar os acréscimos emprestados pelo depoimento de Adízia Araújo², principalmente quando ela acentua que se o Cordel for trabalhado convenientemente, pode servir de aproximação e até de desmistificação da linguagem. *“Não é aquela coisa que está lá no dicionário, é algo que é do nosso dia-a-dia. O vocabulário é muito acessível”*. É o linguajar próprio do homem dos sertões que muito bem se adequa ao meio onde o Cordel pode ser útil enquanto instrumento didático-pedagógico. Esse é um meio habitado por pessoas humildes, que não querem muita coisa além da simplicidade do seu viver, da sua cultura proletária que lhe basta.

O parecer de Antonio Stélio Araújo de Castro³ dá conta de exemplos de pessoas que *“aprenderam, filhos de amigos meus, poetas, de pessoas que fazem cordel, na Paraíba, e que aprenderam a ler através do cordel”*. Tão comprobatório, porém um pouco mais ilustrativo, é o que nos diz em entrevista Rivanda dos Santos Nogueira⁴:

“... eu já vi, inclusive, meu pai ensinando amigos dele, do seringal, a terminarem de aprender a ler no cordel. Vi pessoas da minha família, que moravam no seringal, principalmente no final da tarde para a noite, se reunirem para descansar e ter esse laser. Uma das formas de laser é o cordel e, dessa forma de laser ele gosta tanto, principalmente o pessoal da zona rural, que eles acabam terminando de aprender a ler em cordel. Inclusive, nas escolas de zona rural, o cordel é muito mais utilizado que na cidade.”

² Maria Adízia M. Araújo, entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

³ Antônio Stélio Araújo de Castro é jornalista, editor-chefe do jornal *Página 20*, de Rio Branco, Acre.

⁴ Rivanda dos Santos Nogueira, entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

Assim, o Cordel não proporciona apenas o mero aprendizado de uma leitura mecânica, descomprometida, bem ao modo das pedagogias hoje aplicadas para as clientela da maioria das escolas públicas; o Cordel vai adiante e torna mais fácil o entendimento da mensagem veiculada através dos textos. O cordelista Raimundo Nonato da Rocha relata que

“... quando era criança gostava da literatura de cordel porque era mais fácil e, aprendia a ler melhor, a analisar as coisas. Acho que ainda hoje é mais fácil cê aprender a ler, desperta mais interesse, lendo a literatura de cordel (...). Nas pessoas da zona rural, nos seringueiros, desperta mais interesse em ler um cordel do que um livro didático, porque eu considero o cordel na alfabetização da pessoa como o vôo da águia; eu considero muito mais direto que um livro, uma obra literária mesmo... assim... mais acessível a pessoas de menos cultura... Eu considero que o cordel vai mais direto, ele desperta mais interesse porque é mais fácil (...) E a pessoa sente mais atração porque existe sátiras, contos, lendas nordestinas. Eu vejo que é mais fácil os filhos de seringueiros, de agricultores, aprenderem a ler pelo cordel, do que pelos livros didáticos...”⁵

Já o poeta e repentista Robimar Vicente de Barros⁶, o *Cancão de Fogo*, ainda em 1993, pôs em relevo o seguinte comentário conclusivo da sua entrevista:

“Eu conheço um amigo meu que tem um filho que ele ensinou a ler pela literatura de cordel... O que vai acontecer é que se você ensinar um menino a ler pela literatura de cordel, ele vai ficar sabendo das verdades da comunidade, da cidade, do estado, do país, porque o cordel, hoje em dia tá falando mais, tá tratando mais dessas verdades que uns querem esconder do povo... Então esse menino deve aprender a ler pelo cordel e no cordel ver as verdades, porque o cordel hoje em dia só tá tratando sobre a verdade da política...”

Foi por intermédio de versos de Cordel, como se vê nos exemplos acima, que muitos nordestinos chegados ao Acre, e seus descendentes, ensinaram as primeiras letras aos seus filhos. É esta linguagem coloquial, popularesca, sem torneios metafóricos ou estilísticos, que permite uma maior acessibilidade das pessoas aos textos em Cordel, o que redundará na desmistificação da linguagem considerada pela clientela como algo quase inacessível, em vista da densidade dos textos didáticos produzidos para o aprendizado dos filhos das classes mais abastadas. O aprendizado pela via cordelista é feito como uma forma de laser para os mais humildes, principalmente, da zona rural; o que ocorre sem tanta necessidade de recorrer aos dicionários que findam por não conter os termos regionais. Como o “vôo da águia” (para o

⁵ Raimundo Nonato da Rocha, entrevista cedida em 20 de novembro de 1995.

⁶ Robimar Vicente de Barros, 78 anos, cearense, é poeta e repentista (violeiro).

amazônico seria o vôo do gavião), essa motivação, esse interesse provocado pela simplicidade do Cordel, são mais rápidos e diretos aos objetivos que busca-se serem alcançados: a alfabetização consciente, a politização das massas sacrificadas por um sistema que só as permite vivas para a contínua reprodução dos seus empreendimentos capitalistas.

É desta forma, pois, que buscamos a formação de um número cada vez maior de “*intelectuais orgânicos*” formados no seio da própria luta de classes verificada nas matas amazônicas, como é o caso de ex-alunos do Projeto Seringueiro que hoje dão aulas da mesma maneira através da qual aprenderam. Para Antonio GRAMSCI (1989: 343),

“... cada grupo social cria para si, ao mesmo tempo e organicamente, um ou mais grupos de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função não só no campo econômico, mas também no campo social e político”.

Assim, seringueiros, índios, posseiros e ribeirinhos amazônicos devem lutar pela formação dos seus intelectuais que hão de vir a liderar, como já lideraram, seus movimentos de classe em busca de melhores dias.

Segundo Jerusa FERREIRA (1995: 26), as possibilidades pedagógicas do Cordel podem ser atestadas através das palavras do editor Arlindo Pinto de Souza: “*...E há uma peculiaridade: os pais têm interesse de que os filhos leiam ou ouçam as histórias. Outro dia mesmo veio um senhor levar livrinhos para as crianças, para criar gosto*”.¹⁰

As palavras de Márcia ABREU (1994: 33), contudo, é que emprestam maior plausibilidade às proposições que visou sustentar. Segundo a pesquisadora,

“Severino Feitosa aprendeu a ler decorando os textos. (...) ‘E tá de eu ter aprendido naquilo, então eu decorava o conteúdo da história, aprendia aquelas lições pra poder aprender as letras. E aquilo eu decorava tudinho, lendo. E aquilo ali eu passava. Ai eu lia Geografia, lia História do Brasil e fui aprendendo a ler’.

Ou seja: o cordelista fazia versos sem saber ler, mas foi obrigado pelas circunstâncias a alfabetizar-se e, depois, munir-se de argumentos que o amparassem na hora de um desafio, por exemplo, a respeito de um fato como a Independência do Brasil.

Márcia ABREU (1994: 33) vai mais além e registra o depoimento do poeta e editor Manuel Camilo a Orígenes Lessa. Segundo Camilo, “*há casos até mesmo de pessoas que*

aprenderam a ler através dos folhetos. Folheto tem desasnado muita gente nesse mundo de meu Deus. A rima estimula muito o matuto, o povo do sertão...” Segundo a pesquisadora, o poeta popular Camilo quer ressaltar “*a idéia de que a estrutura peculiar aos folhetos atua como auxiliar mnemônico (para o desenvolvimento da memória), capaz de garantir não só a divulgação, como também, em alguns casos, o acesso à alfabetização*”.¹¹

Há ainda um outro registro digno de menção. Para Márcia ABREU (1994: 34), “*autores de pouca ou nenhuma instrução formal são autodidatas ou aprenderam a ler com parentes e conhecidos ou através do contato com folhetos*”. Em vista do que aqui fica patenteado, já não se pode mais negar as possibilidades pedagógicas que podem ser atribuídas ao Cordel, principalmente entre aqueles que fazem deste o único veículo de informação e entretenimento disponível, uma vez que aos seringais do Acre, talvez felizmente, ainda não chegaram a televisão, ou a energia elétrica, e muitos são os que não conhecem uma escola, ou dinheiro em cédula, e têm apenas rotos andrajos como indumentária de trabalho e lazer, a exemplo do que testemunhou Clodovis Boff no seu livro *Teologia pé no chão*.

Com relação ao fato de a superior maioria das populações amazônicas e nordestinas ser composta de pessoas não-alfabetizadas, DIÉGUES JÚNIOR (1973: 146) julga que

“... talvez seja paradoxo considerar esta importância - a da literatura de cordel - para uma sociedade analfabeta. Contudo, eram os folhetos lidos pelos alfabetizados que serviam aos conhecimentos, ainda poucos, é claro, dos analfabetos, da massa rural então dominante”.

O que exatamente aconteceu com as narrativas de outros tempos, com os romances herdados de vetusta tradição, é que, transformados da prosa para a poesia, passaram a servir de deleite a essa população desinstruída, que se enriquecia assim de erudição e conhecimentos. Daí, então, não raro a exibição desses conhecimentos, ainda que sintetizados, por parte dos poetas do povo, muitas vezes sem o domínio da leitura ou da escrita, mas plenos de informação histórica, geográfica, política, como no caso já citado em que o cidadão memorizava um *sem-número* de versos e, depois, os recitava segurando o folheto como se soubesse ler. É dessa forma que obras clássicas e tradicionais do repertório francês chegaram ao conhecimento do sertanejo brasileiro, como a *História de João de Calais* ou *A História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*; ou do repertório de Portugal, como os versos de Pedro Malasartes ou os de Manuel Maria Barbosa du Bocage, um poeta do Classicismo português que quase só foi

conhecido no Brasil devido ao Cordel, que deu conta de boa parte de seus versos sensuais. Muitas dessas obras foram transmitidas por pessoas não-alfabetizadas, no entanto, puderam garantir um pouco de informação ou erudição a quem jamais foi dada nenhuma. Essa informação e essa erudição, nos dias atuais, adquirem uma tonalidade diferente e se tingem com as cores da conscientização das massas com relação a direitos que lhes são negados.

4.2. Acerca de um Cordel Político-Social no Acre

A Literatura de Cordel, conforme demonstrado anteriormente, se presta a objetivos didático-pedagógicos, mas, por outro lado, consoante afixou o poeta e repentista Robimar Vicente de Barros - pseudônimo *Cancão de Fogo* - já consegue, hoje, falar sobre algumas verdades obscurecidas. Em outros termos, há outra característica que, se bem utilizada, se bem colocada em teoria e em prática, renderá, certamente, bons dividendos a serem revertidos na ascensão social de toda uma classe de excluídos do Brasil.

As mensagens atualmente veiculadas pelo Cordel, principalmente entre as classes menos favorecidas, calam fundo na memória do povo e, hoje, já dizem respeito ao estado calamitoso que são as relações econômicas, sociais e políticas acreanas. O poeta já não mais apenas aborda os versos lírico-amorosos, as sátiras, ou as homenagens a homens anteriormente por eles feitos famosos. Há um bom número de cordelistas, e de instituições que os amparam, a tratar de temas que preconizam o bem-estar do todo social. Apontam-se as mazelas e seus causadores. Surgem críticas e soluções para problemas tão antigos quanto os homens que os criaram. O poeta de Cordel, hoje, principalmente no Acre, dentro dos limites que se lhes impõem e sempre tentando superá-los, se faz um intelectual engajado, crítico, tentando organizar os mais humildes, na busca do algo mais que não lhes é outorgado, porque as massas não se organizam muitas vezes simplesmente pela falta desse *intelectual orgânico*, divulgador de verdades que só o Cordel consegue fazer chegar, com tanta nitidez, aos ouvidos dos dois lados completamente inversos da mesma moeda: o patrão que sufoca e o sub-empregado que é expropriado de seus bens mais básicos, como a própria alimentação ou o vestuário.

Nas palavras do poeta Marcos Fernando Silva, o grito de socorro que sai dos versos do Cordel:

Injustiça

*"Era uma colocação⁷
De nome Jiquitaia⁸
Um dia chegou o fazendeiro
Todo dono do dinheiro
E disse pro seringueiro:
Cabra da peste, saia!*

*O pobre homem não pôde
Resistir aos seus capangas⁹
Desarmou a tipóia¹⁰
Pegou o quiba e mandou
A véia entrouxar as tangas¹¹".
(...)*

Nos versos do cordelista Antônio Bezerra do Nascimento, do Projeto Seringueiro, a realidade destes trabalhadores, para quem nada é fácil ou grátis:

A morada do seringueiro

*"Seringueiro mora em barraco
Coberto com aricuri¹²
Assoalhado de paxiúba¹³
Fechado com açai¹⁴
Não tem porta nem janela
Nem quarto para dormir.*

*Nas casas do seringal
É tudo bem diferente
No lugar de ter banheiro
Sempre tem uma vertente¹⁵*

⁷ Colocação. Sítio onde reside o seringueiro, onde tem sua plantação e seu criatório.

⁸ Jiquitaia. Formiga minúscula cuja urina causa fortes pruridos no corpo humano.

⁹ Capangas. Bandoleiros, pistoleiros, cangaceiros, assassinos de aluguel.

¹⁰ Tipóia. Rede de dormir.

¹¹ Tangas. Panos que substituem o cobertor.

¹² Aricuri.

¹³ Paxiúba.

¹⁴ Açai. Palmeira de cujo fruto se extrai uma bebida muito apreciada na Amazônia e de cujo tronco fazem-se as paredes das barracas dos seringueiros.

*E o esgoto da casa
É a própria água corrente.*

*Na cozinha geralmente
É construído um jirau
Não tem mesa nem cadeira
Nem copos de cristal
Só bebe água em caneco
Ou em lata de nescau.*

*Na sala tem um banquinho
De paxiúba ou madeira
O sanitário da casa
É dentro da capoeira¹⁶
E o papel higiênico
É folha de bananeira.”*

Em depoimento prestado, o poeta Raimundo Lacerda da Silva¹⁷, pernambucano radicado em Brasília, Acre, fala de uma poesia a respeito do “lado político, da forma do político usar o homem, o seringueiro que tá dentro da mata, sem conhecimento, sem ter acesso à televisão, ao jornal, sem leitura... E o político chega através de promessas...” E adiante acrescenta: “tudo o que for para esclarecer o nosso povo, politicamente, culturalmente é viável”. É a conscientização pela arte pregada pelos materialistas históricos. Desse modo, o Cordel praticado por esse poeta visa a conscientização do seu público seringueiro.

Para o poeta Francisco Ferreira Gomes¹⁸, de Cruzeiro do Sul, Acre, “os políticos em sua maioria visam o bem próprio, eles visam um povo semi-analfabeto, ou analfabeto, para que possam ser massa fácil de manobra... Um povo politizado, consciente, usa critérios numa eleição”. Para esse depoente, um Cordel politizador

“... só viria contribuir para o esclarecimento da população (posto que) a partir de iniciativas como essa nós teremos um povo mais politizado, porque a politização passa pelo fato da conscientização, do conhecimento do ser humano... Se a população soubesse a força que tem, se soubesse que é ela quem lá coloca os administradores, os representantes, talvez, aí sim, se ela soubesse a capacidade, o poder que tem aquele voto que se coloca na urna, talvez a situação fosse diferente.”

¹⁵ Vertente. Fonte de água potável

¹⁶ Capoeira. Mato ralo, crescido depois de haver sido derrubada a mata virgem original.

¹⁷ Raimundo Lacerda da Silva, entrevista cedida em 20 de novembro de 1995.

¹⁸ Francisco Ferreira Gomes, de Cruzeiro do Sul, Acre, é radialista, bacharel em Letras pela UFAC e praticante da Literatura de Cordel.

É esta a ignorância útil a que tanto se referem os socialistas. Assim, é por intermédio de expedientes como o Cordel que as pessoas mais humildes vão saber, finalmente, que têm força suficiente para colocar nos cargos de decisão quem lhe apeteça.

O poeta e repentista José Tito Pereira¹⁹, o Beija-flor, que fazia parceria com Cancão de Fogo, conta que, quando de suas Cantorias, no Ceará, “a gente só tratava do bem-estar do povo, tratava da fome, falava da miséria, da seca, da prostituição das garotas na praça, das crianças morrendo de fome antes de completar um ano de idade... Mas a solução nunca vem...” Já o seu parceiro Robimar Vicente de Barros²⁰ acrescenta que já fez muita poesia sobre a temática político-social, “é uma poesia muito boa que trata da condição de miséria desse povo que vem para cá (oriundos do Nordeste). Esse povo ainda hoje vive aqui muito ruim. A gente queria que melhorasse”. É esta a camada de pessoas mais carentes. São estas que estão numa faixa de emprego e pobreza abaixo da linha do exército especial de reserva a que aludem os marxistas. São problemas típicos de uma população eternamente acossada pelos maus tratos de lideranças, que as escondem no fundo dos sertões nordestinos, ou nas mais ermas paragens amazônicas.

Manoel Estébio Cavalcanti da Cunha²¹, orientador pedagógico do Projeto Seringueiro, afirma que

“... pessoas ligadas ao nosso trabalho escrevem cordel sobre a temática política para os nossos cursos; para explicar determinado tema e assunto a gente já produziu cordel... A educação aqui é extremamente política e os nossos professores têm feito cordel porque a gente o trabalha como matéria-prima das nossas aulas; e o nosso processo de capacitação é um processo político; porque a gente não tem na escola equipamento (textos) políticos, e os nossos professores fazem muito texto político de cordel”.

Mais adiante, o entrevistado trata a respeito da influência que pode o Cordel exercer em épocas de eleições:

¹⁹ José Tito Pereira, o Beija-flor, cearense, poeta e repentista, 74 anos, é parceiro de viola de Robimar Vicente de Barros, o Cancão de Fogo.

²⁰ Robimar Vicente de Barros, entrevista cedida em 20 de novembro de 1995.

²¹ Manoel Estébio Cavalcanti da Cunha, entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

“Influencia, sim, porque o cordel trabalha num nível de linguagem que é acessível ao tipo de eleitor que a gente tem, sobretudo no meio rural. Então a mensagem dita por um poeta cordelista é muito mais facilmente apreendida do que por aquele cara que vai lá com jeito meio acadêmico, doutor do falar... Então essa mensagem é melhor apreendida quando veiculada por um cordelista ou poeta popular do seringal”.

Em seguida, é feita observação relevante para estes estudos: por intermédio do Cordel, pode, infelizmente, também haver a absorção *“de um processamento conservador. Quando o cordel veicula alguma coisa de esclarecimento social é diferente... Então, é uma faca de dois gumes; uma mensagem reacionária também pode ser apreendida”.*

Assim, há o lado positivo da mensagem cordelista que pode vir em socorro do seringueiro amazônico ou do sertanejo nordestino. Mas há que cuidar muito com relação às mensagens conservadoras e ideologizantes que podem ser transmitidas por meio da Cantoria.

O jornalista Antônio Stélio Araújo de Castro²² observa que *“nas campanhas eleitorais”* é comum os cordelistas atuarem. Essa atuação, se consistente e bem direcionada

“... beneficiaria muito mais do que muitos meios de comunicação. A forma como o cordel se dá, como debate a questão político-social, em si, contribui imensamente para o esclarecimento da população, inclusive, cumprindo um papel que a própria imprensa muitas vezes não cumpre, que é o desenvolver as pessoas.”

Para o jornalista, o Cordel influencia bastante em épocas eleitorais, *“tanto sim que os grandes marqueteiros do país se utilizam deste artifício na campanha da mídia”.* Por isto, *“depende de quem o expresse (o Cordel) ter consciência política; conseqüentemente ele passaria essa mensagem e ajudaria na conscientização”.* Estas são palavras de um experiente homem de imprensa, acostumado nas lides do jornalismo político do Acre, onde os jornais burgueses nada mais fazem que maquiarm notícias, esconder fatos espúrios, falsear episódios, difamar os justos, usar poetas que precisam trocar seus versos por qualquer tostão que lhes amenize a fome, e assim por diante. São os tubarões da política conservadorista tradicional do interior do Brasil, a usar de todos as armas que se lhes encontrem ao alcance das mãos.

Consoante as palavras da entrevistada Maria Adízia Araújo²³, a Literatura de Cordel traz benefícios porque é *“um veículo de expressão do pensamento político popular”.* Com ressalvas relativas à questão da possibilidade de utilização da poesia popular por parte dos

²² Antonio Stélio Araújo de Castro, entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

²³ Maria Adízia de Araújo, entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

conservadores, a pedagoga crê em que é por intermédio das artes populares, a exemplo do teatro comunitário, que o povo mais humilde poderá manifestar-se politicamente. É uma via provável e possível de ser utilizada.

Para Mônica Silvestri Maciel²⁴, criadora do NEPA/UFAC (Núcleo de Estudos Pedagógicos em Alfabetização da Universidade Federal do Acre),

“... todo veículo, como o cordel, que é levado à pessoas que não têm acesso a outro tipo de relação com a leitura e a linguagem, é importante. Porque não pensar numa politização através da literatura de cordel, numa formação cidadã e de uma consciência crítica? O cordel seria o meio, talvez o mais disponível, a ser aproveitado”.

No caso do NEPA/UFAC, a Literatura de Cordel já começa a ser uma das formas mais exequíveis e viáveis nos processos de alfabetização e formação crítica aí pesquisados, principalmente com base em manifestações das artes populares, segundo assinalou anteriormente a Professora Maria Adízia.

As palavras de Rivanda dos Santos Nogueira²⁵ atestam o benefício do Cordel com relação à criação das consciências cidadãs que pregamos: *“é uma forma de manifestação e até de conscientização”*. Entretanto, esta é mais uma das vozes que se levanta para alertar contra o perigo da manipulação: *“os cantadores podem ser manipulados... Eles (os agentes da política conservadora) colocam a literatura de cordel não como um instrumento de conscientização, mas como um instrumento de exploração”*. Mas a entrevistada atina por uma outra vertente mais otimista e acredita que por intermédio do Cordel as pessoas poderiam ficar mais críticas. *“É costume, quando eles terminam de ler o cordel, comentar entre si, fazer julgamento de valor... Então, eu acredito que é um dos instrumentos que podem aguçar a crítica e a criatividade de quem os lê”*.²⁴ Esta é uma praxe nas casas de muitas famílias seringueiras, principalmente nas regiões de Xapuri e Brasiléia, onde o que sucede à leitura é um comentário acerca do caráter da mensagem veiculada pela poesia. Aí mais um testemunho, também, do didatismo do qual pode revestir-se o Cordel.

Comentários também bastante lúcidos vêm da parte do Professor Reginaldo Fernando

²⁴ Mônica Silvestri Maciel é especialista em alfabetização, coordena o NEPA e é professora do Curso de Pedagogia/UFAC.

²⁵ Rivanda dos Santos Nogueira, entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

Ferreira de Castela²⁶ quando o mesmo reafirma a simplicidade e a popularidade dos temas tratados no Cordel. Segundo suas declarações, a forma literária também denominada Cantoria é

“... leitura do povo e, sem dúvida, o cordel político existe há muito tempo... Enquanto arte, procede de uma maneira muito especial na abordagem da realidade, principalmente do tema político; e isso tem significados. O benefício é claro; o cordel é capaz de fazer uma reflexão sobre temas da realidade, tema de uma complexidade brutal que é a política hoje... Do ponto de vista político, esse é um esforço que deveria ser tentado. Parece-me algo extremamente atrativo para a gente que quer ver todo mundo lendo... Há uma construção extremamente didática e intencional. O cordel vai principalmente afetar concepções políticas ou até a decisão da escolha do voto”.

A questão da formação das consciências cidadãs, também aqui defendida, é colocada da seguinte maneira:

“Se a gente pensar na complexidade que é essa idéia da construção da capacidade crítica, nós teríamos que pensar o cordel vinculado a outros elementos, a outras possibilidades; na verdade, o cordel é um instrumento e, nesse sentido, ele pode contribuir num contexto e em conjunto com outros elementos da própria participação política e atividade militante das pessoas, da própria realidade concreta, que é o que nos permite a maior capacidade de se tornar, de ser reflexivo sobre o mundo, e isso eu acho que é decisivo...”

Em verdade, segundo as palavras do Prof. Reginaldo Castela, há que unir o Cordel a outros elementos do contexto político real. A poesia popular, unida ao teatro de rua, por exemplo, pode ser decisiva para o adensamento dos esforços de construção do homem crítico e reflexivo que propugnamos. Tais assertivas coadunam-se ao princípio segundo o qual a Educação *de per si* não pode dar conta de todos os problemas nacionais, visto que faz parte de um todo orgânico em que, se uma das engrenagens sofre danos, todo o sistema é prejudicado.

Observação digna de nota é a do linguísta Vicente Cruz Cerqueira²⁷ com relação à abordagem cordelista sobre temas políticos. Seu testemunho afiança que

“... no cordel as pessoas demonstram conhecimentos sobre fatos políticos e a cultura geral surpreendentes, quando você considera a origem dessas pessoas e o tipo de experiência que elas têm em termos de material escrito ou de leitura.”

²⁶ Reginaldo Fernando Ferreira de Castela, economista e professor da UFAC, é uma espécie de conselheiro do Centro dos Trabalhadores da Amazônia.

²⁷ Vicente Cruz Cerqueira, entrevista cedida em 25 de novembro de 1995.

Este fato demonstra que, apesar das circunstâncias adversas, há um esforço do poeta por sempre veicular algo de útil ao seu público.

Há que considerar, ainda, as ponderações do historiador Carlos Alberto Alves de Souza²⁸, principalmente quando considera o Cordel como

“... uma forma de linguagem que deveria ser vista também pelo espaço (meio) político; também se poderia utilizar a valorização do cordel em qualquer divulgação de lutas. O cordel é linguagem importante quando é passador de experiências de lutas, de formação, de conscientização e de alerta.”

Desse modo, segundo ainda o historiador, o Cordel poderia influenciar muito na questão das eleições: *“se as pessoas mudassem o espaço político (os locais ou modos de divulgação e propaganda), poderiam ir para a rua e, através do cordel, os cantadores esclareceriam mais a população...”*

Assim, seria necessário que as ações dos movimentos sociais de classe ou de campanhas eleitorais buscassem novos espaços para a propagação de suas propostas. O Cordel é aqui apontado como uma das possibilidades através das quais as lutas poderiam ser melhor entendidas pelos agentes das manifestações e levantes populares.

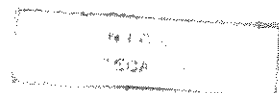
Da poesia do cordelista Marcos Fernando, ao depoimento do historiador Carlos Alberto Alves de Souza, o que se observou foi uma confirmação homogênea da proposição constante deste item: acerca da ocorrência de um *Cordel político-social* no Acre.

E o que dizem os mais velhos, *Cancão de Fogo e Beija-flor*? Dizem orgulhosos que a Literatura de Cordel, hoje, vem apenas para falar de verdades antes ocultas, ou obscurecidas. Existe, então, o que aqui denomino *Cordel político-social*. A pena do poeta não se cansa de clamar por justiça.

É conveniente uma retomada à seção *Revista* do jornal *Diário Popular*, de São Paulo. Em matéria acerca do anteriormente mencionado torneio de repentistas de Cordel, cuja etapa final ocorreu na capital paulista em julho de 97, o repórter Hélon Ribeiro dá conta de uma *“redescoberta dessa arte tipicamente nordestina”*²⁹. Contudo, há de se levar em consideração

²⁸ Carlos Alberto Alves de Souza, professor da Universidade Federal do Acre, é pós-graduado a nível de Doutorado em História pela PUC- São Paulo.

²⁹ Jornal Diário Popular, Obra citada, p. 6-1.



que, na realidade, a nível de Centro-sul, os acontecimentos podem dar a entender o advento de uma redescoberta da Literatura de Cordel, posto que, como acentuado antes, os cordelistas chegaram a ser perseguidos pela polícia paulista, segundo o já considerado registro de Ignez Ayala, em um momento de intensa movimentação deles mesmo junto a importantes órgãos de comunicação. Ocorre que, naquele momento, o veio *político-social* do Cordel começava a aflorar e a dar sinais de futuros desenvolvimentos, o que, certamente, desagradou às lideranças para-militares, que jamais quiseram ouvir lamúrias de mestiços pobres que nunca deveriam ter saído das suas origens para cantar desgraças.

No próprio Nordeste, a censura dos anos de ditadura se abateu por sobre os cordelistas. No Acre, a exemplo do que observamos das cicatrizes guerrilheiras de Raimundo Nonato da Rocha e a *Peleja do sapato com a bota*, o Cordel político-social recrudesceu e levou Rocha a ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional. A arma dele era um lápis.

Mais importante ainda é frisar os argumentos postos em pauta por Batista de Medeiros³⁰, o articulista. Segundo o artigo intitulado *Cordel eleitoreiro*, apesar da existência de um Cordel “caça-níqueis”, feito por poetas que vendem seus versos a quem jamais teria as qualidades *cantadas* em poesia, nos arredores de Rio Branco, Zé de Barros Pelé cantou em comício para extasiada platéia “*um cordel progressista, atualizado, real, contextualizado, histórico. Um cordel que fala de justiça social, de conscientização das massas pobres, de voto livre da subversão politiqueira*”. Mais adiante o articulista acrescenta que viu

“... a literatura de folhetos ajudar na construção da consciência crítica, na pregação de verdades que os pobres devem saber para que não continuem a dar asas aos vãos cada vez mais altos de candidatos e políticos que mentem pelos salários que ganham.”

Este é o Cordel *sócio-político* acreano, aqui propugnado e defendido; uma manifestação popular que sai do mato e bate às portas do poder dizendo que existe e se faz útil aos que dela necessitam.

Segundo a análise de estudiosos da Literatura de Cordel, enquanto ocorrência cultural a nível de Brasil, a vertente *sócio-política* tem uma história digna do registro de Joseph LUYTEN (Op. cit.: 64):

³⁰ João Batista de Medeiros é articulista do jornal *Página 20*.

“Antigamente ela (a Literatura de Cordel) era portadora de anseios de paz, de tradição e veículo único de lazer e informação. Hoje, ela é portadora, entre outras coisas, de reivindicações de cunho social e político. Não somente para os nordestinos e descendentes, mas para todos os habitantes do Brasil. (...) Por isso ela continua importante, pois os poetas populares, através dela, mostram a verdadeira situação do homem do povo.”

É exatamente esse o Cordel *sócio-político* existente no Acre; para Joseph Luyten, uma espécie de porta-voz dos deserdados nacionais.

São elucidativos, ainda, os comentários de Jerusa FERREIRA (1993: 119) no tocante ao papel desempenhado pelo veio *sócio-político* da Literatura de Cordel:

“Observa-se a intenção de direcionar o relato a uma proposta moral, a um propósito de justiça social, sempre a manifestar-se na literatura popular. (...) Só se realiza através de toda uma proposta ética e social, perseguição de um refletir crítico, em que constata precariedade e se oferece solução...”

(...)

Mostram-se índices, os mais concretos, para a aferição de um quadro social. Ao lado disto, a constante colocação de uma proposta de justiça que, como se sabe, comparece como invariante, não só na condição de literatura popular, mas como um verdadeiro leit-motiv da cultura do Nordeste.”

Esse direcionamento moral é o fator mais presente nas manifestações populares nos recantos mais equidistantes do Brasil. A reflexão crítica é o que os movimentos sociais consideráveis mais buscam, mais querem atingir.

Lucien GOLDMANN (1973: 22) tem uma postura a encaixar-se em meio às abordagens até aqui verificadas:

“O homem tem problemas particulares e específicos. (...) Na história, o problema da tomada de consciência e de sua expressão da qual a criação cultural e literária constituem apenas um setor - assume, hoje, uma importância decisiva.”

Urgem tomadas de posição conscientes, apoiadas em teoria fidedigna que garantam resultados práticos na busca da elevação da consciência crítica das massas desassistidas pelo poderio do capitalismo monopolista de hoje.

4.3. Cultura e Educação

A Literatura de Cordel, ou Cantoria, vai além do mero propósito do entretenimento e chega ao seu público-alvo carregada de fatores outros, como a possibilidade de alfabetização e conseqüente instrução e, ainda, a característica que aqui a torna mais especial, que é o fato de poder vir a alimentar as imensas camadas populares com o poder da reflexão acerca dos motivos reais que as levaram à lástima do seu *modus vivendi*.

As elites criadoras e preservadoras do Estado *de direito* brasileiro propõem políticas educacionais e culturais para o todo da sociedade. Resta indagar sobre até que ponto tais propósitos chegam a ser levados a efeito concretamente. Importa observar até que ponto tais esforços podem representar algum avanço na superação das nossas contradições sociais. É fato que as classes dominantes mantêm este estado de coisas, têm feito todos arranjos com o fito de preservarem seu *status quo* promotor de benesses e poder. Cabe-nos, então, tomar guarda nessa guerra de posições; e a nossa trincheira é a educação das classes menos favorecidas. Urge a luta em prol dos benefícios que são devidos aos trabalhadores.

É esta a luta que buscará favorecer à superação das contradições vigentes nos quadros sociais brasileiros. Esforço este cuja tendência é ter início partindo dos quadros *intelectuais orgânicos* que se pretende forjar no seio das lutas empreendidas em meio aos movimentos sociais de massa, verificados com base nas insatisfações e reivindicações que reverberam de norte a sul do Brasil.

Muitos são aqueles a defender tais causas, poucos porém são os que têm influência suficiente junto aos organismos que gerem as políticas públicas de assistência social. É sabido que, mesmo quando da elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional, a intelectualidade brasileira foi chamada a opinar e a sugerir sobre um *ante-projeto* de lei. As opiniões foram numerosas, mas uma ínfima quantidade delas foi aproveitada, principalmente

aquelas que pudessem traduzir algum benefício mais sugestivo aos que delas realmente necessitam. Em 1990, Dermeval SAVIANI (1990: 3-9) dizia que o texto no qual estavam contidas suas sugestões “*difícilmente seria incorporado integralmente na aprovação da lei, porque aí passar-se-ia pela correlação de forças, por diferentes grupos de interesse etc., e inevitavelmente o texto sofreria alterações*”. Ora, a correlação de forças poderia pelo menos contar com a defesa do texto por parte de Saviani. Mas o autor seria por demais convincente, o que redundaria em prejuízos aos legisladores que houveram por bem considerar o que aproovesse aos interesses do poderio econômico instalado no Congresso Nacional. Conseguiram-se algumas conquistas que não dizem muita coisa no contexto dos nossos problemas educacionais.

Exemplo ilustrativo é o do Plano Estadual de Educação elaborado pelos burocratas do ensino no Estado do Acre, para o período 1989 a 1991. Dele consta tão somente uma isolada meta para a vastíssima zona dos seringais:

“ - Sensibilizar e apoiar as prefeituras para a construção de uma escola para formação de professores, em regime de internato, onde egressos das quartas séries do ensino fundamental da zona rural concluirão o 1º grau, e recebendo treinamento para o ensino do magistério.”³³
(Grifos meus)

As políticas são inviabilizadas por burocratas acéfalos e cumpridores do papel que se espera deles, ou são reprovadas por *quem de direito*, simplesmente pelo fato de que o corpo das idéias deve partir da classe dominante, e a ela não é interessante escolas que conscientizem as massas de subalternos que poderão vir a insurgir-se. Há falhas, é certo. Saná-las é o que nos convém tomando parte das lutas em favor da qualidade do ensino público.

Mas é preciso levar em conta o cidadão coletivo que aspira por melhores dias para si e para o seu povo. Segundo Lucien GOLDMANN (1973: 49), “*quando o sujeito é transindividual a consciência toma uma importância muito maior*”. Não importa cultivar a consciência crítica de um indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, em particular; interessa a busca da consciência coletiva que torna o cidadão responsável pelo bem-estar dos demais membros da sociedade em geral. Assim como não convém ao intelectual posicionar-se acima e, desse pedestal, emanar sabedoria para o restante dos mortais, torna-se conveniente, sim, postar-

³³ Estado do Acre. Secretaria de Educação e Cultura. Plano Estadual de Educação 1989-1991.

se ao lado daquele que necessita emancipar-se, buscando prestar-lhe auxílio sem o intuito de querer *iluminar*, como se as consciências estivessem apagadas.

4.3.1. A cultura popular e a realidade acreana

O poeta de Cordel está por aí, às voltas com a sua arte discriminada pela intelectualidade que não lhe outorga estatuto literário acadêmico. No entanto, importa ao cordelista que seu povo lhe renda alguma homenagem simples pela colaboração prestada. Ele se orgulha de ver sua poesia amada e recitada por amigos, leitores, clientes das humildes bancas de livreiros da periferia nacional. Tudo isto vem atestar uma acentuada consciência do valor poético e social daquilo que o poeta escreve. Melhor ainda é que sua origem pacata não lhe permite posicionar-se acima dos seus, uma vez que não pode intitular-se *acadêmico*. É desta forma que ele não labuta pela Academia, porque o intelectual da Faculdade faz uma poesia para os seus pares, tão eruditos quanto ele. O cordelista vai ao cidadão coletivo, ao sujeito *transindividual* (segundo Goldmann), sem querer iluminar-lhe a *consciência*. Ele é tão somente um *intelectual orgânico*, nascido e crescido no seio da luta das massas expropriadas, em busca de apenas um lugar sob o sol.

Convém atentarmos para o que Alfredo BOSI (1992a: 16) registra:

“... cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo.”

Indo um pouco mais adiante, o autor passa a considerar aspectos em torno ou além da questão educacional. Para ele, hoje, é comum, nos centros urbanos maiores, falar de cultura como nível de vida mais confortável, digno de buscar-se. Mais adiante, o tratamento passa a ser em torno da questão da cultura enquanto consciência dos problemas vivenciados pelos homens. A cultura enquanto consciência de que é preciso ultrapassar obstáculos teóricos ou práticos. No primeiro caso, interessa uma boa educação para as gerações vindouras. Depois, importa qualidade de vida digna. Por último, é pela consciência das massas, com relação às suas possibilidades de superação de obstáculos, que as municiaremos com as armas necessárias à sua emancipação.

Em verdade, é necessário ater-se a uma realidade dúbia, onde coexistem uma cultura do *populacho* nativo, negro ou mestiço, e uma outra, que difere da primeira. Historicamente, no

entanto, a cultura popular também trabalhou, ao seu gosto, os conteúdos de velha origem européia e letrada, a exemplo da Literatura de Cordel e sua ascendência medievo-carolíngia. Oswaldo Elias Xidieh (apud BOSI, 1992a: 51) diria que

“... onde há povo, haverá sempre uma cultura tradicional, tanto material quanto simbólica, com um mínimo de espontaneidade, coerência e sentimento, se não consciência, da sua identidade. Essa cultura, basicamente oral, absorve, a seu modo e nos seus limites, noções e valores de outras faixas da sociedade (...) por meio da escola, da propaganda, das múltiplas agências da indústria cultural; mas, assim fazendo, não se destrói definitivamente, como temem os saudosistas e almejam os modernizadores: apenas deixa que algumas coisas e alguns símbolos mudem de aparência.”

Por isto, ao preservar o Cordel, estaremos educando segundo padrões simples como os que aqui são defendidos; estaremos, certamente, tentando elevar espiritualmente, sem perder de vista a nossa consciência de uma identidade cultural que nos é tão peculiar enquanto povo miscigenado e que precisa dessa ciência para poder pensar sobre si e buscar melhorias, mesmo levando-se em consideração, hoje, absorvermos traços passados pelo *mass media*. O historiador Peter Burke³⁴ acha perfeitamente plausíveis os empréstimos culturais, visto que não há uma cultura infensa a essa ordem de coisas: a cultura latina copiou a grega, a cultura anglo-saxônica emprestou da latina, a americana foi ter com a anglo-saxônica, e assim por diante.

Grandes nomes do *mass media* americano mais poderoso estão, hoje, empenhados num grande projeto de empréstimo cultural brasileiro. O diretor de cinema Vittorio Storaro e o astro Tim Robbins, apoiados pela televisão brasileira, estiveram no Brasil, em outubro de 1997, para produzir um longa metragem sobre uma série de dez contos extraídos da Literatura de Cordel. O filme terá por título *Cordéis fantásticos* e uma das histórias “*relata o encontro fictício entre Orson Welles e o bode Ioiô, no Ceará, em 1942*”.³⁵

Da mesma forma que da cultura burguesa tomamos emprestado o que de melhor ou pior pode trazer-nos a televisão, os agentes do *mass media* sempre souberam fazer bom uso capitalista das suas investidas na cultura popular, com larga vantagem econômica, basta que nos lembremos das produções da TV brasileira que têm ido buscar no interior brasileiro os temas para os seus seriados e telenovelas. Interessam, assim, as palavras de Alfredo BOSI (1992a: 55):

³⁴ Folha de São Paulo. *Inevitáveis empréstimos culturais*. Seção *Mais!* São Paulo, domingo, 27.jun.97.

"... a cultura popular está generosamente aberta a múltiplas influências e sugestões, sem preconceito de cor, classe ou nação. E, o que é rico de conseqüências, sem preconceito de tempo. A cultura do povo é localista por fatalidade ecológica, mas na sua dialética humilde é virtualmente universal: nada refuta por princípio, tudo assimila e refaz por necessidade."

A universalidade do Cordel estabelece-se por uma espécie de regionalismo pacato que, por sua própria tessitura, está sempre aberto a influências de onde quer que venham, ou passível a *exportações* das coisas que lhe são mais originais, como Hollywood agora busca fazer, tendo em vista a loquacidade e inventiva do poeta popular. Há de se ressaltar que, apesar de termos ido buscar na Europa, ao nosso modo, conteúdos para o Cordel; apesar de uma certa consciência da identidade da nossa cultura popular; apesar de Peter Burke ou Osvaldo Xedieh, é certo que absorvemos, porém muito mais certo é que temos sido absorvidos.

O Cordel é cultura secundarizada pelos sistemas de comunicação de massa brasileiros, que fazem o *jogo* do domínio ao divulgar uma cultura americana televisiva, na qual falam mais alto a violência e os lucros do capital monopolista.

O caboclo amazônico ou o sertanejo nordestino e seu *forró arrasta-pé* (hoje também transformado em produto - mercadoria - vendível pelo capital) são vistos como algo marginal pela cultura dominante, a mesma que aderiu, há muito, aos modismos europeus e americanos que aqui surgem para sugar-lhes o que não é seu, pela via do consumismo perpetrado pelo poder do capital.

Tal como é feito à cultura popular, também o é à Ciência. Lembrando um Karl Marx plenamente atualizado, temos assistido a uma banalização da ciência e da cultura, posto que o que há de mais importante, dentre os dois aspectos, chega às camadas populares de forma filtrada, a fim de que o útil seja usufruído apenas por aqueles que por ele pagam em cifras incalculáveis taxadas pelo capital globalizado.

É necessário irmos ter com os escritos de Muniz SODRÉ (1984: 126-32) para podermos melhor aquilatar a densidade do problema. Segundo ele, em resumo, é preciso ver que, em primeiro lugar *"a ação do sistema televisivo é decididamente predatória com relação às formas populares de cultura; as variações culturais tendem a ser absorvidas pelo medium"*; como no caso da Literatura de Cordel do Norte-nordeste, dos violeiros, do *samba-de-roda* dos morros cariocas, da *catira* ou do *cateretê* do interior paulista, dentre outras

³⁵ Folha de S. Paulo. *Cordéis fantásticos*. Seção *Mais!* São Paulo, sábado, 14 de junho de 1997.

manifestações culturais do povo. Depois, vem o caso do “*monopólio da fala pelo sistema televisivo que exerce a função de neutralização das possibilidades de expressão popular*”, posto que a televisão além de alienadora, é anti-humanizadora, pois requer o silêncio, o isolamento e a passividade do telespectador, não lhe dando a oportunidade do diálogo. Em seguida é preciso considerar que os valores culturais alternativos só podem ser percebidos pela televisão na forma de clichês exótico-pitorescos. Para o autor,

“... em Saramandaia (a novela) o que em princípio parecia representar a inserção de valores caboclos na cultura de massa nacional, converteu-se, na realidade, numa negação da dinâmica diferenciante das variações culturais.(...) Assim, os fatos de natureza maravilhosa narrados pelos folhetos de cordel têm uma força mobilizadora de consciências na cultura nordestina, pois atesta a convivência dos fenômenos sobrenaturais com os históricos. Tais fatos não podem ser simplesmente transpostos para o discurso urbano industrial da TV, sem que percam o seu sentido original. É que os conteúdos significativos do cordel não são necessariamente vividos como absurdos pela sociedade que os lê e consome.” (SODRÉ, 1984: 127)

Por fim, havemos de levar em conta que

“... as variações culturais são encaradas como formas marginais de existência. Os não-participantes marginais convertem-se num problema educacional, algo a ser resolvido pela ideologia modernizadora do centro econômico-político-cultural. Esta impermeabilização do sistema à admissão do outro cultural reforça os estereótipos sociais e os preconceitos de classe e de cor.” (SODRÉ, 1984: 132)

Não é fácil a reversão do quadro porque os meios de comunicação, literalmente, calam a boca dos manifestantes, com o que, afirmamos, não fazem cultura, uma vez que as ações verdadeiramente culturais implicariam na participação bilateral, no diálogo. Ademais, os valores caboclos podem constituir problemas para a educação dos filhos da classe dominante, mas podem ser, felizmente, utilizados como aparato didático-pedagógico para a elevação moral e espiritual das camadas desassistidas, como é o caso do estudo aqui levado a efeito.

São pertinentes as considerações feitas por Darcy RIBEIRO (1995: 117 e 265) no que tange ao problema da cultura. Segundo ele, por uma questão de tradição, ainda nos tempos da colônia, o Brasil já era constituído, culturalmente, por dois vieses muito peculiares. Enquanto por um aspecto existia, como ainda existe, o lado vulgar da cultura, equivalente à senzala e aos sertões longínquos; de outra parte havia, como ainda há, o lado erudito, eurocêntrico e, por isso, alheio ao que de mais original comportávamos enquanto nação a constituir-se. É

exatamente este alheamento das elites burguesas da colônia e império que culminará no processo de aculturação que os brasileiros atravessam, hoje.

É inevitável notar que apenas incidentalmente os europeizados senhores da *casa-grande* se contaminam com elementos locais, a exemplo do Carnaval brasileiro, que deixou de ser popular para transformar-se no maior evento empresarial turístico, de onde mídia e capital retiram altos dividendos, ficando para o cidadão do morro, que fez a festança com as próprias habilidosas mãos, nada além do amor, quase religioso, à *escola* do seu coração. E tanta habilidade do negro festeiro, que fez *o maior espetáculo da terra*, torna-se lucro nas mãos do capitalista, que depois do folguedo explora-o da mesma forma que antes. Pior é ver que a gente mulata e brejeira das nossas favelas e sertões sempre foi criativa o suficiente para fazer poesia de Cordel mesmo sem saber ler. E hoje toda essa criatividade é ameaçada em benefício de uma universalização cultural da qual o criativo matuto jamais tirará algum proveito. Há pouco tempo atrás, por intermédio dessa cultura cabocla popular, vulgar, preponderantemente oral, todos participavam e se expressavam no folclore, nas crenças... Hoje, no entanto, estamos nos transfigurando em duvidosos moldes globalizados. Mas muitos ainda são os que persistem, sendo que as áreas culturais operam como um dos instrumentos de resistência às transformações, numa luta pela manutenção dos caracteres culturais especificamente nossos.

"Todavia, forçadas pelas novas condições uniformizadoras, as antigas áreas culturais se vão tornando cada vez mais homogêneas, por imperativo do processo geral de industrialização que a todos afeta e em virtude da ação uniformizadora dos sistemas de comunicação de massa, que aproximam os gaúchos, do Sul, dos caboclos amazônicos e os fazem interagir reciprocamente..."
(BEISIEGEL, 1982 : 40)

Assim, observa-se que a pacata cultura do povo está atrelada ao que querem os dirigentes. Quase todas as manifestações dependem (ou as inseriram) de um contexto mediatizado pela força do capital. Para Celso de Rui BEISIEGEL (1982 : 42), já pelo fato de a cultura de massa e a educação popular serem mensagens impostas ideologicamente, convém que se busque fazer com que as manifestações do povo resultem da interação entre os homens comuns, que sejam consequência das relações internas no coração da sociedade³⁶. A forma pela qual podemos combater os processos ideologizantes é tentando fazer com que as massas sintam

³⁶ Rivanda dos Santos Nogueira. Entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

que é do seu próprio seio que devem partir as buscas concretas pelo desvelamento das atuais condições de vida do trabalhador.

Mesmo vendo a necessidade de uma volta posterior ao tema *ideologia*, urge que façamos ver a todos quantos precisam que as contradições existem, que podem ser observadas e que há um discurso cuja principal finalidade é burlar consciências, uma vez que as idéias da classe dominante, segundo a ideologia burguesa, são parte de uma cultura dominante que busca manter seu *status quo* a qualquer preço. Segundo Marilena CHAUI (1982: 132-3), há dois fatores preponderantes: primeiro, os nossos inimigos são invisíveis - ideologias -, por isso é impossível identificá-los ou atingi-los; depois, não é da competência do estado burguês dar espaço para a transcendência do povo. Assim, convém a luta pela desalienação que reconhecerá o adversário e conquistará os espaços de que carecemos.

Atentemos para os excertos de Marilena Chauí (*Apud* VALLE, 1982: 133-4):

"... a indústria cultural, a cultura de massa, os meios de comunicação e o desvario da informação não são formas limites de um mundo alucinado e destrutivo, mas a realização cabal da cultura dominante."

(...)

"... a finalidade do discurso dominante, enquanto discurso sábio e culto, é a de uniformizar e homogeneizar o social e o político, apagando a existência efetiva das contradições, dos antagonismos e das diferenças que se exprimem como luta de classes."

(...)

"Há uma necessidade de se manter uma imagem de massa que convém à dominação, isto é, não uma massa alienada, mas uma população infantilizada, ridicularizada, ofensiva perante si mesma, dividida por falsos antagonismos e empenhada em sua própria barbárie".

Torna-se óbvio que a informação manipulada pela classe dirigente é nociva e leva ao caos da idiotização programada. Por isso, convém infantilizar e promover a discórdia por questões banais como torcidas de futebol; isto nos desune. Faz-se necessário, então, observar que o discurso burguês existe para obscurecer nossas diferenças, o que deve ser combatido por vias tais como a aplicação da Literatura de Cordel enquanto instrumento de instrução e de crítica.

Certo é que os movimentos sociais de resistência recrudescem. Os rumos são, já, outros, e a cultura popular aqui e ali vai conquistando adesões e galgando patamares de autonomia talvez futura. Para Peter BURKE (*Op. cit.*: 28), a cultura popular vem

“identificando no interesse pelo povo um aspecto do movimento nativista, para reavivar culturas tradicionais em oposição à dominação estrangeira”. A resistência está em levar as pessoas a defenderem o que é genuinamente *seu Cordel*, em detrimento de *impostações* capital-monopolistas.

Em conformidade com Asa Briggs (*apud* FENELON, 1993: 82), é muito difícil definir *cultura popular*, posto que aí deve estar contido um interesse

“... tanto pelo conteúdo como pelo contexto, pelo trabalho como pelo jogo, pelo lugar como pelo tempo, pela religião como pela tecnologia, pela comunicação como pela expressão, pela provisão quanto pela participação, como pela atuação, pelo visual e o musical como pelo verbal...”

A questão cultura, em suma, é vastíssima e dela poderemos tirar vários vieses explicativos de ordem socio-política; basta que a pensemos enquanto elemento importante na constituição da ordem social, e assim pode ser investigada como *“um sistema de significações”*, de maneira ampla, de modo a permitir a inclusão de todas as práticas e, então, definirmo-la como *“um processo social constitutivo que cria diferentes e específicos modos de vida”*. (Idem: 85-6)

Mesmo em vista das ponderações aqui verificadas com relação aos aspectos gerais do conceito de *cultura*, cumpre concluir com Lucien GOLDMANN (1973: 61) quando este afirma que *“a consciência transindividual particular ao mundo capitalista, hoje, gera frustrações e desapontamentos nos indivíduos em particular. Os mais humildes frustram-se porque as oportunidades não chegam até eles”*.

É esse exatamente o caso do nortista caboclo mestiço ou do gaúcho branco pobre, para os quais a balança do capital jamais pende, visto que esta é uma cultura desenhada ao modo da classe dominante para a sua manutenção no poder. Resta ao poeta de Cordel cantar versos com o fito de animar os seus na busca dos almejados melhores dias.

4.3.2. Sobre um Acre culturalmente periférico

Até mesmo pela localização geográfica, até mesmo pela forma através da qual nos inserimos na história do Brasil, até mesmo pelo tratamento por parte dos poderes centrais, temos ficado um pouco *apêndice* cultural e social. Também no Acre os que para lá foram, inicialmente não foram para fixar-se. O plano do sertanejo, como tradicionalmente ocorre, era fazer alguma fortuna e voltar para as origens e para junto dos seus, com raríssimas exceções. A maioria dos primeiros seringueiros era formada por homens solteiros porém comprometidos com alguma pretendente nordestina. Nada deveria prendê-los à solidão do cárcere verde. Entretanto, as iscas capital-mercantilistas foram abocanhadas pelos que ali viram o eldorado amazônico. Os víveres, no seringal, saíam-lhes muito caros e pouquíssimos conseguiam saldar suas dívidas; ao contrário, acumulavam-nas ano após ano. Eis que a tristeza e o desencanto se abatiam por sobre os ombros dos que não cumpriam a promessa de um dia à casa sertaneja voltar, e muitos morreram de tédio, pois sofriam de abandono e estavam expatriados na própria pátria, no dizer de Euclides da Cunha. (CALIXTO, 1985: 29)

Muitos daqueles que conseguiram produzir mais que consumir - tiraram saldos - foram mortos a fuzil, porque tinham trabalhado demais e o patrão não lhes queria *dar* o dinheiro para o seu retorno ao Nordeste, de onde, se não tivessem saído, teriam morrido de fome e sede, porque àquela época, como hoje ainda, as estiagens matam homens, árvores, animais e esperanças.

E assim germinou, debaixo de branca chuva amazônica, a cultura acreana, plantada em chão regado de desesperanças e injustiças. Por isto dizemo-lo: continuamos sendo culturalmente periféricos, mesmo porque, além de turcos e portugueses, miscigenamo-nos e herdamos traços culturais de bolivianos e peruanos incaicos.

“Os seringueiros receberam permissão para plantar suas roças, para comer carne fresca de peixe ou de caça, o que lhes fora sempre vedado, pela obrigação de se alimentarem, exclusivamente, de conservas compradas no armazém do seringal.” (LIMA, 1970: 243)

Muitos foram os que contrairam escorbuto e pereceram por carência vitamínica, uma vez que, por anos a fio, eram obrigados a comer carne enlatada da França ou do Sul brasileiro, queijo suíço ou de Minas, peixe conservado desde Belém do Pará ou Guimarães, de Portugal. Produtos tais que, depois de meses de viagem, conseguiam chegar à pobre choupana seringueira a preços europeus e, mesmo assim, muitas vezes já em estado não consumível humanamente.

Para que se tenha uma idéia mais aproximada acerca dos preconceitos que atingem a Literatura de Cordel, basta que nos atenhamos aos depoimentos que, no Acre, os entrevistados prestaram. Segundo Rivanda Nogueira³⁷ *“a cultura que está dentro da escola é influenciada pela cultura dominante. O cordel não chegou à mídia e também não chegou à escola ou à universidade por uma questão de influência das classes dirigentes”*. Em consonância com a assertiva anterior, Carlos Alberto Alves³⁸ é taxativo ao afirmar que *“a universidade considera a literatura de cordel como um lixo, que não deve ser analisada pela academia; e isso influencia até as escolas públicas”*. Henrique Silvestre Soares³⁹ assevera que *“a universidade, enquanto produtora de conhecimento, tem um certo preconceito e procura privilegiar apenas o que já está consagrado, dando rótulos para determinados tipos de textos que serão eternamente discriminados por ela”*. Conforme o que nos disse Manoel Estébio⁴⁰ *“a literatura de cordel é oriunda das classes subalternas da sociedade e, por isto, é tida como não-acadêmica. Em termos de importância literária os textos são sub-aproveitados; há uma sub-valorização desse tipo de autor e literatura”*.

É certo que não se tem nenhuma espécie de influência no *medium* comunicativo. Da mesma forma, os dirigentes patronais acadêmicos atribuem ao popular rótulos depreciativos, o que influencia, inclusive, os níveis anteriores de ensino. Trata-se de uma expressão artística de excluídos. Para os mais humildes, ao contrário, passa hoje a ser uma questão de necessidade em vista das possibilidades crítico-educativas que, principalmente no Acre, observamos possuir o Cordel.

Assim como José de Alencar e os românticos brasileiros, ainda em 1873, mesmo

³⁷ Rivanda dos Santos Nogueira. Entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

³⁸ Carlos Alberto Alves de Souza. Entrevista cedida em 25 de novembro de 1995.

³⁹ Henrique Silvestre Soares é professor do Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre e pós-graduado, a nível de Mestrado, em Teoria da Literatura.

⁴⁰ Manoel Estébio Cavalcante da Cunha. Entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

copiando um estilo de época com moldes franco-ingleses, nutriam preconceitos contra a poesia popular sertaneja, da mesma forma, hoje, na própria Universidade Federal do Acre, há intelectuais elitistas que a têm na conta de algo de somenas relevância. Tal importância deveria ser aquilatada principalmente levando-se em conta a origem, a mensagem e o público a que se destina o Cordel. O número de trabalhos produzidos e seu valor são melhor compreendidos quando se leva em consideração as pessoas que os escrevem e as que os lêem. A Literatura de Cordel tem ilimitada repercussão entre a massa de leitores a que se destina, pobre gente nordestina ou amazônica, descalça e maltrapilha, dos arrabaldes sociais brasileiros. Considerando-se o número de apreciadores, tal sucesso jamais será igualado por outra literatura, a de colarinho e gravata, dos meios mais cultos. Melhor poder-se-ia dizer: *para um público marginal, uma literatura marginal*.

As universidades federais da Paraíba e de Pernambuco têm seus departamentos acadêmicos destinados a estudos sobre a Literatura de Cordel. Aí se buscam possibilidades outras, como é o caso deste trabalho. É conveniente ir além e não ver apenas a limitação do outro, do seringueiro ou do índio, acossados no meio do mato. Segundo PASTA JÚNIOR (1992: 61), é preciso evitar esse “*recalcamento do popular e não desviar os olhos recusando conferir existência a essas manifestações, recalcando-as para níveis abaixo da possibilidade de irrupção do discurso. (A ameaça fatal é o retorno do reprimido.)*” Há grande receio de que um dia os subalternos consigam ver um pouco além. O popular existe e não pode ser obstaculizado por intelectuais cuja crítica depreciativa já reflete a sua situação de classe, a experiência da dominação impositora.

É preciso percorrer caminhos e, além de constatar fatos, provar que para lá da incapacidade do *outro*, há racionalidade quando o cordelista brada do fundo da floresta que está sendo estigmatizado porque não lhe proporcionam dignidade. Não é sem uma ponta de otimismo que se pode ressaltar a paulatina diminuição do tom dos discursos preconceituosos, principalmente no Acre, onde a poesia popular do seringueiro já chega a ser instrumentalizadora didática nas escolas dos seringais.

Todavia, a propósito da estigmatização das nossas castas mais baixas, são esclarecedores os escritos de Darcy RIBEIRO (1995: 351-2):

“Com efeito, uma parcela enorme de sertanejos é compelida a engrossar as frentes pioneiras lançadas à abertura de novas áreas de exploração, para além das fronteiras dos territórios de antiga ocupação. Por seus esforços é que se tornaram conhecidas as zonas ermas que eles penetram, cultivam e ligam por estradas precaríssimas ao mercado. Mas seu destino é o de eternos itinerantes, criadores de nichos que devem fatalmente abandonar quando chega o ‘dono legítimo’ das terras que desbravam. A amarga experiência de sucessivas expulsões os impede de, mesmo nesses ermos, tentar qualquer cultivo que não seja do ciclo anual, agravando assim, ainda mais, sua miserabilidade. Embora exista uma legislação de amparo a esses desbravadores, que lhes assegura a posse da terra após uma década de ocupação continuada, sua execução depende do acesso a um aparato cartorial longínquo e inatingível ao sertanejo comum.

(...)

Em todos os desvãos do Mato Grosso e Goiás, do Maranhão, do Pará e do Amazonas, milhões de hectares de terras virgens foram concedidos, nas últimas décadas, a ‘donos’ que nunca as viram, mas um dia se apresentam para desalojar os pioneiros sertanejos como invasores que, tangidos por um movimento secular de expansão da ocupação humana dos desertos interiores, as alcançaram, almejando nelas se instalarem permanentemente.”

É este o nível de segregação social que atinge o sertanejo brasileiro, homem pobre das matas, que é jogado ao bel-prazer do avanço do capital. E o que ocorre ao sertanejo também ocorre à sua manifestação cultural mais legítima, o Cordel. Ao dominador importa, sim, expropriar desses homens e mulheres até a vontade por viver e ser feliz. Entre eles já não existem esperanças de prosperidade, uma vez que lhes foi extorquida há muito por um sistema que não os quer conscientizados dos seus direitos... E é conscientização e criticidade o que se propugna neste trabalho.

E tudo veio sendo feito de modo que ao patrão coubessem as benesses do capital e ao trabalhador coubessem as dívidas e o ônus real da miséria. Com efeito, para melhor tratar do esquema de desigualdades colocado em prática pelo capitalismo monopolista internacional, convém recorrer a Eric J. HOBSEBAWM (1995: 555):

“Se essas décadas provaram alguma coisa, foi que o grande problema político do mundo, e certamente do mundo desenvolvido, não era como multiplicar a riqueza das nações, mas como distribuí-la em benefício dos seus habitantes. Isso se dava mesmo em países pobres ‘em desenvolvimento’ que precisavam de mais crescimento econômico. O Brasil, um monumento à negligência social, tinha um PIB per capita quase duas vezes maior que o Sri Lanka em 1939 e mais de seis vezes maior no fim da década de 1980. No Sri Lanka, que subsidiara alimentos básicos e dera educação e assistência médica gratuitas até a década de 1970, o recém nascido médio podia esperar viver vários anos mais que o brasileiro médio, e morrer ainda bebê mais ou menos na metade da taxa brasileira de 1969, e num terço da taxa brasileira de 1980 (World Tables, 1991, pp.144-7, 524-7). A porcentagem de analfabetismo em 1989 era quase duas vezes maior no Brasil que na ilha asiática.”

Está claro porque nos seringais amazônicos boa parte das pessoas não sabe o que vem a ser médico, asfalto, escola ou luz elétrica. Os pobres não vêem nenhuma vantagem no crescimento que a economia capitalista diz ter alcançado. Esse é um desenvolvimento propício à geração e manutenção das desigualdades que a Literatura de Cordel tanto tem denunciado e só agora se faz ouvir, posto que o Brasil e suas elites não têm nenhuma responsabilidade social, nem se comparado aos socializados seringueiros do Sri Lanka.

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, diz-nos Karl MARX (s.d.: 177): “*por certo, o trabalho humano produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Ele produz palácios, mas choupanas é o que toca ao trabalhador. Ele produz beleza, porém para o trabalhador só fealdade*” No Acre, como em outras paragens do Brasil, as choupanas se multiplicam do dia para a noite nas periferias das cidades maiores. Os seringueiros, expulsos da terra em que viviam, são empurrados, também, num êxodo rumo aos centros urbanos, onde passam a constituir a camada da população expropriada física e espiritualmente. E o poeta lá do mato não se cansa de incomodar as elites que se encastelam nas suas mansões já com medo da violência dos miseráveis que elas mesmas fabricaram.

4.3.3. Cultura e educação popular

A marginalização a que tem sido relegada a Literatura de Cordel, como outras expressões culturais populares, tem raízes profundamente fincadas em preconceitos étnico-sociais há muito tempo plasmados entre os membros das classes privilegiadas. Há dentre os quadros intelectuais, inclusive, os que se encarregam de exacerbar ainda mais a discriminação. Entretanto, mesmo dentro da Academia, há setores empenhados em lutar por fazer da cultura popular algo que possa trazer cada vez mais benefícios para os que a apreciam.

Dentre os defensores de uma Literatura de Cordel cada vez mais engajada em prol da educação popular, pode-se colher entre as entrevistas levadas a efeito um depoimento que chama a atenção por sua peculiaridade. Segundo Henrique Silvestre Soares⁴¹, quando

⁴¹ Henrique Silvestre Soares. Entrevista cedida em 25 de novembro de 1995.

perguntado sobre se os atos de coragem e bravura, veiculados pelo Cordel, poderiam servir de exemplo ao público leitor, afirma que:

“... é um pouco essa a intenção do cordelista, de criar tanto heróis e mitos, como também de passar exemplos. Mas o cordel nesse aspectos assume um papel didático muito importante, pois a maioria do poetas possui um conhecimento da história muito amplo - e pode até ser que seja superficial - mas ele possui e tenta passar isso na produção dele, e a pessoa que recebe toda essa mensagem, com certeza, também vai refletir sobre o exemplo que está sendo narrado.”

Em outros termos, é a simplicidade das narrativas que chega ao leitor e faz dele um elemento a refletir sobre a sua realidade de vida. Ou seja, uma expressão da cultura popular presta-se também a um propósito cultural que a valoriza ainda mais. O que é depreciado por uma parcela da sociedade, pode servir de arma na luta contra os privilégios e as desigualdades sociais. É exatamente esta a visão de cultura que vai coadunar-se com os preceitos propugnados por uma gama de teóricos que vêem, também, as possibilidades de ascensão das massas via valorização das manifestações culturais.

Já se comentou que há quem afirme a ilegitimidade literária do Cordel. Um crítico literário do final do século passado e início deste, porém, já dizia, em 1873, que nós tínhamos, aí, uma poesia popular genuinamente brasileira, posto que o Cordel àquela época tratava de temas e problemas especificamente nossos, falava de um Brasil sertanejo e caipira completamente desconhecido da poesia oficial do Romantismo *dito* brasileiro. Tinha razão Silvio ROMERO (1977: 32), mas os românticos eram os *senhores* da cultura nacional; e as idéias dos dominantes são as que preponderam, ontem e, do mesmo modo, hoje. Se não mais importamos tanto cultura francesa, como eles o faziam, estamos assistindo à absorção de um culturalismo americanizador ao ritmo de *rock ballad*. Esta é uma época na qual os ricos vivem a era do computador e as populações seringueiras amazônicas ainda desconhecem o ábaco.

A intelectualidade adepta do desaparecimento paulatino das *coisas* do povo elitizou-se e não consegue se libertar do jugo de teorias que querem dar conta de toda a realidade, mas não os levam ao *extra-muros* da academia, onde há prática de pessoas que não podem esconder-se por trás de teorias acéfalas. Segundo Alfredo BOSI (1992a: 320),

“... cultura na universidade é falar ‘sobre alguma coisa’, de modo programado. No mundo extra-universitário, os símbolos e os bens culturais não são objeto de análise detida ou de interpretação sistemática. Eles são vividos e pensados, esporadicamente, mas não tematizados em abstrato”.

Fora da universidade, nada é tão sistematizado, é simplesmente feito. Essa cultura erudita, vivida nos meios acadêmicos, cresce principalmente nas classes altas e nos segmentos mais protegidos da classe média, onde as divagações reverberam porque a prática vital é desnecessária. E é esta cultura elitizada que cresce junto com o sistema escolar. Assim, tanto mais esteja o indivíduo em ascensão social pela via escolar, mais erudito se torna e menos prático fica, uma vez que, culturalmente, já está habituado às análises vigorosas dos críticos literários que vêem pouca teoria, por exemplo, na Literatura de Cordel e, por isto, a depreciam.

Diferentemente deste aspecto, há o que se denomina cultura de massa, ou indústria cultural, que *“corta verticalmente todos os estratos da sociedade, crescendo mais significativamente no interior das classes médias”* (BOSI, 1992a: 320). Enquanto isto, correndo bem longe do *glamour* das duas primeiras, fica a cultura popular que pertence,

“... tradicionalmente, aos estratos mais pobres, o que não impede o fato de seu aproveitamento pela cultura de massa e pela cultura erudita, as quais podem assumir ares popularescos ou populistas em virtude da sua flexibilidade e da sua carência de raízes”. (Idem: 320)

De fato, enquanto a cultura de massa chega às pessoas de forma completamente ideologizada, em vista dos fins a que se destina, como o consumo de bens industrializados, a cultura popular, aqui e ali, vê-se às voltas com o último erudito que dela quer se aproveitar para tirar algum proveito. Haja visto o que tem ocorrido historicamente no Brasil, onde, para obter alguma vantagem, muito do que consideramos popular é *aproveitado* pelo artista erudito. Catulo da Paixão Cearense foi tornado um *clássico* pelas mãos de Heitor Villa-Lobos; Pixinguinha é outro exemplo nas mãos de Ivan Lins.

Em vista da relação que deve operar-se entre o erudito, intelectual, e o popular, é mais uma vez conveniente recorrer a Alfredo BOSI (1992a: 311):

“Para entrar no cerne do problema, só há uma relação válida e fecunda entre o artista culto e a vida popular: a relação amorosa. Sem um enraizamento profundo, sem uma empatia sincera e prolongada, o escritor, homem de cultura universitária, e pertencente à linguagem redutora

dominante, se enredará nas malhas do preconceito, ou mitizará irracionalmente tudo o que lhe pareça popular, ou ainda projetará pesadamente as suas próprias angústias e inibições na cultura do outro, ou, enfim, interpretará de modo fatalmente etnocêntrico e colonizador os modos de viver do primitivo, do rústico, do suburbano”.

É preciso que admitamos o valor do homem dos sertões brasileiros, que ainda espera bem mais que simpatia e piedade vindas da parte do intelectual. Eles não são meramente pitorescos. É preciso enraizamento e paixão objetiva e subjetiva pela causa, tendo-se bastante atenção para com os *vaivéns* ideológicos que podem nortear as pesquisas dando-lhes rumos que desembocariam no pedantismo ou na demagogia, que nenhuma vantagem redundam aos que delas necessitam. Antes de mais nada, é conveniente buscar desvendar as possíveis mudanças internas que estariam afetando as representações, os símbolos e os sentimentos que constituem o cotidiano popular.

No caso específico dos seringueiros da Amazônia, as mudanças que lhes ocorrem têm sido sempre drásticas. Expulsões, extorsão de bens, processos jurídicos fraudulentos, espancamentos e assassinatos são exemplos de como os sentimentos dessa gente andam abalados desde sempre. É necessário que intelectuais comprometidos estudem e entendam a evolução *para baixo* das relações entre trabalhadores e capital. É preciso que eles próprios - os seringueiros - tenham a oportunidade de compreender e avaliar os motivos pelos quais suas vidas têm sido repletas de insucessos. *Um dos* meios através dos quais tal fim pode ser alcançado é pela via de uma Educação voltada para o seu meio e para a resolução dos seus problemas.

Historicamente, no entanto, o benefício da Educação não tem chegado às populações dos seringais e vilas amazônicas, como também ocorre a muitas paragens interioranas. Se não é a ação de organizações não-governamentais, como é o caso do Centro dos Trabalhadores da Amazônia, e nada ainda teria sido feito pelo Estado que nega aos pobres o que doa aos abastados. Atentemos, então, para as palavras de Darcy RIBEIRO (1995: 403) com relação à questão da educação das classes trabalhadoras:

“Esse descaso para com a educação popular bem como o pouco interesse pelos problemas de bem-estar e de saúde da população, explicam-se pelo senhorialismo fazendeiro e pela sucessão tranqüila, presidida pela mesma classe dirigente, da Colônia à Independência e do Império à República. Não ensejando uma renovação de liderança, mas simples alternância no mesmo grupo patricial oligárquico, se perpetua também a velha ordenação social”.

Aos filhos da elite oligárquica brasileira destinaram-se colégios particulares de alto nível e, em alguns casos, as universidades européias. Afora o primado do fatalismo em História, o destino destes era assumir, hereditariamente, os postos de comando assim que seus pais ou avós se aposentassem, como ainda hoje ocorre, uma vez que, ao nível político, tudo é feito para que os membros da mesma classe se perpetuem no poder para a garantia do usufruto das benesses extraídas do trabalho mal pago.

Segundo o que propugna Marilena CHAUI (1982: 328),

“... os dominantes procuram o Estado ‘separado e acima das classes’ como instrumento para o domínio das demais classes. (...) Os dominados vêem nessa transcendência (o Estado acima) a única possibilidade real de justiça. O embuste consiste em fazer com que o Estado seja esse espaço de transcendência da soberania, quando sabemos que o Estado não pode sê-lo. É com essa contradição que os oprimidos têm que se debater...”

A educação no sistema capitalista trilha esses caminhos, posto que o Estado é orientado e dirigido em conformidade com os interesses das classes dirigentes. O Estado capitalista jamais se constituirá neste interstício que faz limite entre a miséria e a felicidade, visto que este seria o papel a ser desempenhado pelo Estado socialista. É atrás dessa transcendência que deve caminhar a Educação da classe trabalhadora, na busca da desalienação e da formação de consciências críticas que possam coerentemente intervir no processo histórico de transformação da sociedade.

Tem-se observado que a cultura e a educação populares estão atreladas ao que querem os dirigentes e, a exemplo da cultura de massa, são impostas casuisticamente *de cima para baixo*, seguindo meios que levem a fins previamente traçados pelos intelectuais do poder.

Conforme Celso de Rui BEISIEGEL (1982: 42),

“... a ‘educação popular’ apresenta maiores afinidades com a ‘cultura de massa’ do que com a cultura popular. Sem dúvida alguma, também a ‘educação popular’ vem se apresentando na prática como um conjunto de mensagens transmitidas de cima para baixo, dos produtores para os consumidores”.

Isto, de certa forma, vem ilustrar as assertivas acima; uma vez que a cultura de massa é produto saído das hostes dominantes, ela já vem com destinatário certo, isto é, busca adequar-se à educação popular para poder exercer seu papel de forma a garantir um número cada vez

maior de receptores da sua propaganda. Em outros termos, a cultura de massa e a educação popular são mensagens do domínio impostas ideologicamente.

Ainda segundo Celso de Rui,

“... as atividades de pelo menos alguns dos grupos envolvidos na ‘educação popular’ adquirem significados mais definidos, na medida em que se orientam com vistas a explicitar junto a segmentos ‘populares’ da coletividade a sua condição e as potencialidades transformadoras inerentes a essa condição”. (Idem: 56)

É exatamente este o objetivo aqui perseguido. Urge a conscientização das massas com relação às suas possibilidades enquanto grupo unido em torno de um bem-comum.

É preciso agir na direção do homem-meio. É necessário que o homem dos seringais observe as qualidades que lhe são pertinentes para aceitar o desafio de transformar a natureza em seu benefício. Em Otaíza ROMANELLI (1996: 21-2),

“... o resultado imediato, para ambos, é a ação transformadora, e o resultado mediato, para o meio, é a sua transformação em produto cultural, em bem, em valor e, para o homem, é a modificação de sua própria condição humana. Sim, porque, na medida em que o homem percebe e aceita o desafio do meio, sente-se compelido a utilizar e explorar sua imaginação, sua inteligência, sua capacidade física de agir, enfim, sente-se compelido a atualizar as qualidades integrantes de sua condição humana, o que faz com que ele se torne mais homem em cada gesto cultural”.

De outra forma, ao transformar o meio hostil em que vive, o amazônida elabora bens culturais que, para serem úteis, dependem de um processo de humanização que passa também pela via da Educação. Assim, para complementar, são indispensáveis os comentários de Otaíza Romanelli:

“A continuidade do processo e a preservação dos bens estão interligados e fornecem a motivação básica para a comunicação interpessoal, seja no sentido horizontal relativo aos membros de uma mesma geração, seja no sentido vertical, referente à transmissão das conquistas de uma geração para outra. É por isso que a cultura não sobrevive a não ser pelo meio social. E o instrumento de que ela se utiliza para sobreviver será inevitavelmente aquele que definirá o processo educativo”. (Idem: 22)

Para que os bens culturais adquiridos com a transformação da natureza sejam preservados e transmitidos às futuras gerações, convém elaborar instrumentos, no seio social,

que culminem em processos educativos coerentes. Ao seringueiro cabe aceitar o desafio da transformação do seu meio e das suas relações de produção. As conquistas conseguidas passarão a constituir-se em bens culturais preserváveis e transmissíveis. Uma educação voltada para o amazônida, para a resolução dos seus problemas e transformação do seu meio é o que convém...

Mas é preciso lutar contra um esquema que deseja ver as populações periféricas sempre excluídas dos processos de repartição dos bens culturais. Para Karl Marx, como hoje ainda, a educação burguesa atenta contra o desenvolvimento intelectual e priva o trabalhador do direito à instrução, o que faz do homem um autômato. (DOMMANGET, 1972 : 330) Em suma, o trabalhador é tornado autômato. Por isto, a luta de classes deve converter-se em instrumento da revolução pedagógica. A escola deve ser parte do projeto de revolução das classes menores. A aquisição dos bens culturais via educação não deve ater-se unicamente a uma parcela reduzida da população; deve chegar inclusive aos mais longínquos rincões da Amazônia.

4.3.4. Cultura popular e cultura de elite

A Educação que se quer levar a efeito em meio às classes desassistidas tem finalidades precisas, dentre as quais ensinar um repensar crítico da sua condição de dominados. Os bens culturais vinculam-se aos processos educacionais porque é através destes que se conquistam aqueles.

Há, todavia, que estabelecer diferenças entre os preceitos de uma cultura popular e as normas de uma cultura de elite, dentre outros primados aqui necessariamente levados em consideração, com o cuidado de evitarem-se os maniqueísmos a que a subjetividade podemos atirar.

Em todos os níveis culturais, há sempre uma separação entre o que é e o que não é próprio ou impróprio das práticas sociais do povo ou da elite. Na maioria das vezes, é claro, predomina um parâmetro básico: o poder aquisitivo. Como para muitos teóricos cultura significa modos de ser, há os que se acercam de modos eruditos, elitizados e, por outro lado, há os que, por pertencerem aos estratos inferiores da sociedade, por não possuírem o suficiente

para inserir-se entre os primeiros, têm modos diferenciados de viver e de enfrentar os desafios próprios da vida de proletários.

Jerusa FERREIRA (1995: 14) cita que, por exemplo, para um poeta popular publicar alguma obra sua na grande imprensa, terá ele que antes de mais nada passar pelo crivo de um revisor gramático academicista que irá proceder todos os cortes possíveis, de modo a adaptar o seu trabalho aos moldes ditados pela erudição. Assim, expressões culturais como a Literatura de Cordel, que são dirigidas ao povo simples, deveriam ser escritas numa linguagem também simples, posto que é o que pode ser entendido pelo público-alvo desprovido de ilustração acadêmica. Ao contrário, os editores contratam os serviços de pessoas que *corrigem* os trabalhos dos poetas do povo e, com isso, interpõem mais uma dificuldade para a assimilação da mensagem veiculada.

Há de se levar em consideração, ainda, o comentário da pesquisadora acima aludida no que se refere à questão dos parâmetros diferenciadores interpostos entre o popular e o erudito:

“A edição desses folhetos (de Cordel) nos leva a pensar de fato numa relação entre as sociedades pré-modernas em profundas transformações, os caminhos da migração, os rumos da modernização, e agora creio que poderíamos falar de um verdadeiro estilhamento e de um afrontamento com o mundo complexo de uma sociedade industrial em que atuam caoticamente elementos de pós-industrial.” (Grifos meus.) (FERREIRA, 1995: 14)

Da mesma forma que a Literatura de Cordel imigrou da França e da Península Ibérica para o novo mundo, tempos mais tarde ela também migrou do Nordeste brasileiro rumo a Amazônia, o que se fez em épocas de grandes transformações científicas, políticas e sociais no mundo. O que ocorre em nossos dias, então, é um choque entre o mundo simplificado do Cordel praticado nas paragens mais remotas da Amazônia, e as sofisticadas expressões culturais de massa em lugares onde o computador já é eletrodoméstico. São elementos que convivem numa mesma época e, basicamente, num mesmo espaço brasileiro. De um lado, a primitividade própria ao nortista e, de outro, o requinte do industrialismo do Sul-sudeste. Confrontam-se o popular mais presente entre os humildes da periferia nacional e o erudito mais constante entre os refinados da elite. Habitam o mesmo espaço o arcaico e o moderno.

Ao nível da História, é oportuna a observação de Joseph LUYTEN (1984: 18-9):

“Com a Revolução Industrial e a tomada do poder por uma espécie de classe média da época, houve uma tentativa da parte desta em alcançar não só o poder, mas aspectos culturais antes em mãos exclusivas dos poderosos que acabavam de cair.

(...)

A literatura popular, com consciência de si própria, aparece na passagem do século XVIII para o XIX. No início, houve um distanciamento das duas concepções de cultura mas, passados alguns anos, começou uma tendência de aproximações entre a cultura popular e a cultura erudita...”

O que em realidade ocorreu foi uma tentativa de aproximação do erudito em relação ao popular, e nunca vice-versa. Antes, na medievalidade, quando o clero detinha o poder sobre tudo, inclusive sobre a produção cultural, o grande objetivo da classe que se situava logo abaixo era obter para si esse monopólio, em vista dos benefícios sócio-econômicos de que é portador o mesmo. Depois, entretanto, houve, realmente, apenas uma tendência à aproximação, posto que nem tudo o que era popular deveria ser absorvido pelos dominadores capital-mercantilistas, uma vez que certas práticas populares não se coadunavam com o comportamento dos abastados. Apenas o que foi julgado útil do popular caiu no gosto do erudito, mas muito em função de alguma vantagem econômica que pudesse advir. Mais tarde um pouco, da mesma forma, o tango argentino, depois de Astor Piazzolla e Carlos Gardel, como o samba-canção brasileiro, depois de Noel Rosa, Carlos Cartola e Mestre Pixinguinha, deixaram de ser meramente populares e passaram a freqüentar os salões da burguesia. A aproximação se verificou apenas ao nível do interesse capitalista. Hoje, como ocorreu antes com a música, o cinema americano se interessa em auferir lucros utilizando a Literatura de Cordel... E os interesses são exatamente os mesmos... O erudito tirará vantagem sobre o popular sempre que lhe aprouver; quando não, a tendência é depreciá-lo.

Ao procurar uma literatura nacional, Ariano Suassuna disse que se viu

“... de súbito necessariamente diante da grande lição de literatura popular. O fato pode ser notado em todo o país, ao que parece, mas no Nordeste é mais significativo. Uma literatura erudita, paralela às qualidades da popular, começa a surgir, não mais imposta por teorias ou programas, mas naturalmente, por amor e identificação. E os artistas nordestinos descobriram, de repente, que a solução de seus problemas e divisões já tinha sido achada, há muito tempo pela literatura popular”. (Apud CURRAN, 1973: 26)

Ao nível da prosa escrita, este já começa a ser exatamente o caso brasileiro dos últimos anos, basta que nos lembremos dos textos de escritores da Literatura Brasileira *erudita* como o

próprio Suassuna, os mais antigos José Lins do Rego e José Américo de Almeida, os mais atuais, como Jorge Amado, Antonio Callado, Sylvio Rabelo, Dias Gomes, Guimarães Rosa, dentre outros, e chegaremos à conclusão de que o comentarista (Suassuna) está correto em sua análise. Do mesmo modo, convém observar que a temática dos *eruditos-clássicos* acima referidos foram buscadas no repertório popular.

Com relação à questão da poesia, hoje tida como *clássica*, basta nos atermos ao exemplo de Ferreira Gullar, do Maranhão, ou Tiago de Melo, do Amazonas, ou, principalmente, João Cabral de Melo Neto e sua obra-prima *Morte e vida Severina*, tão enaltecida pela TV Globo. Os poetas da *Academia* foram buscar no Cordel o conteúdo e, muitas vezes, a forma para as suas obras. Foram buscar mais que conteúdo; fizeram alguns aperfeiçoamentos à forma do Cordel e, hoje, são considerados clássicos da literatura oficial.

Em síntese, é mais importante atentar para a nossa diversidade cultural e, de alguma forma, ver até que ponto é possível lidar com a heterogeneidade na busca de soluções para os problemas do todo.

Segundo Marilena CHAUI (1982: 129),

"... a 'elite' é necessariamente autoritária (...). O termo 'cultura do povo' deve ir para o plural, a fim de manter a multiplicidade (culturas) e tornar-se irreduzível à homogeneização desejada pela classe dominante".

Daí se pode concluir que ao intelectual nascido no seio da luta de classes, comprometido com as causas populares, cabe vislumbrar o universo da diversidade para daí tirar o proveito social perseguido há tanto, sem jamais ser cooptado pela homogeneização do capital; isto porque, num processo de homogeneização, como o que se verifica atualmente, as desvantagens serão todas para a cultura popular, visto que é exatamente o que se tem operado hoje pela via da escola capitalista. Os traços culturais do sertanejo, poeta de Cordel, perder-se-iam em meio ao emaranhado ideológico com o qual as artes populares envolver-se-iam. É este o projeto do capital: que as massas percam a identidade e a consciência de classe, de agentes das transformações históricas.

O primeiro passo danoso rumo a um processo de homogeneização da cultura brasileira seria o cerceamento dos meios de expressão no que toca à cultura popular. Uma vez cerceada a divulgação, a tendência é o paulatino arrefecimento das manifestações, a exemplo do que tem

ocorrido ao Cordel. A propósito, observe-se o registro feito por Ecléa BOSI (1992: 27):

“O processo de divulgação comporta duas correntes contrárias. Uma, que é manipuladora, supõe que, para incorporar-se à civilização, a massa deve ultrapassar seu estado informe de anomia e carência, absorvendo os padrões oferecidos. Essa instrução é cega e surda aos valores antropológicos existentes nos grupos a ‘aculturar’, é impositiva e quer construir sobre tábula rasa.

(...)

É meritória, sim, a pesquisa animada por um projeto de reconstrução social. (...) A falta absoluta de projeto histórico faz alguns eruditos assumirem a posição de arqueólogos quando descrevem seu objeto. (Mas) há os que acreditam que o povo não está morto e procuram levar a ele o que a cultura letrada tem de melhor”.

As camadas populares têm seus pertencimentos, seus valores, sua mundivisão; e isso não pode ser ignorado pelos que as vêem como *o exótico, o pitoresco*. As imposições são destrutivas, aculturadoras. Importa, antes, desde o início, trabalhar levando em conta que o público-alvo é ser histórico responsável pela conquista e transformação do seu próprio meio. A nenhum intelectual é dado desempenhar o papel de *iluminador* das massas. É preciso, sim, um enraizamento profundo em relação à realidade de vida das populações pobres. *“Sem uma empatia sincera e prolongada, o escritor, homem de cultura universitária, e pertencente à linguagem redutora dominante, se enredará nas malhas do preconceito...”* (BOSI, E. 1992: 331) O que, em outras palavras, não significa um *olhar-de-fora-para-dentro*, porém um valorizar constante do *outro* cultural a quem se pretende destinar as ações, numa atitude de respeito e de esperança.

Assim, teremos dado passos largos na *construção-elaboração* do novo *intelectual orgânico*. Nós o necessitamos forjar, dentro da urgência que os casos requerem, ou, de modo contrário, pararemos na história e ficaremos a observar a desenvoltura do novo intelectual orgânico da burguesia - a massificação cultural que a todos coopta.

Acrescente-se, ainda, o fato de que, hoje, o *mass media* burguês, potente artefato na guerra de *trincheiras*, não faz outra coisa senão infantilizar, alienar, desinformar e, agora, já chega poderoso ao setor cultural, daí os nossos resignados e leais, frutos de um aparato alienante que prega a *bonança* que são os dias de vida sob o sol do capitalismo, mesmo para os setores mais pauperizados da população.

4.3.5. Cultura popular e ideologia

Na *Concepção dialética da história*, GRAMSCI (1991 :139) aponta como um dos erros extremos do intelectual o crer que se consiga ter conhecimento sem ter compreensão do real e, notadamente, “*sem sentir e estar apaixonado*”. Evidencia, ainda, que não há possibilidade alguma de o intelectual exercer seu *desideratum* postando-se de maneira distinta e destacada do povo-nação; “*ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo*”. Ao intelectual cômico de seu papel *orgânico* cumpre um total entregar-se. E tal entrega, em realidade, consiste no perfurar das máscaras ideológicas que alienam e manipulam boa parte dos nossos estratos mais baixos, hoje, já submetidos à espera dos melhores tempos prometidos pelo seu sacrifício diuturno.

Importa ao intelectual, de início, levar em consideração os bens culturais produzidos pelo povo no processo de transformação da natureza. Segundo Marilena CHAUI (1982: 121), “*considerar uma cultura como sendo do povo permite assinalar que ela não pertence simplesmente ao povo, mas que é produzida por ele*”. Tais bens culturais populares devem ser incentivados e preservados. Por isto, é preciso avaliar o traço cultural heterogêneo marcante.

“Se mantivermos presente e viva a pluralidade (culturas), poderemos talvez marcar a diferença entre a manifestação operária, a camponesa e a pequeno-burguesa. Poderemos, enfim, graças à diferença, encontrar o lugar onde a convergência se torna possível, isto é, na dimensão política”. (Idem: 123)

É apenas no plano político da busca do bem-estar coletivo que se poderá ver alguma possibilidade da união de esforços. Contudo, ainda é preciso lembrar a burguesia francesa que usufruiu das forças do proletariado para ascender politicamente, mas, quando as conquistas se fizeram sólidas, os proletários voltaram ao ponto de origem como meros pagadores de impostos devidos aos novos donos do poder. É romantismo pensar que o seringueiro, numa convergência entre culturas, não seja absorvido pela cultura dominante, aliene-se e passe, ainda, a reproduzir a ideologia dos *superiores*. É contra todo este esquema fetichizante que deve o intelectual *apaixonado* lutar.

No plano histórico das ideologias, é indispensável ver que as lutas jamais serão tão

fáceis, como nunca foram, para os estratos mais humildes de nenhuma sociedade. No Brasil, por exemplo, depois da *catolicização* caótica e interesseira (o único meio de catequizar - docilizar - era manter os índios em cativeiros-missões para extorquir-lhes o trabalho em nome da fé), veio o Iluminismo a combinar-se com uma ditadura recolonizadora bem ao modo que os ingleses queriam, na base da extorsão da *derrama*; e, em seguida, o Liberalismo que se fez par do regime escravocrata, logo copiado e colocado em prática sutilmente nos seringais da Amazônia, onde era mais fácil entrar morto que sair vivo. Eis um dos traços fundantes da cultura acreana.

Na luta contra a continuidade dos desmandos das classes dirigentes vale a abnegação, mas vale muito a perspicácia, tanto do intelectual acadêmico *amante* das causas proletárias, como do intelectual orgânico forjado no seio da luta. Importa, deste modo, que a Literatura de Cordel, por exemplo, chegue ao público a que se destina, de forma inteligível, promovendo deleite e aguçando as consciências críticas. Para Ivan Cavalcanti PROENÇA (1977: 13), crítico literário,

"... não há que preocuparmo-nos com o perigo do texto 'panfletário', perigo que logo se proclama (em alerta!) quando vem à tona o problema de ideologia em literatura. Por que essa preocupação? Afinal, o que importa mesmo é verificar se o texto é realmente literário, e não o lado 'propagandístico', 'doutrinário', ou o que seja. A literatura liga-se a uma realidade."

Se é caótica a realidade de vida do sertanejo nordestino ou do seringueiro acreano, da mesma forma far-se-á sua literatura. Cada um luta com as armas que tem. O poeta de Cordel não pode "*falar de flores*" (numa alusão ao poeta Geraldo Vandré) quando sua realidade é repleta de dramas.

Para Muniz SODRÉ (1984: 33), "ideologia se define como a própria informação enquanto forma unilateral de relação social que separa radicalmente falante e ouvinte, censura a resposta e torna abstrata a situação concreta dos indivíduos". Essa é a cultura ideologizada que tem chegado a todos por intermédio do mass media, que se encarrega de fazer, inclusive, com que o poeta popular do Cordel aliene-se e muito pouco possa compreender a realidade. Ora, a fonte de onde o poeta retira os dados e temas para o Cordel são os meios oficiais (TV, jornal, rádio...), cujas mensagens já chegam ao artista popular de forma adulterada, a fim de que ele compreenda a realidade de maneira parcial e a divulgue da mesma forma. Para a mídia,

o poeta não pode entender a realidade, a custo de ele querer vir a revelar o que há de escuso por trás das notícias que chegam ao povo.

Vejamos, então, o que tem a considerar Alfredo BOSI (1992a: 81):

“... A alegoria exerce um poder singular de persuasão, não raro terrível pela simplicidade das suas imagens e pela uniformidade da leitura coletiva. Daí o seu uso como ferramenta de aculturação...”

(...)

A força da imagem alegórica não se move na direção das pessoas, enquanto sujeitos de um processo de conhecimento; move-se de um foco de poder ao mesmo tempo distante e onipresente, que os espectadores anônimos recebem, em geral passivos, não como um signo a ser pensado e interpretado, mas como se a imagem fôra a própria origem do seu sentido.

(...)

A alegoria foi o primeiro instrumento de uma arte para massas criada pelos intelectuais orgânicos da aculturação.”

O teórico faz-nos ver mais uma das vertentes ideológicas que é a alegoria empregada nos discursos pespegados pelos *intelectuais orgânicos* dominantes, desde as primeiras eras do capital. Denomine-se, aqui, alegoria enquanto metáfora, aquela que encobre o sentido denotativo, real, e é veiculada em seu sentido conotativo, irreal, sempre a ocultar alguma coisa por trás de si. Ao nível da religião católica, por exemplo, as imagens figuradas, ou metáforas, são usadas para fins ideologizadores. *Bem aventurados os pobres, pois deles será o reino dos céus* é linguagem alegórica ideológica, que vai para além do preceito bíblico da humildade e impetra um imperativo categórico da ideologia capitalista: não luta para a tua autonomia de não-pobre, continua pobre, e um dia irás para o céu. E o catolicismo *corre solto* pelos seringais amazônicos a pregar verdades impuras como esta.

Ainda segundo BOSI (1992a: 194), *“uma das conquistas teóricas do marxismo foi ter descoberto que é nas práticas sociais e culturais, fundamentalmente enraizadas no tempo e no espaço, que se formam as ideologias e as expressões simbólicas em geral”*. Em outras palavras, as práticas são o fermento das idéias. Desta forma, acentue-se que o próprio sentido consuetudinário do Direito vem arraigado de nuances ideológicas firmemente plantadas nas práticas sociais, onde as idéias de fundo conservador predominam, com o fito de garantir a dominação. Faz-se oportuno pontuar que os processos ideológicos não se formam de uma hora para a outra, aleatoriamente. A gênese das ideologias está nas idéias simuladas em valores.

Tais idéias e valores se formam lentamente, com idas e vindas, no curso da história dos seres humanos.

Luís da Câmara CASCUDO (1953: 7), um dos maiores teóricos brasileiros das manifestações populares, aponta que

“...o folclore, santificando sempre os humildes, premiando os bons, os insultados, castigando inexoravelmente o orgulho, a soberba, a riqueza inútil... empresta as suas personagens à finalidade ética de apólogos que passam para o fabulário como termos de comparação e referência”

Tal como em Marx, as camadas mais pobres, que são os maiores alvos das ideologias, não podem deixar caminhos tranquilos para os preceptores ideológicos, principalmente, se levarmos em consideração o exemplo de seringueiros e sertanejos do Norte-nordeste brasileiros, sempre propensos aos ardis da cooptação. É preciso uma ação educativa coerente, a fim de que tais populações estejam alertas para rechaçar a mensagem da ideologia. O próprio cordelista pode ideologizar seus pares, inconscientemente, transmitindo-lhes mensagens ludibriantes do poder, posto que também ele foi ideologizado, expropriado psicologicamente. Cumpre encaminhá-lo a um repensar crítico do seu papel de *intelectual orgânico*, produto das próprias lutas de classe, filho dos anônimos movimentos sociais seringueiros que se cuidam contra o entorpecimento ideológico patronal.

Eric J. HOBSEBAWM (1995: 484) faz uma observação oportuna quando assegura, com base em dados estatísticos, que um dos instrumentos de superior importância na difusão ideológica, a televisão, chega muito mais rápido onde as pessoas são mais pobres e têm menos cultura. O historiador faz lembrar a vulgata popular brasileira que atribui o maior número de crianças filhas de pobres em vista da falta da televisão em suas casas. Caminhando nos legendários passos do vulgo (sem preconceitos), deduz-se que a televisão chega rápido aos locais mais pobres com o fim de promover-lhes um certo tipo de controle de natalidade, o que faz prolongar a viagem e ir ter com os clássicos Adam Smith e David Ricardo, que culpavam as pessoas mais pobres por terem proles tão numerosas. Ora, em páginas ulteriores, o mesmo HOBSEBAWM (Idem: 546) afiança: *“os países ricos e desenvolvidos seriam aqueles cuja população seria a primeira a estabilizar-se, ou mesmo a não se reproduzir mais”*.

Não é sem uma lógica que a lenda existe e, inclusive, atente-se para o seu fundo

ideológico: os intelectuais da classe dominante criaram-na e hoje dão-lhe o papel de *inibidor concepcional*. Isso só para que observemos a que ponto chegam as ideologias na sua tarefa de pregar as *verdades* que o domínio quer. Um maior número de pobres exigirá um maior número de cobranças da assistência social, e um outro número de promessas demagógicas cujo objetivo máximo é confundir os incautos.

Os líderes políticos cumprem o papel de bem representar os interesses do capital e descuidam, deliberadamente, das massas espoliadas, no que estão em sintonia com a ideologia reinante, cujo principal objetivo, hoje, é a despolitização das massas. Senão atentemos para o que Eric J. HOBSEBAWM (Idem: 557-8) chama atenção:

“O declínio dos partidos políticos de massa organizados com base em classe, ou ideológicos, ou as duas coisas juntas, eliminou a grande máquina social para transformar homens e mulheres em cidadãos politicamente ativos.”

Organizações de massa, movimentos populares, greves, partidos realmente socializadores e tudo o que surge como voz da revolta dos excluídos são estilhaçados pelos Aparelhos Ideológicos de Estado preocupados em salvaguardar as benesses que lhes proporciona o capital.

É indispensável que as transformações partam dos movimentos populares que buscam forjar uma consciência de classe. Segundo Lucien GOLDMANN (1973: 4-5), há que se observar que *“os dominantes também lutam pela consciência sua e pela inconsciência dos demais, para que consigam um domínio ideológico mais fácil”*. O domínio ideológico colocar-se-á ao lado dos excluídos a partir do momento em que possamos ter consciência das nossas possibilidades de agentes das transformações de que necessitamos. Eis a cultura popular que buscamos, livre de amarras ideológicas.

Enquanto, colocados à *direita*, há os que nos preferem idiotizados; numa trincheira localizada à *esquerda*, há os que buscam a emancipação via *desideologização*.

Para conquistar posições as classes cooptam outras - ou as enganam. Ou *desideologizar-nos-emos*, ou seremos filtros próprios para a absorção do engodo do capital. O bem cultural que nos tem legado a era capitalista é exatamente esta arena social na qual ou se é presa ou se é predador. A cultura popular deve partir na busca de meios que a fortifiquem para o embate contra as ideologias capital-monopolistas.

4.4. Aspectos Educacionais do Acre e o Projeto

Seringueiro

A cultura popular herdada dos nordestinos pelos acreanos tem essas marcas, principalmente, em vista dos instrumentos ideológicos das classes dominantes, utilizados desde os primeiros tempos da constituição do Acre independente, no início do século, até os dias atuais. O movimento predatório do modo de produção capitalista, durante mais de século e meio, tem ditado, também, os comportamentos dos habitantes daquelas paragens. Entretanto, interessante agora é observar como os aparelhos ideológicos de Estado tão pouco fizeram para transmitir, de geração a geração, as experiências históricas de um povo nascido do semi-servilismo capital-mercantilista amazônico do último final-início de século. Os processos educativos foram marcados pela inércia própria da ideologia burguesa com relação às benesses a serem *concedidas* ao povo.

Em realidade, no Acre nunca existiram exatamente modelos político-educacionais, mas tão somente alguns rumos muitas vezes aleatórios que foram sendo seguidos ao longo dos anos.

Não há muitos registros históricos relativos a este extenso período de pouco ou nenhum esforço para com a questão da Educação dos acreanos. O que há são escritos a respeito do que se fez, exclusivamente, com a instrução das elites cidadinas. Com relação a alguma forma de ensino ao seringueiro ou ao índio nada foi registrado porque nada foi feito, a não ser por alguns raríssimos padrões/seringalistas que pagavam professores para aqueles empregados que faziam seus serviços próximos à sua rica vivenda. Mesmo assim, aos demais, à maioria, nenhum esforço foi tentado sob a justificativa da impossibilidade ditada pelas distâncias amazônicas.

Para um empreendimento científico do porte destes estudos, seriam necessárias bem mais fontes historiográficas, no entanto, como não as há, houve-se por bem trabalhar com o mínimo que se conseguiu.

Há muitos fatos, apontados pelos próprios historiadores, que tentam explicar esta carência bibliográfica. Na Universidade Federal do Acre, Carlos Alberto Alves de SOUZA

(1995), Doutor em História, por exemplo, ainda sofre as consequências *legais* por um dia ter registrado, em obra sua, fatos desabonadores relativos à vida e à crueldade de um *coronel de barranco*⁴², de nome Mâncio Lima. Esta mesma Universidade, apesar de ter patrocinado pós-graduação a Álvaro Sobralino Neto, Mestre em Educação, não possui em sua biblioteca sequer um exemplar da sua dissertação. Manoel Severo de FARIAS (1996), Doutor em Educação, para a elaboração de sua Tese, necessitou de informações concretas probatórias das origens da referida Universidade, o que não foi possível, uma vez que as atas e documentos dos recentes anos 1970 foram extraviadas, ou foram corroídas pela ira ou pela crítica implacável das traças, numa alusão a Marx.

Há, todavia, registros deveras importantes na Tese de Doutorado de Giovanna Ginelli, que traça um perfil histórico dos fatos educacionais - urbanos - desde as primeiras épocas acreanas, último final-início de século, até 1980. Há, por outro lado, o trabalho de mestrado de Edir Marques de Oliveira que oferece um retrato político da Educação no Acre, principalmente, à época dos governos militares. Há, por fim, a Tese de Doutorado de Manoel Severo de Farias que busca reconstruir todo o emaranhado sócio-político que redundou na criação da Universidade Federal do Acre.

De todos os trabalhos, observa-se uma constante grita contra os dirigentes públicos que depreciaram o valor histórico dos documentos e os fizeram desaparecer.

Giovanna GINELLI (1982: 6-12/334-6) introduz sua abordagem pelo que denomina "*proto-história da educação acreana*", nos primeiros anos do século, precisamente 1904, logo depois da Revolução Acreana e do Tratado de Petrópolis, quando o Acre começou a ser reconhecidamente brasileiro.

Segundo a pesquisadora em análise, da mesma forma que nas demais unidades da federação brasileira, as preocupações se voltaram exclusivamente para a instrução primária; os níveis de ensino posteriores foram sendo deixados a cargo de futuros governantes. Se o projeto geral dos brasileiros era levar a população a sair do anonimato e da marginalidade cultural, em nome de uma futura nação inteligente, conviria ao governo central promover esforços nesse sentido, o que só veio a acontecer muito tempo depois, especialmente no Acre, a última fronteira e, por isto, o último a ser lembrado. As justificativas, no Acre, começaram nos

⁴² *Coronel de barranco* é um título que deu a literatura aos patrões/seringalistas, muitos dos quais tinham essa patente concedida pelo governo e a exerciam com o rigor peculiar ao homem de fardas acreanas.

primeiros anos quando a navegação fluvial era o único transporte possível e existente, o que impossibilitava qualquer gestão dos órgãos educacionais instalados a milhares de quilômetros, no Rio de Janeiro.

Os núcleos habitacionais foram sendo formados à margem dos rios, enquanto os seringueiros adentravam a imensidão da floresta aí residindo anos sem ir à cidade, e colhendo látex. As distâncias entre as cidades e os seringais eram mensuradas por dias de viagem a pé ou em lombo de burro, o animal mais adaptável à umidade e ao calor amazônicos. Nada poderia - como ainda não pode - ser feito por aquelas populações residentes em locais tão íngremes; por isto convinha ao estado capitalista deixá-las entregues à sua própria sorte de relegados sócio-culturais.

Para Giovanna Ginelli, freira da Ordem das Servas de Maria Reparadoras, apenas a filantropia de alguns virtuosos podia fazer algo em prol dos acreanos das cidades. As religiosas da citada Ordem, bem como de outras, instalaram colégios em municípios do Acre e seu trabalho, além de pioneiro, é o que de mais positivo ocorreu à educação dos acreanos, a exemplo do Colégio Divina Providência, de Xapuri, fundado em 1928. É uma incógnita os motivos que levaram as religiosas a abandonarem suas escolas às mãos do governo estadual. (Há, em realidade - ao meu parecer - motivos de ordem político-ideológicas para tal fato: as freiras, muito estudiosas, evoluíram criticamente e não mais aceitavam imposições elitistas descabidas aos seus métodos de ensino que também progrediam, e já buscavam algo de humanização, o que era contrário aos preceitos ideológicos da elite dominante. Há uma pesquisa historiográfica, hoje, que busca esclarecer tais ocorrências.). Mais importante é notar, entretanto, que ao seringueiro ainda hoje o governo não dispensou nenhuma atenção concreta. Para a pesquisadora em pauta, "*além dos entraves etno-geográficos*" citados, a burocracia e as estatísticas discriminadoras ainda colocam por terra os esforços dos mais empreendedores ao nível educacional.

Edir Marques DE OLIVEIRA (1985: 10-6) aponta dados e fatos relativos, principalmente, a um período em especial. Segundo sua pesquisa, houve um momento, início dos anos 1960, em que as elites acreanas começaram a refletir as possibilidades da formação e instrução dos seus filhos na sua própria terra, uma vez que era costume enviar-lhes a estudar em distantes cidades como Manaus, Belém ou Rio de Janeiro. Alguns dos filhos dos mais abastados instruíram-se e voltaram à terra natal para ocupar as posições de direção, por

hereditariedade, como é comum sob a égide do capital. Esses poucos acreanos mais ilustrados, ao retornarem ao Acre, passavam a dividir as posições importantes com outros brasileiros, em número bem maior, vindos de outras plagas, o que não deixou de gerar uma certa xenofobia, ainda hoje muito presente entre os acreanos. Para que o número de dirigentes acreanos suplantasse o número de *estranhos*, fizeram-se necessários maiores cuidados para com a instrução dos que não podiam estudar fora do Acre. É claro que, àquela época, como nas demais partes do Brasil, a sociedade estava ainda desorganizada e sem rumos a seguir. Havia outros obstáculos nodais a ultrapassar. Aos primeiros deputados eleitos para a Assembléia Legislativa do novo Estado (1962) era comprometedor entregar-lhes tarefas que exigissem mais acuidade, em vista do pouco preparo de ainda hoje e do histórico descompromisso social dos parlamentares brasileiros.

Outro entrave era o *fantasma do comunismo* que, à época, tornava toda e qualquer reunião uma tentativa de subversão da ordem, ditada pelos generais Castelo Branco e/ou Costa e Silva. Com a implantação da *democracia excludente* até o advento do *autoritarismo triunfante*, muito pouco foi feito, uma vez que os maiores colaboradores das causas educacionais acreanas não eram *colaboradores* do sistema militar e, por isto, passaram a ser excluídos, o que fez surgir a duradoura geração dos educadores acrílicos, posto que a Lei de Segurança Nacional a todos fazia vigilância diuturna.

Segundo a pesquisa, vieram então os tempos da democracia relativa, o que ensejou um processo de conciliação entre os setores educacionais e o Planalto. Com isto recrudesceram os movimentos sociais e a educação contou com ações de entidades populares, a exemplo do *Projeto Seringueiro* e da *Educação Indígena*, cuja intenção é que as comunidades orientem metas educacionais segundo lhes possa convir.

A pesquisa de Doutorado de Manoel Severo de FARIAS (1996: 76-95) traça o itinerário palmilhado pelos que conseguiram implantar a Universidade Federal do Acre. Interessante para este estudo é a análise que o pesquisador empreende com relação, inicialmente, à questão “*da racionalidade administrativa imposta pelo MEC na busca do aumento da eficiência do sistema educacional para satisfazer as exigências do modelo econômico*”. Ora, a eficácia buscada, no Acre, não podia ser encontrada, de vez que os quadros educacionais não tinham preparo suficiente para a empreitada que se lhes impunha. Não era possível “*adaptar o sistema educacional às necessidades do Estado*”, como ficava difícil uma

“expansão e melhoria do ensino” ou “aperfeiçoamento do magistério”, uma vez que tais necessidades eram basilares e constituíam uma questão de incompetência técnica, por elementar despreparo. Instalar-se-ia, então, um Curso de Pedagogia para atender as demandas da precariedade instrucional, o que, a nível de emprego para os egressos, não redundaria problema; “o mercado de trabalho para os licenciados, de um modo geral, estava praticamente intacto”.

Segundo o autor, depois de aplacado o *medo dos comunistas*, por parte do Governador Jorge Kalume, pode-se ver que as reivindicações das elites civis tinham fundamento. Eram necessários cursos superiores no Acre. Todavia, os cursos secundários ainda não existiam nas cidades do interior, o que levou o Governador a instalar, atabalhoadamente, cursos de formação de professores em cinco dos municípios mais importantes. Eram exigências do tecnocrata norte-americano Rudolph Atcon, da *aliança para o progresso*, emanadas dos acordos MEC/USAID, e tinham que ser cumpridas com urgência, em nome do desenvolvimento do Estado. *“A pobreza, o subdesenvolvimento e outros problemas eram vistos como consequência da falta de escolarização. Deste modo, a educação passou a ser considerada como a responsável por todos os problemas do modo capitalista de produção”.*

A racionalidade burguesa era tamanha que não permitia que se visse a Educação apenas como mais um elo da engrenagem, atado a tantos outros, para o jamais perfeito funcionamento da máquina de fazer homens aptos à ideologização do capital. Certo é que, depois de algum debate, começou-se a implantação do primeiro núcleo universitário no Acre, que foi se desenvolvendo gradativamente e, hoje, já demonstra algum avanço, mas é vítima das mesmas seqüelas que afligem outras congêneres pelo Brasil afora. O autor acentua, dentre os males mais graves, a prática daquilo que os críticos denominam *sinecura acadêmica*, onde nenhuma função obriga a nada ou quase nada, onde alunos fazem de conta que estudam e professores fingem que dão aulas. É apontada ainda a *doença do clientelismo*, que leva à desobrigação dos alunos para com a questão da aquisição e produção do conhecimento; e do *democratismo*, onde *“as obrigações e responsabilidades ficam dissolvidas pela deliberação numérica caracterizada pelo ato de votar”*; isto posto, a ciência passa ao largo das salas-de-aula, pois o discurso da melhoria da qualidade do ensino ainda é alegoria metafórica nas plataformas de trabalho dos reitores e, o que é mais grave ao nível da educação popular, a Universidade Federal do Acre, elitizada como é tradição no Brasil, distancia-se da escola pública e poucos

são os acordos que procura honrar para benefício das faixas mais carentes da população, que é exatamente quem mais precisa do apoio de uma instituição mantida com impostos sempre pagos pelos estratos mais baixos da sociedade.

De modo geral, há circunstâncias tais que fizeram por operar e manter tal estado de carência, posto que as políticas culturais e educacionais levadas a efeito para e pelo Acre, se assim são, é porque as esferas dirigentes mais altas, ao nível interno e ao nível externo, assim o permitem, pois é o que os ditames capital-monopolistas preferem, para o seu gáudio e a continuidade do seu *status quo*.

A propósito do caso acreano *de todos os tempos*, é conveniente olhar um pouco ao redor e ver outros ares e a mesma tradição de obsolescência político-ideológica. Ai, são oportunas as palavras de Emília Viotti COSTA (1987: 265):

“Embora profundamente enfraquecido nos centros urbanos, o sistema de clientela e patronagem ainda sobrevive no Brasil, quase intacto, como em regiões do interior, ou remodelado para ajustar-se à sociedade moderna. (...) Também explica, pelo menos em parte, porque os professores Octávio Ianni e Florestan Fernandes, como muitos outros que consideravam sua a tarefa de destruir os mitos tradicionais que inibiam o processo de democratização da sociedade brasileira, foram forçados a se retirar da Universidade de São Paulo em 1969”.

O mesmo clientelismo periférico acreano dos dias atuais não deixa de ser uma fotografia mal-acabada de fatos que maculam toda uma tradição nacional.

- O Projeto Seringueiro

São oportunas, aqui, algumas digressões acerca do papel desempenhado, no Acre, pelo Centro dos Trabalhadores da Amazônia, uma organização não-governamental, mantenedora do Projeto Seringueiro.

Segundo longo depoimento prestado pelo Coordenador Pedagógico do CTA, Prof. Manoel Estébio Cavalcante da Cunha, o empreendimento capitalista no avanço rumo ao oeste brasileiro, no início dos anos de 1980, se fez mais ousado e o alto empresariado agropecuarista do Sul-sudeste investiu muitos recursos na compra de *mega* latifúndios, onde seriam

implantadas as filiais amazônicas dos seus empreendimentos. A floresta que recobria o Estado de Rondônia, por exemplo, foi quase completamente devastada e, em seu lugar, ergueram-se grandes fazendas de gado. No Acre, com o mesmo objetivo, os agropecuaristas começaram também a comprar grandes extensões territoriais em vista dos preços irrisórios da terra. E fizeram muito mais: invadiram terras que não lhes pertenciam em vista da burla de documentos cartoriais, queimaram residências de camponeses, destruíram-lhes as plantações, assassinaram opositores ou expulsaram a pobre gente rumo ao desconhecido que é viver em país estrangeiro, como a Bolívia ou o Peru, onde o capitalismo usa fórmulas bem mais drásticas na consecução daquilo que almeja.

Era extremo o processo de exploração contra seringueiros que há décadas viviam em seus sítios (*colocações*). Foi aí, então, que algumas lideranças, em Xapuri, passaram a se mobilizar. Na *colocação Já-com-fome*, Seringal Nazaré, próximo de onde se situa a Fazenda Bordon, espécie de *quartel general* dos latifundiários, houve um primeiro encontro para avaliação do problema e para a detecção de possíveis saídas para os impasses gerados pelos conflitos que ocorriam em lugares equidistantes, o que dificultava ainda mais a organização dos trabalhadores, principalmente em vista das distâncias amazônicas.

Havia, no entanto, impedimento maior: a maioria dos seringueiros e filhos de seringueiros não era sequer alfabetizada. Dentre outros fatores, este também impedia a mobilização contra os desmandos dos fazendeiros. Eram necessárias a leitura e a compreensão do material produzido pelas entidades de apoio, a exemplo da Comissão Pastoral da Terra, órgão ligado à Igreja Católica. As leis do Estado capitalista exigem comprovação mínima de alfabetização para que possa o indivíduo assinar documentos ou até mesmo para exercer o pleno direito à cidadania. O papel a ser desempenhado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, pelo Centro dos Trabalhadores da Amazônia e pelo Projeto Seringueiro passou a ser de suma importância para o adensamento das lutas.

Ao nível teórico, o Projeto Seringueiro traçou planos político-pedagógicos com base na experiência de alfabetização de adultos de Paulo Freire. Foi produzida a cartilha PORONGA, numa alusão à utilidade desse candeeiro amazônico: abrir caminhos noturnos no trabalho dos seringais.

Era previsível a falta de apoio por parte dos poderes constituídos e, mesmo, uma atitude de extremo antagonismo com relação ao Projeto. Houve momentos em que espiões da polícia

federal viajaram para os seringais disfarçados, a fim de averiguar possíveis vínculos das pessoas ligadas ao Projeto Seringueiro com a notícia da formação de um grupo guerrilheiro nos moldes do que o PC do B fizera na região do Araguaia. Doutra feita, o exército foi ao local e, em 1982, dois alunos do Projeto e um professor foram presos por estarem orientando e acompanhando os seringueiros num ato político que realizavam no Seringal Nova Esperança.

Com o correr dos anos, quando o movimento seringueiro havia crescido e amadurecido mais, chegou-se à conclusão que era necessário não apenas um projeto para alfabetizar adultos, mas uma proposta de educação bem mais consistente. A partir daí, discutiu-se a redefinição dos papéis do Projeto Seringueiro e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. O primeiro ficou com a incumbência de preparar uma proposta pedagógica específica para a realidade do seringal, organizar materiais didáticos, realizar cursos de capacitação para o corpo docente e supervisionar as escolas. O sindicato incumbiu-se de mobilizar as comunidades onde seriam implantadas as escolas, o que as vinculou diretamente ao movimento sindical.

O possível vínculo do Projeto Seringueiro com a municipalidade de Xapuri, antes tão distanciado em vista das práticas pouco gentis dos líderes políticos municipais, só veio a ocorrer concretamente agora, já em 1996, quando o Partido dos Trabalhadores elegeu o prefeito do município de Xapuri. Com relação ao Estado, ao mesmo tempo em que governos populistas acenam para a mídia com gestos de tolerância ao movimento popular - no qual o Projeto se inclui - na prática o apoio é mínimo e o trabalho de parceria é sempre dificultado. Sempre foram colocados muitos obstáculos, principalmente, com relação à efetivação de termos de convênio para a contratação de professores para as escolas seringueiras por parte da Secretaria de Estado da Educação.

Em se tratando do aspecto manutenção, o Projeto, de início, foi financiado pelo ex-Ministério da Educação e Cultura através de um programa denominado *Projeto interação entre a educação e os diversos contextos sócio-culturais brasileiros*. Além deste, o CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços) e a OXFAN (da Universidade de Oxford) também financiaram as atividades desenvolvidas pelo Projeto. Posteriormente, outras agências houveram por bem prestar apoio: Embaixada do Canadá, MISERIOR, NOVIB, BID e UNICEF.

O Projeto Seringueiro, desde 1983, passou a ser uma linha de ação do Centro dos Trabalhadores da Amazônia - CTA - que foi criado pelos técnicos do próprio Projeto para

resolver o problema que era a falta de uma entidade civil que fosse proponente fixa ante as entidades de apoio e financiamento.

Atualmente o Projeto vem sendo financiado pelo *Programa Crer para Ver*, da Fundação ABRINQ, pelo Projeto *Aquiri*, um *pool* de entidades não governamentais mantidas pelo UNICEF. Contam-se também com os recursos próprios do CTA gerados através da Gráfica Poronga e do Centro de Produção de Mudas. Há, hoje, também convênios com a Universidade Federal do Acre, com o Governo do Estado do Acre e com a Prefeitura Municipal de Rio Branco.

Todos os professores, sem exceção, são dos próprios seringais, embora haja alguns que tiveram passagem pelas cidades, tendo sua capacitação no entanto se verificado através do Projeto que os incentiva à obtenção de escolaridade formal através do sistema supletivo. Ademais, sobre o aspecto da formação dos professores, é conveniente que se enfatize a existência de cursos anuais, entre um e três cursos, e das supervisões que têm um caráter complementar às informações recebidas nos treinamentos. Acrescente-se ainda que, no tocante à qualificação, o que se exige é um mínimo de domínio da leitura e da escrita, haja vista que a idéia é formar professores seringueiros a partir do próprio universo do seringal, onde há o predomínio do analfabetismo.

Segundo levantamento feito em finais de 1996, há trinta e sete escolas em seis municípios. São oitocentos e quarenta e três alunos para quarenta e três professores.

No que diz respeito à orientação teórico-pedagógica, o Projeto trabalha numa perspectiva sócio-interacionista, acolhendo contribuições da Filosofia e da História a partir do Materialismo Dialético; da Psicopedagogia e da Psicologia Genética a partir de Piaget, Vallon e Vygotsky; da Pedagogia Crítico-Social a partir de Paulo Freire e Dermeval Saviani; da Educação Matemática a partir de Zoltan Paul Dienes; da Arte e da Literatura em prosa e em poesia, inclusive a Literatura de Cordel, tão ao gosto das gentes do seringal.

Com relação à Literatura de Cordel, há de se acrescentar que há um uso constante deste veio literário. De início, usava-se como artefato pedagógico apenas o que era produzido em *folhetos* por poetas de outros Estados do Norte-nordeste. Entretanto, com o correr dos anos, o estímulo com o fato de o seringueiro ter aprendido a ler, levou-o a querer praticar a construção de versos independentemente das aulas por eles freqüentadas, o que foi muito bem aceito pela coordenação pedagógica do Projeto, em vista do elevado grau de conscientização e crítica que

tais versos passaram a despertar. A partir de então, os professores também começaram a elaborar suas quadrinhas com o fito de incentivar o aprendizado da leitura por parte dos novos alunos que iam sendo matriculados. O uso do Cordel, então, se fez rotina. De fato, a criação artística não foi tolhida em nome da Educação. Todo o trabalho foi feito em cima de poesias escritas em tempos muitos anteriores e em lugares onde o Projeto Seringueiro, infelizmente, ainda não chegou. Em outras palavras: a intenção do Projeto é alfabetizar, politizar e deixar aflorar o pendor artístico pelo uso deste veio literário tão promissor e que reflete o pensamento de boa parcela das gentes mais humildes deste país.

Segundo Manoel Estébio, numa perspectiva sócio-interacionista, o conhecimento é obra não de um professor que *deposita o saber na cabeça de um aluno passivo*, mas de um professor que ajuda ao aluno em interação com seus colegas de classe na busca da construção do conhecimento. Quanto à concepção de escola, tem-se no horizonte uma que prepare um cidadão crítico que interage com outros sujeitos sociais buscando a transformação e o aperfeiçoamento da sociedade. Nesse sentido, para que se preparem educandos que sejam sujeitos sociais ativos, busca-se preparar um professor que entenda os mecanismos e processos sociais, tenha domínio dos conteúdos e compreenda o valor do seu trabalho enquanto agente de transformações.

Como o Projeto trabalha com professores leigos, numa realidade onde predomina a oralidade, com demanda altíssima por escolarização, a formação do professor é um processo contínuo, que não se esgota numa série de cursos e treinamentos. Há uma gradação de acordo com o nível que cada professor alcançou nesse processo de formação. Deste modo, a necessidade de continuidade não se esgota, pois o predomínio da oralidade e a pouca circulação de informações escritas no ambiente das escolas são fatores que podem causar estagnação ou regressão na formação dos professores. Assim sendo, para manter o professor atualizado, segue-se o processo acima descrito de cursos e supervisões, ocasiões em que há interação de conhecimentos e dificuldades, onde aqueles tentam suplantar estas. O professor apto a se iniciar no exercício do magistério seringueiro é aquele que compreende os problemas sociais próprios do meio, que apresenta um bom desempenho no domínio dos conteúdos e da didática, o que lhe permite *ministrar aulas numa perspectiva sócio-interacionista*.

4.5. Inserção justificadora das teorias pedagógicas emergentes

Somos um povo com uma tradição que reflete uma gama infinda de discrepâncias ao nível da transmissão de experiências de geração a geração, às vezes insondáveis. Entretanto, é indispensável apontar estudos e estudiosos que buscam refletir acuradamente acerca dos motivos do nosso atraso educacional, bem como daqueles que tentam ir mais além e chegam a propugnar teorias pedagógicas coerentes, que visam dar novo alento à questão da Educação das massas populares, num período histórico de reais avanços, em que ressentimo-nos dessa necessidade, principalmente porque estamos cientes dos motivos que nos atiraram à poeira da civilização.

Dentre os que atinam por melhorias qualitativas e quantitativas, convém, inicialmente, levar em consideração exemplos de pessoas que, no Acre, labutam incansavelmente nesse sentido.

Como não poderia deixar de ser, a Literatura de Cordel tem ênfase especial, principalmente, no que tange aos processos de alfabetização e politização dos *povos da floresta*. O poeta de Cordel Raimundo Nonato da Rocha⁴³, conforme entrevista citada anteriormente, aprendeu a ler por intermédio da leitura de folhetos, desenvolveu sua capacidade de leitura e crítica, dá exemplos de outras pessoas que, nos seringais, também foram alfabetizadas através do Cordel e assim por diante. Ainda segundo o cordelista,

"... havia em Rio Branco - ele morreu - um poeta de cordel que era seringueiro antes de se tornar professor. Ele escreveu bastante cordel, escreveu até o ABC, a cartilha para os

⁴³ Raimundo Nonato da Rocha. Entrevista cedida em 20 de novembro de 1995

não-alfabetizados, em cordel. (...) A cartilha dele ajudou muito ao povo do campo, aos agricultores e seringueiros a aprenderem a ler... Ele foi de grande utilidade."

Esse professor-seringueiro, de nome Raimundo *de tal*, veio a falecer no início dos anos 1990 e, realmente, deixou uma grande obra didático-pedagógica, cuja localização foi impossível até o momento.

João da Mata

*"João da mata, seringueiro
Mora no seringal Riozinho
E trabalha o ano inteiro
Não tem perto nem vizinho.*

*No inverno é castanheiro
Trabalha mais que jumento
No verão é seringueiro
Mal ganha para o sustento.*

*A maldita conta corrente
nunca acaba de pagar
Parece até uma serpente
Querendo lhe devorar.
(...)*

*João é analfabeto
Pois nunca foi à escola
Porém é muito esperto
Tocando sua viola.*

*Toca tua viola João
E conta toda a verdade
Sobre tudo o que é patrão.*

*Viola, viola minha
Quem me dera que eu fosse
Tão livre como andorinha.*

*Viola eu voaria
No espaço amplidão
Ali livre eu estaria
Da corrente da escravidão*⁴⁴

Com relação aos processos de educação não-formal levados a efeito pelo já citado

⁴⁴ Raimundo Nonato da Rocha. Entrevista cedida em 20 de novembro de 1995.

Projeto Seringueiro, no Acre, o coordenador pedagógico Manoel Estébio Cunha⁴⁵ dá uma série de razões que os levam à utilização de versos de Cordel elaborados por professores e alunos do Projeto, como instrumentos crítico-pedagógicos e como motivadores didáticos, uma vez que o objetivo maior é a alfabetização e a formação da consciência crítica de trabalhadores do campo sem direitos, mas com deveres.

Seringueiro

*"Nem bem é madrugada
pula da rede
corre pro mato
corta cavaco
faz o café.*

*Nem bem é madrugada
pega a espingarda
prepara munições
faz recomendações
e vai se equipar.*

*Nem bem é madrugada
nem quase dá pra enxergar
pega a poronga
em passada larga
some na sombra
vai trabalhar"⁴⁶*

A pedagoga Maria Adízia Araújo⁴⁷, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização da Universidade Federal do Acre (NEPA/UFAC) relata que o início de suas experiências efetivou-se com a utilização dos mais diferentes tipos de linguagem como exercício inicial para alfabetização e leitura. O que ocorreu depois foi que na Literatura de Cordel observou-se um grande vínculo com os propósitos do NEPA, até pelas características inerentes dos versos em linguagem simples, bem ao gosto dos menos esclarecidos homens da floresta amazônica.

⁴⁵ Manoel Estébio Cavalcante da Cunha. Entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

⁴⁶ Marcos Fernando Silva. Entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

⁴⁷ Maria Adízia M. Araújo. Entrevista cedida em 23 de novembro de 1995.

Canção a Cruzeiro do Sul

*“Essa água
água e terra
esse lindo ribeirão
esse rio de água doce
Juruá dessa canção*

*Onde a terra
é terra santa
onde o sol disfarça a dor
tudo que se planta colhe
todo olhar se faz amor.*

*Sou daqui
não vim de lá
nem sou dono desse chão
mas o amarro no meu peito
pra cantar contra o leão*

*Quero ver a liberdade
dessa mão que calejou
um olhar triste menino
do cantar de um cantador”⁴⁸*

Esta singeleza da Literatura de Cordel a torna um instrumento a mais na luta pela alfabetização e pela formação de consciências críticas, nos seringais amazônicos, sempre *locus* de uma escravidão compulsória que tem subjugado corpos e almas por mais de século e meio.

As poesias ilustrativas são compostas por pessoas alfabetizadas, muito embora tenhamos exemplos de algumas feitas por um poeta sem alfabetização, o Sr. Sebastião Rodrigues da Silva (II), de Xapuri.

Segundo Alfredo BOSI (Op. cit.: 25), a criação popular no Brasil, mesmo em vista do grande número de pessoas não-alfabetizadas, encontrou meios e condições de produzir-se, ou em “*espaços ilhados*” rústicos, ou

“... na fronteira com certos códigos eruditos ou semi-eruditos da arte européia: na música, nas festas e na imaginária sacra, por exemplo. O romance de cordel, caso de criação de fronteira, é tardio, o que se explica pelos entraves à alfabetização e à impressão.”

⁴⁸ Gleidson da Silva Andrade é policial militar, poeta e músico premiado, da cidade de Cruzeiro do Sul-AC.

Em outras palavras: para que uma manifestação cultural evolua, ou se propague, ainda não é necessário que os seus difusores sejam alfabetizados, uma vez que são expressões elaboradas, na maioria das vezes, por pessoas sem alfabetização, como no exemplo acima; defasagem esta que tem ocorrido, historicamente, mesmo em locais onde o acesso à escola se faz menos difícil, visto que o alfabetizar-se, no Brasil, sempre foi tido como ação perigosa devido aos prováveis danos que os excluídos poderiam (poderão) causar ao *status quo* dominante.

Conveniente é a busca constante da alfabetização crítica e da formação de intelectuais seringueiros, possivelmente com a mediação da pesquisa e da extensão universitárias, pois já não se concebe o intelectual universitário isolado, desligado da realidade. É preciso que o acadêmico alie-se ao *orgânico* tendo como fim o bem comum, não em busca da Literatura de Cordel *arte pela arte*, com estatuto literário, mas à cata de uma arte social, madura, instrumento de conscientização, veículo de reformas políticas, para uma ação concreta pelas transformações de que necessitamos. Assim, importa observar o que nos tem a dizer Hugo LOVISOLO (1990: 27):

“A doutrina da educação popular vem difundir o modelo da escrita vinculado estreitamente à emergência de uma consciência reflexiva ou transitiva que deveria ter como característica a emergência do homem à temporalidade e à construção da identidade”.

Cumpre alfabetizar o cordelista, imprimindo no trabalhador seringueiro as qualidades do *intelectual orgânico*, atado à sua realidade de espoliado dos seringais, para que ele consiga exercer seu *desideratum* político-ideológico da melhor forma, forjando consciências críticas, uma vez que, segundo preceitos do materialismo histórico, o próprio educador antes precisa ser educado; é preciso interferir na realidade e não apenas pensá-la. (DOMMANGET, 1972: 323)

É preciso que o seringueiro, o índio e o ribeirinho, nas lutas e movimentos de classe, nos processos de alfabetização e criticidade, mesmo por intermédio do Cordel, percebam suas condições de existência, e percebam criticamente os antagonismos que lhe são inerentes. As associações de resistência a que anteriormente nos referimos devem existir, sim, com o objetivo de fomentar a discussão, de conscientizar e politizar para os embates futuros rumo à sociedade mais justa a que ansiamos.

As lutas devem ser empreendidas contra os processos ideológicos que alienam as

massas, a fim de que os canais de informação, tão utilizados pela burguesia, por exemplo, se façam úteis, também, às classes dirigidas, uma vez que, segundo Eric HOBBSBAWM (Op. cit.: 559), acaba o século XX e torna-se “*evidente que os meios de comunicação são um componente mais importante do processo político que os partidos e sistemas eleitorais*”, a exemplo do que temos presenciado a nível, principalmente, de Brasil e, especificamente, de Acre. Ademais, o que alguns analistas chamam de *projeto educacional eleitoral* se inicia, muito antes, em momentos e lugares os mais inesperados possíveis, por inculcações ideológicas do tipo *dinheiro não traz felicidade*, ou seja, tudo deve ser obra do destino ou do esforço pessoal, que só os *bons* políticos sempre eleitos conseguem empreender. A trama é urdida de modo a que os incautos não a percebam. E os salários votados pelo parlamento são sempre aviltantes, para que a felicidade não chegue à mesa do trabalhador, a fim de que o destino jamais lhe bata à porta, ou seus esforços pessoais nunca sejam recompensados. Todavia, no que tange à educação propriamente dita, hoje há um projeto educacional modernizador que diz não ser o dinheiro, mas a educação que traz a felicidade para quem vive os dias que correm. Assim, mais uma vez, a educação é *processada* pelas classes dominantes, de modo que, para os filhos das classes excluídas, a felicidade, ou a fortuna, só virão se os esforços a serem empreendidos forem muito maiores, visto que o sistema de ensino, principalmente o de nível superior, não permite o ingresso dos que não são destinados por eles à felicidade.

Urge a conscientização das massas populares por métodos que lhes façam ver suas necessidades e possibilidades de reação. Convém os intelectuais críticos, comprometidos verdadeiramente com a realidade de vida do seu povo.

Para Dermeval SAVIANI (1994: 15-82), um dos principais contributários da nova corrente da *pedagogia histórico-crítica*, convém, antes, pensar em humanizar o homem, segundo um princípio educativo que o leve a aprender a saber querer, a agir e a avaliar suas situações existenciais concretas, objetivamente, em vista de um domínio da natureza que se quer pela via do trabalho material e, também, do trabalho não-material, das idéias, dos conceitos, das teorias, dos valores e, conseqüentemente, da Educação, do saber sistematizado, erudito. Persistentemente, é preciso a superação de obstáculos que se nos interpõem ao alcance da liberdade. Mesmo em se tratando de cultura popular, ou da Literatura de Cordel, é somente chegando aos patamares da erudição que os marginalizados a poderão ver em sua objetividade

de possível arma na busca dos pleiteados melhores dias. Segundo o estudioso, ademais, são necessários mais esforços, no seio da própria luta de classes, em busca de uma competência técnica de alunos e professores, que os leve à superação do senso comum por meio do aguçamento da consciência crítica e do compromisso político, que os faça perceber que há dificuldades que se lhes colocam em meio ao caminho, não pela sua falta de capacidade em ministrar e assimilar conteúdos, mas porque há setores da sociedade a quem, historicamente, faz-se mister vê-los infantilizados, incompetentes, medrosos em relação à denúncia do tipo de escola e sociedade amesquinhada que propugnam e que praticam. Em verdade, é sempre preciso ir buscar nas raízes da história, tentando uma superação, com os que estão sempre à margem dos sucessos, com radical objetividade teórico-crítica e prática, das razões do não-saber, da sujeição e da não-emancipação.

A pedagogia histórico-crítica age ao nível deste trabalho como estrutura basilar, a partir de onde se justificam todas as arremetidas teórico-pedagógicas pela via da Literatura de Cordel, visto que, aos seringueiros, índios e ribeirinhos do Acre e da Amazônia é, também, preciso a prática do direito ao saber sistematizado e socializado, da escola crítica; faz-se necessária a ultrapassagem do senso-comum, do mítico, rumo a consciência política e social sólida. Para Saviani, *“na verdade, o nível de consciência dos trabalhadores aproxima-se de uma forma elaborada na medida em que eles dominam os instrumentos de elaboração do saber”*. É como na prática ocorre ao Projeto Seringueiro, onde são as próprias comunidades que discutem seus objetivos e metas, daí um nível de consciência mais apurado, conforme se tem observado em relação aos alunos remanescentes do modelo colocado em prática pela entidade, cujo resultado, ainda segundo o teórico, *“é um saber suscetível da transformação”* que, colocado ao seu serviço, instituir-lhes-á, concretamente, um papel mais maduro e realístico de agentes históricos do desenvolvimento das camadas menos favorecidas da Amazônia, enquanto classe subalterna. Com efeito, mesmo porque, aqui, o objeto de estudos é a Literatura de Cordel como expressão cultural popular, fazem-se oportunas as seguintes colocações:

“A cultura popular, do ponto de vista escolar, é da maior importância enquanto ponto de partida. Não é, porém, a cultura popular que vai definir o ponto de chegada do trabalho pedagógico nas escolas. (...) Para desenvolver cultura popular, essa cultura assistemática e espontânea, o povo não precisa de escola. Ele a desenvolve por obra de suas próprias lutas,

relações e práticas. O povo precisa de escola para ter acesso ao saber erudito, ao saber sistematizado e, em consequência, para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondam aos seus interesses.” (SAVIANI, 1994: 82-109)

Assim sendo, é tão somente o saber elaborado que emprestará ares de coerência e competência aos esforços pró-transformações sociais. Este vislumbre acurado do trato social há de surgir, objetivamente, de uma boa compreensão dos papéis a serem desempenhados por manifestações culturais, inclusive a Literatura de Cordel já usual mesmo entre pessoas que sequer foram à escola, enquanto ponto de partida para o desvelamento crítico-educacional. A Literatura de Cordel já se desenvolveu em vista de lutas, práticas e relações entre os excluídos, alfabetizados ou não, do Norte-nordeste do Brasil; o que falta é fazer com que, por seu intermédio, as pessoas vejam as possibilidades das quais se reveste um sistema educacional *histórico-crítico* que as chame à consciência sobre o que podem construir politicamente através do uso coerente do saber sistematizado.

Para Dermeval Saviani, a pedagogia *histórico-crítica* está assentada sobre as bases mesmas da concepção dialética da história, visto que é resultado da observação e estudo de outras muitas vertentes teórico-pedagógicas que foram sendo utilizadas, no decorrer do tempo, na busca ininterrupta por bem transmitir experiências passadas de geração a geração, sempre em vista das ideologias dominantes. Vê-se, então, segundo a ótica em análise, que é *preciso* “*resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo*”. Cabe-nos valorizar os processos educacionais críticos, uma vez que as classes dominantes lutam por desvalorizá-los, em vista da busca do teor denunciatório que o identifica, constantemente, enquanto característica preponderante.

“Conforme se acirra a contradição entre a apropriação privada dos meios de produção e a socialização do trabalho realizada pela própria sociedade capitalista, o desenvolvimento das forças produtivas passa a exigir a socialização dos meios de produção, o que implica a superação da sociedade capitalista. Com efeito, socializar meios de produção significa instaurar uma sociedade socialista, com a conseqüente superação da divisão em classes. Ora, considerando-se que o saber, que é o objeto específico do trabalho escolar, é um meio de produção, ele também é atravessado por essa contradição. Conseqüentemente, a expansão da oferta de escolas consistentes de modo a atender a toda a população significa que o saber deixa de ser propriedade privada para ser socializado. Tal fenômeno entra em contradição com os interesses atualmente dominantes.” (SAVIANI, 1994: 110-127)

Socializar o saber é um dos maiores pontos de combate interpostos entre dominantes e dominados, posto que não é conveniente aos primeiros *conceder* aos demais algo que é tido como propriedade exclusivamente sua. O conhecimento, a ciência, as artes e a tecnologia constituem a grande busca a que se devem ater as classes marginalizadas, uma vez que este é um sólido ponto de partida e de chegada para o rechaçamento das desigualdades e para a consecução das transformações sociais há tanto buscadas.

Um outro estudioso do que aqui denomino criticismo em educação é José Carlos Libâneo, cuja preocupação fundamental passa, principalmente, pela transmissão/assimilação de conteúdos críticos e pela prática dos professores. Importa como a educação intercederá em favor da construção de uma história social melhor, em vista dos conteúdos que podem ser transmitidos às gerações vindouras. É, então, conveniente analisar com acuidade todas as manifestações, inclusive, segundo o caso em estudo, as possibilidades da mediação da Literatura de Cordel, que poderá ensinar, por conteúdos próprios ao mundo dos marginalizados, um aprendizado democrático e coerente do todo do qual fazem parte. A democratização da escola ensinará, concreta e objetivamente, a transformação da sociedade, até porque a escola socializada deve ser observada e analisada enquanto base a partir da qual difundir-se-ão conhecimentos e práticas de lutas populares na busca da liberdade ansiada. Os conhecimentos constantes dos conteúdos difundidos na prática escolar devem ser socialmente vivenciados e elaborados a partir de uma prática e experiência sociais; eis a presença do saber crítico em cujo delineamento o professor faz-se passar por estimulador e instrumentador, participante ativo das lutas sociais. (LIBÂNEO, 1996: 19-44).

Segundo propugna a pedagogia *crítico-social dos conteúdos*, da mesma forma que é necessário unir “*o saber, o saber fazer, e o saber ser*”, é necessária uma ação integradora da escola aos níveis pedagógico, psicológico, social e político, uma vez que, historicamente, estamos aprisionados à inconsciência, como querem os dominantes, e o progresso humano só tem sido alcançado pela luta. É conveniente “*perceber as contradições da sociedade, os determinantes de classe que direcionam sua atividade prática, o papel do ensino enquanto coadjuvante do movimento histórico de emancipação*”. Além do que, urge a destruição das relações que conseqüenciam a alienação e

“... é necessária, também, a participação política na sociedade, a compreensão dos mecanismos do poder, a tomada de partido pelo movimento histórico-social, o engajamento

das associações de classe, porque o trabalho pedagógico é uma parte das lutas sociais”.
(LIBÂNEO, 1996: 80-1)

Em termos adequados a estes estudos, deve-se buscar fazer com que, por via de instrumentos como o Cordel, os excluídos amazônicos e/ou nordestinos, em sua experiência vital, vejam a discrepância entre o que eles são e como vivem em relação às classes poderosas, e que, se os aprisionam ao fetichismo e à ignorância, é porque este é o projeto político que ao domínio convém.

Há de se observar, ademais, que as duas elaborações citadas, Saviani e Libâneo, emanam de uma mesma vertente teórica: o materialismo histórico. Assim, segundo Antonio Gramsci (*Apud* MANACORDA, 1990: 110-47):

“... deve-se sempre conduzir os escolares por um caminho que lhes permita o desenvolvimento de uma cultura sólida e realista, depurada de todos os elementos de ideologias estúpidas e rançosas e (se) permita assim a formação de uma geração que saiba construir sua vida e a vida coletiva de modo sóbrio, com o máximo de economia nos esforços e o máximo de rendimento”.

(...)

O conceito e o fato do trabalho (da atividade teórico-prática) é o princípio educativo imanente à escola elementar, pois que a ordem social e estatal (direitos e deveres) é introduzida e identificada na ordem natural pelo trabalho.”

É indispensável o fator realismo, aliado a doses fortes de sobriedade para o trabalho produtivo, na formação dos cidadãos aptos à sociedade equânime que reivindica-se, segundo uma concepção histórico-crítica do mundo. Ao *intelectual orgânico* do Cordel seringueiro compete, assim, ater-se à sua realidade de trabalhador sobrevivente aos desmandos do capital, combinando sua labuta de forjador de consciências críticas, segundo a experiência histórica de um passado não tão remoto que é inerente à sua classe. O fio condutor pedagógico gramsciano é o trabalho como princípio educativo.

As palavras de Bogdan SUCHODOLSKI (1992: 132) são ainda mais contundentes:

“No domínio da Educação, a tarefa mais importante consiste em transpor os grandes ideais universais e sociais para a vida quotidiana e concreta do homem. No período que acaba de findar, cometemos o grande erro de atribuir muito pouca importância à vida quotidiana do homem, para realçar a sua participação espetacular nos grande momentos nacionais; cometemos o erro de menosprezar a vida interior do homem, para insistir na efectivação de

determinadas funções sociais. A educação moral, justamente, diz respeito à nossa vida quotidiana em situações sociais concretas. A educação moral é o problema do homem no pleno sentido da palavra, do homem que vive e que sente."

Mais uma vez fica patente a atualidade e a coerência das proposições abordadas pelas teorias pedagógicas emergentes, mesmo porque o ser humano não pode ser destituído do seu *modus vivendi*, da sua situação social peculiar, da concretude da sua humanidade vivida nos mais diferentes rincões amazônicos, respeitando toda uma cultura popular que ser-lhe-á útil, à medida que avaliada criticamente na busca de soluções para os impasses que a vida e as circunstâncias se lhes impõem.

As classes dominantes, segundo Gramsci, usam a escola desvinculada da realidade como instrumento de legitimação da sua hegemonia. O Estado, corporificado na escola, desenvolve um discurso que denomina *nacional* (do povo) e confirma tal intento nas realidades populares acríticas e ideologizadas em vista de um projeto hegemônico anti-humano.

Tal como em Marx, ocorre-nos a oportunidade de discutir o monopólio da ciência, da cultura e da arte, utilizadas pelas classes dominantes ao seu bel-prazer, para o gradativo aniquilamento dos menos favorecidos. A burguesia apregoa que o atraso geral é decorrência da má educação-instrução; entretanto, a educação propugnada pelas elites obscurece, posto que, pensamentos e desejos não fazem a vida, mas as condições materiais de vida é que a fariam, por intermédio de uma educação que se verificaria prática e realista aliada ao trabalho concreto. Uma vez que o pensamento dominante é o da classe dominante, as idéias e as ciências são moldadas para a manutenção do *status quo* dirigente. Através do Cordel talvez possamos ao menos buscar um ponto de referência na luta contra essa proposição autoritária burguesa, onde apenas uma minoria tem as oportunidades e nem tudo está à disposição de todos, segundo os princípios defendidos pelo Liberalismo.

Segundo MARX (1989: 48), nas *Teses sobre Feuerbach*, o homem instruído transforma as circunstâncias e as qualidades desenvolvidas no homem dependem da realidade concreta que o cerca. Assim, num ambiente propício as consciências reverberarão; mas há a unilateralidade posta em prática pelo projeto burguês e o homem pode desenvolver apenas ínfima parte de suas aptidões. Com o desenvolvimento das forças produtivas (prosperidade) viria o desenvolvimento da consciência humana (aptidões) porque haveria uma escola cidadã; aí a teoria aliada à prática gerando a história como processo, o que dá base circunstancial às

concepções da pedagogia crítica. Todavia, ocorre que os sistemas de ensino nas sociedades capitalistas se assentam num racionalismo burguês, num idealismo ou iluminismo que apenas esclarece os espíritos. A sociedade de classes é idealista e a elite esclarecida tende a ditar normas que lhe convêm e iluminar os demais, a partir de uma perspectiva iluminista e do monopólio científico de uma minoria, cujas idéias refletem os próprios interesses econômicos em oposição aos das amplas massas que não podem escolher a sua verdade em função das suas condições materiais.

São exatamente as condições materiais (econômicas) que formam a base de todas as manifestações intelectuais. Se há educação, são as circunstâncias materiais que devem ser educadas, repartidas. Todavia, por outro lado, a classe que dispõe dos meios de produção material dispõe, também, ao mesmo tempo, dos meios de produção intelectual. Ocorre, assim, que, além de levar os educadores seringueiros ao conhecimento dos meandros do poder (o educador precisa ser educado), o sistema forjaria homens capacitados que transformariam as circunstâncias, hoje, se tivessem condições intelectuais para tal.

Tais transformações sociais serão ao nível da concretude e da realidade mais plausíveis. Por intermédio da Literatura de Cordel, por exemplo, processos concretos de alfabetização e instrução críticas, o mais próximo possível da realidade, viriam a transformar radicalmente a precariedade existencial do seringueiro amazônico; garantir-se-iam condições materiais bem melhores, o que oportunizaria projetos de vida bem mais otimistas... Mas há todo um aparato ideológico dominante que impede tais sucessos humanos...

Vê-se, pois, que a igualdade burguesa é apenas jurídica, não é real (dentro do conceito moderno de estado). A igualdade pregada entre os homens é apenas formal e, ao educador, convém um caminho a mais, para muito além da igualdade do liberalismo.

CONCLUSÃO

A cada momento da história, temos tido modelos diferentes de aquisição e transmissão do conhecimento; daí as diferentes maneiras de elaboração histórica. Muito embora o possa parecer, em vista de certas nuances estilísticas individuais do autor, aqui também se busca fazer uma história mais objetiva e pragmática dos acontecimentos. Também nestes estudos se busca fugir ao papel do cronista que vai atrás de episódios isolados e dos atos de heróis individuais. Convém, sim, interpretar a história emprestando ênfase especial ao papel desempenhado pelos grupos sociais e seu grau de consciência. Era preciso, antes de mais nada, conhecer o homem amazônico e o seu *modus vivendi*. Daí que, através da guerra de trincheiras, urge forjarmos os *intelectuais orgânicos* seringueiros, na prática, um novo sujeito e, seu meio, uma nova fonte, por uma nova abordagem histórico-social. Só as classes em luta, em consonância com as manifestações populares conscientizadoras, a exemplo do Cordel, é que poderão construir, paulatinamente, as transformações políticas reais concomitantes às reivindicadas mudanças na estrutura econômica e social do país. (DA COSTA, 1987: 318)

É necessário acentuar aqui o caráter de originalidade do qual se reveste o fenômeno cultural denominado Literatura de Cordel. É certo que boa parte dos versos levados a efeito pelos poetas acreanos, hoje, têm uma marca fundamental, a politizadora. Se bem que tenhamos notado um aspecto eminentemente jocoso, principalmente entre os poetas de Xapuri, há de se evidenciar a marca politizadora das poesias tanto nesta cidade, quanto nas suas vizinhas,

Brasília e Rio Branco. Com relação à poesia elaborada pelos poetas de Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima e adjacências, nota-se maior densidade lírica num grande apego à terra e à natureza, em poemas, no mais das vezes musicados, que retratam o rio Juruá, a serra do Môa, o sol causticante, as árvores frondosas, as pesadas chuvas, e assim por diante. Mesmo considerando-se dois textos de poesias *socializadoras*, compostas em bairros periféricos a Rio Branco, por dois repentistas do Estado do Ceará, há de ser ressaltada a grande predominância, principalmente a nível de Acre, de um Cordel crítico-educativo-politizador, segundo se faz evidente pela leitura e análise da obra dos poetas estudados.

É necessário acentuar que através destes estudos busca-se a reação, a resistência. Diferentemente do discurso discriminador dos historiadores antigos, o que se depreende através da pesquisa é a grande capacidade de reação que vemos aflorar nos meios camponeses brasileiros. O povo do Acre nunca foi submisso. É, sim, um povo que historicamente sempre reagiu e sempre elaborou estratégias e táticas para a resistência, a exemplo do uso sócio-político da Literatura de Cordel enquanto instrumento capaz de elevar as consciências críticas.

O Cordel enquanto *aparato* educacional deve ser encarado de duas maneiras: uma é enquanto recurso que pode ser utilizado pedagogicamente; outra é o fato de o Cordel poder ser produzido em uma certa sintonia com o grupo social dos alunos, a exemplo do que ocorre no Projeto Seringueiro. Aí entra então o problema da seleção (discriminação) de material: assim como se usa a Literatura em geral como recurso educativo, pode-se usar a Literatura de Cordel com o mesmo fim, posto que é uma *espécie* literária tão útil quanto outras mesmo porque aqui a realidade é mais latente.

Por outro lado, há de se levar em consideração que a superior parte do material selecionado em pesquisa não foi elaborado pelos poetas com intenções pedagógicas. É produção puramente artística, fruto da arte popular, conforme se pode observar pela leitura dos textos anexos a este trabalho. Procurou-se observar, sim, o não cerceamento da criação artística em nome da Educação. O trabalho foi feito tendo por fonte poesias escritas anteriormente - algumas publicadas há trinta ou quarenta anos. Buscou-se, de fato, a colaboração das famílias seringueiras *in loco*.

Diferentemente da poesia elaborada hoje, no Acre, de traço crítico-conscientizador, aquela trazida pelos sertanejos dos primeiros tempos denotava características mais tradicionais,

em temas que retratavam com simplicidade, principalmente, amores e aventuras, bem ao gosto do seu público nordestino que chegou à longínqua Amazônia ocidental, aí plantou seu destino e alguns mais ousados conseguiram alfabetizar os filhos por intermédio dos folhetos de Cordel. Essa poesia popular, mais conhecida como *do Nordeste do Brasil* - a Literatura de Cordel - chegou ao nosso país ainda na época colonial, entre os séculos XVI, XVII e XVIII, pelas mãos dos emigrantes portugueses que já a tinham importado das remotas épocas da França Carolíngia.

Como não podia ser diferente, a Literatura de Cordel, enquanto manifestação cultural popular, apreciada pelas gentes pobres da periferia brasileira, passou a ser estigmatizada pelo preconceito cultural das elites, que não a valorizam pelo simples fato de valorizarem muito mais os romantismos piegas transmitidos pelos modernos *folhetins* da televisão brasileira, onde a realidade e o pé descalço do nordestino ou do homem da Amazônia não interessam ao gosto de quem não sabe sequer se eles existem no fundo da *caatinga* ou no *olho* da floresta, uma vez que não constam das estatísticas do senso e nem rendem tantos votos, tudo em conformidade com o projeto ideológico do capital.

Tal estado de coisas é espelhado, claramente, na truncada concepção de educação que o poder público leva às massas populares, onde não é interessante que se apregoem (ou cheguem ao domínio do público) as verdades sobre os métodos e esquemas político-ideológicos que resultaram na miséria em que vive um terço da população nacional. Deste ponto, então, é necessário que se busque entender por estes estudos a verificada ocorrência do evento educacional e se faça ver que as emergentes concepções de educação e ensino, instituídas pelos teóricos brasileiros da pedagogia histórico-crítica, melhor se adequam ao projeto crítico-educativo aqui apresentado, que tem na Literatura de Cordel a base para os seus vãos.

Este é um trabalho vinculado a marcos e momentos objetivos do desenvolvimento da nossa sociedade. Por isto, propugna-se a indispensabilidade da participação concreta do pesquisador, enquanto homem político contrário à ordem existente, no contexto dialético no qual se insere a sua cultura, sem, no entanto, postular reducionismos supra-reais, iluminar consciências ou usurpar-lhes os bens culturais para benefício dos títulos acadêmicos. É imprescindível que se elaborem trabalhos acadêmico-científicos cujas palavras possam ser lidas, se possível, pela totalidade do seu público-alvo, e não apenas pelos doutores das Universidades.

São necessárias, sim, obras realmente significantes para as nossas bases sociais a partir de uma prática realista de transformação do mundo. Em realidade, pode-se e busca-se fazer bem mais que observar os vai-véns dos movimentos populares, forjando consciências críticas, ampliando e aprofundando percepções objetivas da realidade, tomando parte, de fato, do debate revolucionário, estabelecendo novas estratégias sociais, buscando impedir que uma minoria continue a tomar apenas decisões em benefício próprio, fazendo despertar idéias claras a respeito do que poderia vir a ser um real Estado de direito.

Rememorando Marx, na sua *Miséria da filosofia*, importa asseverar que o trabalhador pobre, amazônico, nordestino ou do Centro-Sul, ou de qualquer parte do mundo, com fome e sem perspectivas, veja o desenvolvimento passar da soleira da janela do seu casebre e dele participe apenas enquanto número relativo às estatísticas que sugerem o malogro do modelo capitalista. Pior é notar que, confinadas no seu *intra-muros*, as Universidades brasileiras, principalmente as públicas, desconhecem a realidade que se lhe acerca um pouco além no vizinho bairro pobre. Em depoimento, referindo-se à depreciação da Literatura de Cordel, relatou o Prof. Henrique Silvestre Soares, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre, que institucionalmente haveria condição de as instituições de nível superior contribuírem para a divulgação desta manifestação cultural “*na medida em que no próprio currículo do Curso de Letras seja inserida a análise dessa produção específica*”, o que já é feito em Universidades nordestinas como a Federal de Pernambuco e a da Paraíba, onde existem departamentos acadêmicos dedicados ao estudo das manifestações culturais populares e, mais especificamente, da Literatura de Cordel. E vai mais além ao afirmar peremptoriamente que

“... a universidade divulga para todo o mundo que o povo brasileiro não lê, quando muitas são as pesquisas que apontam exatamente o contrário. Nós somos um povo que lê bastante - diz o professor -, agora vamos ver o que é que nós lemos. Com certeza o leitor de Cordel não entra no universo de leitores que a universidade considera, assim como não considera os caminhoneiros que lêem em média cinco livrinhos de farwest por semana, Placar, páginas esportivas de jornais. Então, no momento em que essa produção entrar no currículo do curso como um objeto a ser investigado e analisado, ela vai estar sendo divulgada porque vai estar em pé de igualdade com todo e qualquer outro texto literário.”

A universidade pública brasileira, com certeza, está para muito além da pobreza dos estratos inferiores da nossa sociedade e, acima de tudo, carece de fortes doses de realidade. É

preciso, então, romper com o elitismo habitual da intelectualidade tradicional que deprecia manifestações culturais como a Literatura de Cordel, e faz vistas grossas à produção dos modernos *folhetins* televisivos, cuja manifesta intenção é alienar e ainda mais fetichizar aqueles a quem importam bem mais que circo e pão, mas precisam de dignidade.

As telenovelas brasileiras, a exemplo do que ocorre na França de hoje, onde a história real da sociedade em luta passou a ser contada em revistas e emissoras de televisão agentes do *mass media*, deveriam, aqui, emergir do caos da irreabilidade piegas e habitar, colaboradoras, a concretude dos nossos hábitos culturais, das nossas vivências terceiro-mundistas em luta constante contra a degradação coletiva a que o capitalismo monopolista internacional nos tem submetido.

Trilhando as vias metodológicas aqui utilizadas, de um esforço concentrado em teorias plausíveis ao tema, rumo aos estudos de teóricos brasileiros sobre a Literatura de Cordel, chegou-se ao Acre, onde a aspereza da vida tem cores fortes. Aí, foi deveras interessante, apesar das circunstâncias muito adversas, ouvir versos recitados e/ou musicados à sombra dos gigantescos buritis em Paraná-Pentecostes, no sopé da Serra do Môa, na fronteira do Peru. Na parte sul do Estado do Acre, um *poetinha* consertava uma geladeira e, olhando para Cobija, Bolívia, cuja ponte que liga o Brasil àquele país está a trinta metros da sua oficina, recitava versos épicos, caudilhescos, em memória dos *camaradas* mortos na Guerrilha do Araguaia. Em Rio Branco, capital mocambo, ouvi de professores e jornalistas que o Cordel exercia grande influência crítica nas populações periféricas. Aí, sim, depois de um tratamento profícuo à grande gama de material primário recolhido nas bases a partir das quais alçaram vôo estes estudos, consegui, enfim, dar à luz esta obra talvez *prima*.

Desta maneira, numa retomada sintética aos objetivos aqui propostos, acredita-se ter logrado o êxito de consegui-los alcançar. Ao nível teórico-metodológico, utilizaram-se os pressupostos da longa duração e da história global para, em retornos a épocas não tão recentes, elaborar uma historiografia do grande vale dos seringais e suas relações de produção feitas e conduzidas tendo por ponto de partida o meio amazônico e os agentes históricos que alfabetizaram seus filhos por intermédio da Literatura de Cordel.

Há de se deixar evidenciado que, verdadeiramente, levou-se a efeito uma ampla averiguação acerca da função desses agentes históricos enquanto envolvidos com a produção e

com a disseminação do Cordel, em seu desenvolvimento contraditório, em suas nuances muito próprias e em sua atual *performance* junto aos movimentos de classe, o que é bem comum às expressões culturais populares manifestas no Acre. Urge a luta.

Houve-se por bem avaliar o proveito político que hoje já conseguem tirar os novos *intelectuais orgânicos* seringueiros, formados no seio da luta pelos melhores dias sempre pretendidos. É certo que um processo de conscientização já reverbera nos seringais, nas *colônias* (sítios), nas vilas e na periferia das cidades maiores, e muitos são os que se fizeram agentes multiplicadores do ideal da sobrevivência digna para as gentes esquecidas da Amazônia. Porém, muito mais certo ainda é que projetos como este, cuja grande meta é o desvendar das verdades obscurecidas, o perfurar das máscaras despóticas, também se multiplicam e já ecoam no fundo da mata amazônica de onde gritam, perdidos, muitos dos que já não acreditavam sequer em si próprios e em suas possibilidades de vir a emergir do caos enquanto auto-construtores da sua prosperidade.

Deste trabalho constam, sim, a análise, a crítica e a elaboração historiográfica de uma realidade amazônica pintada em tons fortes, em vista das lutas de classes (sempre muito acirradas) aqui abordadas numa perspectiva de transformação social da ordem vigente, a partir do que se tentou buscar um modelo pedagógico-crítico para seringueiros, índios, colonos e ribeirinhos. Em verdade, é preciso forjar as consciências cidadãs através da participação dos *intelectuais orgânicos* (trabalhadores seringueiros) em luta por plena emancipação

O Cordel, certamente, vai muito além do entretenimento, passa por seu uso enquanto *artefato* pedagógico rudimentar das famílias seringueiras e, por fim, faz-se crítico-social na busca da superação do senso comum através do aprimoramente teórico prático das massas trabalhadoras.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo : Mestre Jou, 1982.
- ABREU, Marcia Azevedo. "*Quem não lê e não escreve da vida pouco desfruta, porém...*"
Leitura : Teoria e prática. Revista semestral da Associação de Leitura do Brasil. São Paulo : Editora Mercado Aberto. Ano 13, dez./1994, nº 24.
- ABREU, Márcia Azevedo. *Cordel português / folhetos nordestinos: confrontos - um estudo histórico-comparativo*. Campinas : UNICAMP (Tese de Doutorado), 1993.
- AFONSO, Almerindo Janela. *Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática?* In: A sociologia da educação não-escolar e a formação de animadores/agentes de desenvolvimento local. Revista Fórum nº 6. Braga (Portugal) : Ed. da Universidade do Minho, 1989.
- ALBUQUERQUE, Gérson Rodrigues de. *Seringueiros, caçadores e agricultores: trabalhadores do rio Muru (1970-1990)*. [Diss. de MS]. São Paulo : PUC/SP, 1995.
- AMARAL, Firmino Teixeira do. *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*.
- AMIN, Samir. *A vocação terceiro-mundista do marxismo*. In: ... HOBBSBAWM, E. J. (org.) História do marxismo: o marxismo hoje. (v. XI). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. 3. ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- ANDERY, Maria Amália (org.). *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo / São Paulo: EDUC, 1988.
- ANDRADE, Gleidson da Silva. *Canção em homenagem a Cruzeiro do Sul*. Cruzeiro do Sul (Acre) : mimeografada, 1996.
- ARROYO, Miguel Gonzales. *Educação e exclusão da cidade*. Belo Horizonte : FAE/UFMG, 1991.

- ARROYO, Miguel Gonzales. *Reflexões sobre a idéia de escola pública de tempo integral*. Belo Horizonte : FAE/UFMG, 1991.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida em dois lugares*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1995.
- AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito (aspectos da cantoria nordestina)*. São Paulo, Associados, 1986.
- BARREIRA, Luís Carlos. *História e historiografia: as escritas recentes da história da educação brasileira (1971-1988)*. Campinas : UNICAMP (Tese de Doutorado), 1994.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Cultura do povo e educação popular*. In:... VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J. (org.). *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo : EDUC, 1982.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Cultura do povo e educação popular*. In:... VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J. *A cultura do povo*. São Paulo : Cortez & Moraes e EDUC, 1982.
- BERTRAND, Michele. *O homem clivado - a crença e o imaginário*. In:... SILVEIRA, P. & DORAY, B. *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo : Vértice / Ed. Revista dos Tribunais, 1989.
- BOFF, Clodovis. *Teologia pé no chão*. Petrópolis : Vozes, 1984.
- BORGES, Raimundo e PARAIBANO, João. *O nordeste humilhado se levanta no gemido assombroso do trovão*. Rio Branco (Acre) : mimeografada, 1996.
- BOSI, Alfredo e outros. *Cultura brasileira: temas e situações*. 2. ed. São Paulo : Ática, 1992b.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo : Companhia das Letras, 1992a.
- BOSI, Ecléa. *Cultura e desenraizamento*. In:... BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira : temas e situações*. 2. ed. São Paulo : Ática, 1992.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro : Zahar, 1988.
- BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Mira-Sintra - Mem Martins (Portugal) : Europa-América, 1983.
- BRITO, Augusto José de. *ABC da Diamantina. Seção Papo de índio*. Jornal *Página 20*. Rio Branco (Acre), 06.dez.1998.
- BURKE, Peter. *A civilização dos empréstimos*. Jornal *Folha de São Paulo*. Seção *Mais!* São Paulo, Domingo, 27.jul.1997.
- CALIXTO, Valdir de Oliveira e outros. *Acre: uma história em construção*. Rio Branco : Fundação Cultural, 1985.
- CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares do nordeste*. 2. ed. Recife : MEC /FUNARTE / Instituto Joaquim Nabuco, 1977.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLLI, Héctor Perez. *Os métodos da história*. 5. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1983.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ensaios racionalistas - filosofia, ciências naturais e história*. Rio de Janeiro : Campus, 1988.

- CARDOZO, Elizabeth Zamora. *El hombre de frontera desde una perspectiva sociológica*. Caracas (Venezuela) : Universidad Central de Venezuela, 1996.
- CARVALHO, Charlene. *ABC para menino das matas*. Jornal *A Gazeta*. Rio Branco(AC), 02.fev.93.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros para o povo*. 2. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1953.
- CASTRO, José Maria Ferreira. *A selva*. São Paulo : Verbo, 1972.
- CENTRO DOS TRABALHADORES DA AMAZÔNIA (Revista). *Geografia do seringueiro*. Rio Branco (Acre) : Editora Poronga, 1995.
- CENTRO DOS TRABALHADORES DA AMAZÔNIA (Revista). *Mapinguari comedor de carne e outras histórias do seringal*. Rio Branco (Acre) : Editora Poronga, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura do povo e autoritarismo das elites*. In:... VALLE, Edênio & QUEIROZ, José J. (org.). *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo : EDUC, 1982.
- CLOT, Yves. *O marxismo em questão - Posfácio*. In:... SI LVEIRA, P. & DORAY, B. *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo : Vértice / Ed. Rev. dos Tribunais, 1989.
- COHN, Gabriel. *Problemas da industrialização no século XX*. In:... MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. 19. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. *Capital e trabalho na Amazônia Ocidental*. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, Emília Viotti. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 5. ed. São Paulo : Brasiliense, 1987
- CURRAN, Mark J. *A literatura de cordel*. Recife : Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1974.
- CURRAN, Mark J. *A sátira e a crítica social na literatura de cordel*. Recife : Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1974.
- DAL CORSO, Zeno Marco. *A igreja da demência e o silêncio dos fiéis: história da igreja do Acre vista pelos lavradores (1970-1990)*. São Paulo : Ed. Faculdade de Teologia N. S. Assunção. (Diss. de MS), 1995.
- D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *A promessa da vingança*. São Paulo : Luzeiro, 1987.
- DÉCIA, Patrícia. *Cordéis fantásticos*. Jornal *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 14.jun.1997.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo : Atlas, 1989.
- DESAFIO. Revista da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1989.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. *Ciclos temáticos na literatura de cordel (tentativa de*
- DOMMANGET, Maurice. *Los grandes socialistas y la educación: de Platón a Lenin*. Madrid:

- Fragua, 1972.
- DORAY, Bernard. *Da produção à subjetividade - referências para uma dialética das formas*. In:... SILVEIRA, P. & DORAY, B. Elementos para uma teoria marxistada subjetividade. São Paulo : Vértice / Ed.. Revista dos Tribunais, 1989.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos 'Annales' à nova história*. São Paulo : Ensaio / Campinas : Ed. UNICAMP, 1992.
- DUBY, Georges & LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a nova história*. Lisboa : Dom Quixote, 1989.
- DUTRA, Maria Madalena de Souza. *Chico vive e Mãe natural*. Xapuri (Acre) : mimeografada, 1996.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo : Perspectiva, 1977.
- ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach y el fin de la filosofía clasica alemana*. In:... Obras escolhidas (v. III). São Paulo : Alfa-Ômega, [s.d.].
- ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- ENGELS, Friedrich. *Carta de Engels a Bloch*. In:... Obras escolhidas (v. III). São Paulo : Alfa-Ômega [s.d.].
- ENGELS, Friedrich. *Carta de Engels a Schmidt*. In:... Obras escolhidas (v. III). São Paulo : Alfa-Ômega [s.d.].
- FARIAS, Manoel Severo de. *Raízes da criação da Universidade Federal do Acre*. Campinas : UNICAMP (Tese de Doutorado), 1996.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930*. In:... MOTA, Carlos Guilherme (org.). Brasil em perspectiva. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1990.
- FAZENDA, Ivani (org.) *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo : Cortez, 1989.
- FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e história social: historiografia e pesquisa*. In:... Revista Projeto História n.o 10. São Paulo : PUC, 1993
- FENELON, Déa Ribeiro. *O historiador e a cultura popular: história de classes ou história do povo?* In:... Revista História & Perspectivas n.o 6-5-23. Uberlândia : UFU, 1992.
- FERREIRA, Jerusa Pires (org.). *Editando o editor Arlindo Pinto de Souza*. São Paulo : COM-ART/EDUSP, 1995.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória (conto e poesia popular)*. Salvador : Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. 2. ed. São Paulo : Hucitec, 1993.
- GEORGE, Naylor. *A arte dos repentistas e violeiros desapareceu do cotidiano dos acreanos*. Jornal *Página 20*. Rio Branco (Acre), 16.fev.1997. Seção *Cultura 20*.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Notas sobre possibilidades da historiografia marxista da educação*. In:... Revista PRO-POSIÇÕES n.o 01. Campinas : Cortez/UNICAMP, 1990.

- GINELLI, Giovana. *História da educação acreana*. (Vls. I e II) Rio Branco(AC) : Universidade Federal do Acre, 1982.
- GODELIER, Maurice. *O marxismo e as ciências do homem*. In:... HOBSBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo: o marxismo hoje*. (v. XI). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia*. 11. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1988.
- GOLDMANN, Lucien. *Crítica e dogmatismo na cultura moderna*. R. de Janeiro : Paz e Terra, 1973.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1991.
- GRAMSCI, Antonio. *Notas críticas sobre uma tentativa de "Manual Popular de Sociologia"*. In:... Obras escolhidas. São Paulo : Martins Fontes, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 7. ed. São Paulo : Civilização Brasileira, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro. Tempo
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1989.
- HEBÉTTE, Jean & MARIN, Rosa Acevedo. *Colonização para quem?* Belém : Universidade Federal do Pará/NAEA, 1979.
- HOBSBAWM, E. J. (org.) *História do Marxismo* (v. II). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- HOBSBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo: o marxismo hoje* (v. II). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983-1989.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- HOBSBAWM, Eric J. *O marxismo hoje: um balanço aberto*. In:... HOBSBAWM, E. J. (org.). *História do marxismo: o marxismo hoje*. (v. XI) Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- HOFF, Sandino. *A ideologia em Marx*. In:... Revista PRO-POSIÇÕES n.º 4. Campinas : Cortez/UNICAMP, 1991.
- HUBERMANN, Leo. *História da riqueza do homem*. 21. ed. Rio de Janeiro : Guanabara/Koogan, 1986.
- IANNI, Octávio. *A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1979.
- IANNI, Octávio. *Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia*. Petrópolis : Vozes, 1979.
- IANNI, Octávio. *Cultura do povo e autoritarismo das elites*. In:... VALLE, Edênio & QUEIROZ, José J. (org.). *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo : EDUC, 1982.

- IANNI, Octávio. *Cultura do povo e autoritarismo das elites*. In:... VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J. A cultura do povo. São Paulo : Cortez & Moraes e EDUC, 1982.
- IANNI, Octávio. *Origens agrárias do Estado brasileiro*. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 2. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1991.
- KERLINGER, Fred N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo : EPU, 1980.
- KRADER, Lawrence. *Evolução, revolução e estado: Marx e o pensamento etnológico*. In: HOBBSBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx*. (v. I). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- LACERDA, Raimundo. *Coletânea de poesias*. Brasiléia (Acre) : mimeografada, 1996.
- LE GOFF, Jacques e outros. *A nova história*. Lisboa : Edições 70, 1991.
- LEITE, José Carlos. *Movimento social camponês no sudoeste de Mato Grosso: aspectos educativos da luta pela terra*. Cuiabá : GERA (Centro de Estudos e Pesquisas do Pantanal, Amazônia e Cerrado), 1993 (Paper nº 2).
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Materialismo e empiriocriticismo*. Lisboa : Avante-Progresso-
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Materialismo e empiriocriticismo : notas críticas sobre uma filosofia reaccionária*. Lisboa : Avante / Moscou : Progresso, 1982
- LENIN, Vladimir Ilitch. *O estado e a revolução*. São Paulo : HUCITEC, 1979.
- LEROY, Jean-Pierre. *Uma chama na Amazônia*. Rio de Janeiro : Vozes, 1991.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 8. ed. São Paulo : Loyola, 1989.
- LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de barranco*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1970.
- LIMA, Manoel Rodrigues de Lima. *Cantigas do "Seu"Boiô*. Mâncio Lima (Acre) : mimeografada, 1996.
- LOMBARDI, José Claudinei. *Marxismo e história da educação: algumas reflexões sobre a historiografia educacional brasileira recente*. Campinas : UNICAMP (Tese de Doutorado), 1993.
- LOVISOLO, Hugo. *Educação popular: maioria e conciliação*. Salvador : UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 11. ed. São Paulo : Cortez, 1996.
- LUKÁCS, György. *Ontologia do ser social : os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo : Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- MACHADO, Lucília Regina de Souza. *Mudanças tecnológicas e a educação da classe*
- MÁREK, Franz. *Teorias da revolução e fases de transição*. In:... HOBBSBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo: o marxismo hoje*. (v. XI). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.

- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Crônica de uma morte anunciada*. Rio de Janeiro : Record,
- MARTINELLO, Pedro, *A "batalha da borracha" na segunda guerra mundial e suas conseqüências para o vale amazônico*. Rio Branco : Universidade Federal do Acre (Cadernos UFAC 1), 1988.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Anti-Düiring*. 3. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Teses sobre Feuerbach*. In:... MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo : Martins Fontes, 1989.
- MARX, Karl. *Miséria da filosofia*. São Paulo : Flama, 1946.
- MARX, Karl. & ENGELS, Friedrich. *Textos sobre educação e ensino*. São Paulo : Moraes, 1983.
- MARX, Karl. *A questão judaica*. In:... Manuscritos econômico-filosóficos. Lisboa : Edições 70 [s.d.].
- MARX, Karl. *Carta a P. V. Annenkov*. In:... Obras escolhidas. (vol. III). São Paulo : Alfa-Ômega [s.d.].
- MARX, Karl. *Carta a Weydemeyer*. In:... Obras escolhidas (v. III) São Paulo : Alfa-Ômega [s.d.]
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*. In:... Manuscritos econômico-filosóficos. Lisboa : Edições 70 [s.d.]
- MARX, Karl. *O capital - Crítica da economia política - Livro I: O processo de produção do capital* (vol. I). 14. ed. São Paulo : Bertrand Brasil, 1994.
- MARX, Karl. *O capital - Crítica da economia política - Livro I: O processo de produção do capital* (v. II). 14. ed. São Paulo : Bertrand Brasil, 1994.
- MARX, Karl. *O método da economia política*. In:... Para a crítica da economia política. 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991 (Coleção "Os pensadores")
- MARX, Karl. *Prefácio*. In:... Para a crítica da economia política. 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991 (Coleção "Os pensadores").
- MC LELLAN, David. *A concepção materialista da história*. In:... HOBBSBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx*. (v. I). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- MEDEIROS, João Batista de. *Cordel eleitoreiro*. Jornal *A Gazeta*. Rio Branco (Acre), 07. fev. 1996.
- MELO, Raimundo Lopes. *Acre: um espaço em transformação*. Rio de Janeiro : UFRJ (Dissert. de MS), 1991.
- MONDIN, Battista. *Curso de filosofia*. (3 vol.) São Paulo : Edições Paulinas, 1981.
- MORA, Jose Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Lisboa : Dom Quixote, 1982.
- MORÁN, Emilio F. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis : Vozes,

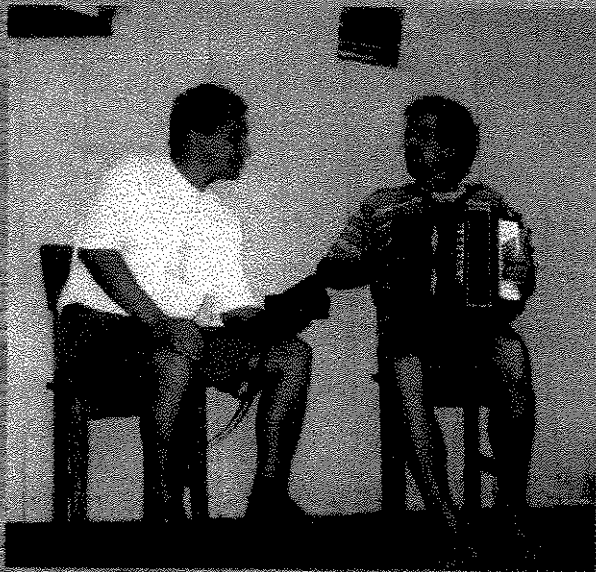
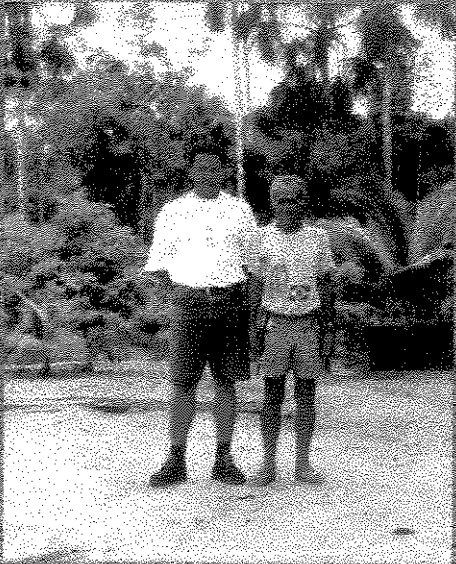
- 1990.
- NORONHA, Olinda Maria. *A constituição da classe trabalhadora na primeira república (1889-1930): a produção da noção ideológica de trabalho e educação*. Campinas : UNICAMP/FE, 1989.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos*. 3. ed. Campinas : Papirus, 1990.
- OLIVEIRA, Edir F. Marques de. *História da educação no Acre-estado*. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado), 1985.
- OLIVEIRA, Pedro Dutra de. *O avião que caiu*. Cruzeiro do Sul (Acre) : mimeografada, 1996.
- PASTA JÚNIOR, José Antônio. *Cordel, intelectuais e o Divino Espírito Santo*. In:... BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. 2. ed. São Paulo : Ática, 1992.
- PORFIRO, José Cláudio Mota. *A expropriação do ser numa perspectiva filosófico-antropológica e papel da educação enquanto contraponto do domínio*. Campinas : UNICAMP (Diss. de MS), 1993.
- PORONGA : educação na floresta. Centro dos Trabalhadores da Amazônia. Rio Branco (Acre) : Editora Poronga, 1996.
- PORTANTIERO, Juan Carlos. *O marxismo latino-americano*. In:... HOBBSBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo : o marxismo hoje*. (v. XI). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- PORTELLI, Alessandro. *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in Oral History*. New York : State University of New York Press, 1991.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.
- POTYGUARA, José. *Do seringueiro ao asfalto*. Manaus: FUNCOMIZ, 1984.
- PRINS, Gwyn. *História oral*. In:... BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo : Editora da UNESP, 1992.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro : Editora Brasília/Rio, 1977.
- PROPOSIÇÕES. Campinas : Faculdade de Educação da UNICAMP, 1990.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1991.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Helton. *Duelo de viola*. *Jornal Diário Popular*. São Paulo (SP), 12.jul.1997.
- ROCHA, José Pacreco da. *História de Vicente e Josina*. São Paulo : Luzeiro, 1989.
- ROCHA, Raimundo Nonato da Rocha. *Coletânea de poesias de cordel*. Brasília-AC (mimeografado), 1995.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil - Introdução metodológica*. 5. ed. São Paulo : Nacional, 1978.

- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil: 1930 - 1973*. Rio de Janeiro : Vozes, 1994.
- ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1977.
- ROSEMBERG, M. *A lógica da análise do levantamento de dados*. São Paulo : Cultrix/EDUSP, 1976.
- ROZITCHNER, León. Marx e Freud: a cooperação e o corpo produtivo. A exploração histórica dos poderes do corpo. In: SILVEIRA, P & DORAY, B. *Elemento para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo : Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1989.
- SANT'ANA, Marcílio Ribeiro. *Os "imperadores do Acre": uma análise da recente expansão capitalista na Amazônia*. Brasília : Ed. UnB (Diss. de MS), 1988.
- SANTOS, Antônio Teodoro dos. *João Soldado, o valente praça que meteu o diabo num saco*. São Paulo : Luzeiro, 1960.
- SANTOS, Antônio Teodoro dos. *O encontro de Lampião com Dioguinho*. São Paulo : Luzeiro, 1960.
- SAVIANI, Dermeval. *A nova lei de diretrizes e bases*. Revista *Proposições*. Campinas, nº1 (3-9), mar./1990.
- SAVIANI, Dermeval. *A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da educação brasileira*. Revista ANDE, nº 11, São Paulo, 1986.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 8. ed. São Paulo : Cortez, 1987.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica.: primeiras aproximações*. 4. ed. Campinas : Autores Associados, 1994.
- SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- SÈVE, Lucien. A personalidade em gestação. In:... SILVEIRA, P. & DURAY, B. *Elementos para teoria marxista da subjetividade*. São Paulo : Vértice / Editora Revista dos Tribunais, 1989.
- SILVA, Lucas Soares da. *Sobre a queda do avião*. Cruzeiro do Sul (Acre) : mimeografada, 1996.
- SILVA, Adalberto Ferreira. *Ocupação recente das terras do Acre: transferência de capitais e disputa pela terra*. Belo Horizonte : UFMG, 1982.
- SILVA, Alcimar Rodrigues da. *Coletânea de poesias*. Xapuri (Acre) : mimeografada, 1996.
- SILVA, Francisco Aquino e. *A bravura de um urubu e a queda de um avião*. Xapuri (Acre): 1996, mimeografada.
- SILVA, Gislene Salvatierra da. *Coletânea de poesias*. Brasiléia (Acre) : mimeografada, 1996.
- SILVA, José da. *Coletânea de poesias*. Rio Branco (Acre) : mimeografada, 1996.
- SILVA, Marcos Fernando. *Coletânea de poesias*. Brasiléia (Acre) : mimeografada, 1996.
- SILVA, Minelvino Francisco. *História do vaqueiro Damião*. São Paulo : Luzeiro, 1980.

- SILVA, Sebastião Rodrigues da (I). *A valentia de Chico Dia*. Xapuri (Acre) : mimeografada, 1996.
- SILVA, Sebastião Rodrigues da (II). *Coletânea de poesias*. Xapuri (Acre): mimeografada, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.
- SILVEIRA, Paulo & DORAY, Bernard (org.) *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo : Vértice / Ed. Revista dos Tribunais, 1989.
- SILVEIRA, Paulo. Da alienação ao fetichismo - formas de subjetividade e de objetivação. In:... SILVEIRA, P. & DORAY, B. *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo : Vértice / Ed. Revista dos Tribunais, 1989.
- SOBOUL, Albert. *Descrição e medida em história social*. In:... (???) *História social: problemas, fontes e métodos*. (???)
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SOLA, Lourdes. *O golpe de 37 e o Estado Novo*. In:... MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. 19. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1990.
- SOUZA, Liêdo Maranhão. *Classificação popular da literatura de cordel*. Petrópolis : Vozes, 1976.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello. *O processo político-partidário na primeira república*. In:... MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1990.
- SOUZA, Maria P. de. *Saudades do Ceará*. Rio Branco : Fundação Garibaldi Brasil, 1996.
- STRADA, Vittorio. *Marxismo e pós-marxismo*. In:.. HOBBSBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo: o marxismo hoje*. (v. XI). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- SUCHODOLSKI, Bogdan. *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência*. 4. ed. Lisboa : Livros Horizonte, 1992. Horizonte, 1992.
- TERRA, Ruth Brito Lemos (org.). *Literatura de folhetos*. Rio de Janeiro : Fundação Villa-Lobos, [s.d.].
- THERBORN. Göran. A análise de classe no mundo atual: o marxismo como ciência social. In:... HOBBSBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo: o marxismo hoje* (v. XI) Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo : Cortez & Moraes e Autores Associados, 1986.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. (3. v.). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou Um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.

- THOMPSON, Edward Palmer. *Tradición, revuelta y conciencia de clase*. Barcelona : Grijalbo, 1979.
- TOCANTINS, Leandro. *Amazônia-natureza, homem e tempo: uma planificação ecológica*. 2. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1982.
- TRUZZI, Oswaldo M S. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo : Editora Sumaré / IDESP, 1991.
- VALLE, Edênio & QUEIRÓZ, José J. (org.) *A cultura do povo*. 2. ed. São Paulo : Cortez & Moraes e EDUC, 1982.
- VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade - estatísticas e fontes orais. In:... FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro : Diadorim, 1994.
- VILAR, Pierre. *Marx e a história*. In:... HOBSEBAWM, E. J. (org.) *História do marxismo* (v. I). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *História oral amplia seu espaço*. Campinas, Jornal da UNICAMP, março de 1996.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- ZANGHERI, Renato. *Entre a crise do capitalismo e o novo socialismo do ocidente*. In: HOBSEBAWM, E.J. (org) *História do Marxismo* (v. II). Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- ZÊNIO, Francisco. *Chico Mendes, o sindicalista*. "Desafio" Revista de Extensão da Universidade Federal do Ceará. Ano 2, nº 1, 1989.

A N E X O S



O ACRE DE ONTEM E DE HOJE

José da Silva

Quem conheceu esse Estado há muitos anos atrás,
No tempo dos meus avós e na infância dos meus pais,
Pode até observar que era diferente demais.

Esse Estado do Acre, com grandes desenvolvimentos,
Vem mesmo se transformando, com vários melhoramentos,
Mas foi a faixa de terra que já viu mais sofrimentos.

Houve difíceis momentos quando nosso seringueiro
Famílias de moradores viviam em desespero
Com invasões e ataques de um pessoal estrangeiro.

Mas os homens brasileiros tomaram a decisão
De mandar destacamento, companhia e batalhão
Para garantir o sossego do povo da região.

No passado a região em anos de sofrimento
De crise e de grandes lutas do acreano sedento
Que ia de pé com dez léguas para garantir seu alimento.

Mas o desenvolvimento nos trouxe grandes vantagens
Rápidos meios de transporte pra qualquer quilometragem
Com as ruas asfaltadas que mais apressam a viagem.

O Acre foi a imagem da antiga escuridão
Pois era difícil energia aqui nesta região
Pois só nas grandes cidades havia iluminação.

Mas a modernização nos trouxe a eletricidade
Nos seringais e colônias e em outras localidades
Dando com isto ao Acre a maior prosperidade.

Já houve dificuldade para o acreano aprender
Era a coisa mais difícil seringueiro saber ler
Pois faltava em nosso meio a viva luz do saber.

Mas hoje pra se aprender não há mais dificuldade
Temos grandes escolas em todas localidades
E vários graus de ensino em toda grande cidade.

Temos outras novidades que de minha parte louvo
Como o Projeto Minerva montando esquema novo
Dando aulas pelo rádio ensinando ao nosso povo.

Pois eu mesmo me comovo vendo esse quadro geral
Adultos analfabetos aprendendo no Mobral
E os velhos aposentados ganhando do Funrural.

Temos na zona rural bons açudes e barragens
Planos de financiamento e as estradas de rodagem
E as torres da Embratel transmitindo som e imagem.

Com todas essas vantagens nosso Acre se projeta
Vamos com toda alegria para a redenção completa
É esse o ponto de vista de um acadêmico poeta.

Junho de 1989.

JACÚS OS NOVOS "BANDEIRANTES"

RAIMUNDO ROCHA = 1976

Do sul e das terras Paulistanas
Partiram os "Jacús" em revoadas
Em direção às terras acreanas
Terras ricas e cobigadas.

Já encontraram o prato-feito
A conquista custou nada
Os escolhos levaram no peito
Vencendo fácil a parada.

Hoje além das fronteiras
Vivem centenas de exilados
Que escaparam as "bagaceiras"
Más ficaram deserdados.

--XX--

VERSOS DO SR. LUCAS SOARES DA SILVA

SOBRE A QUEDA DO AVIÃO

No dia vinte e um de julho
no meio da madrugada
eu tava dormindo em casa
nu'a calma bem sossegada.

Acordei sobressaltado
devido a grande zoadá.
Acordei a mulher e disse:
o avião vai passando
com a máquina desmantelada.

Aí eu fiquei acordado
fiquei prestando atenção
quando veio uma zoadá
pensei que fosse um trovão
eu disse pra ela assim:
aquele bicho caiu no chão.

Nesse momento me ajoelhei
fui fazer minhas oração
pras alma daqueles pobre
que caiu naquele avião.

No outro dia bem cedo
entrei pela mata adentro
pulando por cima de cobra
Valei-me meu São Bento
Era eu, Gonzaga, Zezinho
e Zé do Nascimento.

Quando cheguei na beira do rio
olhei para o outro lado
não tinha nenhuma canoa
eu disse pra eles assim:
a coisa aqui não tá boa.

Aí sentei no barrando
fiquei prestando atenção
quando a mulher veio buscar água
veio com um balde na mão
Eu disse então a ela:
dona aqui caiu um avião.

Quando eu marche pra lá
que lá cheguei como o vento
bem primeiro que o sargento.
Eu tava tremendo todo
Trepei no toco d'uma imbaúba
E divisei todo o momento.

Nesse momento eu escutei
uma grande e forte zoadá
a mata veio em balanço
como guariba assombrada
Era o pessoal do Japiim
parecia um bando de queixada.

Quando esse pessoal chegava
caía no olho do Môa
naquela grande alegria
um olhava, outro dizia:
não vim atrás de outra coisa
só quero a mercadoria.

Quando foi com pouco tempo
teve grande animação
um descia, outro pulava
naquela parte do porão,
mas não era atrás de outra coisa
Só queriam sacolão.

Gente eu vou deixando meu verso
acredite quem quiser
um companheiro meu subia o Môa
na boca do São José
viu a perna de uma pessoa
unha pintada de vermelho
pensou que fosse uma mulher.

Agora termino meu verso
dizendo com grande alegria
meu nome é Lucas Soares da Silva
filho de Dona Maria
moro no Paraná-Pentecoste
na Colônia Santa Luzia.

A VALENTIA DE CHICO DIA

Autor: Sebastião Rodrigues da Silva

Senhor Pai do Universo
dai-me força nesta hora
para que eu possa rimar
fazer verso sem demora
prá contar um acontecido
de um homem enfurecido
um pegador sem demora

Esse cabra amansou
potros e touro bravatão
no lugar que ele passava
fazia até assombra
o povo todo tremia
quando via Chico Dia
o terror da região

Na fazenda que morou
até em cobra deu nó
fez pião correr de medo
até sujar o mocotó
pelas coisas que fazia
dessas de dar agonia
ou então de fazer dó

Depois de muitas proezas
resolveu se aquetar
comprou um lugar pra si
continuou trabalhar

aos sábados e domingos
lá vai o Chico sorrindo
ao mato para caçar

O amigo mais fiel
era Bone o companheiro
o seu cachorro de fé
bicho feroz desordeiro
quando encontrava porquim
matava até o derradeiro

Havia outros dois cachorros
que ajudavam a caçar
e num belo dia bem cedo
uma volta Chico foi dar
logo uma anta toparam
e no igarapé botaram

Quando Chico foi chegando
viu aquela arrumação
a anta muito furiosa
batia a pata no chão
quando os cães avançavam
ligeiramente pegavam
da anta um bofetão

Nessa hora Chico pegou
sua espingarda envenenada
mirou no meio da anta
tocou fogo na malvada
o tiro foi tão certo
que Chico caiu primeiro

quase não se levantava
 É que Chico não sabia
 qual que foi o embaraço
 alguém carregou o cartucho
 pra lhe quebrar o cachaco
 esse alguém era ciente
 que Chico era doente
 por possuir um só braço

Quando o tiro detonou
 foi triste aquele destroço
 as onças ganharam o verde
 cobra deu nó no pescaco
 Chico rolando no chão
 que triste situação
 da quebradeira de osso

Mas quando Chico tornou
 se levantou muito valente
 bateu logo a poeira
 começou rangir os dentes
 e nisso a anta disparou
 Chico ainda cambaleou
 só não ia era pra frente

A anta na disparada
 peitou numa cajazeira
 a árvore não suportou
 mesmo sendo tão grosseira
 Chico nessa ocasião
 mal triscava os pés no chão

e só se viu a poeira

Parou distante dez metros

lá dentro do matagal

e a anta encheu no mato

derrubando o cipoal

Chico jogou o seu laço

quase que quebra o cachaco

desse grande animal

A anta beijou a lona

mas logo se levantou

Chico seguro no cabo

nem em soltar imaginou

ela correu três seringal

porém o homem foi mal

e no quarto lhe derrubou

Montando naquele bicho

deu porrada por desgraça

a pobre já toda moída

do chão ela não passa.

HOMEM DA FLORESTA

Marcos Fernando

Um porronca de palha
de-milho
uma mulher desdentada
nove "estradas"
seis filhos

O almoço
é um pouco
de farinha feita em casa
com carne de macaco
assada na brasa.

A diversão é a cachaça
embreagando-se disfarça
a dor que sente
profundamente em seu peito

Também gosta de festa
ouve música no rádio
é o sábio da floresta
é tão sábio e não sabe.

As pessoas comuns têm uma singular forma de se expressar que, em primeira mão, já as identificam como pessoas de costumes pouco arraigados, simples mesmo, baixas posses e visão de mundo estreitada pelos que as querem assim para a continuidade do seu domínio sobre elas. Hoje, no entanto, felizmente, temos visto que já há aqueles que trazem (ou levam) uma mensagem pujante, transformacionista, progressista, contrária ao projeto de domínio do mundo capitalista sobre objetos e homens, transformando uns nos outros e vice-versa.

A literatura de cordel é comumente tratada como produção artística de baixa qualidade, desvalorizada, estigmatizada, exatamente pela simplicidade de seu estilo, sempre de palavras fáceis, de tons (sons) fortes, com uma mensagem engrandecedora, enaltecadora de feitos e atos de homens que ultrapassam os limites que lhes são postos naturalmente. As próprias pessoas pertencentes às classes mais humildes - e que antes gostavam da literatura de cordel - hoje já muito pouco a lêem ou divulgam, levadas por hábitos "modernos", como a televisão e o cinema, principalmente nos meios urbanos.

Lá onde os tais hábitos modernos ainda não conseguiram aportar, no entanto, as pessoas ainda gostam da literatura de folhetos. Ainda há o desafio entre violeiros. Meninos e meninas recitam (ou cantam) os versos mais famosos. Poetas compõem e vendem suas obras simples, mas do agrado de todos, isto porque são muito simples também; ao contrário da cidade, onde a televisão dita costumes e normas comportamentais.

No Acre, todavia, consegui observar algo inédito, fato deveras interessante e, ao mesmo tempo, importante. Fiquei realmente extasiado. O cordel tomou um rumo diferente.

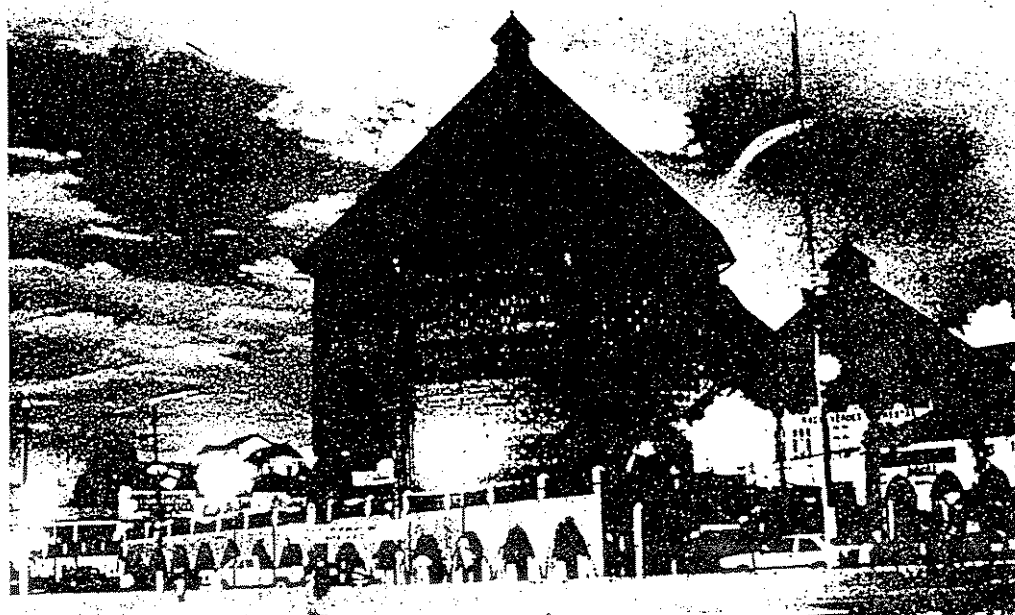
Em viagem ao interior do Estado - cidade

de Cruzeiro do Sul - num comício eleitoral, vi dois violeiros a cantar tão somente as boníssimas qualidades do candidato único a prefeito, Dr. Aloísio Bezerra, do PMDB. Eis o cordel eleitoreiro, a poesia de aluguel, a arte caça níqueis.

Em Rio Branco, no bairro Santa Inês, vi num botequim dois homens à viola. Um dizia que Marcos Afonso, petista, era o melhor. Outro, ao contrário, dizia que Mauri Sérgio, do PMDB, era o bom. Afí o desafio pela via do cordel "eleitoreiro". Um contra o outro.

À noite, contudo, no mesmo bairro, o poeta Zé de Barros (ou "Pelé"), cantou, sem viola ou violão, versos de um cordel que falava de latifúndio improdutivo, movimento sem-terra, criança de rua, borracha barata, devastação da floresta, índios mortos, política da miséria, prostituição de filhas de seringueiros expulsos dos seus locais de trabalho, e assim por diante. Este, sim, um cordel progressista, atualizado, real, contextualizado, histórico. Um cordel que fala de justiça social, de conscientização das massas pobres, de voto livre da subversão politiquiera. Ao deparar-me com o poeta fui muitíssimo bem recebido e disse-me ele que era da lista de Chico Mendes (não de Schindler), só que conseguira escapar no rumo de Sena Madureira; morreria só porque era poeta de cordel tratador da verdade e porque alfabetizara e ensinara política "de esquerda" a dois de seus cinco filhos que agora já votam e dão aulas no ex-seringal Bagaço.

Vi, assim, a poesia de cordel (paga) servir de arma aos fins nefastos da direita. Mas vi, também, a literatura de folhetos ajudar, gratuitamente, na construção da consciência crítica, na pregação de verdades que os pobres devem saber para que não continuem a dar asas aos vãos cada vez mais altos de candidatos e políticos que mentem pelos salários altíssimos que ganham.



Repentistas se enfrentam na final do campeonato que acontece no Memorial

HELTON RIBEIRO

Uns cabras machos vão mostrar amanhã que não botam a viola no saco. Eles tocam e desafiam os adversários com versos criativos e cheios de rima. São quatro cantadores que vão duelar na final do 1º Campeonato Brasileiro de Poetas Repentistas, no Memorial da América Latina, a partir das 17h. O cearense Ismael Pereira, os pernambucanos Oliveira de Pánelas e Valdir Teles e o potiguar Sebastião da Silva são os "sobreviventes" das eliminatórias e semifinais do torneio, que reuniu quase 100 repentistas em desafios todos os domingos, desde 27 de abril, no teatro da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (Umes), na Bela Vista.

O sucesso do campeonato — que motivou a transferência da final para o Memorial, pois o teatro da Umes ficou pequeno — vai resultar no lançamento, pela entidade estudantil, de dois CDs e um vídeo documentando as pelejas. Os organizadores do concurso, Lourinaldo Vitorino e Sebastião Marinho, também mar-



Benedito está no júri

caram um festival para setembro. Um dos jurados (e também veterano repentista), Diniz Vitorino, observa uma redescoberta dessa arte característica do Nordeste. "Em São Paulo, os repentistas cantam na periferia. Mas quem está assistindo ao campeonato é a elite. Um dia desses vieram no hotel três jovens da alta sociedade querendo saber onde podiam me ver tocando", diz.

O júri do campeonato também reflete essa mudança. O autor de novelas de televisão Benedito Rui Barbosa, o ator Antônio Carlos Nobrega, a repentista Mocinha de Passira e o violonista Paulo Vanzolini estão entre os

jurados. Além dos desafios, o Memorial vai sediar uma exposição de xilogravuras do artista Valdeck de Garanhuns, que estarão à venda, a preços entre R\$ 20 e R\$ 100. As xilogravuras são usadas nas capas das brochuras de literatura de cordel.

Para os leigos, o que mais impressiona no desafio é o raciocínio rápido dos repentistas, pois um tem de responder ao outro de improviso, sem se desviar do tema e sempre rimando, além de geralmente terminar os poemas cantados com alguma tirada divertida. Mas, o repente é mais do que isso. Os versos têm de ter métrica (número de sílabas) sempre igual (geralmente sete ou dez sílabas) e as estrofes também devem ter o mesmo número de versos (dez ou seis são os mais comuns). Também há várias regras para as rimas. Os critérios a serem obedecidos são tantos que algumas modalidades, como o martelo agalopado, são quase impossíveis de ser seguidas sem deslizes. "E tem assuntos difíceis, que podem embaralhar quem não gosta de ler", acrescenta Diniz. O humor às vezes também atrapalha. Ele conta que em, uma vez, em um programa de rádio, achou tanta graça do que estava cantando que parou na metade e começou a rir.

Arte servia para pedir esmola

A literatura de cordel registra a existência de repentistas desde o período colonial do Brasil. Eles se espalharam principalmente pelos sertões da Paraíba e de Pernambuco. Naquele tempo, os maiores trovadores eram cegos que usavam a arte para pedir esmolas nas feiras populares.

A viola nem sempre foi o instrumento característico do repente. No início eles cantavam sem acompanhamento; depois passaram a usar o pandeiro e mais tarde a rabeca (instrumento parecido com o violino) e o cavaquinho, que foi substituído pela viola de seis ou dez cordas. As estrofes, que eram cantadas em trovas (quatro versos) também sofreram modificações, aumentando para cinco versos e depois

seis. Hoje há estrofes de seis a dez versos e vários tipos de metrificação e ritmos, que geraram mais de 40 modalidades de repente. A profunda fé do nordestino e o sentimento de caridade que os cantadores cegos queriam despertar faziam das histórias bíblicas o tema mais comum. Hoje, são questões sociais e políticas que atraem mais atenção dos repentistas.

Nos anos 40, o repente chegou ao rádio e passou por um período de grande popularidade em todo o País até os anos 60. "Naquela época, cantei para Juscelino Kubitschek, João Goulart e Jânio Quadros. Também fui na Rádio Clube de Santos a convite de Pelé, quando ele era dono da rádio", conta Diniz Vitorino.

Violão de Viola

Xuxa vira tema de cantadores

Por sugestão do DIÁRIO POPULAR, dois dos repentistas que vão disputar a final, Valdir Teles e Ismael Pereira, fizeram um desafio amistoso sobre a intenção de Xuxa de engravidar de qualquer maneira este mês.

"Por aí tem uma história / Que dizem no meu ouvido/ Que Xuxa quer ter um filho/ Se já tiver o marido/ É só não fazer tabela/ E nem tomar comprimido", atacou Ismael. "Isso não é proibido/ E o plano dela não cessa/ Se ela quiser ter um filho/ E aqui ninguém se interessa/ Vá visitar o Nordeste/ Que ela arruma depressa", concluiu Valdir.

Os improvisos feitos por eles foram em sextilhas, a modalidade mais comum do repente, composta de seis versos de sete sílabas cada. Há outros estilos, como o moto em sete (dez versos de sete sílabas), o mote decassílabo (dez versos de dez sílabas) e o galope à beira-mar (dez versos de 11 sílabas). Este e suas variantes, martelo alagoano e martelo agalopado, são os mais difíceis, principalmente devido ao ordenamento das rimas: o terceiro verso tem de rimar com o segundo; o quarto com o primeiro; o quinto com o quarto; o sexto, com a palavra mar; o sétimo com o sexto; o nono com o oitavo, e o décimo termina sempre com o refrão "na beira do mar". Se é confuso até para entender, imagine para fazer.

Um exemplo de galope à beira-mar criado por Lourinaldo Vitorino, organizador do campeonato: "Quando o dia oscula os lábios da aurora/ O vento sibila ao som de um piano/ Que toca embalado por oceano/ Que revoltado quer pular lá fora/ Cobrir toda a terra pra em meia hora/ Ninguém mais poder na terra pisar/ Pra querer ser dono pra escravizar/ Que a terra é do mar e o mar é profundo/ Seu fundo é o céu e o céu é o mundo/ E o mundo é de todos na beira do mar".

Ainda há modalidades bastante diferentes, como o coqueiro da Bahia, que pegou emprestado o ritmo da embolada, e o mourão, no qual os dois repentistas se alternam na mesma estrofe (no mourão voltado eles cantam juntos o final).

Nada escapa aos repentistas

O repentista é o trovador do Nordeste, que viaja contando causos e mostrando seu ponto de vista sobre os acontecimentos da região e do mundo, geralmente de forma pitoresca, divertida ou crítica. Nada escapa ao repentista. "Fui fazer uma poupança/ Pra comprar uma casinha/ Juntei a minha graninha/ Com fé e com esperança/ Temendo embargo ou mudança/ Votei na situação/ O homem meteu a mão/ Meu troco foi confiscado/ Isso é que é mourão voltado/ Isso é que é voltar mourão", dizem os versos de um repente feito à época do confisco da poupança pelo governo Collor (as duas últimas frases são um refrão obrigatório nesta modalidade, chamada mourão voltado).

A seca e a miséria são temas frequentes. "Se passou de janeiro a fevereiro/ Mês de março, de abril e mês de maio/ Não se vendo um relâmpago nem um raio/ Lá em casa foi um grande desespero/ Mãe com raiva agarrou um candeeiro/ Que tanto lhe iluminou outrora/ E com ira atirou ele pra fora/ Sem no bojo ter gás e nem pavio/ O carão que cantava em meu baixo/ Teve medo da seca e foi embora", diz uma estrofe de Manuel Xudu.

Mas também não falta inspiração para cantar o amor e os sentimentos. "Saudade é um paraíso/ Que dentro da rosca cai/ Só entra se for torcendo/ Porque batendo não vai/ Depois que enferruja dentro/ Nem destorcendo não sai", compara, com uma ingênua beleza, o cantador Antônio Pereira.

Ao chegar no aeroporto Orson Welles vomitou bêbado tal um cachorro nem a escada acertou engulhava como bicho meu amigo assim contou.

O Governador do Ceará mandou um carro especial pra receber Orson Welles como se fosse General dando todas regalias que se faz a um maior. Tão bêbado, Orson Welles

do carro quase caiu os amigos o seguraram na embriagada valentia um poeta ao lado da pista

de Orson Welles sorria.

O que está pra acontecer ninguém vai acreditar: Orson Welles, outra vez

vem aqui para filmar e o filme que ele fizer também vai embriagar...

Pro Hotel Excelsior foi bem no centro da capital

Welles, e sua equipe fizeram um festival

bebendo cachaça pura gritando - muito legal!

- Parece com o nosso uísque...

Me dá logo uma meiotela! um deles fazia um 4

outro, dava cambalhota Welles: chega cambada

venha pra nossa patota. Eu gosto dessa cidade

me recorda de Paris agora, com Orson Welles

vai ficar muito feliz vamos fazer festival

com cachorro e meretriz.

De "O Encontro de Orson Welles com o Bode Ioiô", de Abraão Batista

PATRICIA DECIA
da Reportagem Local

O projeto está pronto, já recebeu várias adesões e é ambicioso: transformar dez histórias de cordel num longa-metragem com dez diretores e dez elencos diferentes —que podem incluir o norte-americano Tim Robbins—, um orçamento de R\$ 4 milhões e a intenção de virar série de televisão em dez episódios.

"Cordéis Fantásticos" é uma reunião de histórias nordestinas, algumas tradicionais, outras baseadas em fatos reais e uma de ficção. A última é o carro-chefe do projeto. Mistura a viagem do cineasta Orson Welles ("Cidadão Kane") ao Ceará, em 1942, para filmar "It's All True" (É Tudo Verdade), a uma figura histórica local, o bode Ioiô.

A empreitada atraiu nomes importantes do cinema e da televisão nacionais. Já foram confirmados para a direção Ugo Giorgetti, Roberto Talma, Zelito Vianna, Bia Lessa, Marcos Moura, Wolney Oliveira e Sandra Kraucher.

O italiano Vittorio Storaro, que trabalhou com Francis Ford Coppola e Bernardo Bertolucci, também aceitou participar, fazendo a fotografia de um dos episódios.

Por trás do projeto está Guga de Oliveira, irmão do vice-presidente de Coordenação Estratégica da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ele divide a produção com Sandra Kraucher.

"Tudo começou com uma idéia minha, de fazer algo no pólo cinematográfico do Ceará. Optamos pelo cordel porque é algo tradicional e, ao mesmo tempo, jogo rápido. Cada história terá cerca de dez minutos, e a realização vai tomar cerca de dez dias de cada envolvido", disse Oliveira à Folha.

Somado a isso, de acordo com o produtor, o projeto se adapta perfeitamente ao formato "A Vida Como Ela É", quadro baseado em crônicas de Nelson Rodrigues da TV Globo. "Existem negociações com a televisão. Só vai depender da qualidade final do trabalho", disse.

No elenco, além da quase certa participação de José Wilker, há contatos com os atores Tim Robbins —que interpretaria Orson Welles—, Willen Dafoe e John Malkovich. A realização já tem data de início definida: outubro de 97. E todas as filmagens, que serão em 35 mm, ocorrerão no Ceará.

Segundo Sandra Kraucher, que dirigirá um cordel e é co-produtora do projeto, a unidade entre as histórias se fará a partir da adoção de uma só direção de arte.

O último elemento na receita é a inclusão de "cantadores", que farão a transição entre os episódios. Pensa-se nos nomes de Fagner, Alceu Valença e Ednardo.

Os dez roteiros já estão prontos. Cinco saíram das mãos do publicitário Fernando Costa e outros cinco são do cronista Ricardo Soares. A maioria é baseada no trabalho de Abraão Batista, cordelista da cidade de Juazeiro (CE).

"A maior parte dos roteiros vem de histórias reais. 'A Moça Que se Rifou para Ir para São Paulo' é um caso desses. A garota queria se mudar, não tinha dinheiro e resolveu vender uma rifa. Quem ganhasse passaria uma noite com ela. No fim, o ganhador não havia pago a rifa e ela foi embora", conta Costa.

"Everybody, Everywelles" é o único que surgiu como ficção. Costa fez o roteiro e, a partir daí, Batista compôs o cordel "A História do Bode Ioiô e o seu Encontro e Amizade com Orson Welles" (leia trechos nesta página).

"A história do bode é verdadeira. Ele chegou à cidade na seca do 15 (uma das piores da história do Ceará, em 1915) com uma família de retirantes. Passou a perambular pela cidade como gente. Quando morreu, foi empalhado e até hoje está no Museu do Ceará. Mas nunca encontrou Orson Welles."

CORDÉIS FANTÁSTICOS

Filme reunirá dez histórias adaptadas de contos nordestinos; uma delas relata encontro fictício entre Orson Welles e o bode Ioiô, no Ceará, em 42

ABC para menino das matas

CHARLENE CARVALHO

Criado em 1981 com o objetivo de alfabetizar de forma política os seringueiros da região do vale do rio Acre, conscientizando-os da exploração do patrão e da necessidade de iniciar sua luta na defesa dos seus direitos, o Projeto Seringueiro, hoje, já alfabetizou centenas de seringueiros, formou professores e agora, com 38 escolas em funcionamento, começa a alfabetizar os filhos do seringueiro, que aprendem desde cedo o ABC e cursam no próprio seringal onde moram as quatro primeiras séries.

Muita gente que milita hoje no movimento dos seringueiros foi alfabetizado dentro do projeto que deu origem ao Centro dos Trabalhadores da Amazônia. Uma das coordenadoras desse projeto, Mauricília da Silva Leão, esclarece que de início os professores trabalhavam voluntariamente, mas agora, graças ao convênio CTA, Funtac e Secretaria de Educação, muitos professores já foram contratados.

— Essas pessoas começaram com um trabalho voluntário, apenas para participar da luta. Foram treinados, e nos seringais e em casa mesmo, davam aulas. Hoje a realidade é outra e já existem escolas efetivamente funcionando.

Com o reconhecimento do Estado e apoio de entidades como a Novib e a embaixada do Canadá, ficou bem mais fácil viabilizar recursos para o Projeto Seringueiro. As escolas funcionam em horários alternados, algumas a semana inteira, outras três vezes por semana e algumas só no final de semana, dependendo da disponibilidade do aluno.

A formação do professor é feita pelo CTA que vai até à colocação; a comunidade indica os professores e eles recebem amplo curso de formação. Estatisticamente está provado que das pessoas que frequentam a escola, 48% são alfabetizadas, um

número alto se considerado o fato de que provoca a evasão dos cursos.

Devido a tal problema e para não correr o risco de o professor mudar de área, ele ao ser contratado pela Secretaria de Educação é informado que seu contrato só vale para a área em que está atuando.

— Não admitimos que esse professor possa após ser contratado mudar para a cidade, por exemplo. Para isso existe esta cláusula que evita que a área fique a descoberto, pois se ele sair entra outro no lugar dele, adverte Mauricília Leão.

Com o passar dos anos, o Projeto Seringueiro vem sendo aprimorado e uma ênfase maior que vem sendo dada atualmente é que os filhos de seringueiros que já estão indo em massa para as escolas.

— Essas crianças e os adolescentes precisam da alfabetização e nós estamos começando a atingi-las com o nosso programa. Hoje, em muitas escolas, a maioria dos alunos são crianças que têm um grande interesse em aprender, afirma outro coordenador, Manoel Eustébio Cavalcante, para quem a implantação das quatro primeiras séries melhorou ainda mais a situação dos filhos de seringueiros.

— Antes eles viviam no mato e só aprendiam a cortar seringa, sendo constantemente explorados pelo patrão. Agora a situação está melhorando. Ele está aprendendo cedo a ser consciente de seus direitos como trabalhador e ser humano na escola, além de estar se educando para uma vida futura que nem sempre será no seringal, ante o declínio da borracha, reforça Mauricília.

O CTA tem escolas do Projeto Seringueiro em Kaporé, nas reservas extrativistas Cachoeira, Chico Mendes e em diversos seringais; Brasília no Projeto Santa Quitéria, Reserva Estadual do Antimari e alguns seringais da região próxima a Rio Branco.

As viagens pelos altos rios do Juruá são sempre inspiradoras. A lém de ver belezas mil, temos a oportunidade de conversar com muita gente, ouvir ricas histórias do passado e do presente e, assim, colher dados que colocamos a serviço da criação de novas alternativas para a melhoria das condições de vida de índios e seringueiros. Entre dezembro/97 e fevereiro/98, como consultor do CNPT-IBAMA, coordenei a equipe que realizou os trabalhos de campo necessários à formulação da proposta de criação da Reserva Extrativista do Alto Tarauacá, que incidirá em sete seringais dos Municípios de Jordão e Tarauacá.

Em meio a essa viagem, reencontrei Augusto José de Brito e matei um desejo que nascera em outubro de 1996, em outra visita ao Alto Tarauacá. Foi então que ouvi pela primeira vez um ABC rimado, em forma de cordel, que seu Augusto tirou em 1947, falando das agruras por ele vividas na condição de brabo recém-chegado ao Acre. Na primeira viagem, por pouco conhecê-lo, não tive coragem de pedir-lhe para gravar seus versos. Da segunda vez, após longa conversa em sua casa, a coragem veio. Gravamos e, a seguir, prometi-lhe que publicaria seu ABC no Papo de Índio para o mundo todo conhecer e aprender.

Seu Augusto nasceu no Distrito de Jaguaruana, Ceará, a 19 de maio de 1923. Solteiro, chegou em Manaus em 1943, onde ficou por três anos, a serviço do Governo Federal, até ser transferido para o alto Envira, no seringal Itamaracá. Foi então trabalhar na Diamantina, colocação distante 16 horas do seringal Simpatia, onde ficava o barracão de seu patrão. Anos depois, mudou-se para o Alto Tarauacá e casou-se com Dona Judite Meleiro da Silva, nascida em 1928 no Boa Vista, seringal do baixo rio Jordão. Após se colocar no seringal Duas Nações, seu Augusto cortou seringa muitos anos e, depois, veio a gerenciar o barracão, situado na colocação Estirão. E ali mora até hoje com Dona Judite, curtindo um casamento que já dura 43 anos. Com a crise na economia da borracha e o fim dos patrões, foi aprovado, em 1993, em concurso para professor no Município de Jordão e passou a lecionar na Escola Otília Dourado, onde, em 1997, deu aula para 31 alunos de primeira a quarta séries.

Desde que os ouvi pela primeira vez, achei os versos de seu Augusto de riqueza histórica e beleza ímpares. Usando a tradição há séculos zelada pelos cordelistas de seu Nordeste de origem, este velho cearense retoma temas constantes nas falas dos milhares de brabos que chegaram ao Acre como Soldados da Borracha. As rimas do ABC falam da longa migração, das saudades da terra natal e dos familiares, do temor de não mais voltar, de uma inabalável fé em Deus, bem como de muitos perigos e males enfrentados na floresta inóspita: isolamento, cativoiro dos patrões, ataques de "índios selvagens" e medo de onça.

O Papo de hoje é o pagamento de uma dívida. Mais ainda, é fruto do reconhecimento que nutro pelo valor e pela longa história de vida de seu Augusto. A ele peço desculpas pela demora no pagamento, por eventuais erros na transcrição da fita gravada e, o pior, por não ter perguntado o nome de seu ABC. Eu mesmo coloquei o título, que espero ele aprove. Espero, ainda, que ele possa usar estas rimas em sua escola, para enriquecer o aprendizado de seus alunos.

As gravuras do Papo são do nordestino José Francisco Borges, agricultor, ceramista, carpinteiro, artesão, pedreiro e pintor de paredes, que se transformou em famoso artista, como poeta e gravador, de folhetins de cordel. Elas ilustram o livro *As Palavras Andantes*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano.

Através desta homenagem a seu Augusto e dona Judite, neste Papo de cordel, mandamos, Borges, Galeano e eu, um forte e saudoso abraço a todas as famílias de seringueiros e agricultores da futura Reserva Extrativista do Alto Tarauacá.

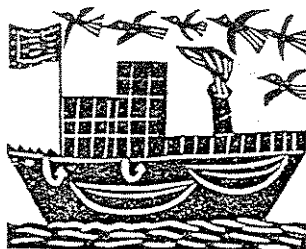
ABC da Diamantina

AUGUSTO JOSÉ DE BRITO

Agora pego na pena,
trassado de tristeza.
Todos caros ouvintes,
quero falar com franqueza
para dar a conhecer,
mostrando neste ABC,
a maior real certeza.

Bastante impressionado
eu vivo na minha vida,
por viver longe dos meus
e da minha terra querida.
Mas, peço a Deus resistência
para sofrer com paciência
esta sentença comprida.

Cansado de trabalhar,
pelejando com a sorte
de voltar à minha terra,
este plano não há quem corte.
já vivo com as carnes tremendo.
Pelo jeito que estou vendo,
termino ganhando a morte.



Fazendo o maior esforço,
pelejando com a sina,
há três anos que trabalho
na colocação Diamantina.
Os tempos vão se vencendo,
pelo jeito que estou vendo,
vou ficar de perna fina.

Ganhando alguma coisa
com que possa regressar,
tenho fé que nestes altos
eu não venho mais penar.
Só se for por um abrigo,
ou mesmo por um castigo,
seringa ainda cortar.

Hoje me deu saudade
do meu belo Ceará,
daqueles verdes campestres
onde o gado vai pastar.
Hoje, aqui por terra estranha,
olho, vejo as montanhas
e alguma onça esturrar.



Desprezado pelo mundo,
sem ter o menor carinho,
é como um vegetal
ou mesmo pássaro sem ninho.
Mas, tenho fé no Criador,
com toda alma e valor,
hei de abraçar meus paizinhos.

É grande minha sentença,
deste crime sem perdão:
sacrifício que tenho feito
para arrumar algum tostão
Já me acho tão cansado,
grandes foram meus pecados,
vim cair nesta prisão.



Imitando a um degredo
nesta vida isolada,
eu mais o meu companheiro
na Diamantina falada,
morando neste deserto,
companheiro que tem mais perto
é meia hora danada.

Juro por Deus verdadeiro
e a Virgem da Conceição
que eu tomo a bênção a meus pais
e abraço os meus irmãos.
Ainda hei de ver,
confiando sempre em Deus,
é quem nos dá proteção.



Mas, com tudo me conformo,
embora sendo obrigado.
Não vou escrever mentira,
só conto o que foi passado,
enfrentando o maior perigo
desses índios inimigos,
que por eles fui roubado.

No ano de 47,
esses índios nos roubaram.
Tudo o que nós possuíamos,
esses índios levaram.
Isto foi de manhãzinha,
até um cão que nós tínhamos,
os infelizes mataram.

Os malvados chegaram à noite.
Nós, sem nada reear,
quando foi de manhãzinha,
saímos para cortar.
À tarde, quando nós chegamos,
o que mais nos espantamos
foi tudo por terra achar.

Pedi a Deus paciência
para não me faltar coragem.
Disse para o companheiro:
"Amanhã, nós vamos à margem,
contar essa novidade,
a grande barbaridade
destes cuboclos selvagens".



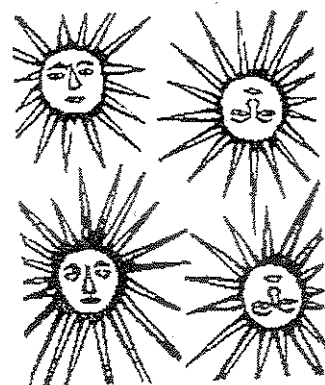
Ká dei cabo da metade
do ABC já tirado,
mas vou falar sempre nele
para contar os meus passados.
Aqui na Diamantina,
tenho cumprido a minha sina
como um infeliz desprezado.

Lembrança do meu sertão
não me falta um só momento,
já procuro esquecer
essas coisas do pensamento.
Já vivo tão abatido,
pelos índios perseguido:
isto é o maior tormento.



Quando chegamos na margem,
na casa do meu patrão,
contado o acontecido, 216
foi grande a admiração.
No estado em que eu me achava,
todo mundo lamentava
a triste situação.

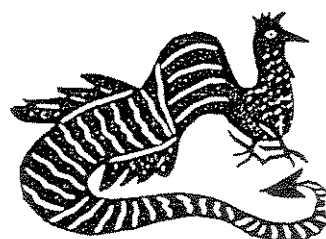
Resolvi novamente
para Diamantina voltar,
procurar o que eu perdi
ver se podia encontrar.
Com os poderes do Soberano,
fui trabalhar mais um ano
e com a sorte pelejar.

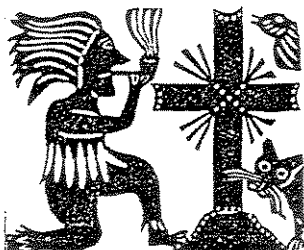


Ouvi sempre dizer
que para vencer as dificuldades
precisa ter interesse,
ter força de vontade
e é preciso ser esperto.
Esse ditado, por certo,
é uma realidade.

Vivo sempre com esperança
de um dia ainda ver
quem mais eu tenho vontade,
será meu maior prazer:
é meus pais e meus irmãos
tomando as suas bênçãos,
para assim satisfazer.

Xarope de amargura
por mel eu tenho bebido,
para ver se ainda volto
ao meu Ceará querido.
É o que mais fere meu peito
mas para tudo Deus dá jeito
e perdoa os arrependidos.





Zele sempre os interesses
de sua terra natal.
Não venha cortar seringa
é o que eu lhe digo, afinal.
É um grande idiotismo
quem vem cair neste abismo:
trabalhar em seringal.

Amigos, caros ouvintes,
aqui mesmo eu terminei.
Nas letras do alfabeto,
todas elas eu falei.
Se o leitor ignorar,
algum erro encontrar,
é porque eu pouco estudei.



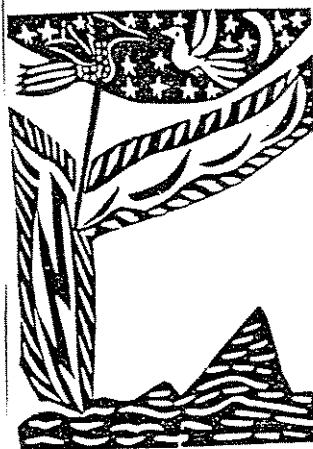
Sacrifício eu tenho feito,
só a fim de melhorar:
ver se eu ganho alguma coisa
com que eu possa voltar
à minha terra querida.
Regozijo da minha vida
ainda quero gozar.

Tortura em minha vida
já me acanho em declarar.
Sei que os caros ouvintes
queiram ignorar.
Não vão pensar que é malícia,
dizendo que é na polícia
que devo me queixar.



Quem pegar neste ABC,
leia bem, preste atenção,
não vá pensar que é mentira
a minha declaração.
Sempre aviso aos camaradas:
não caiam nesta emboscada
em conversa de patrão.

Aqui mesmo eu vou findar,
fazer o ponto final,
desejando felicidade
a quem me deseja mal.
Rogo sempre a Deus Eterno
que dê um lugar no inferno
aos patrões de seringal.



Torno a pedir a Deus,
quando estes patrões morrer,
dê o inferno por descanso
para eles conhecer.
A Jesus, eu faço rogo
que jogue eles no fogo,
conforme o que merecer.

Sou um velho cearense:
Jaguaruana é meu distrito.
A todos caros ouvintes,
dou um adeus por escrito.
Precisando de um criado,
o meu nome é declarado
Augusto José de Brito.

Já terminei o meu verso
do começo até o fim.
Se não gostaram das rimas,
só sei escrever assim.
Desculpem alguma indireta,
isso é prosa do poeta:
é que o verso só presta assim.



Tem o **Y**psilon:
Idiota é o rapaz
que cai nesta ilusão,
ainda que ele seja
coberto de precisão.
Não deixe a sua família
para cair nesta armadilha:
ser cativo de patrão.



Nome: Manuel E. Cavalcanti da Cunha

Natural: Fortaleza - CE

Grau de cultura: 3º grau na área de letras e pós-graduação na área de ciências sociais

Descendência: É mestiçagem de português, índio etc.,

P. Você acha interessante que as pessoas aprendam a fazer Cordel?

R. Eu acho interessante, não sei se é devido principalmente a minha descendência nordestina que é muito forte a nossa cultura e isso foi trazido para cá e a gente percebe nesse processo nosso de educação escrita que é uma grande motivação o Cordel. E antes de trabalhar especificamente com educação escolar pois eu trabalhava com educação sindical, então o processo de Cordel é um processo muito dinâmico das pessoas dizerem as coisas e também para as pessoas ouvirem em Cordel é assim meio fantástico e fabuloso de ensino e aprendizagem.

P. Você gostaria de que as pessoas aprendessem Cordel?

R. Olha, nós no nosso processo de informação, a gente tem incentivado isso, várias linguagens dentre elas o Cordel, e tem sido a resposta, nós temos que pode levar mais processos que a gente tem ensinado, não que a pessoa aprenda especificamente Cordel, mas o Cordel como uma linguagem interessante e adequada para o nível de realidade dele, porque o Cordel é o seguinte, ele é muito aquela coisa da oralidade e a cultura do seringueiro é a cultura da oralidade, então a escrita para ele ainda é uma forma muito distante, mesmo na escola o pessoal que aprende, pratica muito pouco a escrita, a não ser que tenha motivação e uma das motivações é exatamente o Cordel. O que encontra a gente nas comunidades que escreve a história do Acre, da comunidade, a história de alguém de uma maneira bastante jocosa ou séria é o Cordel.

P. Você já ouviu versos de Cordel que trata sobre a temática política e eleitoral?

R. Já, de autoria de pessoas ligadas ao nosso trabalho que vai levando inclusive e também a gente que também já produziu para os nossos cursos para explicar determinado tema e assunto a gente já o Cordel.

P. Vocês mesmo fazendo?

R. Sim, inclusive no primeiro curso a gente fez um para explicar exatamente quem era o Paulo Coelho, pois fui eu que produziu e no texto o Cordel vai explicar quem era Paulo Coelho.

P. Então quer dizer que você também já fez um Cordel?

R. Já.

P. E sobre temas políticos fez algum?

R. A educação interiana é uma educação extremamente política e os nossos professores tem feito, porque a gente trabalha a matéria prima das nossas aulas e nosso processo de capacitação, é um processo político porque a gente não tem na escola um equipamento político e os nossos professores tem muito texto político de Cordel.

P. Versos que tratam sobre temas políticos podem trazer algum benefício para o povo?

R. Pode por essa forma que eu estou falando, que o Cordel converge para a questão da cultura popular, oral e ele facilita o entendimento, uma coisa você pode dar uma notícia de uma maneira jornalística na TV, escrevendo no jornal que a recepção vai ser diferente do que seria dada em Cordel para uma pessoa do seringal, isso a gente já tem tido experiência, nos curso se tem feito isso. No caso num curso que vai ser realizado próximo de uma campanha eleitoral, então o elemento motivador é a campanha, se você faz uma notícia em Cordel e veicula essa notícia no encontro mesmo, e trás também uma leitura, quem tem feito essa comparação das linguagens e leva um texto jornalístico, a recepção é extremamente diferente, então ela é melhor apreendida.

P. Você é uma espécie de coordenador do projeto seringueira, qual é a sua função aqui no CPA?

R. Eu sou coordenador de educação no projeto seringueira do CPA mesmo. A nossa equipe é interdisciplinar, nós temos um físico que trabalha mais especificamente a questão da matemática na equipe e tem eu e o Mauro Silas que somos da área de língua portuguesa, temos uma pedagoga e três pessoas que são da equipe de supervisão. Uma que tem o curso de magistério e dois que foram formados por nós mesmos na equipe, eram ex-professores que hoje são da equipe de supervisão.

P. A poesia de Cordel ajudaria na questão do discernimento, no aguçamento da inteligência?

R. Tranquilo, porque tem umas coisas intrínsecas ao Cordel que se a pessoa não tiver discernimento, daí ele ajuda a desenvolver a cognição que é o seguinte: o versos pode ser em quadra de seis versos, pode ser de cinco, martelo, galopta, então essa coisa a pessoa que vai fazer o Cordel, ela começa a perceber, mesmo que venha intuitivamente, mas na hora dela arrumar ela percebe que há um entalhamento, e isso dá para se trabalhar num processo educativo, fazendo-a desenvolver a cognição dela e perceber que além de entrar num processo psicológico de apreensão dessas técnicas que estão envolvidas lá.

P. Você conhece algum poeta aqui no Acre que fez ou faz versos na época das eleições?

R. Em Xapuri tem muita gente que faz isso, lá tem o Saba Gomes que faz, o Enágio que era professor nosso, o Ademir que é da nossa equipe de educação faz, tem o Jorge que também é da nossa equipe de educação que faz.

P. Cordel poderia fazer com que as pessoas se alfabetizassem com mais rapidez?

R. Eu creio que é uma ferramenta também, eu não tenho uma experiência de usar especificamente o Cordel, mas o Cordel também como eu estou falando assim como linguagem auxiliar de grande força, nós não temos dúvida, tanto é que quando a pessoa se alfabetiza, a primeira motivação dela é exatamente escrever Cordel. E no processo da aprendizagem da leitura e da escrita a gente tem utilizado, mas não assim com exclusividade, mas temos usado Cordel nos materiais que a gente está levando para fazer isso. O Cordel como elemento motivador, ele é um elemento de valor muito forte. Agora, nós utilizamos assim Cordel desde o processo iniciando até o fim do processo de alfabetização ainda não, mas como elemento bastante presente no nosso contexto de ensino e aprendizagem ele tem se mostrado extremamente eficiente.

P. Você tem notícia de alguém que aprendeu a ler por intermédio do Cordel?

R. Tenho, no seringal os processos de aprendizado não se dá na escola, não se dá por processos formais, então quais são os processos: são processos extremamente formais, nós temos o Jorge Capueiro por exemplo, ele aprendeu quando o marreteiro ia para a casa dele, ficava rabiscando, ele ficava prestando atenção e o cara percebeu que ele queria aprender e ele aprendeu por aí. Depois ele desenvolveu mais nos cursos que a gente fazia, ele passou a freqüentar sistematicamente o nosso curso que ele era o nosso professor. E tem também os casos, sobretudo, os casos mais antigos de filhos de pais nordestinos que os pais ensinavam Cordel, isso tem bastante. A família Galdêncio lá em Xapuri, o Paulo, Zé Galdêncio aprenderam assim, o pai deles ensinou e Adeci que trabalha na cooperativa em Xapuri que foi a primeira mulher que entrou no sindicato dos trabalhadores rurais no Brasil, ela aprendeu por um processo assim, o pai dela era um nordestino do Piauí, amante do Cordel, em casa lia muito e ela aprendeu lendo Cordel.

P. Na questão da eleição, o Cordel ou o poeta do Cordel, o cantador influencia de alguma forma? Pode influenciar?

R. Sim, influencia sim, porque ele trabalha num nível da linguagem que é acessível ao tipo de eleitor que a gente tem, sobretudo, no meio rural. Então a mensagem dita por um poeta cordelista é muito mais facilmente apreendida do que por aquele cara que vai lá com jeito meio acadêmico, doutor de falar, então sem dúvida essa mensagem é melhor apreendida quando ela é veiculada por um cordelista ou popular do seringal.

P. Através do Cordel as pessoas ficariam mais críticas?

R. Sem dúvida, porque tu pode ver nos materiais que tu estas por aí, que os textos são bastante críticos da realidade, eles versam sobre a realidade política, social de uma maneira bastante crítica e os autores e pessoas que tem escrito isso, são pessoas que tem uma inserção crítica na sociedade, então são professores que atuam no movimento sindical que é rural, até mesmo no movimento de trabalhadores em educação lá no município, são pessoas que atuam na associação de moradores da reserva e a marca deles enquanto cidadãos na sociedade é de cidadão cívico e sem dúvida nenhuma que um bom Cordel ele podem até ter aprendido esse espírito crítico por outras vias, mas o Cordel ajudou sem dúvida nenhuma a aguçar o senso crítico deles.

P. A rapidez, a destreza que a gente nota na poesia do Cordel, essa poesia poderia fazer com que as pessoas conseguissem pensar mais rápido?

R. Sem dúvida que sim, e esse é outro fator daquela parte inteira que já falei da questão cognitiva, o fato de ter que raciocinar super rápido e ter que pegar a deixa do outro e já desenvolver. Isso sem dúvida faz ter uma maior destreza. É uma coisa que as vezes a gente internamente discute que...

LADO B

cont...

R.... as pessoas na cidade com escolarização média, eles não conseguem ler textos mais críticos, aí eles aquelas revistas Sabrina etc, e o pessoal do seringal lê e ouve Cordel, que em uma complexidade muito grande, aí eu fico pensando nessa coisa e eles conseguem apreender as mensagens. Porque não é linear, tem Cordel linear, mas tem alguns cordéis de tradição nordestina, sobretudo, que tem uma complexidade que a personagem viaja no tempo, tem hora que tá aqui e outra que tá falando de alguém lá no tempo do reino etc., tem essa complexidade e isso tudo mais essa coisa da genuidade no falar o verso e tal, sem dúvida.

P. Os atos de bravuras ou as ações especiais de bondade, esses bons exemplos poderiam vir a ser copiados por quem lê e ouve?

R. Aí é uma coisa que eu acho nesse sentido é uma faca de dois gumes, porque tem uma coisa para a pessoa inserida na cultura oral, então para ela a escrita tem um poder. Então quando o único acesso dela é uma coisa, dependendo do tipo de mensagem que o Cordel veicule, aí pode haver uma recepção e um processamento conservador reacionário da coisa. Como exemplo, no nordeste mas aqui acontece também, então você pega um determinado Cordel que seja, que defenda um dogma ou alguma coisa assim, aí ele tem esse poder, mas do mesmo jeito que tem quando ele veicula uma coisa e bravura de esclarecimento social e tal, então é uma faca de dois gumes nesse sentido, porque também as pessoas podem veicular e é uma mensagem reacionária, e elas será apreendida, creio eu, pela experiência que eu tenho com as pessoas que produzem e recebem a mensagem de Cordel.

P. Por que a literatura de Cordel não é estudada ou analisada nas escolas e universidades?

R. É exatamente por isso, porque ela é oriunda das classes subalternas da sociedade e então é vista como uma coisa não acadêmica, secundária. Então para essas pessoas clássico seria o estudo de Machado de Assis e outros que sem dúvida nenhuma é interessante, mas sinceramente fazer um estudo de autores como Zé da Luz, Patativa de Assaré, esse povo todo, sem dúvida nenhuma tem contribuição no ponto de vista da linguagem igual a que teria Machado de Assis, Lima Barreto, Osvald de Andrade, sem dúvida, e em patamares diferenciados, naturalmente, mas em termos de importância literária eu creio que eles são realmente sub-estudados e sub-aproveitados enquanto elementos literários mesmo, isso eu sinto, pois estudei nessa área de letras e realmente há uma sub-valorização nesse tipo de autor e literatura.

P. E qual via nós poderíamos melhor valorizar a literatura de Cordel?

R. Eu conheço a experiência nordestina e os nordestinos tem tipo associações de violeiros, em Fortaleza mesmo tem a casa de violeiros, em Fortaleza mesmo tem a casa do Renal , um poeta famoso que congrega, é um espaço cultural é a casa que foi dele e tal, então que os violeiros vão lá, eles se tiveram também que se aparecer, então lá já há um maior interesse, eles lá são mais estudados, convidados para academia, então tem essa coisa de que aqui

a universidade ainda é muito incipiente, infelizmente ainda é muito fechada nos muros da academia, há pouca extensão, pesquisa e também essa categoria ainda não se colocou muito, embora, tem mas tá desperta, a gente sabe que todo o lugar que você chegar, você tem alguém que é referência nesse tipo de produção de cultura, mas ainda nos próprios municípios, você não tem um evento em possa congregar, chamar a atenção para isso. Então eu creio que seria duas coisas: seria que as próprias pessoas que praticam isso se mostrar mais, promover eventos, encontros Xapuriense de Cordelistas, encontros Balueense e depois encontro do Estado inteiro, eu creio que isso seria uma coisa bem interessante, se nordeste tem, no Canidé tem um encontro regional que vai gente do nordeste todo para esse encontro e tem várias teses de mestrado e doutorado sobre isso nas universidades nordestinas, então precisaria que as duas coisas, a academia se abrir mais e esse povo também dizer também que está presente.

Obrigado

LADO A

Nome: Rivanda dos Santos Nogueira

Grau de cultura: 3º grau e Especialização em Metodologia do Ensino Superior.

Função: Pedagoga na Universidade e professora de filosofia no 2º grau.

P. Você acha interessante a literatura Cordel?

R. Eu acredito que todos os acreanos acham. Porque é uma coisa que desde que a gente tem contato com as primeiras leituras dos pais da gente, por influência nordestina, todos eles usam muita literatura de Cordel.

P. Você leu algum folheto ultimamente?

R. Nos últimos tempos não, mais quando eu era mais jovens.

P. Lembra de alguns?

R. Alguma coisa sobre a luta do diabo contra o Zé Pretinho enfim, mas faz muito tempo que eu não leio. E tem do Locázio também colocado em torno do Cordel. Mais coisas não lembro não.

P. Os versos de Gronisi você nunca fez?

R. Nunca.

P. E versos por escrito em homenagem?

R. Já mas faz muito tempo. Eu fiz para professores. Era uma forma de homenagear sempre no dia dos professores através da literatura de Cordel.

P. Você gostaria que a pessoas viessem a aprender a literatura de Cordel?

R. Eu acredito que é uma das formas de manifestação da cultura do Acre. Uma coisa que merece ser resgatada, pelo menos nas escolas, eu não vejo a literatura de Cordel. Por onde eu tenho trabalhado não vejo. Na própria universidade não se tem incentivo, nunca vi por aqui. Alguma coisa, ensaio, poesia mais por iniciativa própria e não por incentivo da universidade, em três anos que trabalho aqui eu nunca vi.

P. Já ouviu versos que trata sobre a temática política como exemplo a derrota das eleições, existe aqueles versos para quem vai na Taubau?

R. Já, na época da eleição é bastante usado, inclusive uma das coisas que é terrível nas propagandas políticas em época de campanha, é utilizada aquelas pessoas mais humildes e normalmente essas pessoas mais humildes que dominam literatura de Cordel, utilizam-se daquelas pessoas com viola ou mesmo só com declamação, para defender um candidato x. De alguma forma eu acredito que eles são manipulados.

P. Em jornal, agora na última campanha, saiu alguma coisa como verso e tal sobre algum que tenha participado em algum palanque?

R. Eu não vi, mas em TV eu vi. Músicas improvisadas por algum candidato, mas escrito eu não vi.

P. Você acha que versos que tratam sobre temas políticos, eleições podem trazer algum benefício ao povo?

R. Eu acho que é uma das formas de chamar a atenção. Colocar propostas de candidatos, homenagear alguém dentro do pleito eleitoral, sei lá, eu acredito que é uma das formas de manifestação e até de conscientização. Agora a meu ver muito pouco explorado.

P. Você conheceu alguma obra ou algum poeta que goste de versos na época de eleições?

R. De nome nenhum, tem um Francisco que inclusive é acreano, já vi algumas coisas dele, mas não tenho muito conhecimento não. Até porque a literatura de Cordel, pelo povo acreano, principalmente pelos mais jovens, isso é uma coisa brega, uma de mercado que as pessoas se gostam e lêem, não divulgam isso.

P. No que a poesia de Cordel ajudaria?

R. Acredito que na transmissão mesmo da nossa cultura acreana, na questão da oralidade, escrita dentro da própria escola. Eu acredito que seria fundamental na alfabetização de adultos, porque é um tema de interesse, principalmente porque o povo acreano é muito formado com o nordestino. E eu acredito que a literatura de Cordel é sobretudo uma influência dos nordestinos. Inclusive meu pai lê bastante e poderia falar melhor do que eu, pois eu nunca dei muita importância até por influência mesmo mais jovem, nunca dei tanta importância. Mas é uma coisa que é interessante.

P. O Cordel faria que seu povo aprendesse mais rápido?

R. Eu acho que principalmente o adulto, eu acredito que sim e até na época de manifestações culturais, festas juninas, folclore é um pouco mais utilizado. Mas eu acredito que se as fossem incentivadas desde cedo a buscar o Cordel, seria um dos instrumentos de leitura fundamentais. Agora a criança do Acre eu não vejo ela incentivada a ler Cordel. Quem lê é o povo mais idoso.

P. Você tem notícia de alguém que aprendeu a ler por intermédio da literatura de Cordel?

R. Assim como a criança termina de aprender a ler gibis, o adulto eu já vi, inclusive o meu pai ensinando amigos dele do seringal a terminar de aprender no Cordel. Eu já vi inclusive assim, pessoas na minha família que moravam no seringal, principalmente no final de tarde para a noite que as pessoas do seringal se reúne para descansar e ter esse lazer, uma das formas de lazer é o Cordel e nessa forma de lazer ele gosta tanto, principalmente o pessoal da zona rural que eles acabam terminando de aprender a ler em Cordel. Inclusive nas escolas de zona rural, o Cordel é muito mais utilizado do que na cidade.

P. Na questão da eleição, o Cordel e os cantadores ?

R. Eu já coloquei isso, eu acredito que eles sejam manipulados. Inclusive eles colocam a literatura de Cordel não como um instrumento de conscientização, mas como instrumento mais ou menos de exploração.

P. Você acha que através de Cordel as pessoas ficariam mais críticas?

R. Eu acredito que sim, porque o primeiro de tudo que a leitura de Cordel, não é qualquer pessoa que faz com aquela entonação de voz que eles dão. O meu pai sabe ler de uma forma o Cordel que eu não sei. Você vai ler do jeito que eles dão a entonação, as rimas, os quartetos, aquela estrutura que o Cordel tem. Eu não sei, mas o meu pai nesse ponto é mais crítico que eu, porque inclusive é costume quando eles terminam de ler o Cordel comentar entre si, fazer julgamento de valor, o meu pai faz muito isso. Mas se eu pegar para ler, como não fui

educada para isso, acho que na terceira página eu já paro e não consigo identificar os elementos de cotidiano, crítica que tem ali como as pessoas que já são acostumadas a ler. Então as pessoas lendo como meu pai lê e outras pessoas lêem, aguça mais o poder de interpretação, dos elementos que tem ali, de comparar aquilo com a vivência. Então eu acredito que é um dos instrumentos que pode aguçar a crítica e a criatividade de quem lê.

P. Rapidez ou destreza do poeta faz com que os ouvintes ou leitores também aprendam a aguçar com rapidez ou essa rapidez forma pessoas também inteligentes?

R. Eu observava muito quando o meu pai lia, quando eu era mais adolescente, eles lêem numa rapidez incrível que a gente que não é acostumado a ouvir, a gente tem que pedir para repetir, tem que ficar muito atento porque a forma de ler os poemas é de uma forma tão rápida, que só quem realmente está acostumado consegue entender a história, porque normalmente pelo que eu lembro de literatura de Cordel, ele desenvolve muitos personagens ou senão, um único personagens mas com várias ações e a gente que não está acostumado, não prestar bastante atenção a gente se perde dentro da história. E eles que tem esse contato maior com a literatura de Cordel, eles conseguem assimilar com muito mais rapidez do que a gente que está acostumado a esse tipo de leitura.

P. As proezas e bravuras servem de exemplo aos que lêem ou ouvem o programa? Os bons exemplos seriam copiados?

R. Eu vejo assim, o nordestino que é basicamente a formação do povo do Acre, eles tem muito aquela idéia do macho, do valente, do defender a família, eles tem isso com muita, inclusive você vê o nordestino, ele dá muito mais valor a questão de família, de respeito mas do que o povo eminentemente acreano, então, eu acredito que é uma faca de dois gumes, a literatura de Cordel tanto vem incentivar e fortificar esse laço de família que ele tem como também a questão dos jagunços, da violência, do misticismo que é trabalhado, eles também carregam um pouco e eu acho que isso é dentro da literatura de Cordel, eu acredito que ela fica um pouco para trás na história, por exemplo, a questão do diálogo dentro da família, pelo que eu lembro de literatura de Cordel não é trabalhado isso, mas a questão da autoridade do pai, essas coisas assim, é bem trabalhado. Isso é tradição mesmo.

P. Por que a literatura de Cordel não é estudada ou analisada nas escolas ou nas universidades?

R. Normalmente a cultura que está dentro da escola é a cultura que está influenciada ou cultura tida como cultura dominante. E qual é a cultura que domina? É a cultura do sul, sudeste. A cultura de autores consagrados e você não vê autores consagrados como autores que são extremamente populares que lidam com a literatura de Cordel. Eu acho que uma das razões é está, é uma coisa que não visa o lucro das principais editoras do país, normalmente quem consegue editar um folheto de Cordel são pessoas humildes, as vezes até por financiamento bem humildes mesmo, que não tem grande vendagem assim como o livro que acabou de ser lançado e que tem propaganda em cima. Então é assim, não chegou na mídia a literatura de Cordel, e como não chegou na mídia também não chegou na escola, acho que essa é uma das razões. E uma outra razão é a própria influência cultural que nós temos como a TV, a música, a gente copia mais música de fora do que a

nossa própria música. Então se tudo é copiado, a literatura de Cordel como é uma coisa que não está na mídia, não está dentro da universidade, e não está dentro da escola. Inclusive quando se monta algum laboratório de língua ou sala de leitura, tudo é direcionado para a cultura dominante, não tem essa de colocar a literatura de Cordel como uma das coisas interessantes para se trabalhar dentro da escola. Se é só assim no momento que está falando de folclore e tal, tipo Semana do Folclore, aí trás a literatura do Cordel, passou a semana do folclore, perdeu-se o interesse por essa literatura. Então eu acho que é mais uma questão de influência mesmo de mídia.

P. Por qual motivo nós poderíamos melhor valorizar a literatura de Cordel? Com que meios?

R. Eu acho que uma das vias é a escola, mas para isso requer um processo de conscientização muito grande. A própria TV nos programas locais poderia incentivar essa literatura e também tirar um pouco essa imagem que as pessoas tem da literatura de Cordel como uma coisa brega, inferior, inclusive até o próprio material em que o folheto é lançado é aquele papel de não tão boa qualidade como dos livros das cartilhas oficiais trabalhadas na escola. Então eu acho que tinha que ter incentivo das entidades culturais, as fundações, as ONGs, as próprias organizações não governamentais não incentivam o folheto.

Obrigado

* FITA 03 *

Lucas Soares da Silva- Santa Luzia

P.- Colônia Santa Luzia.

Lucas Silva- Chama Paraná de Pentecostes. É lá no seringal. Naquele tempo ainda era habitado. Ai que foi passando pra cá, ai foi explorando, explorando até que viro colônia Santa Luzia.

P.- Certo, e como é seu nome completo?

L.S.- Meu nome é Lucas Soares da Silva

P.- Lucas Soares da Silva. E a sua idade?

L.S.- 66 anos completo, fiz no dia 29 de dezembro.

P.- Certo, e o senhor é natural de onde, de que Estado?

L.S.- Daqui mesmo do Acre, Cruzeiro do Sul.

P.- Cruzeiro do Sul, Estado do Acre. A sua descendência, o senhor é filho de pais nordestinos?

L.S.- Não senhor, meu á amazonense e minha mãe era acreana

P.- Seu pai era amazonense da onde, de que cidade?

L.S.- Ele nasceu na Boa Fé, perto de Ipixuna

P.- Perto de Ipixuna. Qual é o seu grau de cultura, o senhor sabe lê?

L.S.- Eu fiz o segundo ano, naquele tempo, normal, sabe...

P.- Segundo ano do primário. Certo. O senhor faz versos, né! De... quem, quem foi que lhe influenciou, quem foi que lhe incentivou a fazer versos?

L.S.- Isso foi coisa de nascimento, mesmo. Porque que aquice [aquece] a memória, verso e tabuada, foi uma coisa que já veio da memória. Qualquer coisinha já tirava um verso.

P.- O senhor acredita que é uma questão de dom?

L. S.- Sim, é o dom.

P.- Então, que não teve nenhuma pessoa que...

L.S.- Que me formasse nem, nada.

P.- E o senhor não leu alguma coisa antes?

L.S.- Algum folheto

P.- Algum folheto

L.S.- Que pegava e lia, mas de pega história, diversas coisas, não.

P.- Qual foi a primeira vez que o senhor ouviu falar nesses versos, assim, nesses versos de cordel?

L.S.- Quando era muito cearense que morava por lado dessas castanheiras, ai ele contava muito versos, daqueles nordestinos do Ceara, sabe. Então ele cantava

aquele ritmo, aquele tal de ritão, galope beira-mar, martelo, sei mais o que. Ai eu tirei e comecei também.

P.- E como é que o senhor aprendeu?

L.S.- Aprendi assim mesmo, da minha cabeça mesmo.

P.- Certo, exercitando.

L.S.- Exercitando, alguma coisa tirava de um verso, alguma coisa de outro verso, outra coisa tirava um versinho. Ai o pessoal, agora tira um versinho daqui. Até quando eu tive em Rio Branco, o rapaz me chama pra mim i pra lá pra gente fazer uns folhetinho do veinho. Mas eu morando aqui, família aqui...

P.- É... uma pergunta fora de ordem aqui. Pra chegar uma carta aqui pro senhor, qual o endereço? Santa Luzia

L.S.- Cruzeiro do Sul. Paraná de Pentecoste. Colônia Santa Luzia

P.- Ai no seu nome.

L.S.- E eu recebi duas de Santa Catarina

P.- A minha vem de ... que eu vou mandar pro senhor, vem de Campinas. Sim, porque o senhor acha interessante aprender o cordel? Porque o senhor acha interessante aprender o cordel?

L.S.- Eu achei muito importante, uma coisa que a gente se diverti, né?! diverti os outros, também. Vê alegria, brincadeira, acha graça.

P.- Certo... certo. Qual foi o último folheto que o senhor leu?

L.S.- Eu li muitos. Muitos mesmo. Agora só teve... tinha, chamava o folheto 'Dos bandidos do Paraoeste'

P.- O senhor aprendeu algum?

L.S.- Aprendi não, nunca decorei

P.- Tá, qual foi o último que o senhor fez?

L.S.- O que, verso?

P.- Sim, o senhor fez verso, qual foi o último que o senhor fez?

L.S.- O último que eu tirei foi o verso do avião, de uma busca por aqui mesmo.

P.- Caiu um avião na Serra do Moa?

L.S.- Foi, não, aqui pertinho, da qui lá é uma hora e meia, duas horas aqui pela beira do rio. É um avião da Vasp. Vai fazer três anos, agora, né!?

P.- Da Vasp?

L.S.- Avião da Vasp.

P.- Ah! eu não sabia disso. Aí, o senhor fez o verso? Como era o nome do trabalho, qual era o nome do verso, qual era o título?

L.S.- Era assim, de manhãzinha, de madrugada. Foi no 21 de julho. De madrugada, da alta madrugada. Naquele tempo eu morava ali... Aí eu tava acordado. Eu acordei com aquela azoada medonha... Aí eu fui deixa minha mulher, e eu disse rapaz aquilo é um avião, e aquele avião não vem sadio não,

ele, a máquina vem pifando. Porque, uma zoadá daquela. E, ele passou assim. Aí rodio, rodio aí quando ele chego no morro ele desce todo o morro... Aí não demoro, veio aquele estrondo. estrondo grande. E paro, eu disse assim pra ela, aquele avião caiu no chão. Com toda certeza. Quando foi no dia de manhãzinha...Aí eu fui, chamei os menino, aí. Eu, o Zé, o Gonzaga, o Wanderlei... Aí nós fomos a procura, né?! Aí, quando no Moa, chegemo de um lado tinha uma casa do outro lado. Aí, havia uma mulherzinha e a gente foi busca uma água e perguntei à mulher. perguntando do dono da casa. Rapaz, fui deixa um pessoal ali, onde caiu o avião, neste instante. De lá pra cá, eu vinha dizer comigo mesmo, de brincadeira. Eu dizia assim 'No dia 33 de julho, no meio da madrugada, eu tava dormindo na minha cama, dormindo bem sossegado. Acordei sobre saltado por uma grande zoadá. Acordei a minha mulher e disse pra ela. Ela disse: o que que é? . Eu disse o avião que vai passando e máquina desmantelada. Aí, eu fiquei acordado fiquei prestando atenção, quando (?), porque fosse um trovão, eu disse pra ela assim, aquele bicho caiu no chão. Nesse momento me ajoelhei fui faze minhas oração pra a alma daqueles pobre que caiu daquele avião. No outro dia descendo, entrei pra mata adentro, pulando por cima de cobra me valei de São Bento, era eu, Gonzales, Zezinho e Zé de Nascimento. Quando eu cheguei na beira do morro olhei pro outro lado, não tinha nehuma canoa, eu disse pra eles assim: a coisa aqui não tá boa. Aí sentei no barranco, fiquei prestando atenção, quando a mulher vinha busca água, vinha com balde na mão. Eu disse dona caiu o avião. Quando eu marchei pra lá, que cheguei com tempo, foi o primeiro com o sargento. Aquilo tremendo de medo. Andei no topo de uma ambaúba, numa surucucu assada, mais pra frente, ao passo de uma pessoa, a mão sentetupiada com a aliança no dedo. Nesse momento, eu escutei uma grande zuada, a mata veio em balanço, com guaíba veio assombrada, era o pessoal de (?), chegando parecia um bando de queixada. Quando esse pessoal chegava. cai dentro do olho do Moa, naquela grande alegria e um olhava o outro dizia: Mas não era atrás de outra coisa, só de mercadoria. Quando foi com pouco tempo. Aí, começo a grande animação, um descia outro pulava naquela parte de porão, mas não era atrás de outra coisa, de sacolão. Grande eu vou deixando o meu verso, acredite quem quisé o companheiro me vinha fazendo no Moa, na beira do São José, buliu a perna de uma pessoa, as unhas pintada de vermelho, achava que era de uma mulher. Agora termino meu verso dizendo com grande alegria, o meu nome Luis Soares da Silva, filho da Dona Luzia, moro no Paraná do Pentecoste, na colônia de Santa Luzia.

P.- Tal Ok. É o senhor já fez verso de improviso? Esse senhor escreveu, esse aí?

L.S.- Escrivi não, fico só na memória.

P.- Então é improviso. Então é improviso. E homenagem, o senhor fez verso de homenagem a alguém?

L.S.- Assim, é as vezes lá em Cruzeiro a gente se encontra lá em rixão. Rapaz tem um fulano aqui tira muito verso, vamos discutindo um do outro, não sabe! ele diz um pra eu e digo outro pra ele. Tem gente até que eu não conheço.

P.- Isso, Ah! mesmo?

L.S.- É

P.- Tenho que ir atrás dessa gente. Escuta, o senhor já trabalhou com verso e música? Acompanhado de viola, de violão?

L.S.- Não senhor.

P.- E o senhor conhece alguém que faz esse tipo de trabalho? Lá em Cruzeiro do Sul?

L.S.- É o Pedro, o pedrinho, ele faz e toca

P.- Onde é que ele mora?

L.S.- Ele mora acolá, ele é bom tocador

P.- O senhor gostaria que um filho, um parente seu apreendesse a fazer cordel?

L.S.- Era bom demais

P.- Era bom, por que o senhor acha?

L.S.- Porque é um prazer, uma alegria pra gente, até pra mim próprio. Vê uma pessoa, qualquer uma pessoa que tenha uma profissão.

P.-É... o senhor já ouviu, já cantou...

Terceira pessoa- Cê toma café, toma café...

P.- Já fez verso de cordel político. Não político, não político de partido...

L.S.- Eu sei

P.- Digo de político, assim pela melhoria da qualidade de vida do povo, falando a respeito das condições de estrada. Isso tudo é político. Já fez esse tipo de verso?

L.S.- Eu já tinha feito

P.- O senhor acha que esse tipo do verso, que trata sobre os, esses temas sociais, que eu digo político, melhoria das condições da qualidade de vida, do pessoal. Esse tipo de verso pode trazer algum benefício ao povo?

L.S.- Pode e outra também que, que nem eu lá em Rio Branco, onde eu cantei, e também em Porto Velho, camarada dizia assim rapaz, uma pessoa que nem você não era pra tá lá dentro da mata, não. Se é um homem perdido, rapaz. Você não soube aproveitar a sua infância, a sua memória. Tanta memória que se tem. Se pula de jato, esse homem, esse meu genro que toca, tem diversas músicas dele mesmo, tira e toca. Tira outra desse avião, ele tiro outra. E canta, canta, música e toca, sabe. Ele tira e põe a música do jeito que ele qué.

P.- Certo, eu acho que esse tipo de verso simples. Ele pode influenciar. Ela pode ajudar a alfabetizar as pessoas.

G.S.- Porque eu acho muito importante que... isso aí é uma coisa nossa, viu? E vai criando... é do caboclo mesmo, é nosso, sabe, é nossa cara, entende? Então eu acho que se alguém quisesse trabalhar eu daria a maior força. Daria a maior força mesmo.

P.- E a senhora já ouviu ou já cantou ou já fez versos de cordel político? Cordel político, esse cordel que fala sobre os movimentos...

G.S.- Eu sei. Olha, eu nunca fiz, mas eu já ouvi muito e já muito também sobre esses daí. Assim, achei bonito o trabalho que eles fizeram porque eles contam a verdade, cantam a verdade, né, e a pessoa não se sente, assim, machucado, num sabe? (?) Por isso acho até bonito, entende? Embora esteja levando palmas, mas ele pensa que é o máximo.

P.- A senhora acha que versos que tratam sobre temas políticos podem trazer algum benefício ao povo?

G.S.- Trazem. Com certeza trazem muito benefício, porque eles vão entender melhor, eu não sei se é a música também ajuda a pessoa a entender melhor as coisas, facilitar a interpretação, mas eu acho muito importante.

P.- A senhora conhece algum folheto, algum poeta que trate sobre a temática política?

G.S.- Olha, aqui no nosso município, como eu já falei, eu valorizo demais a pessoa que é do lugar da gente. Eu admiro muito o trabalho do Raimundo Nonato da Rocha. Inclusive ele sempre me agradece, assim, pela valorização que eu dou à pessoa dele, ao trabalho dele, porque ele fez um hino à Brasília, ele fez a letra do nosso hino. E desde daquele tempo eu dou a maior força; eu tenho lido ... O último que ele fez foi sobre a balsa número um. Ele fala dos políticos daqui de Brasília que não foram eleitos e foram na balsa, né, para Amanacacuru(?), e inclusive ele junta com a balsa de Rio Branco, né, vai juntando os políticos a partir de Assis Brasil(?), ele vai levando na Balsa, Brasília, Xapuri, Rio Branco, ele vai juntando todos os políticos na balsa. Eu acho aquilo o máximo, inclusive eu guardo na minha gaveta. De vez em quando eu tiro para ler.

P.- Então tá bom Senhora Gisleine, muito obrigado.

*

P.- Então seu nome, por gentileza.

Raimundo Nonato da Rocha- Raimundo Nonato da Rocha.

P.- Idade?

Raimundo Nonato- Quarenta e quatro anos.

P.- A sua naturalidade, vem da onde?

R.N.- Rio Branco, Acre.

P.- A sua descendência, o senhor é filhos de acreanos, nordestinos?

R.N.- Sim, de acreanos já filhos de nordestinos.

P.- Ah certo, neto de nordestino, né!?

R.N.- Neto de nordestino, justo.

P.- O seu grau de cultura, o senhor poderia dizer?

R.N.- Olha, eu fiz Segundo grau, é por correspondência.

P.- Certo. É o seguinte: o senhor escreve versos, né!?

R.N.- Justo.

P.- É de onde é que o senhor recebe essa influência, de onde é que vem essa influência, algum parente...

R.N.- Não, não. Quando eu era pequeno, né, era menino, eu gostava muito da literatura de cordel, por que eu notava que era mais fácil e eu tinha muito interesse porque eu aprendia melhor a ler, a analisar as coisas. Praticamente eu tenho uma leitura que eu considero passável, uma leitura boa, é, foi graças à literatura de cordel. Porque eu me interessava em ler cordel, eu achava, eu achava como acho ainda hoje que é mais fácil cê aprender a ler, desperta mais interesse, é, lendo literatura de cordel.

P.- Certo. Há uma pessoa que lhe influenciou nisso aí?

R.N.- Sim. Eu acho que um grande cordelista nordestino, né, Manoel de Almeida Filho. Acho que o Manoel de Almeida sim, justo. Foi ele.

P.- Certo. E qual a primeira vez que o senhor ouviu falar de cordel?

R.N.- Olha, eu... Na minha infância existia muito gibi, né!? A gente ia pra matinê, tinha gibi, mas devido a custar muito caro pras possibilidades econômicas da gente, eu não lia, não comprava, não tinha gibi. Então cordel eu sempre encontrava um folhetinho lá por casa, né. Eu tinha umas tias que eram professoras e parece-me que elas gostavam de ler. Alguns, alguns, um que outro perdido a gente sempre encontrava e devido à rima, né, despertou muito interesse em mim.

P.- E como é que o senhor aprendeu a fazer os versos.

R.N.- Olha, quer dizer, isso foi na minha infância, né. Aí depois eu fui crescendo, fui ficando mais adolescente, então eu já comecei a ler gibis, né. Mas, quando eu comecei a fazer... Olha, eu comecei a fazer cordel, foi em 1975. Então, naquela época, a gente militava na Frente Popular, no alto Tendência Popular, que abarcava todos os partidos de esquerda, os movimentos..., a gente militava junto aos companheiros, como Pacífico, Arquilau, o Arquilau também, Chico Mendes, e outros, então cada um fazia a sua parte. E como eu já gostava, já sentia alguma atração pelo cordel, porque eu achava, como ainda hoje acho, que o cordel não é um meio de influenciar a alfabetização de pessoas não alfabetizadas, de pessoas da zona rural, de seringueiros... Porque ele pega um livro, um livro didático de

uma escola, por mais que ele tenha o primeiro, o segundo, o terceiro ano primário, o quarto o quinto, digamos, até o último ano primário, diga-se de passagem que não é bem feito, porque a educação é muito, é, deficitária no nosso país, ele desperta mais interesse em ler um cordel do que um livro didático, porque o cordel, eu considero o cordel, eu sempre digo, assim, na alfabetização da pessoa, como o vôo da águia. Eu considero muito mais direto do que um livro, uma obra literária mesmo, assim, mais acessível a pessoas de menos cultura, ou então um livro didático de lendas, de fábulas, de histórias... Eu considero que o cordel vai mais direto, ele desperta mais interesse, porque é mais fácil, e é mais, como é que a gente diz, é mais... ele sente mais atração porque existe sátira, né, existe contos, lendas, grandes lendas, de grandes autores, aquelas lendas romanas, lendas... sei lá, lendas nordestinas. Então desperta mais interesse e eu vejo mais fácil os filhos de seringueiros, de agricultores aprenderem a ler pelo cordel, do que pelos livros didáticos, livros atuais.

P.- Respondeu a sétima, nesse caso, né!? Qual foi o último folheto que o senhor leu, agora, ultimamente?

R.N.- Rapaz, olha, o último folheto que eu li, deve fazer uns doze anos, me mandaram do Pernambuco, não me lembro nem mais o nome do autor... era xilogravura, xilogravado, colorido inclusive..., não era bastante rimado, era mais em apontos, assim, apontos populares. Esse foi o último que eu li.

P.- Certo. E o senhor aprendeu, conseguiu aprender algum de cor?

R.N.- Não. Não faz parte não.

P.- E qual foi o último que o senhor fez?

R.N.- Olha, o último que eu fiz foi uma sátira, rimada né, foi agora em outubro, depois do..., lá pelo dia... de cinco à vinte de outubro de 94, sobre as últimas eleições no Acre, né, porque aqui nós temos, é, nós temos a balsa né, o folclore sobre a balsa, dos políticos derrotados, que é antiga... Então tava esquecida, praticamente tava esquecida, e como sátira eu fiz sobre os políticos que foram derrotados, que foi a eleição com muitos concorrentes, né. Então eu fiz sobre eles né, eu escrevi sobre eles, por sinal foi muito bem apreciada, o pessoal gostava bastante, eu tenho até uma cópia aí. E eu fiz né... Muitos deles ficaram chateados, alguns que me conheciam até deixaram de falar comigo, mas depois voltaram a falar de novo, sabiam que era uma brincadeira né, não era muito pesado. A gente tratou de mostrar né, de mostrar para os leitores de cordel, as pessoas que gostam da literatura de cordel, que as eleições são muito... existe muito interesse de políticos, de pessoas se candidatar pra ganhar aí, e com a cabeça vazia né, com a mente vazia né, e por isso a gente fez essa... essa sátira né, marcando em cima desse tema aí da política, que é muito concorrido, é muito... muitas pessoas querem, né, ser candidatos sem saber o que fazer, sem ter

um plano de nada, querem ser porque querem ter aquele cargo. A maioria, eu acredito que 80% dos candidatos, aqui no nosso estado, eles querem mais entrar na política por causa do cargo... então a gente vem escrevendo essa temática política, como eu te digo, desde 75. Inclusive eu acho que no Brasil a gente já teve várias cartas de outros estados, eu acho que os cordéis políticos que saíram, mais políticos mesmo, foram os nossos, conscientizando... Porque em plena ditadura militar a gente estava escrevendo contra a ditadura, né, em cordel, alertando. Eu escrevi “Spartacus”, acho que foi Spartacus, é... 1977. Cada ano eu escrevia um, dois... “Spartacus” foi muito político. Eu peguei a luta do romano, né, do guerrilheiro romano, a situação daqueles tempos na Roma, os camponeses que trabalhavam, que eram explorados, eram escravos, e adaptei à situação dos acreanos de 78, de 77 né. Então eu fiz outra adaptação... Depois, escrevemos “Nós os pobres, vocês os ricos”, mostrando as diferenças que existem, que as diferenças sociais são gritantes, né. Era e ainda hoje é. Escrevemos também uma sátira contra a ditadura, a “Peleja do sapato com a bota”, né, mostrando os civis que traíram, o povo né, que traiu a classe popular se aliando aos golpistas de 64, inclusive o Magalhães, não é Magalhães Filho, parece que é, a gente botou... Magalhães Pinto, e outros, e outros, e foi meio pesado né, eles não gostaram. Falamos sobre o Golpe, é... conscientizando, conscientizando que tinha havido o Golpe, já instalaram uma ditadura, e que persistia, e que as conquistas populares de anterior a 64 foram todas derrotadas por eles né. E depois nós escrevemos também a “Guerrilha do Araguaia”, uma homenagem ao pessoal do Araguaia né, os guerrilheiros do Araguaia de 70 a 74, foi com dados, tudo certinho... a gente fez pesquisa, foi pesquisar data, dia, mês, nome de guerrilheiros. Aí tinha Dina, Turca, Valquíria, Geraldão... Todos eles, é, todos os que lutaram no Araguaia, que a gente tinha a biografia, alguma coisa sobre eles, é, fizeram parte né, eram personagens do folheto “A Guerrilha do Araguaia”.

P.- Você já teve no Araguaia?

R.N.- Eu estive, estive sim, em 1974.

P.- No Araguaia?

R.N.- Sim, em 73, 74. Por perto, né.

P.- Não militou?

R.N.- Não, infelizmente, mas cheguei a conhecer alguns que tavam se integrando à guerrilha em 73. Então esse da guerrilha foi, eu inclusive..., é ... peguei inquérito, na Lei de Segurança Nacional, aqui em Brasília, mas daqui foi pra Rio Branco e iniciaram o inquérito policial-militar, a Lei de Segurança Nacional, mas não, foi logo depois, passou uns tempos, fui chamado a declarar várias vezes e não progressou não, não foi pra frente. Depois veio a anistia né.

P.- Sim, e com relação ao imprevisto, repente, você...

R.N.- Olha, eu pra ser franco, não sou repentista, não tenho mesmo dom pra repentista. Eu só sei pegar uma caneta, uma folha de papel e escrever.

P.- E em homenagem... Tem uns que fazem versos em homenagem, e tal... Você já versos em homenagem?

R.N.- Deixar eu ver. Sim, a Guerrilha do Araguaia foi em homenagem, inclusive fiz uma grande homenagem a Carlos Lamarca e a Mário Guela né, eu dizia, é... não me lembro mais... nas grandes cidades a repressão era dura, Lamarca e Mário Guela não davam trégua à ditadura, com seus grupos de ação combatiam a repressão lutando com bravura. É, e fiz sim, homenagem a Spartacus, né, no "Spartacus".

P.- Sim, e você trabalha, ou já trabalhou com verso e música ao mesmo tempo, acompanhado de viola ou violão?

R.N.- Olha, não. Inclusive eu sou muito apaixonado pela viola, né... versos musicados. Eu tenho um amigo em Rio Branco, o Xexelgue(?), é da Paraíba, que ele gosta muito do meu trabalho, ele pega meus versos e canta, né, nas feiras lá em Rio Branco ele canta música, ele é músico né, e ele é prosador também. Mas eu não tenho... eu não consegui aprender a tocar violão porque também nunca tentei. Eu sou muito apaixonado pela viola.

P.- Certo. E você gostaria de que um filho, um parente, um herdeiro seu aprendesse cordel?

R.N.- Olha, eu vejo o cordel uma coisa, é, ultrapassada. Eu hoje vejo que o cordel é ultrapassado, inclusive eu não noto interesse nenhum, é, não noto interesse em... o cordel é muito popular, é a literatura mais popular possível. Mas eu não noto que no nosso Brasil ele seja considerado, digamos, o autor de literatura de cordel, o repentista, e não é respeitado não, ele não é levado em consideração não. Eu acho que pra os que escrevem melhor ele é tratado como um analfabeto, um autodidata que ela pega aquilo né, algum caso acontecido, algum tema, e transforma em literatura bem popular, em literatura bem fácil de ser lidar, ser entendida. Eu acho que ele é considerado como um... aqui no Brasil atual, eu acho que ele é considerado como um autor analfabeto, né.

P.- Você já ouviu, ou já cantou versos de cordel político?

R.N.- Olha, já. Eu já... Sim, várias vezes eu cantei, é, em reuniões, em comícios, em reuniões no campo. Já sim. Cordel político. Eu só escrevo cordel político. Mas só escrevo político... Ultimamente eu, eu terminei, né, o... "As desgraças de um cachaceiro", é sobre o vício né, o vício do alcoolismo. Então ele é um drama. Tá terminado, eu tô procurando até editar né. É o único que não é político, mas ele é, ele é prático, ele mostra os perigos do álcool né, como é o vício, essas coisas. Ele é bem prático. Acho que... inclusive o AA vai se interessar, ainda não

entrei em contato com eles mas acho que eles vão se interessar em aproveitar alguma coisa dali, sabe?

P.- Você acha que versos que tratem sobre temas políticos, eles podem de alguma forma trazer benefício ao povo? O tema político tratado na literatura pode beneficiar o povo?

R.N.- Olha, o tema político tratado em versos, né!? Eu acho que sim. Olha, fica muito mais fácil, porque o povão, é como eu digo, aqui no norte, vou dizer aqui... aqui no norte, eu já estive em Belém, em Manaus, várias, em várias partes analisando né, o que eu escrevia nesse tempo, com o que eu escrevo hoje, né, eu acho que sim. Aqui no norte pra você desmascarar um político corrupto né, um governador que nada faz, um governador que foi eleito pelo povo, prometeu muito e não faz, eu acho que o povão só se interessa se for de cordel, porque mesmo que não seja tradicional aqui no norte, o cordel como é no nordeste... no nordeste ele é, digamos, um resumo do que aconteceu durante um mês, durante um ano, durante uns quatro anos de mandato de um político, quando um político dá um fora muito grande sempre aparecem um, dois, três, dez autores que se interessam em mostrar, se interessam mais em mostrar ao povo, é, mesmo rimando, satirizando, se interessam em mostrar ao povo e desmascarar aquele político, né, que deu um fora muito grande, ou que é corrupto, que prometeu e nada fez. Sim, eu acho que o cordel, mesmo aqui no norte que não é tradicional, ele desperta, ele é, ele desperta mais interesse do que um jornal diário. As notícias que saem num jornal diário sobre política, não é acessível, digamos, a... eu acredito que não seja (sic) uma estimativa, mas eu acho que há setenta por cento do povo que não é bem alfabetizado, né, que não é... não teve nem o Primeiro grau, eu acho que ele só se interessa por intermédio do cordel, que desperta o interesse. Porque ele pega um jornal, ele folheia, folheia, folheia e por mais que o jornal tenha uma manchete sensacionalista sobre, é, sobre política, sobre o que tá acontecendo, sobre aquilo, sobre uma... sobre o Chico, a vida do Chico Mendes, aqui no norte, que nós tamos conversando. O agricultor, eu acho que noventa por cento dos agricultores não leram um jornal sobre a vida, sobre a luta e sobre a morte do Chico. Porque é muito inacessível e desperta pouco interesse nele. Porque ele vê aquelas letras assim e perde o interesse; não desperta o interesse. Isso eu te afirmo, que não desperta o interesse jornal... ele pode ter escutado muito pelo rádio, interessou-se pelo rádio que ele tá escutando. Eu não sei se ele tem preguiça de ler, ou se não desperta interesse. Mas se um cordel sobre o Chico, num linguajar popular como é, né, o linguajar de cordel, é, desperta um interesse tremendo. Eu não escrevi, tinha alguns amigos que escreveram. Eu não escrevi mesmo porque eu... não sei o que foi que eu não escrevi nada sobre o Chico. Mas eu acho que se interessariam mais por um cordel

do que pelo um jornal falando totalmente sobre o Chico. Um livro, mesmo que fosse doado, o jornal ou o livro, ele preferia comprar um cordel, ele prefere comprar um folhetinho de cordel do que um jornal ou um livro.

P.- Você conhece algum folheto, algum poeta que trate sobre essa temática política?

R.N.- Rapaz, pra te falar a verdade eu vi, conheci um no nordeste, mas era de direita! Conheci sim, mas era direitista, sabe. Ele inclusive, ele levantava muito o presidente Figueiredo, a revolução de 64, a Belém-Brasília, ele cantava muito, escrevia muito sobre isso. Inclusive os folhetos dele, eles eram impresso em papel bom, né, que não tava nas possibilidades dele. Existia interesse dos governantes de imprimir milhares e milhares de folhetos dele.

P.- E aqui no Acre?

R.N.- Aqui no Acre eu...

P.-Assim como um cordel político como o seu...

R.N.- Olha, eu vi, eu conheci o professor Raimundo, que ele fazia... não me lembro nem mais o sobre nome dele.

P.- Lá em Rio Branco?

R.N.- Lá em Rio Branco. Ele, ele morreu. Ele era até professor, ele era seringueiro antes de tornar-se professor. Ele escreveu bastante cordel, escreveu até o ABC, a cartilha, a cartilha para os não-alfabetizados, em cordel. Ele escreveu ABC, não sei o que, ABC de não sei o que. E ele tornou-se professor, seguia fazendo cordéis, né, folhetos de cordel...

P.- Ele morreu?

R.N.- Morreu faz alguns anos já. Ele era, pra mim ele era um grande poeta acreano, né, de cordel. Ele veio... ele é nordestino, mas veio aqui para o Acre há muito tempo, então ele tratava dessa temática. Olha, eu acredito que a cartilha dele, eu não sei porque não reimprimiram, mas ajudou muito e muito mesmo ao povo do campo, aos agricultores e seringueiros aprender a ler alguma coisa. Ele foi de grande utilidade, o professor Raimundo... se você for na biblioteca lá em Rio Branco, você vai encontrar alguma coisa sobre ele, ali no SESC...

P.- Fundação Cultural...

R.N.- Na Fundação Cultural. Você vai encontrar. Ele foi muito grande em cordel, em conscientizar o povo, assim, na parte educativa. O cordel...

P.- Agora é o seguinte, eu estou vendo aí Vende-se esta casa; se agente quisesse fazer um contato posterior com você, como é que a gente poderia fazer esse contato? Qual é o seu próximo endereço?

R.N.- Olha, próximo endereço nem eu sei. Essa casa não é minha, ela é alugada, ela é alugada. Mas a gente vai ficar por aqui. Eu acho que o meu endereço, a professora Gisleine sempre tá a par do lugar onde eu estou, porque a gente

sempre vai, aparece lá pra conversar, e eu sempre, o Mourão, encontro o Mourão aqui, ali na biblioteca dão informações sobre, sobre mim. A Biblioteca Municipal ali.

P.- Tá bom meu amigo, então muito obrigado.

*

P.- Bem , como é o seu nome?

Raimundo Teixeira de Souza- Raimundo Teixeira de Souza.

P.- A sua idade?

Raimundo Teixeira- Cinquenta e um.

P.- Cinquenta e um. A naturalidade... de onde é que o senhor é?

R.T.- Eu sou... nacionalidade brasileira. Nacionalidade brasileira, né. Mas eu sou natural do Ceará. Crato, do Ceará.

P.- Crato. A sua descendência, o seus pais são cearenses ou nordestinos?

R.T.- É, os meus pais... meu pai é cearense, minha mãe é cearense também. É que meu pai é falecido, né, só a minha mãe que é viva.

P.- E o seu grau de cultura?

R.T.- É Primeiro grau.

P.- Primeiro grau primário ou...

R.T.- Do ginásio.

P.- Do ginásio, né!? O senhor fez cordel. Qual é a sua influência quanto a isso? De onde é que o senhor recebeu influência para fazer esse cordel?

R.T.- De onde eu recebi? Recebi de alguns professores, né, das pessoas responsáveis por isso, né. E daí foi que eu recebi, né, e comecei a me envolver sobre isso, né!?

P.- Lá no Ceará ainda?

R.T.- Não, aqui no Acre já.

P.- Aqui no Acre mesmo?

R.T.- É, porque eu vim de lá muito novo.

P.- Certo. E qual foi a vez que o senhor ouviu falar em cordel?

R.T.- Isso já tem muitos anos. Em 70, por aí.

P.- 70, né!?

R.T.- É.

P.- E como é que o senhor aprendeu...

R.T.- Tava com dezesseis anos. Hã?

P.- Como é que o senhor aprendeu?

R.T.- Eu aprendi, é... tomando explicação dos outros, né. Estudando.

P.- Estudando... exercitando...